

**Tese**

ETHEL VOLFZON KOSMINSKY

A PRESENÇA DA EUROPA ORIENTAL JUDAICA NAS AMÉRICAS  
(NOVA YORK E SÃO PAULO):

RELATOS DE FILHAS SOBRE PAIS IMIGRANTES

5  
4  
1  
H  
Tese apresentada ao Departamento de Sociologia e Antropologia da  
Faculdade de Filosofia e Ciências da UNESP – Campus de Marília, para  
Obtenção do título de Livre-Docente

Marília

2000

1410001405



301.32  
K86p  
1.405



**ÀS MULHERES “FORTES”**

**ANITA VOLFZON KOSMINSKY**

**MARIA ISAURA PEREIRA DE QUEIROZ**

**NANCY ROZENCHAN**

**AOS HOMENS “DOCES”**

**ABRAHÃO KOSMINSKY (in memorian)**

**STEPHEN WEINSTEIN**





## **AGRADECIMENTOS**

**À Professora Maria Isaura Pereira de Queiroz**

**À Professora Nancy Rozenchan**

**Aos colegas, alunos e funcionários da UNESP – Campus de Marília**

**Aos amigos do CERU**

**À minha família**

**A todos que contribuíram direta ou indiretamente para a realização deste trabalho**

**À FAPESP**

**Os meus sinceros agradecimentos**

## RESUMO

### **A presença da Europa Oriental judaica nas Américas (Nova York e São Paulo): Relatos de filhas sobre pais imigrantes**

A partir dos relatos de filhas de imigrantes judeus da Europa Oriental, estabelecidas nas cidades de Nova York e de São Paulo, sobre as experiências de vida de seus pais, foi possível verificar que o processo de migração é um fenômeno total, isto é, os imigrantes trazem consigo a sua carga cultural e a reelaboram de acordo com o mercado de trabalho, as normas e valores das sociedades receptoras (FAPESP).

## ABSTRACT

### **American and Brazilian second generation Eastern European Jewish women's histories about their immigrant parents**

Through second generation Eastern European Jewish women's histories about their immigrant parent's life experiences in New York City and in São Paulo City, one can observe that the migration process is a total phenomenon, that means, immigrants recreate their own culture according to the receiving society's labor market, rules and values.

Índice

1. A memória coletiva judaica.....1

2. Histórias de vida e narrativas.....4

3. Seleção das entrevistadas.....7

4. Imigração e inserção de judeus nos Estados Unidos e Brasil.....10

5. Judias nova-iorquinas.....12

6. Judias e paulistas.....18

7. Comparação dos dados pessoais.....23

8. Em Nova York: pais, trabalho e moradia.....26

9. Em São Paulo: pais, trabalho e moradia.....53

10. Comparação dos dados: pais, trabalho e moradia na cidade de  
Nova York e na cidade de São Paulo.....91

11. O encontro da Europa Oriental judaica com as Américas.....94

12. Na cidade de Nova York.....94

13. Na cidade de São Paulo.....141

14. Comparação dos relatos: o encontro da Europa Oriental  
Judaica com as Américas.....220

15. Algumas indagações.....221

16. Bibliografia.....226

17. Anexos

## A presença da Europa Oriental judaica nas Américas (Nova York e São Paulo):

### Relatos de filhas sobre pais imigrantes

Ethel Volfzon Kosminsky

Com este trabalho pretendo, em primeiro lugar, responder a uma antiga curiosidade que carrego, o que os pais imigrantes contavam da sua vida na Europa Oriental e da sua chegada nos Estados Unidos e no Brasil para as suas filhas? Por que filhas? Porque sou mulher e, embora não sendo filha de imigrantes, sou neta.

Este trabalho gira em torno de dois eixos, um trata das lembranças das cidadezinhas, dos *shtetlech* e das coletividades judaicas nas cidades e, o outro aborda o processo de adaptação dos imigrantes nos Estados Unidos e no Brasil, vistos da ótica de suas filhas, ou seja, da segunda geração, nascida nesses países.

#### 1. A Memória Coletiva Judaica

O inevitável desaparecimento da geração de imigrantes judeus procedentes da Europa Oriental no Brasil e nos Estados Unidos, países onde se fixaram entre 1911 e 1948 e entre 1902 e 1922, respectivamente, leva-nos a uma indagação, o que as filhas desses imigrantes conservam na memória das narrativas contadas pelos pais sobre a vida nos *shtetlech* e das coletividades judaicas nas cidades? Como as pequenas e as grandes cidades são lembradas, mais de meio século depois do Holocausto, pela segunda geração de mulheres cuja experiência de vida foi construída na cidade de Nova York e na cidade de São Paulo? Em caso positivo, como essa memória é preservada e institucionalizada? Em caso negativo, quais as razões para o não cultivo dessas recordações? São essas questões que procuraremos responder ao longo deste trabalho.





Embora à primeira vista a memória pareça ser um fenômeno individual, ela deve ser entendida também como um fenômeno coletivo e social, conforme Halbwachs constatou já nos anos 20. A memória, quer individual ou coletiva, é constituída por acontecimentos vividos pessoalmente e, em segundo lugar, por acontecimentos experienciados pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa pertence. “São acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre participou mas que, no imaginário, tomaram tamanho relevo que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não. Se formos mais longe, a esses acontecimentos vividos por tabela vêm se juntar todos os eventos que não se situam dentro do espaço-tempo de uma pessoa ou de um grupo. É perfeitamente possível que, por meio da socialização política, ou da socialização histórica, ocorra um fenômeno de projeção ou de identificação com determinado passado, tão forte que podemos falar numa memória quase herdada” (Pollak, 1992: 201).

A memória do Holocausto é o melhor exemplo de um acontecimento que atingiu com tal intensidade o povo judeu que, mesmo aqueles que não viveram esse trágico acontecimento ou que não tiveram alguma perda direta dele decorrente, carregam consigo essas marcas. A memória do genocídio passou a fazer parte da memória coletiva judaica. Essa memória é mantida e preservada através do processo de socialização que solidifica a manutenção dos laços que unem os membros do grupo.

A memória da vida nos *shtetlech* e nas grandes cidades que os filhos de imigrantes judeus - cujos pais procedem da Europa Oriental - carregam consigo em países tão distantes quanto o Brasil e os Estados Unidos, pode muitas vezes se transformar em um sentimento de pertencimento ao grupo e ao local de origem. Como diz Pollak, locais distantes “fora do espaço-tempo da vida de uma pessoa, podem constituir lugar importante para a memória do grupo, e por conseguinte da própria pessoa, seja por tabela, seja por pertencimento a esse grupo”. (Pollak, 1992: 202).

A memória é seletiva, nem tudo fica registrado. Outras vezes, apesar de gravado, a compreensão do acontecimento observado só vai ocorrer muito mais tarde. Ele fica como que depositado até que algum novo fato o faça emergir à superfície (Halbwachs, 1990). A memória é em parte herdada, como já vimos, não se restringindo portanto à vida física da pessoa e está também sujeita às alterações decorrentes do presente. Dessa forma, a memória é construída, tanto conscientemente, quanto inconscientemente. “O que a memória individual grava, recalca, exclui,



relembra, é evidentemente o resultado de um verdadeiro trabalho de organização” (Pollack, 1992: 204).

A memória é, pois, um fenômeno construído social e individualmente e, quando se trata da memória herdada, podemos dizer que há uma ligação muito estreita entre a memória e o sentimento de identidade. “A memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva” (Pollack, 1992: 204) na medida em que ela é um fator importante na construção do indivíduo e do grupo social. No caso do grupo étnico judeu a memória do passado, da origem comum, desempenha um papel fundamental na sua preservação.<sup>1</sup>

Baseando-se também em Halbwachs, Yerushalmi afirma que a memória individual é estruturada através de quadros sociais e que a memória coletiva não é uma metáfora mas uma realidade social transmitida e sustentada por meio de esforços conscientes e das instituições do grupo. Somente o grupo ou a coletividade pode herdar e transmitir a linguagem e a memória transpessoal (Cf. Yerushalmi, 1996: xxxiv-xxxv).

As memórias coletivas do povo judeu formaram-se em função da fé compartilhada, da coesão e do próprio desejo do grupo de transmitir e de recriar o seu passado através de um complexo inteiro de instituições sociais e religiosas interrelacionadas, que funcionaram organicamente com esse objetivo (Cf. Yerushalmi, 1996: 94). Essas memórias, transmitidas de geração a geração, foram e são carregadas durante o exílio, onde quer que os judeus se encontrem. Como diz Harold Bloom, no prefácio do referido livro de Yerushalmi, os judeus não escrevem poesias sobre o seu ambiente; eles escrevem poesias sobre o desejo de ser diferente, o desejo de estar em qualquer lugar (Cf. Bloom, in Yerushalmi, 1996: xxiv). Ou como diz Marjorie Agosín, no título do livro a respeito da memória do seu pai, judeu e chileno, “Sempre de um lugar qualquer” (Agosín, 1998).

Essas memórias coletivas judaicas compreendem, além da crença em um passado comum, as várias lembranças das diásporas, ou seja, dos deslocamentos populacionais. As memórias das migrações constituem um dos elementos constitutivos da identidade étnica do grupo judeu e que possibilita a sua persistência. Como o processo migratório é coletivista, no sentido de compreender uma troca continuada entre grupos e instituições que fazem parte de um sistema

<sup>1</sup> Por grupo étnico entendo, no sentido apontado por Weber, os grupos sociais baseados em costumes comuns, em lembranças de migração, em uma crença subjetiva em uma procedência comum e que compartilham da mesma religião e da mesma língua (Weber, 1964).





extenso e unificado, o que significa a manutenção de contatos estreitos entre aqueles que partiram e os que ficaram (Morawska, 1990), supõe-se que os imigrantes judeus que imigraram tanto para os Estados Unidos como para o Brasil mantiveram uma rede de trocas e de intercâmbios com os seus parentes e amigos que haviam ficado na terra natal.

É sobre a imigração de judeus da Europa Oriental para os Estados Unidos no período de 1902 a 1922, e para o Brasil, entre os anos de 1911 e 1948, que trataremos aqui, focalizando especificamente as lembranças dos *shtetlekh* e das coletividades judaicas das cidades grandes desses países vistas pela segunda geração, que não viveu essas experiências, mas que as ouviu dos seus pais; e de como essas lembranças foram mantidas e atualizadas, persistindo até os dias de hoje. Além disso, como as histórias foram contadas com os olhos de um passado mais recente do que aquele referido, interessa situar esses imigrantes em termos de sua inserção nas sociedades receptoras, daí a importância que assume para o trabalho a caracterização desses imigrantes quanto ao trabalho desempenhado e a sua moradia no Novo Mundo.

Dentro da perspectiva de que a história social deve ser vista de uma forma integrada e não fracionada, é que tratamos do processo de migração como um todo, isto é, não utilizamos as divisões tradicionais de país de origem, trajetória, e outras, constantes nos estudos de migração.

## 2. Histórias de Vida e Narrativas

Essa pesquisa sobre a segunda geração de imigrantes judeus compreende exclusivamente as mulheres, isto é, as filhas desses imigrantes. Assim, as memórias do *shtetl* e da cidade, bem como, do processo de reelaboração da cultura trazida pelos imigrantes serão vistos da perspectiva de gênero. Essa escolha deve-se ao fato de que a maior parte dos estudos de imigração estão centrados na figura masculina, esquecendo que foram as mulheres que suportaram o esforço do processo de deslocamento e de fixação no Novo Mundo (Ewen, 1985).

Todavia, nos Estados Unidos, nos últimos anos, tem-se procurado reverter essa posição, através da publicação de vários trabalhos sobre mulheres imigrantes, entre os quais citamos, a título de exemplo, os de autoria de Ewen, 1985; Yans-McLaughlin, 1990; Friedman-Kasaba, 1996; Gabaccia, 1994; Glenn, 1993. No Brasil, no entanto, os estudos imigratórios começaram com bastante atraso (Fausto, 1991) e, no que diz respeito aos trabalhos sobre mulheres, o seu





número é bastante reduzido; destacando-se apenas o de Lerner, 1996 e de Sakurai, 1993. Quanto aos estudos sobre as filhas de imigrantes, ou seja, a segunda geração nascida nos Estados Unidos, o número de trabalhos é pequeno, sobressaindo-se a obra de Markowitz (1993). Outras obras, porém, embora não tratem especificamente de mulheres imigrantes e nem de suas filhas, fazem referências à segunda geração, tais como as de Moore (1981) e de Morawska (1996). No Brasil, o tema da segunda geração, quer de homens quer de mulheres, ainda não foi especificamente tratado.

Esse trabalho pretende contribuir para o conhecimento das recordações dos *shtetlech* e das cidades, bem como, da adaptação dos imigrantes ao Novo Mundo, e de como essas lembranças são organizadas e mantidas pelas mulheres da segunda geração, desse modo contribuindo para os estudos de gênero na área de migrações e também para as pesquisas sobre a segunda geração.

A abordagem escolhida é a comparativa, isto é, pretendemos comparar as memórias da segunda geração de mulheres, filhas de imigrantes judeus da Europa Oriental, estabelecidos na cidade de Nova York, Estados Unidos no período de 1902 e 1922 e na cidade de São Paulo, Brasil, entre os anos de 1911 e 1948. Estaremos assim lidando com o mesmo grupo étnico, variável constante, e com duas variáveis de controle, o lugar e o tempo. As cidades foram escolhidas em razão de concentrarem o maior número de descendentes de imigrantes judeus. Quanto ao período de tempo, não se tratou de uma escolha a priori da pesquisa e sim é decorrente das histórias de vida coletadas. Os dados históricos, que citaremos mais adiante, nos mostram que a imigração judaica para os Estados Unidos é muito mais antiga do que para o Brasil. Uma outra variável importante que precisa ser considerada diz respeito à diferença de dimensão do número de imigrantes, muito maior nos Estados Unidos do que no Brasil, como veremos a seguir. Assim, fica claro que as dezessete histórias de vida de mulheres, que desenvolveremos quanto ao tema da memória, somente poderão ser entendidas a partir da sua moldura histórica.

Qual a vantagem do método comparativo nos estudos de imigração? Achamos que a primeira é acabar com o provincianismo decorrente do fato do pesquisador encontrar-se imerso na sua própria cultura, o que o levaria de um lado a considerar a imigração para o seu país como excepcional ou, então, a não percebê-la em toda a sua riqueza justamente pelo fato de fazer parte deste país (Baily, 1990). O método comparativo implica em um movimento dialético de aproximação-afastamento: o pesquisador, ao se afastar da sua própria cultura para conhecer



como ocorreu o processo migratório em uma outra sociedade, passará a ter uma outra visão sobre a migração para o seu próprio país.

As histórias de vida possibilitam o conhecimento das relações sociais das sociedades focalizadas, o funcionamento destas, a atuação do indivíduo e a sua tomada de decisão. As histórias de vida podem mostrar como cada indivíduo reage sob condições sociais e/ou étnicas adversas e, ao mesmo tempo, permitem verificar como surgem e se desenrolam os processos sociais (Martins, 1998, cap. 5). Assim, as histórias de vida configuram-se como o procedimento por excelência nos estudos de migração em geral e nas pesquisas de migração judaica em particular.

Embora as filhas dos imigrantes não tenham compartilhado das experiências de vida dos seus pais na Europa, e nem das suas experiências nos primeiros tempos de vida nas Américas, elas carregam consigo essas memórias, memórias de uma vida anterior vivenciada através das lembranças transmitidas. O fato das histórias contadas por seus pais terem sido preservadas parece indicar que a narrativa desempenhou um papel cultural central na sociedade judaica da Europa Oriental (Cf. Kirshenblatt-Gimblett, 1974), tendo acompanhado os imigrantes na sua fixação no Novo Mundo.

A narração de histórias é central na cultura judaica da Europa Oriental por uma série de razões. Em primeiro lugar, porque essa sociedade valoriza histórias, considerando-as importantes e ainda porque o contador de história aparece com frequência nessa cultura, o que ocorre desde tempos remotos, pois, afinal, qualquer um pode contar histórias. Não há um contador profissional de histórias contratado para esse fim, e as histórias podem ser contadas a qualquer tempo, em qualquer lugar, frequentemente, como ilustração de assuntos de conversas, permeando a interação social (Cf. Kirshenblatt-Gimblett, 1974).

Certamente as memórias dos pais imigrantes puderam surgir à superfície devido ao procedimento adotado nessa pesquisa. O retrato de vida de pessoas comuns, em culturas e contextos algumas vezes distantes daquele a que o pesquisador pertence, realizado com cuidadosa percepção e detalhe, leva à transformação de um estranho, que o pesquisador poderia ter encontrado na sua própria vida pessoal, num amigo. Trabalhando com a história de vida, o pesquisador transmite as experiências de outras pessoas. É o sentido de sua própria vida que faz o pesquisador acreditar que pode entender a vida de outros (Langness e Frank, 1981). Quando o pesquisador faz parte do grupo que está estudando, como é o meu caso, o envolvimento com a





pesquisa torna-se pessoal, como aponta Yerushalmi (1996: 93), criando uma aproximação, uma intimidade com o grupo que, de outra forma, dificilmente ocorreria.

### 3. A seleção das entrevistadas

A partir da escolha da primeira entrevistada, a coleta das demais histórias de vida foi realizada fazendo-se uso da técnica da bola de neve, isto é, as demais entrevistadas indicaram as seguintes. Os critérios que definiram a escolha das mulheres foram ascendência e local de moradia. Assim, foram pesquisadas algumas filhas de imigrantes judeus procedentes da Europa Oriental que, na época do trabalho, estavam residindo nas cidades de Nova York e de São Paulo.

O início do trabalho de campo na Cidade de Nova York não foi fácil, apesar de já dispor de alguns conhecimentos pelo fato de ter nela residido de outubro de 1994 a novembro de 1995, quando da bolsa da Fulbright. Os professores, amigos e conhecidos, não estavam a par de pessoas que se enquadrassem nas características do meu projeto. Indaguei dos poucos amigos – descobri que alguns pais, aposentados, moravam na Flórida, outros em Catskill, no Norte do Estado; outros não tinham ascendência judaica - pensei em, até mesmo, pôr um anúncio no jornal.

Um dia, decidi fazer uma visita ao YIVO – Institute for Jewish Research, onde havia realizado uma prolongada estadia de pesquisa durante o ano de 1995. Telefonei para a senhora Z.A., que ainda trabalha como voluntária na entidade, a fim de combinar a minha ida em um dos dias em que ela estaria presente, pois queria muito revê-la.

No dia marcado fui ao YIVO, a senhora Z.A. convidou-me para dar um giro na entidade. Fomos, de sala em sala, cumprimentar as pessoas. Chegamos, então, onde se trabalhava as fotografias antigas. Lá encontrei Roberta defronte de um computador. Fui devidamente apresentada. Expliquei-lhe os objetivos da minha pesquisa e ela se mostrou bastante interessada em colaborar com a mesma. Como já prevendo essa possibilidade, havia trazido o gravador, esperei até a sua hora de almoço para entrevistá-la, o que efetivamente aconteceu. Ela me prometeu que iria telefonar para algumas de suas amigas e verificar quais as que se dispunham a ser entrevistadas e que depois entraria em contato comigo.

Enquanto isso, o senhor R.C., o recepcionista-telefonista, já havia entrado em contato com Bea, também voluntária no YIVO, ao mesmo tempo, Jane, a Diretora de Desenvolvimento da





entidade, ouvindo a conversa, mostrou-se interessada e se ofereceu para ser entrevistada. Combinei as duas entrevistas para dali a dois dias, o que realmente aconteceu.

A partir daí foi como uma bola de neve. Roberta, telefonou-me poucos dias depois, dando-me os telefones de três amigas, Martha, Gladys e Shirley. Entrei em contato com as três, combinando as entrevistas, que foram concretizadas em duas semanas, de acordo com as possibilidades das pessoas. Shirley mostrou-se bastante interessada em colaborar com o trabalho e indicou-me três amigas, Marianna, Ellie e Jo, as quais relataram-me as suas histórias de vida. Assim, em menos de três meses coletei nove histórias de vida.

Dessas entrevistas, três (Roberta, Jane e Bea) foram realizadas no YIVO, uma (Gladys), no Workmen's Circle (uma instituição judaica), e cinco (Shirley, Martha, Marianna, Ellie e Jo) na residência das pesquisadas. As que foram realizadas em casa proporcionaram um pouco mais de oportunidade de conhecer o estilo de vida das pessoas, a partir de sua moradia. De forma diferente do Brasil, quatro (Shirley, Marianna, Ellie e Jo) das cinco entrevistadas delimitaram o tempo disponível para falarem sobre a sua própria vida. Duas das cinco (Marianna e Ellie), no entanto, ampliaram o seu prazo. Das três histórias de vida coletadas no YIVO, apenas uma (Bea) teve problemas de interrupção, por motivos de trabalho, as outras duas (Roberta e Jane) transcorreram de forma tranqüila. A entrevista realizada no Workmen's Circle decorreu de forma um tanto tensa pois a pesquisada tinha o compromisso da sua aula de iídiche.

Pelo fato da história de vida ser uma técnica que faz vir à tona as lembranças, tanto as mais antigas quanto àquelas de um passado recente, muitas vezes as entrevistadas podem vir a se emocionar ao relatar aspectos de sua vida. Das entrevistadas, na cidade de Nova York, Jane, ao relembrar o seu divórcio, não conteve as lágrimas. A sua solidão somada à insatisfação no trabalho, levou-a a desabafar com a pesquisadora.

Comparando o processo de seleção das entrevistadas nas duas cidades, observo que a minha participação foi muito maior na escolha das pessoas de São Paulo do que nas de Nova York. Isso se deve ao fato de estar mais familiarizada e de ter uma rede de amigos naquela cidade, além, é claro, de compartilhar da mesma língua e da mesma cultura. Não obstante, o fato de ter iniciado a procura de pessoas através do YIVO, já mostra uma posição em relação à escolha das entrevistadas. O YIVO é um instituto de pesquisa fundado por judeus da Europa Oriental com o objetivo de recuperar e promover a cultura e a língua iídiche. Durante muitos anos ele teve uma posição marcadamente socialista no cenário da comunidade judaica norte-americana.



As entrevistadas se encontravam na faixa dos 58 aos 78 anos de idade, em 1998, ano da coleta do material. Como, no decorrer dos seus relatos, as entrevistadas se referiram, muitas vezes, aos *boroughs* (distritos) onde residiram, convém destacar aqui que, a cidade de Nova York foi unificada em 1 de janeiro de 1898, pela incorporação de cinco distritos: Manhattan, Queens, o Bronx, Brooklyn e Staten Island. O Lower East Side que também aparece ao longo de algumas das entrevistas é parte de Manhattan.

A coleta das histórias de vida na Cidade de São Paulo transcorreu de forma tranqüila. Entrevistei oito mulheres, um número a mais do que pretendia inicialmente. Das oito, quatro foram escolhidas por uma série de razões. A primeira, Hana<sup>2</sup>, foi escolhida por ser uma pessoa muito ativa dentro da área de estudos judaicos; a segunda, Célia, foi selecionada por ser um elo entre esta pesquisa e a anterior. Célia é a única prima do lado brasileiro da família Feldman<sup>3</sup>, que reside no país. Ela nasceu em Recife e migrou com a família para São Paulo, ainda criança.

Helena foi escolhida pela sua ligação com a língua e a cultura Iídiche e Annie foi selecionada pelo fato de ter migrado de Salvador para São Paulo há mais de 30 anos atrás, numa época em que muitos judeus migraram do Nordeste para essa cidade e também para o Rio de Janeiro. Um outro motivo de caráter pessoal levou-me à escolha de Annie, o fato de nós duas termos sido colegas da Escola Israelita da Bahia, dos seis aos onze anos de idade, aproximadamente. Além da escola, nós havíamos participado também dos movimentos juvenis judaicos. E eu tinha interesse em saber a sua versão sobre tudo isso.

As outras quatro pesquisadas foram indicadas através da técnica da bola de neve. Assim, Célia sugeriu Amélia; Hana indicou Edna e Clara; e Edna introduziu-me à esposa do seu primo, Rosa. A sugestão de procurar Amélia veio do fato de estar buscando alguém que tivesse vivido no Bom Retiro, bairro onde a maior parte dos judeus da Europa Oriental se fixaram, quando da sua chegada na cidade. E também, porque, segundo a Célia, o pai da Amélia tinha tido participação política, o que na época significava ter sido socialista ou comunista, e essa informação sobre grupos judeus de esquerda poderia ser interessante para a reconstituição da presença judaica no bairro.

O interesse pela Rosa deveu-se ao fato da mesma continuar morando no Bom Retiro, quando a maioria dos judeus já deixaram o bairro e foram substituídos pelos coreanos. A Edna

<sup>2</sup> Para garantir o anonimato das entrevistadas, substitui os seus nomes por outros.

<sup>3</sup> Referência à pesquisa anterior "Judaísmo e Imigração: A História de uma Família".





já conhecia de vista e ela aceitou de bom grado ser entrevistada. A Clara foge em parte aos parâmetros da pesquisa, pelo fato do seu pai ter nascido na Alemanha, embora de família originária da Europa Oriental.

Todas as entrevistas foram realizadas na residência das pessoas. Das oito pesquisadas, apenas três estipularam o tempo de duração das entrevistas, em razão de compromisso de trabalho no caso de uma, e de compromisso social no caso das outras duas. Como a Hana e a Edna tinham muito a dizer, e como me receberam muito bem, entrevistei a Hana três vezes, e a Edna duas. A entrevista da Annie foi a mais difícil pelo fato dos seus pais terem sido sobreviventes do Holocausto. Todo o seu relato foi muito tocante. Muitas vezes nós duas tivemos que segurar as lágrimas.

A interação pesquisador-pesquisado apresentou uma diferenciação no que diz respeito aos dois grupos. Pelo fato de ser brasileira e, portanto, de compartilhar da mesma língua e da mesma cultura das entrevistadas, senti-me muito mais próxima das pessoas de São Paulo do que das de Nova York. Assim, um certo distanciamento pesquisador-pesquisado no segundo caso foi inevitável, muito embora compartilhássemos de um *background* comum, pelo fato de termos a mesma origem – judia da Europa Oriental. Essa diferenciação levou as brasileiras a despenderm um tempo maior ao relatar as suas histórias de vida do que as norte-americanas, acarretando, dessa forma, a formação de relatos mais longos por parte das primeiras do que das segundas.

As entrevistadas, na Cidade de São Paulo, se encontravam na faixa dos 51 aos 68 anos de idade, entre o final de 1997, data do início da coleta, e o início de 1998.

#### **4. Imigração e Inserção de Judeus nos Estados Unidos e no Brasil**

Os pais das entrevistadas estabeleceram-se no Brasil entre 1911 e 1948 e nos Estados Unidos entre 1902 e 1922. A maioria desses imigrantes, tanto do Brasil quanto dos Estados Unidos, são procedentes da Polônia, seguida da Ucrânia, Bessarábia e Lituânia. Essas informações estão de acordo com os dados estatísticos coletados por Jeffrey Lesser (1995). Segundo este, o maior fluxo de judeus, 49.947 pessoas, imigrou para o Brasil entre 1926 e 1942, procedente da Polônia e dos demais países da Europa Oriental. As estimativas indicam o número de 100.000 judeus para o total da população do Brasil de 121.547.000, em 1982 (Della Pergola, 1987: 91).





Os dados referentes à imigração judaica da Europa Oriental para os Estados Unidos dizem respeito a três países: o Império Russo, a Áustria-Hungria e a Romênia. Não há dados relativos às regiões de origem dos imigrantes. Pode-se supor que a maior parte dos judeus russos que emigraram partiram das regiões mais populosas e mais pobres. Entretanto, não há dados que corroborem essa hipótese (Cf. Kuznets, 1975: 116-117). Estima-se que, entre 1881 e 1922, mais de dois milhões de judeus da Europa Oriental imigraram para os Estados Unidos (Gittleman, 1978:123). A população judaica neste país é estimada em 5.840.000 para o total da população de 255.082.000, em 1993 (Kosmin e Scheckner, 1994: 210).

A bibliografia aponta para a introdução dos judeus procedentes da Europa Oriental nas camadas médias da população brasileira. No Brasil, “os principais contingentes imigratórios judeus, entre 1920 e 1940, dirigindo-se para São Paulo e Rio de Janeiro, ingressaram na sociedade brasileira, em seus setores mais dinâmicos e desenvolvidos, em plena fase de expansão”. Em alguns anos, os imigrantes passaram de vendedores ambulantes e de artesãos a lojistas e proprietários de fábricas (Rattner, 1970: 57).

A cidade de São Paulo foi o maior centro receptor de imigrantes. A maior parte dos judeus do Brasil se concentra nessa cidade. A princípio, habitaram em maior número o bairro do Bom Retiro e, em menor quantidade, o Brás e o Cambuci. Depois, à medida que foram ascendendo socialmente, mudaram-se para Higienópolis, um bairro de classe média, e os de maior poder aquisitivo, para os Jardins (Febrot, 1990: 215-223). Infelizmente, não dispomos de dados estatísticos atualizados sobre o número de judeus que habitam a cidade e muito menos ainda a sua distribuição por bairros. Os dados do Censo de 1940 mostram que São Paulo congregava a maior parte da população judaica do país, 20.379 pessoas (Lesser, 1995: 315). Os dados do Censo de 1950 confirmaram essa liderança.

A inserção dos imigrantes judeus da Europa Oriental nos Estados Unidos seguiu um processo diferente. A sociedade norte-americana industrializada, moderna, necessitava de mão-de-obra para suas fábricas, cujos empresários descendiam dos antigos colonizadores ingleses. Os irlandeses que haviam imigrado, em meados do século passado, constituíam então uma força poderosa na política e na educação (Cf. Gittleman, 1978: 128). A imigração judaica, posterior à irlandesa, encontrou, pois, uma sociedade capitalista desenvolvida e competitiva. A grande maioria dos imigrantes judeus se fixou, inicialmente, no Lower East Side, na Cidade de Nova York, indo trabalhar na indústria de confecções (Idem. Ibid. p.123).



Em 1920, 1.640.000 judeus viviam na Cidade de Nova York, compreendendo 29% do total da população da cidade, 5.620.000 pessoas; em 1940, 1.950.000 judeus representavam 26% do total da população de 7.460.000 pessoas. Embora a maioria dos imigrantes judeus estivesse concentrada no Lower East Side, já no início deste século, uma parte dos judeus começou a se mudar para o Brooklyn e o Bronx, à medida que as suas condições econômicas melhoraram (Cf. Moore, 1981: 20, 21).

## 5. Judias e nova-iorquinas

### Roberta

Roberta tem 71 anos de idade. Viúva do marido, judeu, casou-se, novamente, depois de alguns anos, com um não-judeu de família católica. Tem filhos e já é avó. Foi para a universidade, tendo estudado no Queens College, área de concentração em Belas Artes, pintura, e área secundária em Espanhol. Depois de formada, trabalhou como assistente de dentista, tendo parado de trabalhar quando as crianças eram pequenas. Em seguida, trabalhou em empresa de pesquisa de mercado e, através de concurso, obteve uma vaga no *Labor Department*, ascendendo na carreira até chegar à posição de diretora de Recursos Humanos, sempre no Estado, até se aposentar. Hoje é voluntária no YIVO e no Jewish Museum e ainda estuda iídiche, no Workmen's Circle.

### Jane

Jane tem 58 anos de idade, divorciada três vezes, tem filhos e netos. Estudou na State University of Nova York (SUNY), em Albany, Estado de Nova York. “Cheguei a lecionar francês por alguns anos, mas nunca gostei.” Voltou anos depois para a universidade, obtendo o Mestrado em Administração Pública. Trabalhou como assessora de políticos, em campanhas políticas levantando fundos para candidatos a cargos públicos. Quando morava em Albany, foi presidente da *Hadassah*, tendo fundado a filial dessa associação feminina sionista, no subúrbio onde morava. Diz Jane: “Tornei-me a líder da comunidade judaica do Norte do Estado de Nova York”. Em Nova York, Jane pertence à sinagoga B’nai Jeshurun: “O serviço é excelente, é maravilhoso, certamente que você sabe, que eles são da Argentina, os rabinos, mas, as pessoas são um pouco loucas demais para mim. (...) Mas, eu tenho alguns bons amigos lá.” Além da



sinagoga, Jane frequenta uma associação judaica situada na 92<sup>nd</sup>. Street “para as palestras, o teatro, o ballet.”

Na época da entrevista, Jane exercia o cargo de Diretora de Desenvolvimento do YIVO. Mas Jane não estava satisfeita nem com o trabalho, nem com a vida em Nova York, apesar de ter nascido nessa cidade e nela vivido até os 17 anos. O seu desejo era retornar para a Califórnia, onde tinha residido nos últimos 10 anos. Algum tempo depois da entrevista, Jane saiu do YIVO. Não sei se voltou para a Califórnia, onde “a vida é bonita e fácil”, ou se permaneceu em Nova York.

### Bea

Bea tem 75 anos de idade, viúva, o marido era judeu, tem filhos e netos. Quando Bea acabou o *high school*, em razão das suas médias, não conseguiu ser aceita pelo Hunter College e, assim, ela foi trabalhar. O seu primeiro emprego foi em uma fábrica de modelagem de roupas. Em seguida, recebeu em um dos empregos “um treinamento” e tornou-se guarda-livros. Casou-se e, depois de ter dois filhos, foi fazer faculdade à noite, obtendo créditos em Psicologia e Literatura no Brooklyn College.

Quando as crianças cresceram, ao todo quatro crianças, Bea decidiu voltar ao trabalho. Fez curso de auxiliar de arquivo e conseguiu um emprego em um hospital. O marido, já falecido, era contador, tendo “a sua própria empresa e os seus próprios clientes”. Bea trabalhava como auxiliar de administração em um hospital até que “infelizmente, eu fui demitida porque eles estavam acabando com alguns empregos.” Sendo uma mulher muito ativa, como ela mesma diz, “gosto de trabalhar”, Bea é voluntária no YIVO. Atualmente aposentada, recebe uma pensão, e vive do investimento do dinheiro proporcionado pela venda da casa que tinha no Brooklyn. Bea pertence a um grupo de suporte formado por viúvas, cujo “objetivo é lutar contra a solidão” e frequenta uma sinagoga conservadora.

### Jo

Jo, com 72 anos, tem dois Mestrados, um no Hunter College e outro no City College (faculdades públicas). Ela se tornou uma especialista em leitura e lecionou por mais de 30 anos em escola pública. Viúva, o marido era judeu, com filhos e netos, atualmente trabalha na City University, lecionando alguns cursos de pós-graduação. Trabalha também para uma organização privada como especialista em leitura, em escolas públicas, onde há crianças pequenas que têm



problemas de leitura. Além disso, tem alguns alunos particulares que têm dificuldades de leitura. Participa do coral iídiche e do grupo Friends of Iídiche. “Quando tenho tempo – diz Jo – eu freqüento dança folclórica”.

### **Gladys**

Gladys tem 70 anos. Também se formou no Hunter College em Matemática e Estatística, mas, segundo as suas próprias palavras, “não fui fazer pós-graduação em Matemática porque havia muito pouca oportunidade para mulher nesse campo. Assim, comecei a trabalhar como assistente social para a prefeitura. Juntei o dinheiro suficiente e fiz o Mestrado em Serviço Social na Columbia University”. Casada, o marido é judeu, com filhos e netos, está aposentada. Das entrevistadas é a única que reside em um subúrbio, em Highland Park, perto de Nova Brunswick, Nova Jersey. Em 15 minutos, Gladys anda da sua casa até a estação de trem e chega em Nova York em 40 minutos, onde assiste as suas aulas de iídiche no Workmen’s Circle. Aliás, a entrevista com Gladys foi realizada em uma pequena sala do Workmen’s Circle.

### **Shirley**

Shirley, 70 anos, viúva, é avó e está aposentada desde 1993. Seu marido era judeu. Formou-se no Brooklyn College, em Sociologia e Educação. “Eu trabalhei com crianças pequenas durante 25 anos. Eu morei em Westchester (no norte da cidade de Nova York) e trabalhei em um programa do Estado localizado em Yonkers por 15 anos. Depois que o meu marido faleceu, em 1980, três anos depois, eu mudei para a cidade de Nova York. Então, fui para um outro emprego, depois de algum tempo. Eu trabalhei no Head Start como Diretora de Educação, no Lower East Side. E, então, trabalhei no Kingsborough com pessoas jovens que queriam se tornar professoras. (...) Eu tive uma boa vida profissional, eu fiz o que queria. E uma das razões foi que eu tive uma experiência tão ruim como criança na escola em Cleveland que, eu pensei, eu quero me tornar uma professora e não quero que outras crianças passem pelo que eu passei”.

Shirley é muito ativa, trabalhando como voluntária nos museus, Gallery of Jewish Heritage e no Holocaust Museum e na cozinha (para os pobres) da sinagoga reformista que freqüenta. Canta no coral iídiche do Jewish People Philarmonic e do Workmen’s Circle. Também tem aulas de Iídiche no Workmen’s Circle.





## Ellie

Ellie tem 67 anos, viúva pela segunda vez, é avó, aposentada, e ainda trabalha duas vezes por semana em um Community College pertencente à City University of Nova York (CUNY). Seu primeiro marido era judeu e o segundo, irlandês. Formou-se pelo Brooklyn College em Liberal Arts, “com muitas aulas de História, Sociologia e Literatura”, explica Ellie. Trabalhou no Welfare Department da Cidade de Nova York. Depois trabalhou com crianças com paralisia cerebral em um centro e, em seguida, “com crianças em uma escola, que foi a primeira escola a integrar crianças deficientes com normais, seja lá o que se considere como normal”. Ellie obteve o seu Mestrado na Bank Street College of Education, “uma escola progressista”. “Então, quando eu concluí, eu consegui um emprego na CUNY. (...) Eu tive uma oferta para trabalhar na Nova York University, mas eu quis trabalhar com estudantes pobres, sou muito comprometida com isso”. Ellie fez os créditos do doutorado na Fordham University e defendeu a tese na Union Graduate School, “uma escola não tradicional”, em 1975.

Ellie é ainda muito ativa politicamente. Na época da luta pelos direitos civis, ela, o marido e os seus próprios filhos, ainda crianças, batalharam pela integração de crianças negras nas escolas e pela integração de famílias negras em moradias do Brooklyn. Atualmente, questiona o fato dos alunos pobres da CUNY, que recebem ajuda da assistência pública, terem que trabalhar 20 horas por semana. “Se você recebe assistência pública, vai para a faculdade, tem filhos para cuidar e ainda trabalha à noite, vinte horas por semana, é muito difícil dar conta de tudo isso”. Ellie exerce ainda outras atividades: “Eu também trabalho no Gay Men’s Health Crisis, com a questão da AIDS, mas isso é por causa do meu filho”. Participa também de manifestações políticas nas ruas da cidade.

## Martha

Martha tem 78 anos de idade, viúva, com filhos e netos. Seu marido era judeu. Fez a graduação no Hunter College e a pós-graduação, ao mesmo tempo em que trabalhava, na Columbia University School of Library Science, tornando-se bibliotecária. Naquele tempo, poucos judeus eram aceitos na Columbia, uma escola pertencente à Ivy League.<sup>4</sup> “Eu fui uma, entre talvez três”, disse Martha. Trabalhou na Nova York Public Library, onde também havia

<sup>4</sup> Ivy League, denominação dada ao conjunto das principais universidades da costa Leste dos Estados Unidos. São elas: Dartmouth, Harvard, Yale, Princeton, Columbia, Cornell, Brown e University of Pennsylvania.



“muito poucos bibliotecários judeus”. O seu pai era encadernador e a empresa onde trabalhava era responsável pela encadernação dos livros da biblioteca. Em seguida, Martha trabalhou no sistema público escolar. Aposentada, Martha dedica-se às aulas de iídiche no Workmen’s Circle e às reuniões do Bund.

## **Marianna**

Marianna, pelo fato, talvez, de ter trabalhado com música e teatro, não quis responder com clareza a sua idade: “Oh, eu sou velha – ela ri – mas, eu não vou lhe dizer a minha idade. Quantos anos você pensa que eu tenho?” Respondi, 65 anos, talvez. E Marianna: “Essa é uma idade muito boa. Eu aceito – ela ri - . Sou alguns anos mais velha, mas eu aceito essa. É uma idade muito boa”. Na verdade, Marianna deve ter um pouco mais de 70 anos. Um outro ponto foi a questão do seu nome: Marianna, o seu nome parece ser Português. E ela disse: “Marianna era um nome que me foi dado há muitos anos atrás. Eu o uso como nome artístico. Eu nasci Esther. Eu senti que Marianna tocava-me como um nome profissional”.

Marianna, de todas as entrevistadas, foi a única que não pode ter acesso ao ensino superior de forma sistematizada. “Sempre interessada em música”, ela não pode prosseguir os seus estudos quando concluiu o segundo grau. Precisou fazer um curso comercial e foi trabalhar, pois o seu pai havia ficado doente. Em Manhattan, Marianna trabalhou como secretária e estudou música, “segui o meu caminho, meu sonho”- diz ela. Conseguiu um emprego como cantora no teatro Iídiche, morou em outras cidades, tendo inclusive estudado com uma professora em uma universidade de Chicago. Marianna mora há 23 anos no mesmo apartamento em Manhattan. Ainda trabalha, leciona música para crianças em duas associações judaicas. Frequenta as aulas de Iídiche do Workmen’s Circle. Marianna nunca se casou. Contou de alguns namorados, e disse que, “ainda não perdeu as esperanças de encontrar alguém, quem sabe o que se encontra na esquina”, filosofa.

Marianna cuidou de uma criança como se fosse seu filho. Em 1968, um amigo lhe trouxe um menino de um ano e meio com paralisia cerebral. Os seus pais eram viciados em drogas. Ela conseguiu a guarda da criança e cuidou dela até o seu falecimento com a idade de 19 anos. “Ele foi a luz da minha vida” (...) “A coisa mais maravilhosa que já me aconteceu na minha vida”, diz ela.





## Síntese dos dados pessoais

Em 1998, época da coleta do material, as entrevistadas encontravam-se na faixa dos 58 aos 78 anos de idade. Quanto ao estado civil, tem-se que das nove mulheres, cinco são viúvas, duas são casadas, uma é divorciada e, finalmente, uma é solteira. Quanto à religião do cônjuge, considerando-se que em, algum momento de suas vidas, oito foram casadas, tem-se que, todas foram casadas com judeus. Todavia, das duas que encontram-se atualmente casadas, uma está casada em segunda núpcias e o seu marido é de “família católica”, das cinco que são viúvas, uma é viúva pela segunda vez e o seu marido era irlandês. Aquela que é divorciada, divorciou-se três vezes, sendo que o primeiro marido era judeu, não tendo se referido à religião professada pelos outros dois ex-maridos.

Quanto à escolaridade, tem-se que das nove entrevistadas, sete têm curso superior, e as outras duas concluíram o segundo grau, fizeram curso técnico e depois cursaram algumas disciplinas na universidade. Das sete que têm curso superior, seis fizeram a universidade pública da cidade de Nova York, no tempo em que era gratuita, e uma fez SUNY, em Albany, a universidade do estado de Nova York, pagando além da anuidade, moradia e alimentação.

Das sete mulheres que têm curso superior, cinco têm pós-graduação, sendo que quatro têm mestrado e uma tem doutorado. As sete que têm curso superior se distribuem da seguinte forma: das duas que fizeram unicamente a graduação, uma tem curso em belas artes e espanhol, e a outra em educação e sociologia; das cinco que têm pós-graduação, duas fizeram pós na área de educação, sendo que uma delas tem o doutorado e a outra, dois mestrados, uma tem o mestrado em administração pública, uma em serviço social, e uma em biblioteconomia. Das duas que fizeram curso técnico, uma fez o curso de auxiliar de arquivo, tendo cursado algumas matérias na universidade, tais como psicologia, e uma fez um curso que lhe permitiu trabalhar como secretária, tendo, depois, cursado algumas matérias de música.

Quanto à questão da situação profissional e das atividades voluntárias, culturais e religiosas que exercem, tem-se que, das nove entrevistadas, oito estão aposentadas e uma estava trabalhando na época da pesquisa. Das oito que estão aposentadas, três exercem ainda tarefas remuneradas e três trabalham como voluntárias e duas apenas freqüentam as aulas de iídiche do Workmen's Circle. Das três aposentadas que ainda trabalham, duas são professoras da universidade pública da cidade de Nova York e uma leciona música para crianças em uma



instituição judaica; das três que trabalham como voluntárias, todas elas são voluntárias em instituições judaicas, tais como YIVO, museus judaicos, sinagogas. Das nove mulheres, cinco estudam iídiche no Workmen's Circle.

## 6. Judias e Paulistas

### Célia

Célia tem 68 anos de idade, nasceu em Recife, Pernambuco e aos cinco anos de idade migrou com a família para a cidade de São Paulo. Viúva, o marido era judeu, tem uma filha e netos. Fez o curso de secretariado no Álvares Penteado, escola particular, e estudou inglês e francês. Trabalhou como secretária bilíngüe da diretoria da Standard Electric e depois por uns dois ou três anos numa escola de inglês. Em seguida, lembra com satisfação: “fui trabalhar na Universidade de São Paulo como secretária do Departamento de Física Experimental, onde eu trabalhei por 30 anos”. O seu envolvimento com o trabalho foi tão grande que, quando se aposentou, um professor da física, Henrique Fleming “o único que sabia escrever o português lindo e ele fez para mim uma carta muito bonita, dizendo a dama do departamento, foi muito bonito.”

Apesar de aposentada, Célia continua ainda muito ativa. Trabalhou com o “seu” Leon Feffer, durante três anos, na Associação Universitária de Cultura Judaica. Depois na B'nai Brith por “uns dois anos” e, em seguida, foi para o Centro de Estudos Judaicos da Universidade de São Paulo, onde está até hoje. “Trabalho de secretária bilíngüe.”

Além de trabalhar, Célia pertence ao B'nai Brith. “Vou a poucas reuniões mas ainda pertenço ao B'nai Brith. O meu contato com o meio judaico é mais em função do centro onde trabalho. Porque de resto eu não frequento... Frequento a Hebraica que eu acho que é assim um derivativo fantástico.”

### Amélia

Amélia tem 68 anos de idade e nasceu na Cidade de São Paulo. Viúva, o marido era judeu, tem filhos e netos. Estudou Secretariado no Álvares Penteado. Trabalhou por um período curto de tempo, na IBM e em um escritório de advocacia. Quando ficou grávida do primeiro filho, o





seu marido impediu-a de continuar a trabalhar. Durante os 26 anos em que o marido foi membro da diretoria da Hebraica, tendo se tornado inclusive presidente, Amélia teve um desempenho muito ativo no clube. É dona de casa e faz trabalho voluntário na Federação Israelita do Estado de São Paulo e na União Israelita do Bem-Estar Social (UNIBES). Freqüenta a Hebraica e a Congregação Israelita Paulista (CIP).

### **Annie**

Annie tem 51 anos de idade. Nasceu em Paris e com um ano de idade veio com os seus pais para Salvador, Bahia. Aos 21 anos de idade, migrou para a Cidade de São Paulo. É casada com judeu e tem filhos. Em Salvador, fez o antigo curso primário na Escola Israelita Brasileira e o ginásio e colegial em escola pública. Formou-se em Enfermagem pela Universidade Federal da Bahia. Exerceu a profissão durante alguns anos, em São Paulo, para onde havia se mudado tão logo concluiu a faculdade. Annie casou-se em São Paulo, com o seu namorado de infância, que já havia migrado de Salvador. Precisou parar de trabalhar quando as crianças eram muito pequenas. Em seguida, abandonou a profissão de enfermeira e foi trabalhar na fábrica de plástico que o marido “montou e eu me joguei nessa vida junto”, diz Annie. Atualmente, Annie é proprietária de uma loja de embalagens. Freqüenta a Hebraica.

### **Clara**

Clara é a mais nova das entrevistadas, nascida em São Paulo, tem 38 anos, é solteira e mora sozinha em apartamento próprio, como ela conta com orgulho ao longo da entrevista. É formada em Psicologia e trabalha na área. Tem 3 empregos, um consultório próprio, trabalha no ramo da Psicologia Jurídica e ainda leciona na FMU (Faculdades Metropolitanas Unidas). Além disso, na época da entrevista estava cursando o Mestrado em Língua e Literatura Hebraica na Universidade de São Paulo. Freqüenta a Hebraica e nas grandes datas, a CIP (Congregação Israelita Paulista).

### **Rosa**



Rosa tem 72 anos, é casada, o marido é judeu. Tem filhos e netos. Nasceu em São João del Rey, Minas Gerais. Mudou-se para o Bom Retiro, em São Paulo a fim de estudar e trabalhar. No entanto, casou-se pouco tempo depois da sua chegada em São Paulo. E passou a cuidar dos filhos. Há 20 anos atrás conseguiu o apoio do marido para abrir uma pequena loja de presentes, no Bom Retiro, onde ainda mora até hoje. Contou que trabalhou, como voluntária na Wizo, uma organização feminina sionista e, hoje, é sócia do Macabi.

### **Edna**

Na época da entrevista, Edna estava com 63 anos. Digo estava, pois, esta é uma nota triste. Edna faleceu em abril do ano 2000, repentinamente, suponho que, de um ataque cardíaco, quando estava visitando o seu irmão e os sobrinhos, em Londrina, Paraná. Solteira, professora aposentada, Edna morava sozinha com o seu cachorrinho, a Coquinha. Nascida em São Paulo, mudou-se com os pais para Presidente Prudente, onde passou a infância e a adolescência. Voltou com a família para São Paulo, em 1957, com 22 anos de idade, deixando um namorado não judeu, por quem tinha muita afeição. A própria mudança para São Paulo foi em função da recusa dos pais em que prosseguisse com esse namoro. Esse fato marcou muito a vida de Edna. Daí em diante, devotou-se ao trabalho e aos estudos, tendo, com muito esforço, formado-se em Educação Física pela Universidade de São Paulo e, em seguida, realizado um curso de complementação pedagógica em uma faculdade particular.

Edna não via conflito algum em conciliar o Judaísmo com o Espiritismo. Frequentava um Centro Espírita, era medium e psicografava “vários espíritos”. Devido a problemas de saúde, na época da entrevista, não ia mais à Hebraica, clube que frequentou durante muitos anos.

### **Helena**

Helena tem 67 anos de idade. Nascida e criada em São Paulo, viúva, o marido era judeu, duas filhas e netos. Cursou Matemática na Universidade de São Paulo, em uma época em que poucas moças judias e não judias tinham acesso a curso superior. Fez Mestrado em Matemática, também na USP, lecionou em escolas do Estado e também deu aulas particulares. Foi com muitas dificuldades que obteve esse Mestrado, pois, sofre de uma doença muito séria que afetou os seus dedos das mãos. Apesar disso, cursou e também obteve o Mestrado em Cultura Judaica na USP. Atualmente, pretende dar continuidade aos seus estudos como aluna de doutorado





também em Cultura Judaica. Freqüenta a Hebraica e palestras na Casa de Cultura de Israel. Raramente vai à CIP.

## Hana

Hana tem 55 anos de idade, solteira, mora em apartamento próprio. Nascida e criada em São Paulo, Hana é professora aposentada, Livre-Docente, de Língua e Literatura Hebraica do Curso de Letras Orientais da Universidade de São Paulo. Digo aposentada, formalmente, pois Hana trabalha ativamente no curso de pós-graduação, orientando teses de diversos alunos. Além disso, é tradutora do Hebraico para o Português, tendo traduzido vários livros de escritores israelenses. Embora seja sócia da Hebraica, freqüenta o clube apenas quando há concertos ou alguma atividade cultural do seu interesse. Participa bastante de atividades culturais judaicas, tais como palestras, conferências, congressos. Viaja muito para congressos ligados a temas judaicos e de literatura hebraica, principalmente para Israel e para os Estados Unidos. Tem muitos amigos e amigas. Sem ser religiosa, norteia a sua vida pelos princípios básicos do Judaísmo, entre os quais, destaca-se o princípio da *Mitzvah*.



## Síntese dos dados pessoais

Na época da coleta do material, na Cidade de São Paulo, no final de 1997, princípio de 1998, as entrevistadas encontravam-se na faixa dos 51 aos 68 anos de idade. Quanto ao estado civil, tem-se que das oito mulheres, três são viúvas, três são solteiras e duas são casadas. Quanto à religião do cônjuge, considerando-se que em algum momento de suas vidas, cinco foram casadas, tem-se que todas foram casadas com judeus.

Quanto à escolaridade, tem-se que das oito entrevistadas, cinco têm curso superior, duas fizeram secretariado e uma cursou o normal. Das cinco que têm curso superior, quatro cursaram universidade pública, gratuita, três a Universidade de São Paulo e uma a Universidade Federal da Bahia, e uma estudou em universidade particular, a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. As duas que fizeram secretariado, estudaram em escola particular, da mesma forma que aquela que fez normal. Das duas que fizeram secretariado, uma estudou inglês e francês em cursos particulares. Aquela que fez o curso normal, iniciou o curso de contabilidade, em escola particular, mas, não o concluiu.

Das cinco mulheres que têm curso superior, três têm curso de pós-graduação, sendo que duas têm mestrado e uma tem doutorado. As cinco que têm curso superior se distribuem da seguinte forma: das duas que têm unicamente a graduação, uma tem curso de educação física e mais um curso de complementação pedagógica em uma faculdade particular e uma tem curso de enfermagem; das três que têm pós-graduação, uma tem doutorado em língua e literatura hebraica, uma tem dois mestrados, um em matemática e outro em cultura judaica, e, finalmente, uma tem mestrado também em cultura judaica. Todas fizeram pós-graduação na Universidade de São Paulo.

Quanto à questão da situação profissional e das atividades voluntárias, culturais e religiosas que exercem, tem-se que, das oito entrevistadas, quatro estão aposentadas e quatro trabalham. Das quatro que estão aposentadas, duas são muito ativas, exercendo tarefas variadas, remuneradas e não remuneradas também; uma frequenta o curso de doutorado em cultura judaica na Universidade de São Paulo e uma se dedica a atividades religiosas espíritas.

Das duas aposentadas que exercem atividades variadas, uma continua a trabalhar sem remuneração na pós-graduação em língua e literatura hebraica na Universidade de São Paulo, faz traduções gratuitamente para as Pioneiras, uma instituição feminina, sionista, e faz traduções de





obras literárias em hebraico para o português para várias editoras. Às vezes, também trabalha como tradutora simultânea. A outra aposentada que também exerce atividades variadas, trabalha como secretária do Centro de Estudos Judaicos e pertence ao B'nai Brith.

Das quatro que trabalham, três exercem atividades remuneradas e uma trabalha como voluntária em instituições judaicas. Das três que exercem atividades remuneradas, duas são empresárias e uma é psicóloga, trabalhando em vários lugares. Aquela que é voluntária, trabalha na Federação Israelita do Estado de São Paulo e na UNIBES, um instituição judaica de assistência social e é dona de casa.

A respeito de atividades recreativas e culturais em locais especificamente judaicos, tem-se que das oito mulheres entrevistadas, sete são sócias da Hebraica e uma do Macabi. A respeito de atividades diversas sempre especificamente judaicas, as entrevistadas se distribuem entre as diferentes entidades, podendo cada uma freqüentar mais de uma instituição. Em termos de atividades religiosas e culturais, duas freqüentam a Congregação Israelita Paulista (CIP). A respeito de atividades somente culturais judaicas, uma assinalou a Casa de Cultura de Israel. Sobre atividades culturais e de caridade judaicas, uma freqüenta o B'nai Brith. Quanto a instituições de assistência social judaicas, uma é voluntária da UNIBES. A respeito de órgãos de decisão da coletividade judaica, uma faz parte da Federação Israelita do Estado de São Paulo. Sobre organizações judaicas femininas sionistas, uma é voluntária na Wizo. Quanto a atividades religiosas não judaicas, apenas uma freqüenta centros espíritas.

## 7. Comparação dos dados pessoais

Comparando-se os dados pessoais das entrevistadas dos dois países, tem-se que, a respeito da faixa etária, as mulheres norte-americanas são mais velhas do que as brasileiras, o que se deve, provavelmente, ao fato da imigração judaica para os Estados Unidos ter sido anterior à imigração judaica para o Brasil. Comparando-se o estado civil das filhas de imigrantes, notamos que as norte-americanas, com exceção de uma, casaram-se todas, enquanto que das brasileiras, 3 são solteiras. Considerando-se que a imigração judaica para os Estados Unidos foi em massa e para o Brasil, apenas alguns milhares vieram, e o fato de que o primeiro casamento das norte-americanas foi com homens judeus, e que as brasileiras também casaram-se dentro do grupo



judeu, pode-se levantar a seguinte questão, caso houvesse um maior número de judeus no Brasil, a possibilidade dessas mulheres judias brasileiras terem se casado teria sido maior?

É interessante também observar-se que a segunda geração de mulheres judias, isto é, as filhas de imigrantes, realizaram casamentos endogâmicos, em ambos os países. Somente o segundo casamento de duas norte-americanas, após terem ficado viúvas, é que ocorreu fora do grupo, com homens de origem irlandesa e católica.

A respeito da escolaridade, é impressionante o alto grau de escolaridade que as filhas de imigrantes, em ambos os países, alcançaram. A maior parte das entrevistadas tem formação universitária, algumas inclusive concluíram o mestrado e o doutorado.

Em termos de situação profissional, tanto na cidade de Nova York, quanto na cidade de São Paulo, todas trabalharam – refiro-me aqui ao trabalho remunerado - em algum momento das suas vidas, e muitas ainda trabalham, apesar de aposentadas. Apenas, no Brasil, há uma exceção, uma das entrevistadas parou de trabalhar tão logo ficou grávida do primeiro filho e não mais retornou, tornou-se dona de casa, tendo passado a exercer atividades voluntárias em instituições judaicas.

A respeito do trabalho voluntário em organizações judaicas, a maior parte das entrevistadas encontra-se ligada a algum tipo de entidade. No entanto, algumas diferenças sobressaem, quanto ao tipo de associação, a presença, na cidade de Nova York, de instituições de pesquisa e de entidades culturais voltadas ao ensino, à preservação e ao estudo da língua e da cultura iídiche, é o caso do YIVO e do Workmen's Circle, além disso, a presença de museus, tais como o Jewish Museum, a Gallery of Jewish Heritage, o Holocaust Museum, e de grupos de canto e de dança iídiche, proporcionam a oportunidade para as entrevistadas de preservarem com maior facilidade a língua e a cultura dos seus pais e de terem acesso mais imediato aos dados sobre as cidades e *shtetlech* da Europa Oriental de onde os seus pais vieram.

Certamente que as referências ao YIVO e ao Workmen's Circle, onde (neste último) um grande número das norte-americanas aprendem iídiche, não se encontram na pesquisa por acaso. A técnica da bola de neve, empregada para o levantamento das entrevistadas, teve como ponto de partida o YIVO e tanto este quanto o Workmen's Circle têm em comum o fato de estarem voltados para o judaísmo da Europa Oriental. O primeiro é um instituto de pesquisa, que abrange arquivo e biblioteca, onde a cultura e a história são preservadas, publica também livros escritos por pesquisadores afiliados e, em convênio com a Columbia University, oferece cursos de





iídiche. O Workmen's Circle foi fundado por um grupo de trabalhadores socialistas e iidichistas e, além de cursos de iídiche, oferece atividades culturais sempre ligadas à cultura iídiche, tais como palestras, apresentações de poesias, coral, etc.

No caso do tipo de associação judaica encontrada na cidade de São Paulo e freqüentada pela maioria das entrevistadas, destaca-se a Hebraica. Trata-se de um imenso clube que congrega atividades esportivas, de lazer e culturais, tais como concertos e até mesmo apresentação de peças de teatro. Tem até mesmo uma biblioteca. Entretanto, creio que predominam as atividades de recreação. A CIP também faz parte das associações listadas, sendo que as entrevistadas a ela se referem muito mais como sinagoga, não tratando das atividades culturais oferecidas por essa instituição. O trabalho voluntário exercido pelas entrevistadas ocorre no âmbito do B'nai Brith, da Federação, da Unibes e da Wizo. Embora o B'nai Brith tenha atividades culturais, a entrevistada destacou mais o trabalho que os seus membros desempenham junto às populações faveladas da cidade. No caso da Unibes, trata-se de uma associação voltada para auxiliar as pessoas que se encontram em dificuldades financeiras, judias e não judias. E a Wizo, como já foi dito, é uma organização feminina sionista. Todas essas associações, clubes e a Federação são entidades de caráter sionistas.

Provavelmente o teor sionista presente nas associações freqüentadas pelas mulheres judias de São Paulo tem a ver com o crescimento do sionismo nas coletividades judaicas do país e com a técnica de bola de neve empregada para a seleção das entrevistadas. Apesar de que a escolha das entrevistadas tenha ocorrido, inicialmente, a partir de contatos pessoais e não de vínculos institucionais, como foi o caso das mulheres selecionadas na cidade de Nova York.

Finalmente, o último ponto diz respeito a atividades religiosas não judaicas. Comparando-se os dois grupos, tem-se que apenas em São Paulo, uma das entrevistadas freqüenta centros espíritas, para ela não há problema algum em conciliar judaísmo com espiritismo. Das entrevistadas da Cidade de Nova York, apenas uma não tem ligação direta com as instituições judaicas referidas, está mais voltada para a militância de movimentos de luta pelos direitos civis.



## 8. Em Nova York: Pais, trabalho e moradia

### Roberta

A mãe de Roberta imigrou para os Estados Unidos, acompanhando a família, com a idade de 10 anos, procedente de Nowy Sacz, Polônia. O pai de Roberta nasceu em Londres, em 1900, e imigrou com a família para os Estados Unidos em 1914. Os seus pais eram originários da pequena vila de Trzebos, na Polônia. Os pais de Roberta casaram-se em 1925.

Roberta conta que o seu avô materno “abriu uma mercearia. Eles tinham *boarders* (inquilinos)<sup>5</sup>. Não foi fácil, nem agradável. Os lugares onde eles viviam no Lower East Side eram muito, muito congestionados e os *boarders* eram um problema para as garotas. Eles costumavam molestar as garotas. Eu não tenho certeza do quanto (eles molestavam), mas, eu soube disso pela minha mãe, que a mãe dela sentia-se impossibilitada de impedir isso por causa do dinheiro (que os inquilinos pagavam). E eles estavam fisicamente tão próximos que era quase inevitável que isso seria um problema”.

A luta para melhorar um pouco de vida fica patente na fala da Roberta: “A minha mãe foi para a escola somente por alguns anos. Ela cursou provavelmente até o sexto ano (12 anos de idade). Então, ela trabalhou com a mãe dela fazendo perucas, em casa. Ela deve ter conseguido fazer algum curso, pois ela se tornou guarda-livros. Ela deve ter tido algum treinamento formal para esse tipo de trabalho, mas eu não sei como ela conseguiu realizar isso. O seu irmão mais novo se tornou dentista”.

“Assim, essa foi uma família que lutou por alguma mobilidade ascendente, apesar de, na realidade, viver uma vida típica de imigrante no Lower East Side. Eles se mudaram do Lower East Side para o East Bronx, que agora é South Bronx, no início de 1920. Provavelmente então o Bronx não era tão pobre (como atualmente). Assim, de alguma forma, eles devem ter sido capazes de conseguir uma pequena melhoria econômica”.

O que era uma vida típica de imigrante? Roberta responde: “O meu avô (materno) era muito ortodoxo. Eu acho que ele nunca aprendeu a falar mais do que umas palavras estropiadas em inglês. Eles, nem ele nem a minha avó, foram para a escola noturna para aprender inglês. A minha avó tinha um pé deformado, ela nasceu com uma deformidade no pé. E esse foi um

<sup>5</sup> Ter inquilinos em casa era um meio utilizado por muitas famílias judias para complementar a sua renda.





casamento arranjado. Ela era, visivelmente, muito bonita. Ela era loira, de olhos azuis. Mas, quando ela veio para este país, em algum momento, na metade de sua vida, ela caiu e machucou a perna que já era deformada. Assim, ela ficou completamente limitada à casa. Os vizinhos costumavam fazer compras para ela e esse tipo de coisa. Eles viviam uma vida muito isolada, fechada, alheia ao mundo”.

“A minha avó faleceu em 1932, quando eles já tinham se mudado do South Bronx para o East Bronx. Outra vez uma vizinhança muito, muito judia, de baixa renda, muito judia. (...) Eu lembro da minha avó usando roupas muito disformes, velhas, fora de moda. Eu sabia que ela não estava muito bem e que eles costumavam ir para Lakewood, Nova Jersey. Era uma estação de repouso não muito rica, mas, era como uma fazenda onde eles ficavam”. O segundo casamento do avô levou-o a ficar “um pouco mais afastado da família”.

Roberta lembra-se também da estranha figura de um imigrante: “Eu não me lembro muito bem, mas havia um homem velho, a quem eles costumavam chamar Duchovna. Ele não tinha família. Ele aparecia de repente sem avisar porque naqueles dias nós nunca tivemos telefone na casa da minha avó. Ele era um amigo ou um parente distante da família de algum modo e ele aparecia na porta e ele não tinha um lugar para ir. Ele vinha e sentava-se, pegava então um pedaço de pão, a ponta de um pão e cebola e esfregava a cebola no pão e comia, e ele permanecia lá sentado. Completamente fora do contexto, sem ligação com coisa alguma”. Nem todos os imigrantes “fizeram” a América.

As informações de Roberta sobre o trabalho do seu pai são ricas de detalhes: “O meu pai começou como um homem jovem, eu me lembro, a fazer *displays* para jóias. Eles colocavam colares em um veludo e ele fazia as caixas de jóias. Isso certamente era uma especialidade, um artesanato. Isso se acabou com a quebra de Wall Street no início dos anos 30. Ele foi trabalhar no que era então a *Union Novas Company*. Eles possuíam bancas de jornais e de revistas no metrô. Era uma companhia de bancas muito grande. Finalmente, ele conseguiu um trabalho, ele tinha um irmão mais novo que estava trabalhando lá e conseguiu o emprego para ele. Foi assim que ele começou na *Union Novas Company*. De lá ele ia trabalhar na pequena loja do seu irmão. Então, ele obteve o emprego trabalhando para a *Union Novas Company* administrando um pequeno restaurante, que ficava em *Clearview Golf Course*. Lá ele cuidava de um pequeno restaurante para os jogadores de golf”.



“A partir daquela experiência – continua Roberta – ele entrou na área de administração, ele era muito inteligente, um homem muito brilhante. Ele conseguiu o emprego de gerente do restaurante de uma loja de departamentos, a *Klein's*, na 14<sup>th</sup> Street. Uma loja de departamentos muito importante. De lá ele foi trabalhar para uma companhia que possuía restaurantes em fábricas, e máquinas automáticas.<sup>6</sup> Ele se tornou a pessoa que resolvia todos os problemas para eles. Quando um restaurante não estava dando lucro, ele ia lá e descobria qual era o problema. Ele criava todo o tipo de tabelas, estudos sobre o uso do tempo e propostas de ação e realizava, ainda, estudos sobre a utilização do pessoal. Ele criava tudo sozinho”.

“No início essa era uma companhia cujos donos eram judeus mas, depois, foi comprada por uma outra companhia muito grande, que não pertencia a judeus e, então, ele foi mandado embora. Ele achou que isso aconteceu porque ele não tinha um curso superior. Ele não tinha as credenciais profissionais que eles achavam necessárias”.

Todas essas mudanças de ocupação e de emprego do pai de Roberta mostram a dinâmica da sociedade industrializada norte-americana, o abandono de antigas ocupações que exigiam uma mão de obra artesanal e o surgimento de novas ocupações. Mostram também as exigências do mercado de profissionais habilitados e a competição entre as companhias. E, no caso do imigrante, esse rápido movimento da sociedade industrializada requer dele uma agilidade muito grande de adaptação e aqueles que não conseguem ficam completamente à margem, como aquele imigrante idoso que costumava aparecer de repente na casa dos avós da Roberta.

A respeito da sua mãe, Roberta disse: “Ela trabalhou somente até antes de casar-se. Ela casou-se em 1925 e ela era guarda-livros. Eu não sei para qual organização ela trabalhava. Ela se vestia de modo muito elegante, principalmente, quando jovem. Eles eram muito assimilados. Eles falavam sem nenhum sotaque”.

## Jane

A mãe de Jane veio de Dasak, na Ucrânia, acompanhada da família, com a idade de nove anos, em 1922. Do pai, Jane sabe apenas que veio da Polônia, pois os seus pais se divorciaram muito cedo e ela não teve mais contato algum com o pai. Viveu com a mãe na casa dos avós até os oito anos e meio de idade: “Os meus avós falavam iídiche, embora também falassem inglês.

<sup>6</sup> Máquinas automáticas onde se pode comprar refrigerantes, salgados e doces por meio de moedas.





O meu avô se tornou dono de uma lavanderia. Eles eram muito pobres. Nós vivíamos em Brighton Beach (Brooklyn), onde hoje vive um novo grupo de russos,<sup>7</sup> mas, naquele tempo, era um diferente grupo de russos e todo o mundo era judeu e todo o mundo era pobre e era *o.k.* ser pobre porque todo o mundo era pobre em Brooklyn, todo o mundo era judeu. Nós morávamos em um apartamento de três cômodos”.

“A minha avó tomava conta de mim depois da escola e, então, a minha avó ficou doente. Os meus avós morreram muito cedo, com 58 e 62 anos de idade e eu me lembro deles. Eles cuidavam bastante de mim, eles eram extraordinários. Eles discutiam entre eles em Iídiche sobre coisas das quais eu não tinha a mínima idéia. Eles lutaram muito, eles eram muito pobres, mas, mesmo assim nós morávamos com eles. Eu penso que eles realmente tinham valor, pois a minha mãe conseguiu, de algum modo, bastante coisa na vida”.

Em Brighton Beach (Brooklyn): “Todos eram judeus e todos eram pobres. Eu nunca encontrei ninguém que não fosse judeu, a não ser o zelador do prédio, até os meus oito anos de idade. E todos falavam iídiche ao meu redor, eu não entendia a maior parte do que falavam, mas, a minha mãe sim. Eu penso naquele tipo de vida lá, onde eles viveram. Ela disse que quando ela veio para este país, ela era uma espécie de *greenhorn*<sup>8</sup> e ela me contou histórias horríveis das pessoas se divertindo às custas dela na escola. Eles eram tão pobres que, ela disse, os seus *bloomers*<sup>9</sup> costumavam cair”.

“Eu me lembro de ter perguntado uma vez à minha mãe, quando eu tinha uns seis anos de idade, se eu iria falar com aquele sotaque – Jane dá uma gostosa risada - quando eu ficasse mais velha porque eles falavam com aquele sotaque. Ela não achou engraçado, mas agora eu me lembro, você sabe, todo o mundo falava com um sotaque. Nós vivíamos em um apartamento de três cômodos e eu acho que veio daí (dessa vida difícil) a sua força, a sua teimosia. Você sabe, a minha mãe foi uma *tough cookie*,<sup>10</sup> mais forte do que eu e eu sou bastante lutadora e eu tenho tido uma vida interessante”.

“A minha mãe foi a única a ir para uma faculdade e se formar e, mais tarde em sua vida, ela fez pós-graduação e obteve o seu título quando já estava nos seus 60 anos. A minha mãe foi para a faculdade *on the ten-year plan* (no sentido de um longo tempo). Eu me lembro ela indo para a

<sup>7</sup> Referência à nova imigração de judeus da Rússia que teve início no final dos anos 70.

<sup>8</sup> Termo pejorativo aplicado aos imigrantes recém-chegados.

<sup>9</sup> Espécie de calças folgadas usadas pelas mulheres sob o vestido, que iam da cintura até os joelhos.



faculdade quando eu era muito pequena. Ela era divorciada numa época em que ninguém era, ela estava na linha de frente. Nós vivíamos com os meus avós e a minha avó tomava conta de mim depois da escola e, então, a minha avó ficou doente e faleceu. Então, uma mulher passou a tomar conta de mim depois da escola. A minha mãe trabalhava. Eu sei que ela trabalhou para o OPA (um órgão do governo), que tinha a ver com o racionamento de alimentos (durante a Segunda Guerra Mundial)”.

“E então, a minha mãe casou-se novamente e nós nos mudamos para os subúrbios e toda a minha vida dentro daquele casulo, daquele casulo iídiche, de um certo modo terminou, e o meu avô faleceu poucos anos depois, assim, todo aquele mundo quase como um gueto judeu acabou. E depois disso, eu vivi com *goyim*. Em outras palavras, nós nos mudamos para Long Island em uma época em que não havia tantos judeus lá e isso me fez sentir esquisita e, então, eu procurei as pessoas judias, as crianças judias porque eu me sentia mais segura, embora eu não soubesse nada da religião judaica. E assim a minha mãe se formou e eu acredito obtive o seu Mestrado em Inglês antes de se casar. Ela ensinou literatura inglesa por um tempo”.

“A minha mãe gostava de se imaginar como uma intelectual, acima do nível do resto da família mas, então, ela se tornou muito materialista, muito interessada em fazer dinheiro. De qualquer modo ela se tornou muito interessada em fazer dinheiro e isso se tornou o seu deus. É isso o que acontece nos subúrbios de Long Island, principalmente, com aquela geração que venceu. Não que eles tenham mudado em termos políticos, a minha família sempre foi muito liberal em política. Eles sempre foram democratas, muito liberais e tudo isso. Mas a minha mãe se tornou muito materialista, comprou uma casa grande em Long Island com tudo quanto é enfeite. Embora eu goste de coisas bonitas, eu penso que isso se tornou demasiado importante para ela. Eu acho que ela se tornou muito burguesa”.

“Quando o meu pai morreu, ela ficou viúva muito cedo, ela estava no início dos seus 50 e ela nunca mais se casou e, assim, ela viveu sozinha por cerca de 30 anos. Ela era forte. Então, depois disso (do falecimento do marido) ela teve alguns problemas financeiros e ela teve que vender essa casa grande. Ela nunca se recuperou dos problemas financeiros. Ela sempre trabalhou toda a sua vida. Ela trabalhou até o início dos seus 80 anos. E, no fim, nós a ajudávamos. Mas ela sempre se ressentiu do fato de que ela não ganhou bastante dinheiro. Ela se

---

<sup>10</sup> Diz-se de pessoas fortes, corajosas e teimosas.





tornou uma *stockbroker*<sup>11</sup>, quando não havia nenhuma mulher em Wall Street. Ela fez tudo quanto é tipo de coisa para ganhar dinheiro e, é claro, ela se arrependeu que não ganhou bastante. Então ela voltou para a escola. Eu acho que tanto por razões de estudo quanto por ser um outro meio *to make a living* (de ganhar a vida).

## Bea

Os pais de Bea imigraram já casados de uma pequena cidade da Ucrânia chamada Gorokhov. O pai veio antes da I Guerra Mundial e a mãe somente após a guerra, com um filho pequeno, o irmão mais velho da Bea, provavelmente, em 1920.

Perguntei a Bea a idade dos seus pais quando eles chegaram nesse país. Ela não soube responder. Ela acha que eles eram jovens “porque naquele tempo as pessoas se casavam muito novas e eles somente tinham o meu irmão antes de emigrarem. Então, eu vim depois da minha mãe chegar aqui”. Como o irmão de Bea é quase 10 mais velho do que ela, isso permite supor que os seus pais devem ter ficado de 6 a 8 anos afastados um do outro, separados pela I Guerra Mundial e, provavelmente, pela necessidade que o pai teve de juntar dinheiro para mandar vir a família.

A respeito do trabalho do seu pai, Bea disse que, “Na verdade, ele não tinha um ofício. Assim, quando ele chegou aqui, ele tinha que ganhar o sustento e ele aprendeu e se tornou um pintor de casa (de parede).” A história dos pais de Bea está mesclada com a sua própria infância e a crise de 29: “Os meus pais se estabeleceram no Lower East Side, era um bom lugar porque todos se fixavam lá. De um certo modo era como um gueto porque onde nós vivíamos todos eram judeus. Eu cresci lá no Lower East Side, e fui para a escola no Lower East Side e os meus amigos eram todos crianças cujos pais tinham vindo de longe, eles eram todos imigrantes. Os meus pais tinham uma loja e a maioria das crianças com quem eu brincava, os pais também tinham loja no Lower East Side. A loja dos meus pais ficava na *Clinton Street*, que era então uma importante rua de comércio”.

“Naquela época, houve a grande depressão (a crise de 29) e a bolsa quebrou e foi um tempo muito triste porque as pessoas usavam as suas economias para investir no mercado e elas ficaram sem nada. Foi um tempo muito triste também para a nossa família porque eu tinha uma

---

<sup>11</sup> Corretor de ações.



irmã pequena, Esther, que teve otite, uma infecção de ouvido e ela morreu quando tinha dois anos de idade”.

“As condições de vida eram muito ruins, nós vivíamos em *tenements*.<sup>12</sup> Os *tenements* eram geralmente prédios de cinco andares, com uma porção de apartamentos em cada andar, com no máximo duas privadas por andar. Nós não tínhamos a nossa própria privada. Assim, as condições de vida não eram boas. Nós tínhamos fogão à carvão, um pequeno fogão para manter o apartamento aquecido. No verão era horivelmente quente. Mas, como crianças crescendo - Beari -, eu não sabia que era tão ruim assim. Quando a minha irmã morreu, eu tinha 3 ou 4 anos de idade. Eu tenho 75 agora”.

“Naqueles dias, também, em razão do modo como os prédios eram construídos, porque nós vivíamos muito apertados, havia sempre uma porção de terríveis incêndios, os incêndios estavam sempre acontecendo. Uma porção de crianças, adultos também morriam de todo o tipo de doenças, durante a depressão e logo depois. Nós não tínhamos antibióticos. Foi realmente muito ruim, mas como uma criança crescendo, você não sabe dessas coisas, mas, eu tinha uma amiga que morreu quando ela tinha seis anos de idade, de tuberculose. Eu sei que havia todo o tipo de doenças”.

Bea descreve em detalhes o trabalho dos seus pais e o das crianças, o seu irmão e ela própria: “Os meus pais tinham uma loja de roupas de noiva na *Clinton Street*. A *Clinton Street* era o centro do comércio a varejo. Primeiro os meus pais tinham uma oficina de roupas de noivas e, depois, uma oficina de roupas prontas para senhoras. À medida que as crianças iam crescendo, o meu irmão é 9 anos e meio mais velho do que eu, ele tinha uma grande responsabilidade. Ele tinha que ajudar os meus pais, que não sabiam ler ou escrever em inglês”.

“Quando ele chegou, ele não sabia falar inglês, mas, ele aprendeu muito depressa na escola e ele então recebia os pedidos, tirava as medidas dos fregueses quando a minha mãe precisava fazer as roupas e ele também entregava as roupas. Naqueles dias, eles entregavam as roupas, eles geralmente alugavam-nas e quando eles não precisavam mais, nós, ou na realidade, ele as

<sup>12</sup> *Tenements* eram prédios de apartamentos para alugar, que compreendiam 4 apartamentos por andar, separados por um corredor. Os apartamentos da frente, geralmente, continham 4 cômodos cada, os de trás 3 cômodos. Somente um cômodo em cada apartamento recebia luz e ar diretamente da rua ou do pátio atrás do prédio. No térreo geralmente havia 2 lojas, os cômodos na parte de trás das lojas tinham janelas que davam para um condutor de ar estreito que separava um prédio do outro. Nos corredores estreitos, em cada andar, localizava-se uma privada. Os *tenements* viviam congestionados de pessoas e eram um foco fácil de incêndio e de doenças contagiosas (Rischin, M. 1977: 82-83)





buscava. Ele tinha um bocado de trabalho para um garoto tão jovem. Cada criança em todas as famílias imigrantes, todas as crianças ajudavam o máximo que podiam.”

“Quando eu estava com quase seis anos de idade, dos seis anos em diante, no meu tempo, os meus pais não tinham mais a oficina de roupas de noivas, eles tinham a oficina de roupas prontas, também na *Clinton Street*, e eu ajudava o máximo possível. Eu costumava arrumar a vitrine, escolher as roupas porque eu pensava que eu sabia todas as coisas - Bea ri - e eu mesma atendia os fregueses, quando os meus pais estavam ocupados com outras coisas ou com outros fregueses”.

Apesar de toda essa luta, o irmão de Bea conseguiu ir para a faculdade: “O meu irmão foi para a faculdade (City College) e se tornou um professor de história e ensinou em escolas de segundo grau até que ele se aposentou. Certamente que isso não foi tão fácil porque quando ele se formou havia ainda a depressão e eles não estavam empregando muitos professores, assim, por algum tempo ele trabalhou no correio e quando as coisas melhoraram, ele conseguiu um emprego de professor de segundo grau”.

“Naqueles dias, o City College era para os meninos e o Hunter para as meninas. Elas (as faculdades públicas da Cidade de Nova York, CUNY) eram separadas por sexo. Assim, se você fosse inteligente e tivesse uma boa média no segundo grau, você poderia ir para o Hunter College, livre de encargos, e alguns dos meus amigos foram para o Hunter College. Eu não fui porque não era o suficiente inteligente, eu não consegui ter a média para entrar. Eu não fui então para a faculdade, eu fui mais tarde. Eu fui para a faculdade à noite, depois que casei. Um amigo se tornou químico, um outro médico. Mas eu não era bastante inteligente. Eu penso que, na verdade, eu era bastante inteligente, mas eles eram tão brilhantes que eu acho que me sentia inibida e eu sentia que não podia me comparar com eles”.

O primeiro emprego de Bea após a conclusão do segundo grau foi em uma fábrica de modelos de roupas: “Senhoras que fazem a sua própria roupa, compram modelos para costurar e esse foi o tipo de fábrica em que trabalhei, não me lembro nem o que fazia lá, mas o pagamento era muito ruim. De um emprego eu fui para outros e em um deles eu recebi um treinamento para me tornar guarda-livros e, assim, eu consegui empregos melhores como guarda-livros.”

Olhando para trás, Bea disse: “Eu não sabia que nós éramos pobres. Exceto pelas histórias que eu ouvia, mas eu não me sentia privada das coisas. A minha mãe, certamente, era uma excelente costureira e, em todos os feriados, em todas as mudanças de estações, eu tinha roupas



novas, para *Pessach* eu tinha roupas novas, para *Rosh Hashanah*, eu não me sentia destituída de nenhum modo. Eu gostava de ir para algumas lojas que a minha mãe me levava, quando ela tinha a oficina de roupas de noivas, para comprar material, laços, cetins, eu adorava! E então, quando a minha mãe passou a ter a loja de roupas prontas, eu costumava ir com ela, às vezes, ajudá-la a escolher roupas que ela comprava para vender na sua loja”.

O trabalho da criança era fundamental para a manutenção da família: “Eu tive uma infância na qual as crianças eram uma parte importante da família, elas contribuíam, e eles trabalhavam juntos e havia mesmo histórias de que, quando as crianças iam finalmente trabalhar, elas entregavam o seu salário para a sua mãe e o seu pai, que então lhes davam o dinheiro para o transporte e, dessa forma, eles ajudavam a família a pagar o aluguel. Eu sabia que os tempos eram ruins porque, além disso, muitas vezes havia pessoas sendo despejadas na rua porque elas não tinham como pagar o aluguel. Eu vi isso muitas vezes, era muito triste”.

A situação econômica da família imigrante era tão instável que qualquer doença ou a morte do seu provedor significava uma ameaça de sobrevivência para os que ficavam: “Agora, uma história diferente (a respeito da) minha tia, a irmã do meu pai, que veio para a América antes mesmo dele. Ela tinha dois filhos e o seu marido morreu de tuberculose ou pneumonia. Ela ficou sozinha com as duas crianças, ela tinha que sustentá-las, mas ela não tinha como mantê-las. Então, ela teve que colocá-las em um orfanato por um tempo até que ela pode, ela era também muito boa costureira, começar a costurar para as pessoas e ganhar dinheiro e então ela as retirou do orfanato. Mas, as coisas eram difíceis, elas eram mesmo muito ruins”.

Bea somente conseguiu ir para a faculdade bem mais tarde: “E, quando eu me casei, depois de ter dois filhos, eu fui para a faculdade à noite, apenas para conseguir créditos em psicologia e literatura, no Brooklyn College. Se você tivesse as notas necessárias, você ficaria livre de encargos e, assim, eu pude ir à noite”.

Quando as crianças cresceram, ao todo quatro crianças, Bea decidiu voltar ao trabalho. “Eu vi que havia a necessidade de pessoas para trabalharem nos hospitais com os arquivos médicos e eu voltei para a escola, tomei os cursos adequados para isso e formei-me em auxiliar de arquivo e consegui um emprego em um hospital. Meu marido ainda estava vivo quando comecei a minha prática, mas, durante o meu primeiro emprego ele faleceu.” O marido de Bea, já falecido, era contador, tendo “a sua própria empresa e os seus próprios clientes”.





Bea trabalhava como auxiliar de administração em um hospital até que “infelizmente, eu fui demitida porque eles estavam acabando com alguns empregos e eu penso que eles acharam que eu não iria continuar a trabalhar por mais muito tempo e foi isso o que aconteceu. Eu gostava muito do meu emprego.” Como Bea é uma pessoa bastante ativa, ela decidiu trabalhar como voluntária no YIVO.

Atualmente aposentada, Bea recebe uma pensão: “Eu recebo uma pensão porque enquanto eu estava trabalhando, eu contribui com o máximo permitido e o hospital contribuiu com muito pouco. Eu recebo algum dinheiro da aposentadoria. Também, você sabe, quando eu vendi a minha casa, eu consegui um bom preço e pude investir o dinheiro e eu não tenho muito dinheiro, mas eu tenho o suficiente. Eu não tenho grandes necessidades. A única coisa que gosto de poder fazer é tirar férias e poder ajudar os meus filhos com presentes ou com o que for preciso.”

Bea pertence a um grupo de suporte formado por viúvas, cujo “objetivo é lutar contra a solidão”. (...) “Elas fazem todo o tipo de coisas, vão para concertos, teatros, nós temos reuniões, e muitas amizades surgiram desses encontros.” Além disso, Bea pertence a uma sinagoga conservadora. “É perto de onde moro. Eu faço parte do clube do livro da sinagoga. Nós nos encontramos e discutimos livros.”

## Jo

Os pais de Jo se encontraram em Nova York. A mãe imigrou “muito jovem”, com a idade de 20, 21 anos. O pai era um “pouquinho mais velho” quando chegou na América. A mãe era uma estilista, ela desenhava vestidos. Conta Jo que, “ela teve muita sorte por duas razões. Primeiro porque ela tinha alguns poucos primos aqui, assim, ela foi para o Lower East Side, e o seu primo tornou-se o seu professor de inglês. E assim ela aprendeu inglês. E ela teve sorte porque ela conseguiu um emprego com Hattie Carnegie, uma famosa estilista, que tinha fábrica e um *showroom*. E a minha mãe trabalhou lá e permaneceu socialista e muito ativa politicamente”.

No entanto, foram muitas as dificuldades enfrentadas – de moradia e aquelas decorrentes da indústria de confecções – pela mãe de Jo: “Ela veio para o Lower East Side porque era lá que ela tinha família. De lá ela foi viver no Harlem. Naquele tempo, o Harlem era habitado por muitos, muitos judeus imigrantes. Talvez houvesse também imigrantes irlandeses e italianos, eu não sei, só sei que uma porção de judeus imigrantes foram viver no Harlem. Não sei por quanto tempo ela viveu lá. Por fim, ela voltou novamente para o Lower East Side porque lá era onde o

*mispucha* (parentes) estava, todos os primos, e eles viviam juntos em um apartamento. Eles tinham um apartamento grande de, talvez, sete ou oito cômodos. Há uma palavra maravilhosa em iídiche, a expressão *shleft schnell*, o que significa durma rapidamente, eu preciso do travesseiro. Eles dormiam no chão por seis horas e então você se levantava e o próximo dormia as horas seguintes. Você não tinha camas suficientes e cada um trabalhava em turnos diferentes”.

Provavelmente a mãe de Jo se referiu aqui ao chamado período da alta-estação, quando a indústria de confecção precisava entregar as mercadorias para as lojas no prazo combinado, acarretando o trabalho por turnos – a fábrica não podia parar.

A respeito do pai, diz Jo que, “ele não tinha muita qualificação profissional, mas se tornou um carpinteiro, tendo trabalhado por muitos anos e, então, começou a trabalhar para o sindicato de trabalhadores de construção de móveis e foi posteriormente demitido devido às suas atividades políticas. Ele era um fervoroso anarquista. Muito falante, muito dogmático, muito combativo e ele *shlepped* (se arrastava) de um emprego para o outro, durante muito tempo, pegando qualquer trabalho que pudesse. Mas, principalmente, ele foi um carpinteiro”.

Do Lower East Side, os pais de Jo mudaram-se para o Bronx. “Eu nasci no Bronx. Eles moraram em um sobrado (uma família morava no térreo e a outra no primeiro andar), na Metcalfe Ave. De lá, eles conseguiram se mudar para Washington Heights, que era um bairro melhor”.

As recordações de Jo sobre as condições de vida em Washington Heights, quando era uma garotinha: “Fica na parte de cima de Manhattan, perto da ponte George Washington, agora, infelizmente, não é mais um bairro agradável. Mas, naquele tempo, era um bairro maravilhoso, um bairro de classe trabalhadora. Broadway era a linha divisória. A oeste da Broadway, eu diria, era classe trabalhadora judia e, a leste, eram irlandeses brancos e católicos e houve mesmo alguns problemas de anti-semitismo que eu vivi quando garotinha. Mas isso me fez ficar mais cuidadosa. Mesmo assim eu tive uma vida plena”. Os problemas ocorreram durante alguns feriados, como *Halloween*, quando garotos irlandeses procuravam agredir crianças judias.

Jo fala da relação entre os vizinhos, em Washington Heights, há mais de 60 anos atrás. “Era uma comunidade muito unida. Eu diria que 90% ou mais dos pais dos meus amigos eram judeus da classe trabalhadora da Europa Oriental. E eles estavam na indústria de confecções e no negócio de diamantes, todos trabalhando muito e com muita dificuldade para ganhar o sustento e para manter os seus filhos na escola e cuidar da comunidade”.





“Eu lembro de coisas maravilhosas a respeito de crescer em Washington Heights. Por exemplo, nós nunca trancávamos a porta. Nunca, nós nunca tínhamos uma chave. Eu não deveria dizer nunca. A única vez em que trancávamos a porta era quando a minha mãe, o meu pai e eu saíamos durante todo o dia para visitar *mishpucha* (parentes). Nós saíamos de manhã cedo e voltávamos tarde da noite para casa. Do contrário, a porta ficava sempre aberta. Não havia tais coisas como uma campainha. Eu lembro que as freguesas da minha mãe simplesmente abriam a porta do apartamento, ou a porta já estava aberta, ou eu jogava bola com os meus amigos no corredor do prédio em um dia de chuva. Era um modo de vida muito diferente. (...) Se eu ia andar de patins e a minha mãe dizia para não sair do quarteirão e eu ia três ou quatro quarteirões além, alguma mãe, olhando pela janela, iria avisar a minha mãe onde eu me encontrava. Assim, dentro de um raio de sete ou oito quarteirões, todo o mundo se conhecia e nós todos éramos protegidos”.

Ao contar da sua infância, Jo desenha um retrato dos seus pais. “Eu fui um bebê da menopausa. Minha mãe e meu pai se juntaram e viveram juntos sem se casar por 18 anos antes que eu nascesse. Eles não queriam ter filhos. Eles estavam envolvidos filosoficamente com a idéia de que não se deve ter filhos neste tipo de mundo. Eles tinham medo de que se eles tivessem um filho, o filho poderia ir para o exército e, então, eles decidiram conscientemente que não teriam filhos. Então, eu suponho, que eles constituíram um casamento consensual, o que existiu muito naqueles dias. Em algum momento, depois de viverem juntos por dezoito anos, a minha mãe decidiu que ela queria ter um filho. O meu pai tinha sido casado anteriormente e tinha tido um filho, com quem ele tinha muito pouco contato. E, depois de dezoito anos, a minha mãe ficou grávida e eu nasci. Assim, eu fui mesmo criada por pais velhos. A minha mãe estava com bem mais de 40 anos e o meu pai nos seus 50”.

A pobreza daqueles anos de infância, em Washington Heights, aparece misturada no discurso de Jo com o “ethos de ser judeu”. “Eu penso que, sob vários aspectos, eu tive uma infância maravilhosa. Muito pobre porque o meu pai não era capaz de ganhar o sustento. Ele ficou desempregado por muitos anos. A minha mãe não estava mais trabalhando para Hattie Carnegie. Ela era uma costureira, fazia vestidos, em casa. Isso foi depois da depressão. Eu nasci em 1925. As pessoas estavam famintas. Não havia trabalho. Era muito difícil conseguir trabalho. A vida era uma luta. Era mesmo uma luta. Eu me lembro muito bem daquela luta por dinheiro”.



“Mas, por mais luta que fosse, e eu tenho pensado muito sobre isso agora que sou mãe e avó, é que, eu tive tanto porque todo o ethos de ser judeu e a batalha por educação eram tão importante, mais importante para a minha mãe do que para o meu pai – por ser anarquista, segundo Jo, ele estava ocupado em “refazer o mundo” - que eu tinha aulas de dança, lições de música, lições de locução e eu ia para o ballet, para a ópera, o teatro. A minha mãe *shlepped me* (me arrastava) para todo o lugar (...). Ela me levava para todo o lugar com pouquíssimo dinheiro. (...) Assim, por um lado, éramos muito pobres, era uma luta e, por outro lado, eu era muito rica, crescendo muito rica – sempre a ênfase em aprender, e ler, estudar. Isso é o que muitos judeus tiveram como experiência de vida. A minha mãe nunca parou de me puxar, puxar, puxar. Aprender, estudar e crescer, ir para museus. (...)”.

O pai de Jo “nunca disse, trabalhe, trabalhe, estude, estude, se forme, se forme. Eu nunca ouvi o meu pai dizer isso para mim. Ele nunca disse se forme ou eu estou orgulhoso de você porque você se formou. Isso nunca viria do lugar de onde ele veio. Ele teria mais orgulho se eu lhe contasse que conduzi um piquete ou que joguei uma bomba em um prédio, ele ficaria muito feliz. Educação não era... eu penso que ele tinha orgulho de mim, mas, ele estava completamente envolvido em refazer o mundo. É interessante”, Jo reflete com senso de humor.

### Gladys

Os pais de Gladys vieram de Wloclawek, uma pequena cidade na Polônia. O seu pai, solteiro, imigrou entre 1920 e 1922, com 20 e poucos anos de idade. Um ano depois, a sua noiva, que viria a ser a mãe de Gladys, desembarcou em Ellis Island. Conta Gladys que, “quando ele chegou neste país, ele fez o mesmo que uma porção de imigrantes, ele foi trabalhar em uma fábrica. Ele trabalhou no ramo de sapato e se tornou um trabalhador bastante qualificado. Tornou-se também muito ativo nos sindicatos daqui. Ele ajudou a construir o *CIO (Congress of Industrial Organizations)*. Porque ele sempre teve que trabalhar durante o dia todo e ir para reuniões todas as noites, ele era muito ocupado. Muito embora ele fosse um operário, eu chamaria o meu pai e todos os seus amigos de intelectuais-trabalhadores. Eles liam muito. Eles iam para concertos, eles iam para peças de teatro. Apesar de eles não terem tido muito de uma educação formal, com exceção do que eles conseguiram na Europa, ele disse que aprendeu inglês bastante rapidamente”.





Gladys se refere a um caso, relatado por seu pai, que mostra bem a diferença de vida entre os Estados Unidos e a Polônia: “há uma história que mostra como o meu pai estava feliz em ter vindo para este país. Ele estava no metrô, lendo um jornal em iídiche, talvez o *Forward*, e ele pensou que todo o mundo fosse olhar para ele e fazer comentários. Um homem sentado em público, lendo um jornal em iídiche, mas, ele disse, ninguém ligou. Ninguém olhou para ele e ninguém se incomodou com o que ele estava lendo. Ele sentiu-se tão bem que ninguém se incomodava com o que ele lia. Ele estava lendo iídiche. Isso fez com que ele se sentisse de um certo modo bem vindo neste país. Na Polônia, ele não podia sentar e ler um jornal em iídiche sem que alguém fizesse algum tipo de comentário anti-semita”.

“A minha mãe sempre trabalhou a maior parte da sua vida. Ela era uma operária na indústria de chapéus. E a vida era muito difícil, tinha época em que não havia trabalho. Algumas vezes, ambos trabalhavam, algumas vezes, somente um. Isso era muito duro para mim. Nós morávamos em um bairro que não era muito bom, você sabe, um apartamento de terceiro andar sem elevador. Mas, como eu sempre digo, eu nunca passei frio nem fome, mas, nós nunca tivemos muito”.

Morando no Bronx, os pais de Gladys, à semelhança de outras famílias, acharam um meio legal de não pagar o aluguel, pelo menos, por algum tempo. “Bem, nós nos mudamos muito, para cerca de 3 ou 4 partes do Bronx, perto de Crotona Park, 176<sup>th</sup>. Street. E uma das razões para isso é que havia uma porção de apartamentos para alugar, e se você se mudasse para um novo apartamento, o proprietário lhe daria um ou dois meses de graça, sem ter que pagar aluguel. Isso era chamado concessão. Assim, se você se mudasse, você poupava um mês ou dois de aluguel. Assim, nós fizemos isso muitas vezes. Mas isso era difícil porque significava que você tinha que ir para uma nova escola, fazer novos amigos, assim, você tinha que crescer e aprender (a lidar com isso).” Essa área do Bronx não era de maioria judaica, “a maioria dos lugares (do Bronx) onde nós vivemos era uma combinação de judeus, irlandeses e italianos, naquela época”.

### Shirley

O pai de Shirley emigrou de Praga, um subúrbio de Varsóvia, Polônia, solteiro, com 10 irmãos, entre 1910 e 1911. A mãe veio de Grodno, “que naquele tempo, era perto da fronteira da Polônia com a Rússia”, entre 1911 e 1912, com treze anos de idade. “Minha mãe era uma órfã”. De Castle Garden, porto da Cidade de Nova York, anterior a Ellis Island, ela foi viver com uma



irmã na Filadélfia. “Quando ela tinha 16 anos de idade, ela veio para Nova York, ela tinha um primo que trabalhava em uma fábrica de gravatas e vivia em Nova York. Ela trabalhou lá por alguns anos até que ela encontrou o meu pai quando ela estava com dezenove anos. Ele trabalhava em uma oficina na Broadway, em Nova York e, então, eles se casaram. Há um bocado de histórias”.

Quando o pai de Shirley imigrou com a família, eles foram viver no Harlem. “Meu pai era um operário, ele trabalhava na indústria de chapéus, e durante certas estações do ano, ele trabalhava como pintor de parede. Sempre foi muito difícil para ele ganhar o sustento. Nós éramos muito pobres”.

“Meu pai trabalhou em vários empregos. Ele trabalhou para o *Transit Authority*, a maioria dos seus trabalhos era em fábrica.<sup>13</sup> Ele tinha um irmão mais velho, dois anos mais velho e, eles eram muito próximos um do outro, eles trabalhavam na mesma fábrica. Eles faziam chapéus de palha para mulheres, muito populares naqueles dias. Era um trabalho por peça e muito desgastante”.<sup>14</sup>

O relato de Shirley é um dos pouco que contém referências à vida da mulher imigrante judia, pobre, cujo marido é operário, sem parentes, vivendo sozinha na cidade grande e com filhos para cuidar. “Depois do casamento, minha mãe parou de trabalhar, ela ficava em casa, cuidando dos filhos. Ela teve muitos problemas porque ela não tinha quem a ajudasse. Ela não tinha mãe. Ela me contava histórias, ela não sabia como cozinhar, então ela perguntava para alguém como fazer. A primeira vez, ela lavou alface com água e sabão, ela não sabia coisa alguma. Então, ela aprendeu, alguém vinha e a ajudava, (como no caso das) histórias do meu irmão mais velho, que era muito musical, ele ouvia o som de um órgão e ele pulava a cerca e a polícia o trazia de volta e brigava com a minha mãe até que, por fim, ela o amarrava a uma árvore.

“Mas, quando ela perdeu aquela menina, ela foi responsabilizada por isso. Ela perdeu a sua autoconfiança. Qualquer que fosse a pequena autoconfiança que ela tinha como mãe, ela perdeu, quando morreu a sua filha, com sete anos de idade, ela foi morta. Meu irmão que tinha oito anos também foi responsabilizado porque... foi toda uma história que, eu penso, você não precisa

<sup>13</sup> O *Transit Authority* refere-se ao sistema de metrô e ônibus da Prefeitura da Cidade de Nova York.

<sup>14</sup> Trabalho por peça significa o trabalho executado e pago por unidade.





ouvir. Então, ela nunca mais voltou a trabalhar. O meu pai trabalhava na maior parte das vezes em fábrica e durante a baixa-estação, ele trabalhava como pintor de parede”.

“Eu tinha dois irmãos e um deles faleceu, o meu irmão mais velho faleceu há alguns anos atrás. Houve uma grande tragédia na minha família antes de eu nascer, os meus pais perderam uma filha no East Bronx, e isso deu uma virada na vida deles. Eu sei que, se Tereza estivesse viva, a filha que morreu, eu não teria nascido. Eu sei que eles eram tão pobres que, quando minha mãe ficou grávida de Tereza, ela tentou abortar por conta própria, e ela quase se matou usando um daqueles cabides. Depois que Tereza morreu, ela queria uma outra criança e, assim, eu vim. Eu sou a mais nova da casa”.

“Quando eu tinha três anos de idade, nós deixamos Nova York e fomos para Cleveland, Ohio porque o meu pai precisava de trabalho e havia lá uma pessoa que tinha uma padaria. Nós vivemos lá até que eu tinha onze anos e, então, nós voltamos para Nova York e fomos viver no East Bronx”.

“Em Cleveland, onde nós morávamos, a maioria das pessoas era da classe trabalhadora polonesa. Não era um bairro judeu, havia bastante famílias judias espalhadas, o número suficiente para ter um *shul* (sinagoga), mas, a maior parte das meninas com quem eu brincava era polonesa. Eu era quieta. Eu não tinha muitos amigos naquele tempo. Eu lembro que trouxe uma menina polonesa para a minha mãe e disse, Mãe, a mãe dela está trabalhando e ela está com fome. Eu costumava trazer crianças para a minha mãe e ela costumava alimentá-los. Ela tinha uma boa natureza para lidar com as pessoas. Mesmo nós sendo pobres, ela costumava colocar um pouco mais de água na sopa, era esse tipo de situação”.

“No East Bronx (Nova York), havia muito mais família judias. Tinha mais vida e na escola tinha uma professora de música e uma de arte. Culturalmente tinha mais vida do que em Cleveland, do ponto de vista judaico”.

## Ellie

Os avós paternos de Ellie emigraram de Vilna, Lituânia, tendo chegado em Nova York, em 1895. Alguns dos seus filhos nasceram nessa cidade, entre os quais, o pai de Ellie. A família materna veio de Varsóvia, Polônia, quando a mãe de Ellie tinha três anos de idade, em 1904. Dessa forma, ela (a mãe de Ellie) foi socializada na cultura norte-americana, sendo classificada como imigrante “intermediária”, em termos sociológicos.



A infância da mãe de Ellie foi muito difícil. “Minha mãe tinha um irmão e uma irmã e a sua mãe morreu quando ela estava com cinco anos de idade. Somente dois anos depois da sua chegada, a sua mãe morreu, e o seu pai casou-se novamente, logo depois. Minha mãe disse – ela morreu há pouco, no verão – que o seu pai casou-se novamente porque ele necessitava de alguém para tomar conta das crianças. Ele casou-se com alguém que já tinha três filhos e cujo marido tinha morrido há pouco e elas (as crianças) foram todos colocados juntos. Contudo, minha mãe e seu irmão e irmã foram tratados de forma muito cruel pela madrasta. Foi uma história de madrasta tradicional. Ela não dava comida direito nem para a minha mãe, nem para os seus irmãos. Eles tinham um tio que vivia nas proximidades e eles costumavam ir na casa dele, e ele dava para eles alguma coisa de comer”.

“E quando a minha mãe estava com onze anos de idade, na realidade com dez, ela abandonou a escola pública no Lower East Side e foi trabalhar em uma fábrica. Eu vi fotos da minha mãe daquele tempo. Minha mãe era muito alta e sempre parecia mais velha para a sua idade. Eu lembro que quando eu estava naquela idade (da sua foto), a minha mãe dizia, você não vai crescer mais, porque eu não cresci. Eu tinha cerca de 1,75 m. com a idade de dez anos e, não conseguia pagar o ingresso de criança no cinema porque eu parecia mais velha. Minha mãe dizia, não se preocupe, algumas vezes parecer mais velha vem a calhar. Minha mãe trabalhava na fábrica e ela nunca contou ao seu pai que ela estava fazendo isso e ela juntou algum dinheiro. Ela era a criança do meio, entre os seus irmãos”.

“Eles continuaram a ir para a escola, a sua irmã mais velha, que era cerca de quatro anos mais velha do que ela, e também o seu irmão, que era dois anos mais novo. Mas minha mãe estava determinada a juntar o dinheiro suficiente para deixar a casa com os seus irmãos, e isso foi o que aconteceu. Ela trabalhou até os doze anos e juntou o suficiente para deixar a casa com os seus irmãos e eles foram embora, o irmão e a irmã. Minha mãe fez a sua irmã mais velha ir trabalhar todos os dias. Eles alugaram um cômodo no mesmo prédio onde morava o seu tio, que os tinha ajudado. E cerca de um ano depois, o seu pai morreu. Mas ele teve muito pouco a ver com eles, desde que eles foram embora de casa”.

“E minha mãe se recordava do pequeno apartamento, havia um cômodo de trás no corredor que todos os inquilinos compartilhavam e o tio dela, a quem eu conheci quando era criança, deu colchões para eles e eles tinham ao todo três colchões e isso era tudo o que eles tinham para começar. E quando minha mãe e a irmã dela estavam ganhando dinheiro, elas começaram a





comprar coisas para a casa como, cadeiras e uma mesa, panelas, eles organizaram a casa e eles eram jovens. E dessa forma foi que a minha mãe viveu por muitos anos, trabalhando e vindo para casa. Ela era muito ligada ao seu irmão mais novo, que ela pensava, iria salvar a família, ele iria para a faculdade e ganharia um monte de dinheiro e salvaria as duas. Nunca houve pressão alguma para que o seu irmão deixasse a escola e fosse trabalhar”.

Tudo indica que a mãe de Ellie, embora tivesse sido socializada nos Estados Unidos, reproduziu, no seu relacionamento com o irmão, o papel tradicional da mulher na cultura judaica da Europa Oriental, aquela que trabalha para manter a casa, enquanto que, o homem se dedica aos estudos, como bem aponta Susan Glenn (1990). Embora não se trate aqui de estudos religiosos, os papéis sociais exercidos parecem ser os mesmos.

A história da mãe de Ellie e dos seus irmãos é, na realidade, a história de jovens imigrantes, que perdem os pais muito cedo, e têm que lutar pela sobrevivência. Ellie prossegue contando a história da mãe e dos irmãos: “A irmã da minha mãe, contudo, detestava trabalhar e ela casou-se muito cedo como um meio de se livrar do trabalho, e a minha mãe não podia continuar a pagar o aluguel somente com um salário. Então minha mãe e o seu irmão se mudaram para a casa da irmã casada e enfrentaram uma situação muito difícil. Minha mãe descreveu como ela tinha que dar para a sua irmã um bocado do dinheiro que ela ganhava trabalhando, e que isso a deixou muito aborrecida com a irmã. A sua irmã ficava em casa, lia livros e comia chocolate” – Ellie ri.

“Eu conheci essa tia, e ela era uma senhora que acreditava que a coisa mais importante do mundo era cuidar de si própria e ela nunca trabalhou, e o seu marido era muito pobre. Ele trabalhava na indústria de confecções e eles viviam muito pobremente, mas ela nunca trabalhou, ela cuidava apenas da casa”.

“Minha mãe, por outro lado, sempre trabalhou a vida toda, mesmo quando ela se casou com o meu pai. Havia sempre aquele sentido de *é o que você tem que fazer*. Eu lembro que, quando eu era bem criança, acho que eu era a única pessoa no quarteirão cuja mãe trabalhava. Eu achava muito estranho. Foi durante a Depressão. Meu pai trabalhava para o correio que, naquele tempo, era um emprego muito bom. A maioria dos homens da rua estava desempregada. Mas minha mãe, mesmo durante a Depressão, trabalhou. Ela era uma costureira, ela tinha uma máquina de costura e sempre encontrava alguma coisa para fazer. Ela fazia fronhas, vestidos, ela dava um jeito. Eu lembro bem dela, durante a Depressão, trabalhando praticamente por nada porque era



tão difícil para as pessoas arranjar emprego numa fábrica, a maior parte estava fechada. Eles não estavam produzindo aqui em Nova York. A indústria de confecção estava fechada”.

“Meu tio, com quem a minha mãe tinha vivido, o marido da sua irmã, todos durante a Depressão, estavam desempregados. Minha mãe costumava criticar essa família. Aqui nós estamos fazendo tudo certo e ele está lá, sentado, sem fazer nada. Ela tinha essa tremenda ética do trabalho desde o começo”.

Sobre a família do pai, diz Ellie: “Meu pai tinha um irmão e duas irmãs e meu avô era alfaiate, e todos eles moravam juntos, e meu avô não era uma pessoa ambiciosa. Ele era visto pela família dessa forma. Ele era muito bondoso, muito generoso, não tinha interesse algum em ganhar um monte de dinheiro. Ele era socialista. Ele costumava conversar muito comigo sobre Eugene V. Debs, que era o seu herói. E o meu pai era muito parecido com o meu avô e ele era o único membro da família que era politicamente de esquerda. Os outros filhos, seus irmãos, todos eles estavam interessados em ganhar dinheiro, principalmente o seu irmão mais velho, que era um comerciante, dono de lojas de cigarros em Manhattan, muitas lojas, que investia no mercado de ações e que, na maioria das vezes, gozava do meu pai, que trabalhava para o Governo e lia o *Daily Worker*, o jornal de esquerda. O meu pai não era politicamente engajado, mas me encorajava, e a sua família ficava atrapalhada com isso”.

“Mas o meu avô era socialista. E ele não era um bom trabalhador, ele era muito esquecido, meu pai costumava me contar algumas histórias de como o seu próprio pai havia esquecido de levar o almoço três vezes em uma única semana e o meu pai tinha que ir, e eles não tinham dinheiro para pagar o bonde para a fábrica e, assim, ele tinha que ir andando e depois chegava atrasado na escola. Parece que ele era sempre o único que queria levar o almoço para ele. Havia outros filhos, mas ele era o único que ia”.

“Havia outros filhos, ele estava entre aqueles do meio. Ele era o segundo mais velho, o irmão mais velho era o empresário, então vinha o meu pai, uma irmã e mais outra irmã e um irmão. O irmão mais novo foi o único membro da família que foi para a faculdade. Ele era – Ellie ri – aquele que também iria salvar a família, mas ele se tornou apenas um professor em uma escola de segundo grau. As duas irmãs da família nunca se casaram. Elas eram sempre chamadas de as garotas e elas viviam juntas com o irmão mais velho, cuja esposa tinha morrido cinco anos depois do casamento e deixado duas crianças pequenas”.





“Assim essa família era o irmão mais velho do meu pai, suas duas irmãs, as duas crianças e os pais do meu pai. Eles moravam na mesma casa. E era uma casa estranha porque havia o meu avô com uma foto de Eugene V. Debs e de Franklin D. Roosevelt na sua cômoda e meu tio falando com todo o mundo no telefone para comprar ações – o que iria salvar todo o mundo. Era mesmo uma casa muito estranha e era lá que eu ia todo o domingo com o meu pai. Ele era muito, muito devotado à sua família”.

“Quanto ao meu tio, irmão da minha mãe, ele morreu muito moço. Ele ia ser o salvador e morreu com a idade de 26 anos. Ele tinha casado e a sua esposa ainda está viva e eu tenho contato com ela até hoje. Ele era uma pessoa muito querida para a minha mãe e eu penso que ela lamentou a sua morte até o fim. Ela morreu com a idade de 96 anos. Ele era muito generoso e gentil e com ela. Minha mãe descreveu o seu irmão. Ele era muito simpático e minha mãe era uma mulher atraente. Ele era um maravilhoso dançarino e eles ganharam prêmios juntos, irmão e irmã, e eles ganharam troféus. E ela o achava super bacana. Ela casou com um homem que não sabia dançar” – Ellie ri.

“Ela se casou tarde, para aquele tempo, ela já estava com 28 anos e com muito, muito medo de que ela nunca fosse se casar. Ela queria muito se casar por dinheiro porque ela era uma mulher que tinha trabalhado desde os dez anos de idade. Minha tia, a esposa do seu irmão e que ainda está viva, com cerca de 94 anos, eu falo sempre com ela. Pois bem, minha tia contou-me uma porção de histórias sobre os romances da minha mãe e como eles deram em nada. Os únicos homens ricos que ela encontrava, ela descobria depois que, eles já eram casados. Assim, isso foi um grande desapontamento para ela”.

“Assim, quando o meu pai apareceu, trabalhando para o correio, para o Governo, em um emprego seguro, minha mãe teve a idéia de que meu pai era rico. Ele tinha acabado de voltar da Inglaterra, ele estava trabalhando no navio, eu não sei, limpando. Mas minha mãe pensou que ele tinha ido de férias e ela ficou muito impressionada com isso. Mas o meu pai era um homem muito trabalhador e ele achava que o governo era um bom emprego naquele tempo e foi assim que eles casaram. Não foi uma história de amor, de maneira nenhuma. Não do lado da minha mãe”.

Eu penso que o meu pai admirava muito a minha mãe. Ela era muito capaz de fazer qualquer coisa na casa, costurar, fazer cortinas, fazer coisas. Meu pai era muito sem jeito com qualquer coisa, com um martelo. Era mesmo uma combinação desastrosa (...). Ele era uma



pessoa muito querida. Eu sou filha única... Havia muito, muito pouco amor entre minha mãe e meu pai, certamente nenhum no sentido romântico do termo. Ela era uma mulher muito fria e austera. Isso era compreensível, ela praticamente não teve mãe. Na verdade, sua mãe morreu quando ela tinha 5 anos e ela esteve muito doente quando eles vieram da Polônia”.

### **Martha**

O pai de Martha, nascido em um pequeno *shtetl* da Rússia, em 1892, emigrou de Polotsk, também na Rússia, sozinho, aos dezoito anos de idade. O avô paterno já havia imigrado anteriormente e se encontrava morando em Union City, Nova Jersey, mas o filho decidiu se estabelecer em Nova York, onde levou “uma vida típica de pensionista, dividindo um sofá na sala de alguém”. A mãe de Martha veio dos arredores de Varsóvia, Polônia, sozinha, aos 19 anos de idade, antes da I Guerra Mundial. Os seus avós já se encontravam estabelecidos em Nova York e depois os seus pais e irmãos chegaram.

“Ele teve vários empregos, foi inclusive relojoeiro, como eu me recordo da história, e ele encontrou a minha mãe e eles se casaram. Minha mãe tinha vinte e seis anos. Durante a sua vida de casados, eles viveram no Bronx, onde eles se sentiam bem, onde eles conheciam pessoas, um bocado de escritores morando na mesma área. Meus pais sempre tinham que morar a uma curta distância de algum parque. Era muito importante para eles estar perto de um parque – Martha ri - Isso era uma coisa muito séria. Todas as vezes em que eles se mudavam, tinha que ser perto de um parque. Um pouco de verde tinha que ter”.

O pai de Martha era um encadernador, tendo feito o seu aprendizado ainda na Rússia. “Ele fazia as capas de livros, em couro. Naqueles dias, a encadernação era um artesanato e ele foi um encadernador toda a sua vida”. A mãe de Martha era costureira, fazia o corpo dos vestidos, na indústria de confecção, um emprego sazonal. “Ela não trabalhava com regularidade. Contudo, quando ela voltava para o trabalho, sempre que ela trabalhava, ela sempre representava os trabalhadores diante do patrão”.

### **Marianna**

Os pais de Marianna emigraram de Rypien, Plotsk Guberniya, Nordeste da Polônia para a cidade de Nova York. O pai chegou em 1910 ou 1911 e mandou buscar a mãe de Marianna dois anos mais tarde. Os seus pais se casaram algum tempo depois. De início, os seus pais moraram





em Manhattan e, em seguida, o pai comprou um sobrado pequeno, de dois quartos, em Far Rockaway, em Queens. Marianna já nasceu nessa casa. O seu pai, que falava “bastante bem inglês”, trabalhava como vendedor de apólices de seguros nos arredores. A história de Marianna apresenta mais de uma peculiaridade. Em primeiro lugar, é a única entrevistada, filha de imigrantes, cujo pai não trabalhou como operário, como a maior parte dos relatos de vida dessa pesquisa. O pai de Roberta também imigrante deve ser visto como um caso à parte por ter nascido na Inglaterra e imigrado para os Estados Unidos com a idade de 14 anos. Naquela época, não era comum encontrar judeus trabalhando no negócio de seguros, em razão do anti-semitismo.<sup>15</sup>

A história de Marianna é também a única em que os pais se tornaram proprietários de uma casa. Todas as entrevistadas moraram em apartamentos bem pequenos, em bairros densamente habitados por grande número de judeus e de outros imigrantes pertencentes à classe trabalhadora. Além disso, em alguns casos ocorreu uma certa rotatividade de moradia, tendo pais e filhos se mudado à procura de um apartamento melhor ou buscando se utilizar dos dois meses de isenção de aluguel que o proprietário então concedia. No entanto, no caso de Marianna, somente depois do falecimento dos pais é que ela e a irmã venderam a casa e se mudaram para Manhattan. Residir na mesma casa, por um período de tempo prolongado, também destaca a peculiaridade da sua história de vida.

“Em Rockway – conta Marianna – a minha amiga mais querida, que morava vizinha da minha casa, era italiana, e minha mãe tinha uma amiga muito boa que morava do outro lado da rua e que era holandesa. E as pessoas vizinhas do outro lado da nossa casa eram católicos irlandeses. Nós éramos uma comunidade muito unida.” Essa aproximação tão intensa com os não judeus, em termos de vizinhança, mostra também a especificidade da entrevista de Marianna, além, é claro, de indicar que trata-se de um bairro em que a presença judaica não é tão intensa como no que se refere às demais localidades onde residiu a maior parte das entrevistadas.

Marianna, de todas as entrevistadas, foi a única que não pode ter acesso ao ensino superior de forma sistematizada. “Eu estava sempre interessada em música e foi muito difícil para mim porque eu não pude ir para a faculdade quando eu terminei o segundo grau, meu pai ficou muito doente, e eu tive que ir trabalhar”. O irmão já havia se casado e a irmã era mais nova. “Eu já

<sup>15</sup> Philip Roth, na sua autobiografia “The Facts”, descreve a discriminação de caráter anti-semita vivenciada por seu pai na companhia de seguros Metropolitan Life, onde trabalhava (Roth, 1988: 20-23).



estava com 17 ou 18 anos e tive que fazer um curso comercial para aprender como datilografar e fui trabalhar porque eu tinha que ajudar a família. (...) Assim, eu não tive a oportunidade de fazer o que eu queria, mas, tudo bem.”

A situação financeira dos pais de Marianna, de início, confortável, mostra na realidade a sua fragilidade, uma vez que a família dependia única e exclusivamente do trabalho do pai. As filhas de pais operários, entrevistadas, conseguiram ter acesso à faculdade. Essas últimas famílias, apesar de enfrentarem muitos problemas financeiros, não apresentaram casos de doença do provedor o que inviabilizaria também a ida para a faculdade de suas filhas. No caso de Jo, cujo pai tinha sempre dificuldades de arranjar emprego devido às suas atividades anarquistas, a sua mãe assumiu o papel de principal provedora da família.

Em Manhattan, Marianna trabalhou como secretária e estudou música, “segui o meu caminho, meu sonho”- diz ela. Conseguiu um emprego como cantora no teatro ídiche e, prossegue contando dos seus estudos, trabalhos, e dos lugares onde morou: “tive uma chance de cantar em um *show* em Chicago. Naquele tempo, eu decidi que era aquilo o que eu queria fazer, assim, eu fui para Chicago para estudar na Roosevelt University com uma professora lá. Morei em Chicago por oito anos, estudei e trabalhei. Fiz parte de uma companhia italiana, saímos em *tour*. Morei lá por bastante tempo. Fui para a Flórida por algum tempo, onde morei com minha tia e trabalhei muito com música lá. Finalmente decidi que Nova York era realmente o lugar para ficar”.

Marianna mora há 23 anos no mesmo apartamento em Manhattan. Ainda trabalha, leciona música para crianças em duas associações judaicas. Frequenta as aulas de ídiche do Workmen’s Circle. Marianna nunca se casou. Contou de alguns namorados, e disse que, “ainda não perdeu as esperanças de encontrar alguém, quem sabe o que se encontra na esquina”, filosofa.

Marianna cuidou de uma criança como se fosse seu filho. Em 1968, um amigo lhe trouxe um menino de um ano e meio com paralisia cerebral. Os seus pais eram viciados em drogas. Ela conseguiu a guarda da criança e cuidou dela até o seu falecimento com a idade de dezenove anos. “Ele foi a luz da minha vida” (...) “A coisa mais maravilhosa que já me aconteceu na minha vida”, diz ela.





## Síntese dos relatos

As entrevistas de Roberta, Jane, Bea, Jo, Gladys, Shirley e Ellie mostram claramente a difícil situação dos avós, quando era o caso, e dos pais imigrantes na cidade de Nova York. A pobreza é uma constante dos relatos, “todos eram pobres”, como diz Jane, o que também incluía a vizinhança, constituída na sua maioria de judeus imigrantes. A pobreza abrangia o Lower East Side, parte do Brooklyn, do Bronx e de Washington Heights e também uma parte do Harlem, tudo indicando que o Lower East Side era a área mais pobre. Entre as entrevistadas, apenas Bea morou no Lower East Side, uma área de altíssima densidade demográfica, de esmagadora maioria judia vivendo em *tenements*, o que significava péssimas condições de moradia e de falta de higiene. Brighton Beach, no Brooklyn, onde Jane viveu com a família, uma área densamente judaica, dispunha de condições de moradia um pouco melhores. A dificuldade de pagar o aluguel levava algumas famílias a mudarem-se constantemente, aproveitando-se do fato dos proprietários não cobrarem o aluguel por um ou dois meses. Esse foi o caso da família de Gladys, que dessa forma conseguia “poupar um ou dois meses de aluguel”.

As entrevistas parecem indicar que os imigrantes se estabeleciam primeiramente no Lower East Side e depois, aos poucos, iam em busca de moradia em outros locais, tais como Brooklyn, o Bronx, Harlem. Das famílias das entrevistadas, houve apenas um caso temporário de migração interna, a família de Shirley foi viver em Cleveland, Estado de Ohio, quando ela tinha três anos de idade e voltou para Nova York, mais precisamente para o East Bronx, quando ela já estava com onze anos de idade.

As exceções, em termos de menor densidade populacional e de melhor qualidade da habitação, corriam por conta de Far Rockway, formada provavelmente por trabalhadores de colarinho branco, uma área povoada por judeus, italianos, holandeses e irlandeses que habitavam pequenos sobrados, em um dos quais, Marianna e sua família residiram. A outra exceção fica por conta de Long Island, para onde Jane e sua família se mudaram, quando ascenderam socialmente, a partir do segundo casamento da mãe.

Em termos de ocupação profissional, Roberta e Jane lembram dos avós tocando pequenos negócios, uma mercearia e uma lavanderia. O avô de Ellie era operário e os avós maternos de Martha tinham uma pequena loja de varejo, provavelmente um armarinho. A maioria dos pais eram operários: o pai de Jo era carpinteiro, o de Gladys trabalhava na indústria de sapatos, o de Shirley, conforme o período do ano, dividia o seu tempo entre o trabalho na indústria de chapéus



e a ocupação de pintor de paredes. O pai de Martha era encadernador de livros, um trabalho, naquela época, artesanal. O pai de Bea começou a vida “na América” como pintor de paredes, depois, juntamente com a esposa abriu uma oficina de costura e, mais tarde, ambos tiveram uma loja de roupas prontas.

Entre as chamadas profissões de colarinho branco, encontravam-se o pai de Ellie que era empregado dos correios, fazia serviço interno; o pai de Marianna, vendedor de apólices de seguro e o pai de Roberta, que começou como artesão, fazendo caixinhas de jóias e depois ascendeu socialmente, tendo se tornado representante comercial e, posteriormente, gerente do restaurante de um magazine.

A maioria das mães era operária na indústria de confecção: a mãe de Jo era costureira e, quando perdeu o seu emprego, passou a trabalhar em casa; situação semelhante ocorreu com a mãe de Ellie, durante a depressão fazia pequenos serviços de costura, em casa; a mãe de Gladys era operária na indústria de chapéus; a de Shirley, somente quando solteira, trabalhou na indústria de gravatas; a mãe de Martha era costureira em fábrica de confecção.

O grande problema da indústria de confecção era o trabalho sazonal, durante a chamada baixa-estação, os operários e operárias ficavam desempregados. Na alta-estação a carga de trabalho diário era muito grande, as pessoas trabalhavam por turno, desse modo, como contou Jo, dormiam também por turno, revezando-se na mesma cama. Em alguns dos casos, a sobrevivência da família ficava também difícil, quando só o pai ou a mãe trabalhava e o outro encontrava-se desempregado, como apontou Gladys. Às vezes, a participação política impedia o trabalhador de conseguir emprego, ele ficava marcado, como contou Jo a respeito do seu pai, que era anarquista.

Duas mães imigrantes tiveram ocupações ascendentes. A mãe de Roberta trabalhou como guarda-livros somente até casar-se. Ela cursou a escola apenas durante alguns anos, de qualquer modo ela conseguiu adquirir um certo conhecimento que lhe permitiu exercer esse trabalho. Provavelmente essa ascensão profissional deve-se ao fato da mãe de Roberta ter sido uma imigrante intermediária, isto é, chegou nos Estados Unidos ainda criança, com a idade de dez anos e pôde freqüentar a escola durante algum tempo. O caso da mãe de Jane é excepcional, muito embora compartilhe da mesma categoria ocupada pela mãe de Roberta, é também uma imigrante intermediária, veio para os Estados Unidos com nove anos de idade. É a única mãe que conseguiu fazer faculdade, tendo até mesmo obtido o título de mestre em língua e literatura





inglesa e o título de doutor em sociologia. A mãe de Jane trabalhou, nos últimos anos, como corretora de ações.

No entanto, nem todas as imigrantes intermediárias conseguiram atingir esse nível de realização. A mãe de Ellie, que veio para os Estados Unidos com a idade de três anos, teve que abandonar a escola e foi trabalhar em fábrica aos dez anos de idade.

Das nove mães referidas, apenas três pararam de trabalhar quando casaram. Foram elas: a mãe de Roberta, de Shirley e de Marianna. Os pais de Roberta e de Marianna ganhavam o suficiente para manter a família. Os motivos da mãe de Shirley foram outros, a necessidade de cuidar dos filhos.

A necessidade de sobrevivência dos primeiros anos após a imigração, obrigou mulheres e crianças a exercerem trabalhos remunerados em casa, acarretando ainda a retirada precoce de crianças da escola. Conta Roberta que a avó e a mãe faziam perucas em casa. E a mãe precisou abandonar a escola. Bea e o seu irmão, desde crianças, trabalharam junto com os pais, o irmão quando os pais ainda tinham uma oficina de costura, e Bea na loja de roupas prontas, a partir dos 6 anos de idade. A falta de recursos também levou os imigrantes a terem inquilinos em casa, apesar da promiscuidade que isso implicava, constituindo uma ameaça para as filhas dos imigrantes, conforme o relato de Roberta.

Provavelmente a crise de 29 deve ter afetado a todos os trabalhadores, imigrantes ou não, mas certamente atingiu com mais força os mais pobres, conforme o relato de Bea a respeito das dificuldades vivenciadas pelos moradores do Lower East Side. Bea foi a única que perdeu uma irmãzinha devido à falta de remédios adequados. Não foi fácil para o pai de Roberta, mas, através da ajuda da família já estabelecida, ele arranjou um emprego. A mãe de Ellie passou a fazer pequenos serviços de costura, em casa. Jo lembra-se das “pessoas famintas. Não havia trabalho.”

A situação econômica instável das famílias imigrantes é bem traçada por Bea, quando qualquer doença ou a perda do provedor, o desemprego podiam abalar a sobrevivência da família. E, então, as mães tinham que internar os filhos em orfanatos para poderem trabalhar, famílias inteiras eram despejadas com seus pertences na rua, por não poderem pagar o aluguel.<sup>16</sup> Marianna também aponta para as dificuldades enfrentadas pela família, quando o pai fica doente

<sup>16</sup> Todos esses problemas são tratados por Metzker e Golden. *A Bintel Brief*. Nova York: Schoken Books, 1971.



e ela, tendo que ir trabalhar, não pôde prosseguir com seus estudos. A pobreza e as dificuldades de adaptação da mulher imigrante aparecem no relato de Shirley sobre os problemas enfrentados pela sua mãe, a tentativa de aborto, fracassada, que quase lhe tira a vida, as fugas do irmão, a perda da sua irmã (antes do nascimento de Shirley).

O *stress* sofrido pela família imigrante aparece também nos casos de separação, divórcio e abandono da família. Os pais de Jane se divorciaram quando ela era muito pequena, e Jane não tem recordações do seu pai. Não obstante, para Jane, a sua mãe foi uma “mulher de vanguarda”, pelo fato de ter se divorciado numa época em que poucas pessoas o faziam e pelo fato de ter se doutorado em sociologia aos 65 anos de idade.

O fato dos avós e pais, em alguns casos, persistirem falando iídiche e usando apenas algumas palavras em inglês, mostra que era possível comunicar-se e sobreviver numa vizinhança formada quase que exclusivamente por imigrantes que compartilhavam a mesma língua. Esse aglomerado de imigrantes da mesma origem, língua, costumes e religião possibilitou a Roberta construir a imagem sobre a vida do imigrante, como sendo uma “vida alheia ao mundo”. E ainda a Jane construir o seguinte comentário a respeito de Brighton Beach, no Brooklyn que, segundo ela, era um verdadeiro “casulo iídiche.” Mesmo vivendo em diferentes localidades, como o Lower East Side e o Brooklyn, ou ainda, mudando-se do Lower East Side para o East Bronx, a vizinhança continuava a ser esmagadoramente judia, a exceção, já referida, compreendia Long Island e Far Rockway.

Entre os imigrantes, os avós de Roberta conseguiram melhorar um pouco a sua situação econômica, tanto assim que mudaram do Lower East Side para o East Bronx. O tio de Roberta formou-se dentista, e a mãe tornou-se guarda-livros. Os pais de Roberta foram morar em Crotona Park East, no Bronx, uma área de população judaica de um poder aquisitivo “um pouco melhor”. Apesar dos avós de Jane terem sido pobres, ela credita as realizações da mãe, inclusive o fato desta ter se formado, aos seus avós. A mãe de Jane, ao casar-se pela segunda vez, adquiriu uma “casa grande” em Long Island, uma área habitada por pessoas de mais recursos e que, naquele tempo, contava com poucos judeus. De todas as entrevistadas, Jane foi a única que pôde fazer universidade em outra cidade. Todas as demais cursaram universidade na cidade de Nova York.

Na maior parte dos casos, a melhoria em termos de moradia era pequena, mas já significava um avanço. Assim, os pais de Jo mudaram-se do Lower East Side para o Bronx, onde ela nasceu,





e do Bronx para Washington Heights, “que era um bairro melhor”. Os pais de Ellie mudaram-se do Lower East Side para o Brooklyn.

No que diz respeito ao ensino superior, das nove entrevistadas, sete cursaram universidade e apenas duas, Bea e Marianna não foram para a faculdade logo após terem concluído o segundo grau. Marianna, porque precisou trabalhar, e Bea, porque não atingiu as notas necessárias para ingressar na faculdade. No entanto, anos depois, ambas cursaram algumas disciplinas na universidade. E Bea destaca que o seu irmão formou-se em História, tendo se tornado professor.

Os avós e pais das entrevistadas passaram por muitas dificuldades nos Estados Unidos. As informações sobre as condições de vida dessas famílias mostram que os pais de Roberta e de Marianna e, especialmente, a mãe de Jane, ocuparam um status social mais elevado, comparando-se com os pais das demais entrevistadas. A comparação entre a situação dos pais imigrantes e a de suas filhas mostra que, apesar de todos os problemas enfrentados, houve uma nítida ascensão social da segunda geração e uma melhoria das condições de vida da geração imigrante.

## 9. Em São Paulo: Pais, trabalho e moradia

### Célia

O pai de Célia imigrou da Bessarábia para Recife, em 1910 ou 1911, com a idade de catorze anos. Célia não tem muita certeza, nem do ano e nem da idade do pai, na época da sua chegada. Ele já tinha um irmão em Recife. A mãe de Célia veio da Lituânia, e Célia supõe que os dois devem ter se casado em 1918. Aos, poucos, toda a família paterna foi se reunindo em Recife.

O primeiro trabalho do pai foi como mascate e, depois, aos poucos, a família foi melhorando financeiramente: “Lá em Recife, ele naturalmente não tendo escolaridade, não conhecendo a língua, o trabalho que todos os imigrantes faziam, foi trabalhar de mascate. O irmão dele já estava em Recife e depois foram trazendo os outros irmãos, como fazem todos os imigrantes, foi aprendendo a língua e foi melhorando, economizando, melhorando até que eles abriram uma loja de tecidos em Recife. Ele e mais três irmãos”.

A família de Célia não ficou porém muito tempo em Recife, veio de mudança para São Paulo: “Quando eu tinha uns cinco anos, então, isso em 1934. O meu pai vinha todo o ano para



São Paulo fazer as compras para a loja e ele não estava se dando muito bem com o calor de Recife, então ficou estabelecido que ele viria para São Paulo, morar aqui e seria o comprador. Então, em 34, quando eu tinha cinco anos, nós viemos todos para São Paulo, eu tinha uma irmã mais velha um ano e um irmão com três anos de diferença.”

Em São Paulo, foram morar em um hotel: “Chegamos em São Paulo, isso eu me lembro perfeitamente, ficamos num hotel no Largo Paissandu, engraçado, não é? – Célia ri -. O hotel chamava Hotel Paissandu, enquanto eles iam procurar uma casa, se estabelecer. Eu me lembro que nós ficávamos à noite sozinhos lá naquele hotel, coisa curiosa, não é? E ficamos um tempão naquele hotel até que conseguiram montar casa, e assim nós viemos para São Paulo. E os irmãos (refere-se aos irmãos do pai, os tios) ficaram em Recife. E a loja continuou. Ela existe até hoje. O meu irmão que está lá agora. Essa loja já tem, acho que, 50 anos, 60 anos, sei lá. Ainda é de tecidos, continua no mesmo lugar, chama-se “A Brasileira - Célia ri.

As recordações de Célia sobre a primeira casa, onde moraram: “Bom, chegamos em São Paulo, fomos morar em uma casa bem pequena, numa vila (...). Era aqui perto da Av. Dr. Arnaldo, chama-se acho que ainda tem o mesmo nome, rua Mapoera. É uma travessa da Dr. Arnaldo, quando você entra ali na Cardeal Arco Verde, a Dr. Arnaldo não faz... para a esquerda... é a Cardeal... é uma rua que sai logo ali. Ela começava ali e terminava na Teodoro Sampaio. Ainda existe essa rua. Era uma vila de casas todas iguais, geminadas. E ali era uma vida muito boa porque as crianças viviam na rua, toda a brincadeira era feita na rua e não havia perigo de coisa nenhuma, não passava praticamente carro nenhum lá, porque não era passagem para nada e ninguém naquela época tinha carro lá porque nem existia garagem. Então essa foi a primeira”.

A vizinhança da primeira moradia: “Olha o que eu me lembro da vizinhança é que o pessoal era muito chegado, você praticamente conhecia todo o mundo naquelas... sei lá... acho que tinha umas vinte casas, você conhecia todo o mundo que morava naquelas casas. Então um vivia na casa do outro, era porta aberta, não tinha aquilo de se trancar, nem coisa nenhuma, e era um tipo de vizinhança que o pessoal aceitava o estrangeiro com a maior naturalidade. Enquanto nós moramos ali, nunca ninguém da família sentiu qualquer tipo de preconceito, ou de racismo. Olha, você tinha lá de tudo, tinha sobrenomes muito brasileiros, tinha italianos e de família judia, a única era a nossa”.





As condições de vida naquele tempo: “Olha, a impressão que eu tenho daquela época é que era mais fácil. A vida era mais fácil. Provavelmente porque ninguém tinha pretensões, quer dizer pretensões de fazer dinheiro, de casa bonita, tinha pretensão sim de ganhar, que os filhos estudassem, e tinha uma coisa, nem passava pela cabeça dos meus pais que um filho pudesse fazer faculdade ou fazer... uma filha. Não havia grandes pretensões, então, as pessoas levavam uma vida mais tranqüila. Desde que você ganhasse o suficiente para manter, os filhos eram criados dentro de um sistema bem restrito, não tinha como você dizer, ah eu quero um sapato, sai e compra um sapato. O meu pai trazia o sapato que a gente ia usar, mas a gente não sentia mal com isso naquela época, dentro daquela perspectiva, era normal diante da idade que a gente tinha”.

O relacionamento com os pais: “Agora tinha uma coisa, eles eram muito restritos assim com questão de se dar com... as crianças... de uma certa vida social e a minha irmã era o oposto do que eu era. Eu era assim de sentar e ficar horas lendo um livro. Eu lia tudo que me caía nas mãos. Li naquela época um livro que achei – Célia ri -, que se chamava “Minha cama não foi de rosas, que era a maior pornografia do mundo – Célia ri -, eu lia, não entendia, não tinha importância, mas eu lia. E a minha irmã era um tipo totalmente diferente, era a moleca da família, a que pulava muro, que ia roubar limão do vizinho em frente, a que tinha namorado. Então, nós tínhamos assim.. Eu tentava esconder o que ela fazia porque naquela época não havia psicologias de pais, botou de castigo, deu-lhe umas palmadas e resolveu o assunto, ninguém falava com ninguém. Mas a gente não se sentia revoltado, nem tinha... sabe se aceitava as coisas”.

Depois da casa da vila, a família de Célia mudou-se para uma casa maior. Célia comenta sobre o relacionamento entre os vizinhos: “Eu já devia ter... porque aí eu fiz admissão, devia ter uns onze anos ou doze. Porque aí foi lá que eu comecei a fazer admissão para ginásio e aí nessa vizinhança era totalmente diferente. Também não havia judeus, já era gente de nível bem melhor. Era aqui na Alameda Itú, entre a Rebouças e a Consolação. Daí você já tinha outro nível de gente. Nós tínhamos um vizinho que era diretor de banco, um outro que era promotor público.. Então já era outro nível de pessoal, mas a gente se dava muito bem com os vizinhos. Havia sempre aquele entrosamento. A gente tinha muita amizade com a faixa etária nossa e um dos vizinhos, que era diretor de banco, tinha uma fazenda, a gente ia passar férias na fazenda dele. Quer dizer, sabe que uma coisa curiosa, eu nem posso dizer que eu tenha sentido alguma coisa



de anti-semitismo declarado comigo. Apesar de todas as amizades que a gente tinha, praticamente, era só com não-judeus”.

Por que os seus pais não foram morar no Bom Retiro? “Nunca (colocaram isso). Nunca nem perguntei que seria a coisa natural, ainda mais, de uma pessoa que vem de fora. Mas nunca nem me ocorreu, nós quando chegamos fomos pra esse hotel imediatamente, fomos aqui pra Pinheiros e de Pinheiros depois a gente veio aqui pra esse lado de Jardim América, Cerqueira César, sempre moramos aí, nunca nem se cogitou, nem se falou de Bom Retiro. É interessante, engraçado nunca nem se falava em Bom Retiro”.

As férias anuais com a família: “Em São Paulo, nas férias, todo o ano se fazia uma estação de água, então era Lindóia, principalmente Lindóia, São Lourenço, então a vida era muito ao redor disso, quando vinha esse período, ficava-se 21 dias, era o tal negócio, as águas faziam efeito, você tinha que ficar 21 dias – Célia ri -. Íamos todos (os pais e irmãos). Era isso que existia, nada mais”.

O cinema na cidade: “A gente ia ao cinema, no cinema Odeon, lá na Consolação. Então, o grande esperado era o domingo pra ir ao cinema, seriados de Flash Gordon - Célia ri -. Eu ia com as amigas, todo o domingo de tarde era o cine Odeon, o seriado de Flash Gordon, que era em capítulos – Célia ri -. Era diversão, viu?”.

Célia fala sobre a vinda do pai para a sua casa, após o falecimento da mãe: “Ele sempre trabalhou como comprador da loja toda a vida e, depois, a minha mãe faleceu até jovem, quer dizer hoje a gente diz é jovem, 62, 63 anos é jovem. Ela faleceu de câncer e o meu pai ficou morando sozinho durante muitos anos. Ele sempre dizia que não queria amolar os filhos e tal, então ele ficou sozinho até que chegou um ponto quando ele estava com 82 anos, mas, totalmente lúcido, saudável, bem, ele disse, eu não quero mais me aborrecer com *shiksés* e compras. Ele sempre dizia que o dia que ele saísse da casa dele que ele iria direto para o Lar dos Velhos. Aí ele disse vamos visitar o Lar. Fomos lá, visitamos, ele até encontrou um conhecido lá e quando ele saiu ele disse, para cá eu não venho. Isso é um lugar de gente velha e doente. Resultado, ele veio para cá morar comigo, eu já estava viúva, então desfez o apartamento dele e ele veio morar comigo”.

A convivência com o pai: “Era a vida dele e ele era uma pessoa que aqui em casa não incomodava, o que tinha para comer, ele comia, não incomodava ninguém. Eu dei o meu quarto para ele, passei a dormir no escritório e lá ele tinha a televisão dele, então ele não incomodava.





Mas, naturalmente, com a Vilma naquela época, que sei lá 16 anos é uma idade chatésima, não é? Então, naturalmente, que sempre havia aquela coisa porque de vez em quando ele falava alguma coisa – Célia ri -. E assim ele ficou comigo, saudável, bem, nunca teve problema. Ele morou comigo, quatro, cinco anos”.

O súbito falecimento do pai: “Você quer saber como ele morreu? Tinha um açougue *kasher* aqui na Consolação que ele ia lá toda a semana, comprava aquele salame *kasher* que ele gostava. Ele entrou no açougue, disse para o homem do açougue que ele já conhecia, que ele não estava sentindo bem. O homem deu uma cadeira para ele, ele sentou e morreu. Pô e caiu. O homem me telefonou em casa. Foi uma benção porque ele sempre dizia, eu quero morrer assim e foi assim que ele foi. (Ele tinha 87 anos)”.

### Amélia

O pai de Amélia veio de Opole, na Polônia. Ele imigrou para São Paulo, em 1925, com um amigo. Um ano depois, mandou vir a esposa, também de Opole, que viria a se tornar a mãe de Amélia. “Ele veio junto com esse amigo em 1925, veio para cá. Ele veio 4 dias depois do casamento, com uma mão na frente e outra atrás como a maioria dos imigrantes. Foi morar num quarto de judeus, que também tinham vindo da Rússia, na Rua da Graça (São Paulo) e acho que, um ano depois, a minha mãe veio para cá. Eu nasci uns anos depois e, aliás, a minha mãe veio com a mulher desse amigo dele, que essa senhora já veio com 3 filhos para cá”. Segundo Amélia, “a maioria (dos imigrantes) veio sozinha e depois traziam as mulheres”.

Amélia fala do quarto, no Bom Retiro, onde os seus pais moraram e a mudança para uma casa no mesmo bairro. (O pai) “Foi morar num quarto de judeus, que também tinham vindo da Rússia, na Rua da Graça (Bom Retiro) e, acho que, um ano depois, a minha mãe veio para cá. Eu nasci uns anos depois, eu nasci num quarto, onde meus pais moravam na casa de outros judeus e acho que, quando eu tinha mais ou menos um ano e meio, perto de dois anos, nós mudamos para a Rua Ribeiro de Lima e lá se tornou, da minha infância que eu lembro, o centro desses imigrantes que vinham dessa vilazinha. Como é perto da Estação da Luz, essa Rua Ribeiro de Lima é bem onde os meus pais moravam, o pessoal descia do navio em Santos, tomava o trem para a Estação da Luz, já vinha direto para casa dos meus pais. Então, praticamente todos os imigrantes dessa vila passavam pela casa dos meus pais”.



A luta pela sobrevivência e as difíceis condições de moradia não impediam que os imigrantes aqui chegassem “sonhando sempre com uma vida melhor. Quando vieram para cá, de fato, muitos se fizeram e outros não. Mas o meu pai nunca deveria, ele nunca foi feito para esse trabalho, ele não sabia vender e teria tido outra oportunidade se ele tivesse sido um professor, se tivesse feito outras coisas, ele nunca se fez assim economicamente, dava assim para eles viverem, mas, nunca muito bem porque não era o jeito dele vender, ele não sabia vender. Ele chegou aqui em 1925. Imagine, chegar um imigrante junto com um amigo num país, sem ninguém porque ele foi o primeiro a chegar da cidade dele e sem a língua, sem dinheiro, foi muito duro”.

“Os primeiros anos aqui foram muitíssimo duros. Não sei como ele conseguiu, alguém indicou pra ele, mal e mal, que ele foi morar em casa desse casal, que já tinha filhos, um casal judeu com filhos, judeus russos na Rua da Graça, onde ele morou até a minha mãe chegar e onde eu nasci também. E era um quarto e a minha mãe tinha direito de ficar na cozinha para preparar comida...”

A casa dos pais de Amélia se tornou o ponto de acolhida dos imigrantes procedentes de Opole: “E eu me lembro bem que minha mãe tinha trazido ainda da Europa o que eles chamavam de *ibebert*, que não era um colchão, era como se fosse um acolchoado que vinha em cima da cama para depois por o colchão e depois vinha o lençol e se chama *ibebert*. (Fica entre o estrado e o colchão) para amolecer um pouco, naquela época eram colchões de crina, não?”

“Então, eu lembro que sempre que vinha algum imigrante, minha mãe tirava esse  *ibebert* da cama, punha no chão na nossa casa, era uma casa grande na Rua Ribeiro de Lima, já punha um lençol e o primeiro passo dos imigrantes era para a casa dos meus pais, pelo menos eles tinham sempre um lugar para dormir, para passar uns dias, para depois poderem achar algum canto para morar, algum canto pra ficar. Eu, naquela época, posso dizer, posso dizer até, graças a Deus, que não sou mimada, não fui mimada porque eu, entre todos os imigrantes, era a única criança, naquela época, porque a maioria veio sozinha e depois traziam as mulheres”.

A família precisou sair do Bom Retiro, quando Amélia tinha sete anos de idade: “E aí, por dificuldades financeiras, o meu pai trabalhava como *klienteltchik* na rua, aí foi tentar, aí fomos morar no Cambuci, onde morei três anos”. No Cambuci, segundo Amélia, a maioria dos vizinhos era *goyim*.





Amélia fala da pobreza e da solidariedade entre os imigrantes: “Então é um negócio pra chorar mesmo dos nossos judeus. A vida foi muito dura aqui, muito muito dura e, ao mesmo tempo, sabe que era bonita, ao mesmo tempo era difícil, era bonita porque se reuniam, se queriam bem, muito solidários todos, quando começaram a vir.”

Sobre as outras etnias que habitavam o Bom Retiro: “A vida no Bom Retiro era uma vida muito judaica, era... Naquela época, tinha, praticamente, tinha só judeus, muito judeus, tinha italianos, e o que veio muito, vieram muitos lituanos cristãos.” Segundo Amélia, o relacionamento entre os lituanos e os judeus foi bastante conflitivo. Esse assunto será tratado mais adiante.

Os judeus no Bom Retiro: “Agora os judeus tinham uma vida... A gente se dava muito, naquela época não havia assaltos, então na casa dos meus pais nunca se fechava a porta nem com chave nem com nada, tinha uma cordinha, cada um abria a porta e já entrava direto para casa dos meus pais. Os meus pais também alugaram... eles já estavam melhorzinhos de vida, nós moramos na Ribeira de Lima, onde te falei que vinham... mas tinha uma sala da frente, então eles alugavam um quarto, então sempre alugavam um quarto também para imigrantes, não exatamente da cidade deles, de outras, mas sempre tinha gente morando em casa. E a gente... nas noites bonitas todo o mundo punha cadeiras fora, sentava, conversava”.

A solidariedade entre os imigrantes de Opole e o posterior falecimento do pai: “Todos eram muito solidários, acontecia qualquer coisa, e a casa dos meus pais era era... durante muitos anos o centro de todo esse pessoal que chegou dessa cidade, dessa vila, durante muito... Até, aliás, o meu pai morrer, foi durante muitos e muitos anos o centro de todos que vinham, que conversavam, noites interessantes, muita... uma conversa muito gostosa, muito interessante, sempre sobre cultura, sobre política, enfim passei a minha vida desse jeito”.

“Infelizmente, ele faleceu cedo também, quer dizer 69 anos, morreu assim de repente. Minha mãe morreu de saudades dois anos depois, mas morreu de saudades, morreu de saudades, eu vi a minha mãe se acabar porque ela não se conformava. Eles namoraram desde crianças, vieram para cá, lutaram, enfim ela não teve de forças de agüentar”.

Sobre o trabalho do pai e dos demais imigrantes, os *klienteltchik*: “Eles vendiam assim, tinha muitos que vendiam gravatas, eles se punham assim num lugar, com as gravatas assim expostas, o meu pai saía com roupas, coitado, com aqueles pacotes enormes. Eram malas, depois ele comprou aquilo que se chamava aranha, era uma charrete, ele teve uma charrete com cavalo e



eu ficava, na esquina, esperando ele chegar porque tinha uma cocheira na Rua Newton Prado. Então eles compravam no próprio Bom Retiro, eles conseguiam crédito, alguns judeus tinham lojas, aí eles conseguiam crédito, compravam um pouco de mercadoria e saíam carregando mesmo”.

Vendendo a prazo por alguns dos bairros da cidade: “O meu pai carregando, escolhia um bairro, o meu pai trabalhava no Cambuci. Tinha um amigo dele que trabalhava em Vila Mariana, outro que trabalhava no Belém e batiam, como se fala hoje, de porta em porta, D. Maria quer comprar alguma coisa? Vendiam, tinham cartões. Eu tenho até hoje cartões de lembrança. Cartões que marcavam o dia que vendia, aí elas pagavam um pouquinho, muitas pagavam por semana. Andavam com pacote mesmo nas costas, era duro, tomavam o bonde e iam pra um determinado bairro, ou Vila Mariana, Cambuci, Belém, Penha, iam até lá desciam, iam batendo de porta em porta fazendo a freguesia e muitas vezes levavam calote”.

“O meu pai mesmo, quantas vezes levou calote, mas, em geral, era gente honesta, pagava pouquinho, naquele tempo era mil-réis, sei lá, 5 mil réis, 2 mil réis, uns pagavam por semana, outros pagavam por mês, tinha o cartão, marcava quanto recebia e depois a conta estava menor já vendia mais alguma coisa. Outros vendiam só cobertores, vendiam roupa, uns iam para o interior, deixavam família aqui, passavam a semana no interior depois vinham para cá, mas era o judeu da prestação mesmo que, na época, eles chamavam o russo da prestação porque nem sabiam direito o que era judeu, falavam... nem sabiam direito o que era judeu, para eles era o russo, era o russo da prestação e a tal D. Maria que os judeus falavam, eles iam trabalhar com a D. Maria porque eram donas de casa, empregadas para quem eles vendiam as coisas”.

A compra de alimentos e a pobreza dos moradores do Bom Retiro: “O que mais eu posso lhe lembrar? Me lembrar das vendinhas dos judeus, vendiam 100 gramas de açúcar, 100 gramas de farinha, não era como hoje que tinha pacote, tinha vendinhas, eram vendinhas mesmo na rua Prates, como hoje existe ainda hoje nos bairros, mas, muito difícil por causa do supermercado. Mas eram vendinhas que os donos eram judeus, então não tinha pacote de açúcar nem de farinha, mas entrava alguém e comprava 100 grs. de farinha, 100 grs. de... Ninguém tinha muito dinheiro, então, comprava um pouquinho para o dia a dia e ... tinha poucas geladeiras, então deixavam gelo na porta, derretia um pouco, eram aquelas geladeiras pequenas, que punha gelo dentro, era um pouquinho, dois, três ovos, então era uma vida completamente diferente. Lojinhas, os





bazarzinhos, era tudo pequenino, depois é que foi crescendo tudo e mudou tudo, depois os judeus começaram a sair do Bom Retiro”.

Sobre as atividades de lazer com a família: “Ah, outras coisas que os judeus faziam muito, iam para Vila Galvão. Naquela época, nós íamos fazer piquenique, isso era interessante. Tomávamos um trem e era aquela turma toda, sabe que era muito bonito? Nos domingos, cada um levava um lanchinho, eu me lembro a minha mãe preparava bolinho de carne, já frito, pepino, pão preto, essas coisas iídiche, outro levava não-sei-o-quê. Tomávamos um trem na rua da Cantareira e íamos para Vila Galvão e tinha, tem o rio lá. E sentávamos na grama, tenho fotos disso, com as toalhas, com os cobertores, os homens, eu me lembro o meu pai de calção, alugava um barco a remo e punha aquele barco e todos os amigos juntos. Ia um grupo de 20, 30 (pessoas), mulheres, as famílias, as mulheres, os maridos, as crianças, todo o mundo junto, punha aquela comida, piquenique mesmo, sabe? Mas era muito bonito, muito agradável e passávamos o dia todo lá em Vila Galvão, depois a gente voltava pra casa. Isso foram anos, durante anos se fazia isso. O meu pai nadava no rio e alugava barco e estavam todos juntos e rindo, e conversando, voltava de trem, você pode imaginar, era vazio tudo, não tinha essa multidão (de hoje)”.

O retorno do Cambuci para o Bom Retiro e a mudança posterior para a Vila Mariana: “Depois de três anos (no Cambuci), nós voltamos para o Bom Retiro e eu morei lá até mocinha, sai do Bom Retiro devia ter uns dezessete anos, tivemos que sair da casa porque não era própria, o meu pai não pôde pagar mais aquele aluguel que era alto. Aí mudamos para Vila Mariana, onde eu morei até casar e foi onde eu conheci os Karabtchevsky e toda essa turma (...). Tinha, tinha judeus em Vila Mariana. Aí, você vê, então como eu digo que aí se junta tudo, então tinha uma família com quem os meus pais se davam muito bem, que eram ex-inquilinos dos meus pais no Bom Retiro, casaram e foram morar nessa sala que eu falei que os meus pais sempre deixavam, aí eles mudaram pra Vila Mariana, tinham loja, tal e era essa família (...).”

### Annie

Os pais de Annie são de origem polonesa. Annie não sabe informar os nomes das localidades de onde os seus pais vieram. Pronuncia os nomes conforme os ouviu quando criança. Ambos são sobreviventes do Holocausto. Eles se conheceram na Alemanha, após a libertação, casaram-se. Da Alemanha, foram para Paris, onde Annie nasceu. Decidiram imigrar para



Salvador, Bahia, porque era onde o seu pai tinha duas tias. Chegaram em Salvador em 1948, Annie tinha um ano de idade.

Em Salvador, os pais de Annie enfrentaram dificuldades: “Eles alugaram uma casa na Saúde e o meu pai foi trabalhar com esse tio. Esse tio também era relojoeiro. Era a família toda. Esse ofício era da família. Todos os tios, o pai e os irmãos, todos faziam isso e o meu pai foi trabalhar com ele. Foi muito difícil, uma vida difícil porque, para conseguir sobreviver, trabalhava à noite em casa, (de dia) recolhia relógios, como mascate, nas casas, porque não dava nem para pagar aluguel da casinha onde estavam e, aos poucos, foram conseguindo. Sobreviveram, graças a Deus, e foram progredindo. E no Brasil começaram uma vida nova, realmente foram muito bem aceitos. O Brasil.... Aprenderam a língua, e tinha vizinhos e fizeram amizade, não só com a colônia judaica mas não judaica também”.

Uma vida de trabalho e de sacrifício: “A relojoaria dele, a oficina dele, vida de sacrifício, muito econômica, de ficar economizando, minha mãe costurava as minhas roupas. Ela costurava para todo o mundo e o meu pai consertava relógio de dia, de noite e, assim, então sobreviveram. E depois nasceu o meu irmão. Teve mais um irmão e as coisas continuaram. Foram... Fizeram uma vida bonita. Acredito que, realmente, a gente tem que, quando a gente lembra porque até com vinte anos, eu sai de casa, fui para São Paulo (...).”

A difícil gravidez da mãe e o nascimento do irmão: “Ficou grávida do meu irmão, então foi uma luta, ela queria perder esse filho de qualquer jeito porque ela ficou doente, ela ainda estava doente, ela ainda não tinha se recuperado. Em cinco anos, a saúde era ainda precária, quer dizer cinco anos que eu já era nascida e mais três depois da guerra, dois, sete anos, a saúde ainda era precária. Então, quando ela engravidou, ela passou mal, teve hemorragias, ela queria perder de qualquer jeito, mas, acho que Deus quis, que ela não perdia de jeito nenhum. Ela fez estripulias mil, que ela conta mesmo, que ela tinha medo de acontecer alguma coisa e ela tinha uma filha pequena. Mas, no fim não teve, teve um irmão que para mim foi muito bom, foi muito bem vindo porque eu era muito sozinha. E quando esse filho nasceu, a gente mudou”.

A mudança para um apartamento melhor e a posterior aquisição do apartamento próprio: “Nós conseguimos o apartamento da frente que batia sol. O apartamento do fundo era úmido, não tinha sol, mas, aí o meu pai já conseguiu, melhorou mais um pouco de vida e conseguiu um apartamento maior, de três quartos e a gente cresceu nesse apartamento. Era na Joana Angélica. Essa foi a terceira moradia. A primeira foi na Saúde, depois a segunda foi no fundo, no mesmo





prédio só que no fundo e aí nós passamos para o apartamento da frente. Ficamos muito tempo lá na Av. Joana Angélica. Era um lugar muito agradável, gostoso, era perto da escola iídiche. Ali era alugado. Depois de mais algum tempo, aí o meu pai conseguiu comprar um apartamento no Tororó. Tanto que eu pegava o ônibus para o (Colégio) Severino Vieira, em Nazaré”.

Os problemas de saúde da mãe e a necessidade de ter uma empregada para cuidar de Annie quando pequena: “Eu tinha uma babá. A minha mãe tinha uma empregada, depois de alguns anos, ela conseguiu uma empregada, a minha mãe estava sempre doente, ela tinha que ter alguém para ajudar. E com dificuldade eles conseguiram uma empregada e essa empregada me levava muito para passear”.

Os problemas financeiros da família e os cuidados da mãe para com Annie: “Eu lembro de coisas tipo assim, tinha os vendedores na rua vendendo maçã, uva, vinha de São Paulo. Não tinha nada dessas culturas na Bahia e aí a minha mãe não podia comprar, mas ela comprava um cachinho de uva para mim, para matar a vontade do filho. Mas, ela não podia comprar uva, no começo...”

Os vizinhos judeus do prédio da Joana Angélica: “Eu me lembro que no prédio tinha duas famílias judias, por incrível que pareça, a Bahia era pequena, pouca gente da comunidade, mas no mesmo prédio éramos três famílias judias e que ficávamos muito juntos, estávamos sempre. A Gussie morava lá no prédio. Era legal e a gente conviveu junto, nós tivemos uma convivência muito boa”.

A migração de Annie e do irmão para São Paulo e o falecimento do pai: “E, depois, os filhos foram embora para São Paulo, depois o outro irmão também. Mas, infelizmente, o meu pai morreu muito cedo com 63 anos. Ele estava aqui em São Paulo, ele estava me visitando. Realmente... há dezessete anos... foi em 80 uma coisa... É muito interessante isso porque a minha mãe sempre foi doente... Era um casal perfeito. Ele foi um pai maravilhoso. Um marido maravilhoso. Tinha uma índole. Nossa... (A minha mãe) era uma princesa para ele, eu acho que ele era muito tímido, muito introvertido... (ela) botava tudo para fora e ele não. Então... Acho que deve ter sofrido muito também... Ele estava com um pouco de pressão alta, fumava, isso sim. Ele fumava muito”.

Admiração e reconhecimento pela ajuda prestada pelo pai: “Uma vida bonita, tranqüila, sabe, era uma pessoa, fala-se em iídiche, *balebatisher*, caseiro, família, muito pai, muito. E devagarinho, devagarinho, construíram um patrimônio e tinha tudo... Viajava para São Paulo



uma vez por ano para me visitar, ficavam em Lindóia quinze dias, e tinha aquela vida, mandavam muitos presentes para a gente, me ajudaram no começo da casamento, me deram casa, quer dizer, fizeram realmente...”

**Pai:** A perda inesperada do pai: “Com todas as dificuldades, eles construíram uma vida, certo? O tempo inteiro ele trabalhou. Quando ele faleceu, faltavam dois anos para ele se aposentar. E ele fazia planos, o plano era morar em São Paulo, junto dos filhos. E ele sempre trabalhou muito. Abria a loja todos os dias, tinha uma vida metódica. E ele andava a pé, por isso foi uma surpresa ele ter tido enfarte porque era uma pessoa que se alimentava bem, bem assim, sabia o que podia e o que não podia, não era uma pessoa assim, que comia, comia, comia, ao contrário tinha uma dieta balanceada. Andava todo o dia, de casa para a loja, voltava a pé, dormia depois do almoço, ia para casa, almoçava em casa. Ou seja tinha uma vida regrada. Nos últimos anos depois que os filhos já estavam casados, já estava numa fase tranqüila da vida e... aconteceu” (emocionadas, ambas entrevistada e entrevistadora).

**Localização da loja do pai em um bairro popular de Salvador :** “A loja era perto da casa dele, eram alguns quarteirões. Ele morava no bairro de Nazaré e a loja era no Bairro do Sapateiro. Era, mais ou menos, acho que a gente pode comparar Bom Retiro com 25 de Março, mais ou menos uma distância assim, que dava para ir a pé tranqüilamente”.

**O trabalho de Annie na loja:** “E eu também ajudava quando morava lá, gostava. Acho que o meu tino comercial veio daí. Eu sempre gostava, ajudava, adorava a loja, adoro loja, comércio mesmo, sempre gostei, tinha muito jeito. O pessoal gostava quando atendia na loja, Natal, São João, essa época, Dia dos Namorados, sempre ajudava, Dia das Mães, o pessoal procurava por mim na loja, é o pessoal gostava de mim. E além de relojoeiro, de vender relógio, consertar, já há muitos anos ele começou a vender jóias, mas, jóias assim bem populares, jóias baratas, assim tipo folheada, jóias bem populares, mas, que tinha uma aceitação muito grande porque o bairro onde tinha a loja era um bairro bem popular, de classe média baixa e baixa, então...”

**A responsabilidade do pai no trabalho e a admiração dos clientes:** “Ele era muito querido porque... como pessoa, todo mundo gostava (de) “seu” Paulo, “seu” Paulo, porque “seu” Paulo não engana ninguém porque quando ele conserta, ele consertava relógio, e tinha cliente de anos e anos e anos que voltava. Era muito responsável, muito bom profissional, se não podia consertar, ele não consertava, não enganava, né? Porque, sabe, sempre existiu isso, não é só hoje, porque





desde aquele tempo, que eu me entendo, que eu me lembro, existiam as pessoas que enganavam, e ele realmente foi um bom profissional e infelizmente teve uma morte muito precoce”.

A mudança da mãe, viúva, para São Paulo: “Daí, a minha mãe veio embora para São Paulo. Trouxemos ela porque eu e o meu irmão já morávamos aqui. Nos desfizemos das coisas. Foi difícil... Eu achei que foi muito precoce isso e essa mudança. Minha mãe já tinha passado uma mudança (afirmação enfática) que foi de um país para outro e de novo mudar numa idade em que as pessoas querem o seu canto. E ainda sair de uma cidade pequena para uma cidade grande como São Paulo”.

A vida em Salvador, a adaptação da mãe em São Paulo: “Foi muito difícil porque lá ela tinha vizinhos, as portas eram abertas, um entra, o outro sai, sabe, os vizinhos, não precisa pedir licença, a pessoa entra a hora que quer na casa, é muito interessante. Hoje, já está diferente, mas, naquele tempo era... E tem um pouquinho de sal, tem um pouquinho de... As pessoas vinham... precisava lavar a geladeira, botava as coisas na geladeira do outro para desligar a geladeira porque é muito calor. Era uma vida muito saudável, tinha amigos, vizinhos, podia contar com todo o mundo”.

A nova vida da mãe em São Paulo: “Então, foi muito difícil porque chegou aqui... todo o mundo se conhecia, numa idade, já não era numa idade produtiva. Ela ficou viúva bem jovem. Como ela era nova... E uma pessoa que é muito sociável, então, logo fez amigas e tocou a vida dela e hoje ela participa do clube da Idade do Ouro da Hebraica, na CIP, se vira, ainda está em condição, não vou dizer plena, mas, ainda está... é independente ainda. E o meu pai, o pouco que ele deixou, vendeu imóvel e tal, deu para comprar o imóvel dela aqui. Assim ela sobrevive. Não tem pensão nenhuma porque infelizmente... perderam alguns documentos. Tem uma vida simples, mas não falta nada e ela é independente, graças a Deus e é isso, mais ou menos o retrospecto é esse”.

## Clara

A mãe de Clara imigrou para São Paulo, com a família, provavelmente, em 1923, com a idade de “dois ou no máximo quatro anos” de Bukovina. O seu pai chegou em São Paulo depois da II Guerra, em 1948, aos 38 anos de idade. Nascido na Alemanha, de uma família de origem polonesa, o pai migrou para a Palestina, “via Dinamarca”, em 1934, 35, “onde morou por vários anos”, antes de vir para São Paulo. Aqui chegando, o seu pai teve várias ocupações, foi guia



turístico “ele sabia falar várias línguas”, abriu uma “firma de exportação e importação”, estabelecendo-se, no entanto, com o “mercado de capitais”.

Clara descreve a localidade onde morava com os pais e a escola onde estudou: “Eu me lembro muito mal, eu tenho assim... as lembranças muito vagas, enevoadas da Brigadeiro Luís Antônio. Eu tinha dois anos quando a gente veio para esse prédio, nos Jardins, daí já era apartamento próprio, na Alameda Casa Branca. Bom, o meu prédio, foi o primeiro prédio da rua. Quando a gente mudou para lá, ele estava acabando de ser construído e... na verdade assim, tinha uma firma que estava, e eu não sei o que aconteceu, se ficou sem grana e tal, na verdade, os próprios condôminos é que se juntaram e terminaram de fazer o prédio. Eu me lembro que a rua era de paralelepípedo, e do meu quarto, eu via o relógio da Paulista. As ruas eram todas de paralelepípedos, quer dizer, mesmo que a gente more agora na Alameda Santos, não dá para ver o relógio da Paulista. Então os Jardins eram totalmente diferente. Era super calmo o bairro, né? Eu lembro, eu sempre ia brincar no Trianon e... a minha escola era na Avenida Paulista inclusive.”

Sobre o trabalho da mãe: “Não, a minha mãe não trabalhava. Minha mãe... minha mãe... trabalhava médio. Nos primeiros anos ela não trabalhava, porque ela achava que ela precisava se dedicar à gente. Depois que a gente cresceu um pouco mais, ela começou a trabalhar, mas a minha mãe trabalhava assim... ela... até por conhecimento, através do meu pai, ela começou a vender letra de câmbio também. Depois esta história acabou e teve um período que ela teve uma loja. E agora ela está aposentada, tá na hora. Ela está com 78 anos de idade. Acho que ela tinha uns quarenta e três, por aí, (quando ela ficou viúva) e ela nunca se casou de novo”.

“Era uma loja na Rua Augusta que ela (a mãe) tinha com uma amiga dela, de... presentes. Uma lojinha pequena, entendeu? Mas isso acho que eu já tinha uns 20 e poucos anos quando ela fechou a lojinha. É. A letra de câmbio, entre a letra de câmbio e a loja não sei se teve um intervalo que ela ficou sem trabalhar, não lembro disso. Não, não sei te dizer”.

Ainda sobre moradia e vizinhança: “Eu morei até os dezessete anos na Casa Branca. E a gente mudou de apartamento para José Maria Lisboa, que era na esquina com a Casa Branca. E aí, eu acho que eu morei lá... quase trinta anos... tá. No prédio da Alameda Casa Branca, o prédio ele quase não tinha crianças, a maioria das pessoas... eram todas adultos e velhos. Então, eu não tinha muito com quem me enturmar lá, fora uma menina que morava do mesmo lado que eu, que era de uma família italiana católica, que eu ia bastante na casa dela, eu me relacionei com ela até





sair do prédio, até os dezessete anos. E eu lembro que eu tinha amigos judeus e italianos, imigrantes. Agora no prédio, no oitavo andar, tinha um casal que já era velho naquela época, de judeus-austriacos e que tinham uma filha que morava na Alameda Casa Branca, numa casa mais para baixo, e que ficou amiga da família. Daí até porque tem essa história, quer dizer o meu pai não tinha familiar nenhum aqui. Esses eram imigrantes essa coisa toda, a gente começou a passar as festas com eles”.

“E ficou meio como se fosse família, mas não era. E eu lembro também, que no outro bloco do prédio, ah não, no primeiro andar, no meu prédio, tinha uma família de judeus que já tinham filhos adultos, uma menina que já estava estudando Medicina, e um outro menino, não lembro o que ele fazia. No bloco tinha uma família, não sei se era a mulher, o... marido, um dos dois era judeu, o outro não era. Mas o prédio basicamente tinha imigrantes, sim. Esse pessoal mais velho, tudo era italiano, tinha uma família de boliviano”.

“Eu não sei, talvez... eu soubesse melhor, o perfil de São Paulo nos anos 60, se quem tinha dinheiro era tudo imigrante – Clara ri -, porque no prédio, eu só me lembro... de uma família de brasileiros, o cara tinha sido prefeito de Campos de Jordão, que eu me lembro. Mas, mesmo assim, o sobrenome do cara era Curi, quer dizer, ele podia ser brasileiro, mas o pai já não era. É, sírio-libanês” – Clara ri.

“Isso desse prédio. Aí quando eu vim para esse outro prédio, era um prédio de três blocos com muito mais apartamentos, na José Maria Lisboa. Eu me lembro que no bloco da frente tinha uma família de judeus, mas todo mundo já era brasileiro. Nos dois blocos de trás, tinha duas famílias de judeus que eu me lembro que todo mundo era brasileiro. Ah não, tinha uma terceira, que os dois eram brasileiros, mas filhos de alemães, e tinham uma cara de alemão que parecia que tinham chegado ontem da Alemanha assim, inacreditável. (...) E eles eram da CIP, e depois minha mãe descobriu no prédio, uma outra família, agora eu não me lembro qual dos dois que... um era judeu, outro não, que... e eles se casaram durante a guerra, e... um dos dois se converteu”.

“É, não sei se para fugir da guerra, não sei. Sei que o casal ficou católico assim, protestante, uma coisa dessas. Era pouco (o número de judeus) para esse prédio da José Maria Lisboa... com quinze andares, dois apartamentos por andar, dava trinta. Então eu pensei... que era essa coisa mista. Então quatro para trinta apartamentos, não é uma porcentagem baixa. Mas no prédio da José Maria Lisboa, quatro ou cinco famílias, era pouco, porque tinha... no mínimo quinze, tinha dois blocos iguais, já davam trinta, e na frente tinha um bloco com dois por andar que já dava



pelo menos sessenta. Então é bem menos né? E esse prédio, já era todo mundo mais brasileiro. Bom, quando eu mudei do prédio da Alameda Casa Branca para o prédio da José Maria Lisboa, o prédio da José Maria Lisboa, era um prédio que tinha uns sete anos, era novo na época. Então as famílias que estavam indo, era todo mundo mais novo, não era uma prédio de velhos. Por isso que eu acho que já era todo mundo brasileiro também.”

Clara ajuda a mãe financeiramente: “Eu ajudo a minha mãe, mas eu acho que é pouco o que eu ajudo ela. Pelo menos até o momento. É suficiente, sobra. Não vou dizer que eu fico rica, milionária, mas eu acho que quem... quem quer ficar rico, segue outros caminhos na vida. (...) Inclusive quando eu comprei esse apartamento, eu comprei pela localização. Foi isso que eu estava procurando, localização. Tenho meu apartamento, tenho uma grana guardada... estabilidade, é isso. Eu tenho uma estabilidade financeira”.

## Rosa

Os pais de Rosa procedem da Polônia, o pai de Varsóvia e a mãe de um *shtetl*, chamado Nova Miastro, perto de Varsóvia.<sup>17</sup> Os pais casaram-se antes de emigrarem. O pai veio em 1923, aos trinta e um anos de idade e a mãe, em 1924, aos vinte e um anos de idade. O pai foi direto para São João del Rey, Minas Gerais, onde já se encontrava o seu irmão. Essa foi a razão da escolha do país e da cidade de imigração.

Rosa conta do trabalho do seu pai e da vida em São João del Rey: “E... meu pai veio, ficou aqui, quase um ano sozinho, depois já conseguiu dinheiro para poder mandar passagem para minha mãe vir para o Brasil. Quando ele veio para o Brasil, aí ele conta, ele foi trabalhar como mascate em São João del Rey que, na época, era uma cidade bem pequena, mas de um povo muito, muito bom, e... ele foi muito bem recebido pelos brasileiros aqui. Isso deu a ele um calor humano muito grande”.

“Então, passou dificuldades, ele fazia economia de cada tostão, e eu me lembro que ele sempre contava que ele veio conhecer bananas aqui no Brasil. Então que a alimentação dele, ele gostou muito, então a alimentação básica dele era banana com pão. E assim ele foi juntando um dinheirinho para poder mandar... dinheiro para minha mãe vir para o Brasil. E aí ela veio também direto pra São João del Rey. E... um ano depois, nove meses depois, nascia... eu – Rosa ri - .

<sup>17</sup> O nome Nova Miastro está escrito como foi dito pela entrevistada. Não foi achada cidadezinha alguma com esse nome, o que pode ser devido à grafia ou ainda em razão da mesma ter sucumbido completamente aos nazistas.





Então eu nasci em São João del Rey, passei toda a minha infância em São João del Rey, o que eu acho que foi maravilhoso. Eu acho que viver numa cidade do interior, principalmente, numa cidade mineira, você ter nascido, se criado, passado até a adolescência em São João del Rey é uma dádiva. Eu... é uma coisa que me... me diz muito ao coração o fato de ter vivido todos esses anos em Minas”.

Sobre a família do tio em São João del Rey: “O meu pai encontrou aqui um irmão, que já era casado, já tinha dois filhos na época ou três, eu já não tenho muita certeza, porque eles eram em cinco irmãos também na família do meu tio. E viveram a vida toda em São João del Rey. O meu tio tinha uma loja de móveis, a mulher dele não trabalhava, nem ajudava na loja, era uma pessoa assim muito doméstica, ela realmente cuidava dos filhos, e cuidava da casa. E... eles foram crescendo financeiramente, ficaram muito bem, um dos filhos foi para Belo Horizonte, se formou médico, os outros... depois uma filha casou, foi morar no Rio de Janeiro, os outros três ficaram em São João del Rey, os outros três homens. Um deles abriu uma loja, os outros trabalhavam com os pais, casaram, mas permaneceram”.

A família e a mudança para o Rio de Janeiro: “(...) Essa é a família do meu pai, era a única família que ele tinha no Brasil. A minha mãe não tinha nenhuma família no Brasil, ninguém. Então nós moramos em São João del Rey muitos anos até que eu completei... a primeira fase em São João del Rei, eu sai de lá com o segundo ano primário, eu estava com oito anos. Nós viemos para o Rio de Janeiro, porque a minha irmã, nós éramos em três filhos, duas moças e o rapaz. A segunda, minha irmã, ela teve paralisia infantil, e ficou com uma deficiência numa perna, e evidente que São João del Rei naquela época, não tinha recursos. A minha mãe, então, como toda *iídiche mame* foi atrás dos recursos pra ver o que ela poderia fazer em benefício da minha irmã. Ela ficou com uma perna um pouco atrofiada e, então, nós nos mudamos para o Rio de Janeiro em função de procurar recursos para melhorar talvez essa deficiência. Realmente ela foi operada duas vezes no Rio de Janeiro, melhorou bastante, porque ela praticamente não andava, aí ela começou a andar, e... tornou-se uma criança... normal, a não ser com uma pequena... é... mancava um pouquinho; era a única deficiência”.

As dificuldade de trabalho do pai no Rio de Janeiro e a volta para São João del Rey: “Mas meu pai chegando no Rio de Janeiro, começou a trabalhar também como mascate. Só que ele não se acostumou porque o Rio de Janeiro já era outro conceito, outros hábitos, o povo não era tão assim, receptivo, como ele estava acostumado com o pessoal mais simples de Minas. E



nós ficamos no Rio de Janeiro quatro anos, e meu pai não se acostumava com o Rio de Janeiro. E... as coisas financeiramente, as coisas também não iam assim tão bem. Resolveram então voltar pra São João del Rey. Aí, nós voltamos para São João del Rey todos. E permanecemos em São João del Rey. Aí em São João del Rey, meu pai abriu uma loja, e desde o primeiro dia que ele abriu a loja, a minha mãe trabalhava com ele na loja”.

“Era loja de... como em todo o interior, loja de roupas, casacos, tecidos, bem aquelas lojas típicas onde você encontrava um pouco de tudo. Mas o meu pai continua fazendo, a trabalhar na rua como... mascate e minha mãe é que praticamente ficava na loja. Então, desde o primeiro dia, a minha mãe trabalhou na loja. E nós, nós... nos educamos lá, estudamos lá, até o limite aonde havia o que estudar. Eu fiz curso normal, meus irmãos fizeram... o ginásio, naquela tempo não havia ainda o colegial, era só o ginásio, em seguida, se você queria prestar faculdade. Mas não havia faculdade ainda em São João del Rey, hoje existem várias lá, mas naquele tempo não. Então eu terminei o curso normal, meu irmão terminou o ginásio, minha irmã terminou o ginásio, mas a minha mãe achava que aquilo era muito pouco, para os filhos dela”.

Rosa e os irmãos deixaram São João del Rey para dar prosseguimentos aos seus estudos. Rosa foi para São Paulo, em 1942, para estudar e trabalhar, conheceu o seu futuro marido e casou-se no ano seguinte, permanecendo em São Paulo.

Sobre as famílias judias em São João del Rey: “Na ocasião, nós éramos onze famílias. É, era bastante. Foi a época em que houve mais famílias judaicas em São João Del Rey, isso realmente é um enfoque interessante. Olha, eram pessoas que vinham, ou não, naquele tempo as pessoas que chegavam, aqueles primeiros imigrantes de, de... 50, 60 anos atrás, eu não sei exatamente o porquê, eles iam muito para o interior, talvez porque fosse mais fácil, talvez porque o interior lembrasse um pouco mais as comunidades pequenas da Europa, talvez isso. Eu sei que a verdade é que toda as cidades do interior, isso se você quiser fazer uma pesquisa, e é muito interessante, todas as cidades de São Paulo, todas as cidades de Minas, todas tinham judeus no interior. Eu acho que o Nordeste não, que eu saiba, o Nordeste, o pessoal se radicou mais nas capitais, em Recife, em Natal, mais nas capitais. Aqui nos estados, se você quiser depois fazer um levantamento disso, todas as cidades do interior tinham judeus. Minas também, São João del Rey, Barbacena, Juiz de Fora, que era um centro grande, tinha muitos judeus, todas as cidades, a não ser aquelas muito pequenininhas que eram vilarejos, também não tinham. Os judeus iam até lá para fazerem vendas e voltavam, mas as outras cidades, todas, todas tinham judeus”.





Em 1965, os pais de Rosa imigram, definitivamente, para Israel, onde já viviam os outros dois filhos, irmãos de Rosa. A mãe estava então com sessenta anos e o pai, com setenta.

## Edna

O pai de Edna emigrou da Romênia para o Brasil, com catorze anos de idade, em 1919. Ele veio acompanhado da sua família. A mãe de Edna, juntamente com a sua família, emigrou de Pinsk, na Lituânia, com a idade de vinte e dois anos, em 1933. Casaram-se em São Paulo.

O pai de Edna, com a mãe, viúva, e os quatro irmãos, chegaram em São Paulo, e desta cidade foram para Piracicaba. “É, e depois ele voltou para São Paulo conheceu a minha mãe (...). Se casaram, aí eu nasci aqui em São Paulo. Nasci em 1935, 22 de abril de 1935, aqui em São Paulo. Fui morar, fomos morar depois em Paraguaçu Paulista, aqui no interior da São Paulo, aí nasceu o meu irmão e de lá, nós fomos para Presidente Prudente. E em Presidente, moravam dois irmãos da minha mãe. Então, a família se reuniu lá em Presidente Prudente”.

Edna conta do trabalho do pai no interior de São Paulo: “É, meu pai... eu sei que em... Piracicaba, juvenzinho, ele... não sei se ele ia fazer cobranças de bicicleta – Edna ri -. E aí em Paraguaçu ele tinha uma loja, uma loja que eu me lembro assim de armarinhos de roupas, de linhas, de... eu me lembro até que, na época, quando criança, tinha aquela é... *corbeille*... de metal que se colocava no cemitério é... na época de finados... de metal, negócio assim, eu gostava muito – Edna ri -, de ficar vendo aquilo, de olhar aquilo. Então papai trabalhava com esse, com esse... ramo”.

“Aí (ele se) mudou para... Presidente Prudente e também continuou com tecidos, com... armarinhos em geral. Depois aí, ele passou para móveis. E tinha móveis na rua principal. O nome da loja era "O Rei dos Móveis". Papai era assim falador, ele tinha uma facilidade para contar histórias, as pessoas gostavam de estar ao redor dele para ouvir o que ele contava, sempre tinha uma... uma historinha, alguma coisa para contar”.

“E depois resolveram vir aqui para São Paulo, aqui em São Paulo ele passou a ter uma... uma fábrica de estofados, depois fechou a fábrica, aí foi trabalhar numa loja... depois essa loja fechou e logo em seguida, bom, 79 anos ele ainda trabalhava... Ele trabalhava nessa loja... ...ele dirigia a loja lá, ele dizia assim que ele era mui... que ele se sentia muito importante ali na loja porque o rapaz lá, que estava estudando alguma coisa, vinha perguntar para ele, "como é essa palavra em inglês?" e aquilo ali, então ele dava conselhos para a família, era uma família iídiche



também, então ele se sentia muito importante ali nessa... já velhinho. E trabalhando. Eu me lembro dele, uma vez eu levei ele para passear, a minha mãe já estava doente, para passear no... Parque do Ibirapuera, a gente estava andando pela pista de *cooper* e eu estava andando um pouquinho mais depressa, aí quando eu vejo um, um repórter entrevistando o papai.

“Entrevistando o papai, por quê? Porque era o mais velho ali - Edna ri -, e que tava andando na pista, então, ele tinha 79 anos naquela época. Eu falei assim: O que que ele perguntou? “Aí ele (o repórter) perguntou: O senhor está trabalhando? Eu falei, (ele falou): Não, agora onde eu trabalhava fechou, estou no desvio”. Gostei do termo (...), 79 anos - Edna ri -. E aí falei: Que mais que ele perguntou? “Ah, ele perguntou se eu acreditava na juventude de hoje, tal”. Aí eu disse: O que o senhor respondeu? “Ah, que eu tinha muita fé na juventude, que era esperança”, era isso aí”.

Edna não sabe os motivos que levaram o seu pai a se estabelecer primeiro em Paraguaçu. Quanto à mudança desta última para Presidente Prudente: “Eu não sei, eu acho porque os irmãos da minha mãe estavam lá em... Presidente Prudente. Eu tenho a impressão (que era) para ficar mais perto deles, eu tenho a impressão disso. Porquê eu não sei; ou talvez eles estavam começando a vida, resolveram ir para o interior, não sei dizer”.

A família de Edna migrou de Presidente para São Paulo: “Para cá nós viemos em 1957”. As razões dessa migração: “É porque o meu irmão já estava na época de fazer faculdade e eu estava namorando um rapaz *goy* - Edna ri -. Esse foi o motivo principal da vinda para cá. Eu tinha 21 anos”.

Em Presidente Prudente, onde a família permaneceu por vários anos, a mãe de Edna ficou muito doente e não tinha condições de cuidar dos filhos: “É, teve época que eu tive que passar o dia inteiro na escola porque mamãe não tinha como cuidar de mim, não tinha quem cuidar de mim e do meu irmão. Ah, a mamãe tinha uma série de problemas inclusive... foi operada de úlcera, depois teve é... hérnia na úlcera, e naquela época tinha que ficar noventa dias de cama só tomando leite, quer dizer, hoje é bem diferente o tratamento de hoje em dia. E vinha para São Paulo e uma série de coisas, eu sei que acabaram me colocando lá no colégio, foi uma época muito triste da minha vida, essa época aí no colégio.”

Edna conta das famílias judias de Presidente Prudente: “Olha, nós morávamos em três casas geminadas, seriam 6. Na ponta morava meu tio, no meio nós, na ponta o Seu Salomão, depois morava também ali a Dona Sônia e Seu Sioma, quatro; um, dois, três, quatro, ah, um primo, uma





prima que veio, casou-se no Rio de Janeiro e veio com o marido lá para Presidente Prudente, cinco...” Algumas dessas famílias se ocupavam do seguinte: “Então, loja de móveis a outra família, meu tio passou a trabalhar com algodão, hortelã, aí ele foi para Londrina, em Londrina passou a ter fazendas. Fazendas. Com gado, com café. Meu tio, irmão da minha mãe. Dois irmãos da minha mãe.” O irmão de Edna também se tornou fazendeiro em Londrina.

Ao que tudo indica, nem sempre a situação financeira dos pais de Edna era estável. “Às vezes, muitas vezes, ajudava em casa. Também, ajudava em casa, sim. Teve uma época que meu pai estava muito bem, mas teve uma época que eu precisei também ajudar. Ah, sim, ficava com uma parte para mim.” A mãe de Edna não trabalhava fora, trabalhava “em casa, dona de casa, perfeita – Edna ri -. Cozinhava muito bem, uma mulher submissa, é cozinhava muito bem, muito vaidosa, muito bonita.” Edna se mantinha e ajudava os seus pais, trabalhando como professora efetiva de educação física do Estado e como Encarregada do Setor de Educação Física das escolas da Prefeitura.

Edna sempre morou com seus pais. Quando deixaram Presidente Prudente e se fixaram em São Paulo, eles foram morar “na Alameda Casa Branca, Cerqueira César ou Jardim América? Quando eu nasci meus pais moravam no Brás. Minha tia morava no Bom Retiro e, então, meu pai escolheu aqui. Tinha um irmão dele que morava aqui já, morava na Ministro Rocha Azevedo, então aí meu pai arrumou uma casa na Alameda Casa Branca, entre a Oscar Freire e a Lorena. É Jardim América. É, acho que é Jardim América, acho que é sim. Cerqueira César, o nome certo, é Cerqueira César. É, é um ambiente muito bom, e... com recurso assim. Eu acho que as pessoas tinham recursos... quarenta anos atrás.” Sobre os vizinhos: “Ah tinha, na frente tinha a Dona... Flora é... ela mora ainda na esquina da Casa Branca com a Lorena, não Oscar Freire... Um, um pessoal de Prudente passou a morar também na Lorena, eu fiz, fiz muita amizade, eu fiz muita amizade”.

“Meu pai tinha um Dodge importado 51, carro grande, bonito, branco. E, é...já sabia dirigir... então, não teve problema nenhum para mim – Edna ri -. E ninguém dirigia, em 1957, não tinha mulher dirigindo. Não tinha. Pouquíssimos carros (na cidade). (Naquela época) Ele tinha uma loja, aquela loja. Ele ficou ligado a aquela lá, em Presidente Prudente, de móveis, e depois vendeu aquela loja e comprou uma fábrica aí de estofados.”

Edna e os pais moraram durante treze anos na Alameda Casa Branca. “É, eu pedi para sair de lá, eu que comecei a amolar meu pai. Atrás construíram um prédio de vinte e cinco andares. E



a casa começou a ficar fria. A casa começou a ficar fria, fria, fria e aquele pessoal ali assim, aí eu falei: "Ai pai, não está boa essa casa, vamos sair daqui, tal", e uma época as coisa não estavam muito boas, aí, então, nós viemos para cá. Tinha uma casa muito bonita, uma casa nova no Brooklin, nossa! Eu amei a casa com jardim, com quintal. Novinha, tal ih, eu fiquei encantada com a casa. Aí minha mãe disse: "Não quero", "Por que que você não quer?", "Por que a Elza chega onze e meia, meia-noite e quem é que vai abrir o portão para ela aqui?"

"Eu quero um apartamento" – Edna ri -, minha mãe que decidiu. Aí viemos para esse apartamento, tinha um apartamento na Alameda Casa Branca, mas a gente não gostou dele, muito comprido, banheiro sem janela. Esse aqui tem luz aqui, bem iluminado. E tinham visto na Consolação, e aqui e ali, e tal, e estava na hora de entregar a casa, construíram um prédio muito bonito lá. Era nossa a casa. Tínhamos comprado a casa, é. Aí viemos para cá. Estamos há vinte e oito anos aqui."

A vida no apartamento da Brigadeiro: "A gente estranhou muito porque... era uma casa também com um jardimzinho na frente... lá na Casa Branca. É, então, vinha muito pessoal. O pessoal vinha muito, os parentes vinham e... mamãe cozinhava muito, papai gostava muito de receber, mamãe fazia uma comidinha muito gostosa. E era fácil de estacionar, a gente saía no jardimzinho, via as pessoas passarem e tudo. Aí a gente chegou aqui assim, e mudou o estilo de vida. Já ficou mais difícil das pessoas estacionarem aí na avenida, ah... como é que diz? É... e ficou mais fechado, ficou... mudou... o estilo de vida."

Sobre a vizinhança: "A vizinha aqui de baixo é judia, tinha também um vizinho aqui judeu, daqui da minha janela você vai ver uma casa de judeus ortodoxos, uma vez a empregada falou assim: "Olha Dona Elza, um padre e uma madre!" – Edna ri -. E eu fico vendo, "Oh, nasceu neném, está nascendo outro neném" e eu fico controlando a vida deles aí. Então tem isso aí, e tem, mais adiante, o pessoal de Presidente Prudente que mora aqui perto, a minha amiga, tem uma conhecida aqui também, eles quase não, não... o contato é pequeno, não é um contato..."

A escolha da moradia não dependeu da existência de judeus nas proximidades: "Não tinha ligação. Não, não tinha nada." E foi nesse apartamento que os pais de Edna moraram até o seu falecimento.

**Helena**





O pai de Helena veio, sozinho, de Lodz, na Polônia, com a idade de vinte ou vinte e um anos, em 1928. Chegou primeiro em Recife, onde ficou somente por algum tempo e, em seguida, foi para São Paulo. A mãe de Helena veio de Riky, também na Polônia, acompanhada da família, provavelmente, na mesma época. Helena não informou o ano em que a mãe chegou, mas, considerando que Helena nasceu em 1931, e que os seus pais possivelmente devem ter se casado em 1930, a mãe deve ter chegado no mesmo período de tempo que o pai.

Como o pai de Helena não tinha carta de chamada para vir ao Brasil, ele “se grudou num cara” que ele encontrou “no posto onde se fazia a inscrição para viajar.” Era “um rapaz que tinha uma carta de chamada da irmã aqui do Brasil, para Recife. Aí ele se grudou no cara, e disse que ele também estava sendo chamado, se não me engano, eu não sei se é... eu não entendi bem, ou não me lembro bem, se a carta era em iídiche ou se a carta era em português, tinha uma carta de chamada para o Brasil. Ele se grudou e afinal veio com o fulano, foi aportar em Recife. E quando eles estavam no navio, veio um barco buscá-los, um troço tão engraçado, que isso me... faz mostrar a diferença de nível de jovens atualmente, um rapaz de vinte anos praticamente... quem foi buscá-los era o governador, ele mesmo, ou algum ajudante de ordens ou alguém, porque a irmã do fulano ao qual o meu pai aderiu, era uma daminha *mime*, era uma dona de bordel, amante do governador do estado.”

“E meu pai foi para a casa das fulanas, para esse bordel, trabalhou como *klientelchik*, que ele não estava acostumado a isso, porque ele sempre foi um operário da fábrica do tio. Depois de um tempo, ele... juntou um dinheiro, desceu de Recife para Santos e de Santos para São Paulo, onde naturalmente ele já tinha ouvido falar que tinha uma coletividade, uma comunidade judaica grande.”

“Chegando em São Paulo, na Estação da Luz, descendo na... a rua Prates, grudado no jardim daquela época, encontrou um... um judeu com uma barba. Reconheceu o judeu, naturalmente, modo de vestir, pela barba, e perguntou em iídiche: “Onde um jovem judeu pode ir?” – Helena repete a frase em Iídiche.

“*A yung, a yung*, um rapaz... é, e o... velho, o homem barbudo, de barba, não sei se velho, mas a gente faz idéia de homem de barba, daquela época, de velho mesmo. E ele foi indicado, (para) uma mulher que dava pensão. Aí ele começou a trabalhar em... em açougue, ligado a carnes. Começou já, depois, mais tarde, ele... é... frequentou o clube, que era um clube de



esquerda de jovem, *Yuguend*, a palavra *Yuguend* é de jovem, ele frequentou esse clube, e foi onde ele conheceu minha mãe, naturalmente que iniciaram a vida a dois.”

A mãe de Helena chegou no Brasil com a família. “Ela chegou no Brasil com minha tia, minha avó e as três crianças (filhas da irmã falecida), inclusive chamavam em iídiche, *almone mit drai kinder*, a viúva com as três crianças, achavam que ela que era a mãe das crianças. E ela era solteira, tinha, chegou a ser, a ficar noiva, espera aí... Imagina há uns 30 anos, 40, 50 anos atrás ela me fez plástica no rosto. Era vaidosa.” E Helena mostra algumas fotos da mãe, apreciando a sua beleza.

Sobre a moradia dos pais tão logo chegaram da Europa: “...Então, eles vieram solteiros. Minha mãe morava numa vila, ela para entrar no banheiro da vila, que era comunitário. O banheiro, vilas que você sabe que essas casinhas assim em volta têm um pátio interno. Vila é um pátio assim, com as casinhas em volta. Eles moravam num quarto, o banheiro era de muitas famílias, cada vez que você entrava no banheiro tinha que lavar, que ela tinha nojo naturalmente. Morava com a minha avó, minha tia Ana, também solteira, e acho que as três crianças na época, ou (...) eu não lembro bem, das três crianças, não me lembro como é que foi, se logo se separaram, mas acho que os três todos moravam juntos. Depois ela casou-se com meu pai... que eu saiba foram, abriram um bazar, foram para José Paulino, ela tinha casa no fundo... um quarto...”

Helena pronuncia o nome da mãe, em iídiche, “Libshe. Lisa, hã... Libshe escreve, então a gente chamava ela de Lisa. Ela estava grávida de mim, um vestido que ela lavava de noite, diz ela, e de manhã secava, elas tinham um bazar, que só tinha vestidos de gravidez.”

“Passaram um bocado, sabe? Gente muito batalhadora.” As crianças, filhas da irmã falecida, foram divididas entre: “Ela, a minha mãe ficou com uma filha, o pai ficou com um filho, e a minha tia Ana ficou com a menina, (...) O menino, depois, veio morar na casa da minha mãe e sumiu... sumiu, a minha mãe procurou, ...sumiu, sumiu. Procuraram no IML, detetive, polícia. (Ele tinha) Uns vinte e tantos anos. Não sei, Ethel, sumiu, nós morávamos, eu me lembro na rua Cadrá, sei lá, Cadrá. Minha mãe e as duas irmãs procuraram em tudo quanto é lugar, não sei se aconteceu algum acidente com ele e enterraram como... indigente. O que que aconteceu, nunca mais. A irmã dele depois procurou também, essa Ana, ela ficou viúva agora há pouco tempo. Casou na minha casa... morava em São Paulo.”





Helena relembra a vida dos seus pais na Cidade de São Paulo: “Eles vieram para o Brasil. foram morar numa vila... no Bom Retiro. Eles foram para o Bom Retiro, sim. E minha mãe arrumou um emprego para costurar bolsa numa fábrica dos Mairovich, os Mairovich tinham uma fábrica de bolsas e perguntaram para ela se ela tinha prática de costura, ela disse: “Tenho, claro.” E ela foi pisar no pedal da máquina, a máquina era de pedal. E a máquina ia para trás, ela não sabia coisíssima nenhuma, mas ela precisava trabalhar, queria trabalhar. E foi trabalhar na fabrica de bolsas dos Mairovich. E só sei que daí conheceu meu pai também.”

Os pais de Helena se casaram em São Paulo: “Eles se conheceram no *Yuguend Clube*, ele começou a namorar com a minha mãe, também, pelo visto. Meu pai já era sócio de um açougue, que era no Brás, era a família Jardanovisky, engraçado como eu me lembro o nome. O filho eu o conheci há pouco tempo. Depois ele (o pai), mais tarde, quando já havia casado com a minha mãe, ele ficou sócio de um outro cara numa fábrica de bonés, eu não vou citar nomes porque a família não mui... aí acabou a sociedade. Fizeram um bazar na José Paulino, no Bom Retiro, minha mãe conta, ela já me tinha a mim, depois meu irmão, quatorze meses depois, e ela não queria um terceiro filho, mas acontece...”

“E ela teve a terceira que é minha irmã, Clara e não tinha dinheiro para o leite, para comprar leite para minha irmã, para mim também... pedia emprestado para os vizinhos. Coisas engraçadíssimas, em cima do bazar dela morava um dentista, também não interessa citar, falar nomes, que cada vez que precisava de um lenço ia lá comprar, porque a mulher não lavava os lenços dele – Helena ri -. Ia comprar lenços no bazar dela. Ela conta coisas engraçadas que aconteciam. Morávamos perto do Jardim da Luz, ela ia passear com as crianças, de vez em quando, com os carrinhos e... teve contato naturalmente com outros imigrantes, e... lembram de mim dessa época, porque eu já era maiorzinha, cinco anos, quatro anos, que eu, péssima memória, lembro vagamente deles, e... depois a gente... de relacionamento, de conhecimento...”

“No bazar vendiam agulha, linha, fitas, lenço, camisas, cuecas, essas coisas assim. Tinham um bazar, então moravam na José Paulino. A vizinhança como eu te disse, em cima, era um sobrado, morava um dentista judeu que nunca tinha lenço limpo, ia comprar da minha mãe o lenço. Vizinhanças, José Paulino era formada por comerciantes judeus, lojas de judeus... começou a vida lá, gente que chegou antes deles, ou... Depois eles foram morar na Rua Prates, eu acho que já tinham os três filhos, numa casa boa com um jardinzinho na frente, era alugada, eram



casinhas novas. Então, vizinho tinha um italiano, depois tinha um outro judeu, eram três casas, depois tinha uma vila de casas mesmo. Tinha alguns judeus naquelas... vizinhança.”

Relacionamento com vizinhos italianos: “Muito boa, a dona Mariquinha me lembro agora dela... era muito boa, era vizinha de parede... Casas geminadas que chamavam, não é? Não sei se chamam se eles chamam agora assim. Era muito boa a relação, mas a minha mãe ficava o dia todo na loja. Ela só vinha almoçar, a minha avó fazia o almoço. Minha avó cozinhava, cuidando... ela também tinha essa possibilidade de trabalhar, porque tinha alguém que ficasse em casa e cozinhava e... tinha empregada já naquela época, eu me lembro.”

O irmão foi reprovado no ginásio e foi trabalhar com o pai: “Quando ele foi reprovado no ginásio, ele começou a se tornar relapso, com o outro primo ia nadar no clube, naquela época, no Tietê, foi no Floresta, e... ele começou a relaxar. Meu pai disse: “Vai trabalhar!” Ele era muito rígido. Foi trabalhar com o meu pai, que na época já tinha uma oficina de costura, de roupas de crianças, mas, como trabalhar com o pai, isso que é uma coisa muito interessante, acho que vale para todo mundo. Trabalhar com pai não serve porque começa a acordar tarde, começa a achar que com pai não precisa ter, ter todas as obrigações... de um empregado. (...) Ele foi, então, trabalhar numa fábrica, na malharia de um amigo nosso. Também não vale a pena citar nomes, porque é uma profissão muito conhecida na coletividade, e ele começou a fazer dinheiro... o meu irmão trabalhando na fábrica. Ele trabalhava bem, o cara era muito rígido, mas ele trabalhava, acordava cedo e ia.”

“Nessa época, aliás é interessante... nós morávamos no bazar logo que eu nasci, na lojinha, depois meus pais alugaram uma casa defronte do Jardim da Luz, uma casa com piscina embaixo, com um jardimzinho na frente, já de melhor nível, tinha três dormitórios em cima e minha avó morava com a minha mãe, toda a vida morou com a minha mãe. Ela tomava conta da casa, dos netos, da gente. Isso, acho que... é muito interessante que os avós moravam com os pais da gente e... (Na época da) fundação do Lar dos Velhos, o jornal era contra. O jornal era contra, dizia que ia ter que importar velhos e pagar muito bem para eles ficarem, porque justamente os velhos ficavam nas casas dos filhos. Atualmente, pouquíssimos ficam com os... a minha tia está com a minha prima, a minha tia de 91 anos mora com a minha prima, mas são raríssimos os casos. Raríssimos, os velhos vão para o lar mesmo, porque têm toda a assistência e desenvolveu muito. Não importa nem os motivos, mas acontece isso.”





“E minha avó ficava em casa e cozinhava, já tinha empregada nessa época, quando foram para Rua Prates, meu pai em 1937, 38, eu me lembro muito bem de um Chevrolet 34, mas eles queriam era uma casa para morar. Aí ele vendeu o carro, e minha mãe trabalhava muito, ela saía de mala e vinha com o mostruário de bonde, para ir nos bairros da Penha, da Lapa, é... vendedora, como vendedora das roupas da fábrica. A vendedora, não varejo, mas para vender para as lojas. Representante. Agora o termo é representante, e assim eles foram melhorando de vida, e eles compraram uma casa na Rua da Graça, uma casa muito boa, umas das casas mais bonitas, da região.”

“Tenho (fotos), tenho sim. Eu tenho um álbum, (a casa) com portão grande com entrada de carro, mas, na nossa época, nós não tínhamos carro, vendemos para comprar a casa, porque a primeira coisa que os imigrantes queriam era ter uma coisa fixa para morarem. Mas era muito trabalho. Minha mãe então era assim uma zorra, de pegar bonde com mala, ela conta que, uma vez, perguntaram para ela: "Seu marido está doente?" Ela falou: "Não, por quê?", "Porque a senhora está trabalhando." Falou: "Precisa meu marido estar morrendo para eu trabalhar?" – Helena ri -. Você imagina a mentalidade da época, que seu marido está morrendo ou doente para a mulher trabalhar.”

“Então, ela disse: "Precisa meu marido estar doente ou estar morto para eu trabalhar, ajudar." Ela ia assim, de loja em loja, oferecendo a mercadoria, era uma mercadoria que eu acho que eles podiam ter... se aprimorado mais, era uma coisa... uma mercadoria simples. Eu lembro bem dos terninhos marinheiros de menino, aventalzinho de organdi para menina, isso eu me lembro bem, e... na Rua da Graça, meus pais, meu pai já pôs a fábrica no fundo, ele reformou, tinha uma garagem, para quem tinha que entrar de carro, no quarto de empregada, eles abriram e fizeram a fábrica lá.”

“Então eles fizeram a fábrica lá no fundo, tinha algumas costureiras, sei lá, tinha uma cortadeira, meu pai cortava, aquelas máquinas, que tinham roda, ele punha numa mesa grande, cortava e costurava. E eu, nunca trabalhei no comércio, nunca quis mexer, mas minha irmã e meu irmão sempre tiveram tino para esse trabalho. O máximo que acontecia, eu já estava no colegial, era dar aulas para colegas, e minha irmã e meu irmão sempre (trabalharam na fábrica).”

“Depois, meu pai comprou a casa da Rua da Graça, foi quando eu tive mais amizades com... nós morávamos lá há muitos anos, eu tinha... Eu tinha 8 anos quando mudamos para lá... Eu me casei, já morava na outra casa. Quando eu entrei, na faculdade, em 1953, mudamos para



os Jardins. E fomos para os Jardins, para a Rua Maestro Chiafarelli. Muitos dos nossos amigos, já moravam nos Jardins.”

“Primeiro, no Bom Retiro, eu tive muitos vizinhos judeus... chamávamos a turma da Rua da Graça, então eu tive vários grupos. Fiz turma com o pessoal de esquerda, pessoal dos sionistas da Rua Prates, e pessoal do grupo da Rua da Graça, como chamava a rua que eu morava. Na frente morava o Cuca (...). Morava pegado ao cartório civil do Bom Retiro, depois morava o Chico, vários outros, várias casas, casinhas assim com jardimzinho na frente, parecido com aquele que eu tinha lá na rua Prates, de judeus. Então eu me dava muito bem com aquela vizinhança. Depois, eu estava na faculdade, já tinha entrado. Meu pai comprou na Rua Maestro Chiafarelli, continuação da Pamplona, uma casa, reformou, nós mudamos para lá. Ele vendeu esta da Rua da Graça, que ele não tinha dinheiro para as duas não. E, agora é um prédio lá. E... lá nós tínhamos vizinhos que eu saiba, não judeus.”

A relação com os vizinhos nos Jardins: “a gente quase não tinha contatos, eram casas grandes, isoladas, quase não tinha contato. Quase praticamente como são agora os contatos. Você em prédio, apartamento, não tem contato com os outros. Não é verdade? Você imagina as casas separadas? Tipo se cumprimentava e... e eu ficava o dia inteiro fora. No meu quarto, eu dormia com a minha irmã, no outro quarto dormia a minha avó com o meu irmão. Outro dia num aniversário lá, uma piada, (alguém) disse que o meu irmão nunca dormiu sozinho, sempre dormiu com uma mulher – Helena ri -. Ele sempre dormia com a minha avó, depois com a mulher dele. Então há... no meu quarto tinha um terraço enorme, minha irmã usufruiu daquele terraço tomando Sol, eu nunca usufruí, nunca tive tempo de ficar no terraço tomando Sol.”

Helena enumera as casas em que residiu com a família, antes de casar-se: “Eu não morei em muitas casas. Por exemplo, eu morei na Vila Paulista, quando eu era pequenininha, depois na Rua Prates, na Rua da Graça, Maestro Chiafarelli, quatro (...).”

## **Hana**

Os pais de Hana chegaram de Hotin, uma cidade da Bessarábia, que na época pertencia à Romênia e, atualmente, faz parte da Ucrânia. Os pais vieram solteiros, o pai chegou em São Paulo em 1926, acompanhado de um cunhado, e a mãe imigrou para o Rio de Janeiro, em 1934, acompanhada da família. Casaram-se e se fixaram em São Paulo.





Hana conta do bairro em que morou com a sua família: “Bem, eu cresci num bairro que não tinha população judaica, entre Bela Vista e Liberdade, na Rua Martiniano de Carvalho (...).” A quase totalidade dos vizinhos era católica e a casa, onde Hana e sua família viveram, por muitos anos, ficava perto de uma igreja. Próximo, moravam alguns vizinhos, que costumavam “botar uma colcha, uma toalha bordada na janela” e, somente alguns anos depois, Hana ficou sabendo que “isso existia em costumes trazidos da Itália.” O relacionamento com a vizinhança era cordial, na época do Natal, uma família das imediações, mandava um doce italiano. Hana e a sua avó paterna, que morava junto, gostavam de sentar-se à janela e olhar quem passava na rua.<sup>18</sup>

A família de Hana não mantinha relacionamento algum com os poucos vizinhos judeus que moravam na mesma rua, e que eram de procedência polonesa. As famílias apenas cumprimentavam uma à outra. Segundo Hana, naquela época, nos anos 50, ainda não havia aproximação entre os vários grupos judeus, originários de diferentes regiões da Europa Oriental.

Na Bela Vista, além dos italianos e dos seus descendentes, das famílias de judeus já referidas, habitavam o bairro algumas famílias negras. “Eu não morava no meio de judeus, isso eu posso te dizer que em torno da gente eram católicos. Bela Vista, não é? Tem bastante, tinha filhos, netos de italianos, sim... mas, a maior parte, penso que, eram italianos sim, ou do interior do Estado de São Paulo. Gente do interior ou tinha vários italianos e do interior e depois, mais para cima, tinha uma série de casas velhas que não existe mais que tinha porões, nos porões moravam pretos.”

“Em todos os porões, moravam pretos com muitos filhos, essa é a lembrança, a gente tinha medo de passar na porta, mas tinha que ir para a escola, passava por ali. Todos os porões cheios de... E a gente sabia, fulano é um ladrão ou fulano foi preso porque é um ladrão. Já a gente não sabia nada, mas, alguma coisa que alguém dizia. Naquela época, o preto também usava roupas de outro padrão, não era o mesmo padrão que as pessoas, o preto usava tafetá, o preto usava, as mulheres, talvez fosse mais barato também, eu só falo da parte da minha lembrança... Você distinguia facilmente, os pretos usavam tafetá, cetim, tecidos assim, talvez fossem mais baratos e mais chamativos. Eu lembro que usavam cores mais fortes do que as outras pessoas usavam. A roupa de preto, em São Paulo, não era igual à roupa de branco.”

<sup>18</sup> O relacionamento com os vizinhos católicos será aprofundado no item seguinte, assim como, com os vizinhos judeus.



“Pode ser que nos ternos eu não saberia dizer, mas nos vestidos eu tenho a lembrança, grená, era uma preta que ia usar grená. Tafetá e cetim, você não via quem não fosse preto usando essas coisas, outra que, com o passar do tempo, nada a ver. E sempre com pano na cabeça, penso que, era uma dona Maria, que depois vinha lá, mais tarde. Vinha lavar roupa na minha casa, lavadeira, era um tanque cheio, no dia de lavar lençóis, isso. Então, era com pano na cabeça sempre. Não chegava a ser um turbante, um pano amarrado para cima, para baixo, depois para cima, alguma coisa assim. Mas, todas andavam, porque não tinham como arrumar o cabelo ou segurar o cabelo, então todas andavam com pano na cabeça.”

Hana fala do trabalho do pai: “O meu pai era o que se chama *klienteltschik*, que saía (para vender). Quando ele chegou ao Brasil, pela fotografia, eu o vejo carregando peças de tecidos nas costas, uma pilha imensa de mais de um metro de peças de tecidos no ombro e assim se ia de casa em casa, batendo em porta e vendendo tecido, para quem comprasse dois, três metros e pagasse a prestação. Se ele não tinha dinheiro, ele ia a pé para os clientes e se ele tinha dinheiro, ele ia de bonde e voltava de bonde. Se ele não tinha dinheiro, ele ia a pé e se ele já tinha recebido, ele voltava de bonde.”

“Não é preciso dizer como era duro, depois mais tarde eu lembro que, durante vários anos, ele vendia, ele fornecia, talvez, é a melhor palavra, ternos para o pessoal da CMTC (Companhia Municipal de Transportes Coletivos) na Praça do Patriarca, que ele pronunciava, que ele pronunciava Patriaca porque ele nunca chegou a estudar português. Ele chegou, desceu (do navio) e teve que trabalhar. Os fiscais usavam terno marrom e, acho que, condutores era azul-marinho. Ele devia ter um contato com um alfaiate que fazia uma quantidade, ele era o agente de juntar os dois, tirava as medidas, levava para experimentar, eu acho que experimentava ali dentro da igreja, os ternos, ele dizia se estava bom, não estava bom e depois o terno era completado e a pessoa pagava a prestação. Então, sempre um dos brinquedos que eu tinha era cartelas e amostras de casimira.”

“Você fica imaginando que as coisas são diferentes em cada época. Ele durante muito tempo vendeu ternos assim. Bem mais tarde, no fim da vida, ele tinha contatos com peleteiros, que ele sempre conheceu a quem ele deve ter fornecido, eu suponho, todo o tipo de aviamento durante anos. Depois, ele foi intermediário de peles e foi uma época melhor. A gente chegou a isso aqui – Hana faz um gesto com as mãos, descrevendo o apartamento – foi com a soma disso e mais o meu trabalho. Ele não era importador, ele era intermediário e havia quem trouxesse as





peles e fornecia. Quando, já anos mais recentes, acho que não morava aqui, não tenho certeza se foi aqui ou na outra casa, às vezes, que (ele) estava doente com problema de saúde, (eu) ia levar as mercadorias porque ele tinha compromisso e as pessoas sabiam que ele ia entregar porque as pessoas precisavam de certas mercadorias, e forros, etc. Eu ia levar, às vezes, fazia o serviço dele, isso já trabalhando na universidade mesmo, porque às vezes ele não tinha condições físicas de ir, de levar a mercadoria e a pessoa precisava, então. Ele tinha um guarda-roupa (de mercadorias) onde eu ponho as brochuras atualmente. Também ainda tinha mercadorias, alguma coisa de mercadoria dele e, é lógico, a gente aprendeu o que era sarja, gabardine, numa certa época eu sabia o que era sarja.”

A mãe de Hana costurava, em casa, fazendo consertos em ternos que o pai trazia: “Às vezes, também como parte do sustento, ele (o pai) trazia terno de pessoas que usavam, às vezes, terno de linho e gastava muito a gola, a minha mãe, que sabia costurar, ela com muito capricho tirava da lapela do terno um pedaço de tecido e fazia uma nova gola no terno. E era uma coisa que devia ser medida milimetricamente porque não havia bastante tecido e, se você errasse, estragava a gola e ela fazia isso em casa quando aparecia uma oportunidade de ajudar alguma coisa mais.”

“Porque despesa com três filhos estudando, que cada um tinha uma roupa e meia, mas assim ia... E, com 15 anos, eu estava dando aulas e eu alfabetizei uma menina, não me pergunte como, mas eu alfabetizei uma menina, em português. Aos 15 anos, eu estava também dando aulas de piano. A minha mãe me arrumou, entre a vizinhança, um monte de alunos. Então, sábado, que eu não tinha aula, eu começava a dar aula às 7 da manhã, provavelmente, até às 5, 6 hs. da tarde, dormindo quase em cima do piano. Durante a semana, essas crianças iam fazer lição de piano, na minha casa, e minha mãe tomava conta deles, isso dava um dinheiro a mais para a casa, não era para mim, não.”

“E outra coisa que eu ganhei dinheiro, também, na minha vida, algumas vezes, como eu estudei na escola de comércio, eu tinha aula de caligrafia e eu aprendi a fazer letras góticas, então, eu escrevia diplomas de uma escolinha, que tinha ali por perto, em letra gótica. Também ganhei dinheiro com isso, também ganhei algum. Isso deve ter sido com uns 15, 16 anos, com 17, eu já estava no escritório, então, 17 e pouco, eu já fui para o escritório, já tinha salário.” Hana refere-se ao seu trabalho no escritório e como locutora do programa de rádio Mosaico.



Em seguida, passou a trabalhar também no programa de televisão. “Acho que isso foi muito válido, muito importante, quer dizer, além de estar me sustentando e ajudando em casa, o dinheiro, nos primeiros anos, o dinheiro ia direto para casa. Eu só recebia a minha mesada para o que eu precisasse, mas a gente continuava numa situação econômica que realmente não era folgada.” No terceiro ano da faculdade, Hana já estava dando aula no (Colégio) Renascença, acumulando com o programa de rádio e de televisão. Algum tempo após a conclusão do Curso de Hebraico, na USP, Hana foi contratada como professora da Universidade, sempre ajudando em casa.

O lazer de Hana e da família: “Diversão: ouvir rádio. E, provavelmente, nas férias, a gente ia, uma vez por ano, ao cinema. Na infância, eu lembro de ter ido, uma vez ou outra, para Santos, a minha avó gostava de tomar o trem e passear. Acho que devo ter ido, duas, três vezes na infância para Santos e, provavelmente, devemos ter ido para a Cantareira, Mogi das Cruzes, apenas para passear de trem. Mas, isso só na infância mesmo.” Além desses passeios, o pai de Hana costumava levar os filhos, durante as férias de verão, para a Biblioteca Monteiro Lobato, onde eles liam livros e também podiam retirar.

Os contatos com a família materna eram esporádicos: “A partir de nove anos, eu fui conhecer a parte da minha família, no Rio de Janeiro, porque casou meu tio. Quando eu fui para o Rio de Janeiro, a primeira vez, foi de trem. Só isso e, uma vez ou outra, aparecia um tio da minha mãe, vinha fazer compras em São Paulo. Então, conheci um tio da minha mãe, conheci os avós, que também vieram para São Paulo alguma vez.”

Sobre o serviço doméstico: “Não, nunca tinha faxineira, alguma época, tinha lavadeira, como era habitual naquela época. (A mãe) Não, não tinha nenhuma ajuda, éramos seis pessoas. A avó não fazia o serviço da casa. Era uma senhora de idade, muito gorda, ela só fazia doces, de vez em quando. Ela fazia doces, quando acho que ela tinha insônia e, depois, acho que ela acordava minha mãe para cuidar do forno. Então, minha mãe ficava “p” da vida, ela acabava de fazer os doces, ia dormir e minha mãe tinha que ficar tirando e pondo os tabuleiros no forno com os doces. (Nós ajudávamos) Muito pouco, muito pouco, muito pouco porque todo mundo tinha 3, 4 escolas. E minha mãe levava também, enquanto foi preciso, levava. Lógico, até uns 10, 11 anos, levava e buscava.”

Sobre os relacionamentos com crianças da vizinhança: “Não tinha muitos, na rua devia ter alguma criança, alguma menina com quem eu cochichava, de vez em quando, como é normal,





quando a gente tem oito, nove, dez anos. Não era do gosto da minha família de jeito nenhum e não havia outras crianças que fossem do gosto. Não havia tantas meninas por ali, às vezes, alguém jogava bola na rua, o que devia acontecer umas duas vezes por ano, nas férias. Nós éramos muito trancados em casa.”

“E, assim, amizades tinha. Eu te disse que eu não tinha parentes, quer dizer uma vez por semana, sim, a gente encontrava a minha tia porque era o jeito da mãe ver a filha e a filha ver a mãe. A avó morava comigo e não com a filha, então, em geral, acho que uma vez por semana eu brincava com a minha prima. Eu e minha prima crescemos mais ou menos juntas, temos uma diferença de um ano. Durante muitos anos, até que eu tivesse treze anos, a gente ia, uma vez por semana, penso que era uma vez por semana, a gente via uma família a outra. (Era a) Irmã do meu pai.”

Sobre a moradia da tia: “No começo, moraram juntos, depois ela morou em quarto de pensão, o que era, assim, saber que a pessoa realmente não tinha dinheiro, morar em quarto de pensão com a família. Depois moraram no Vila Clementino, perto do Hospital São Paulo. E mais tarde na Vila Mariana. (...) Na Vila Clementino podia ter um pouquinho de judeu, mas não havia uma comunidade. Vila Mariana tinha, naquela época, o Móishev Zkêinim, asilo dos velhos, uma sinagoga Ashkenazim, acho que eles se encontravam mais lá.”

Os passeios na casa da tia, na Vila Clementino: “E assim, uma grande experiência na minha tia, quando vivia na Vila Clementino, era uma casa que hoje não existe mais, tinha um prédio ali, a rua tinha um riacho pertinho, uma ou duas esquinas do Hospital São Paulo e a casa tinha um pomar, então, para nós, era assim um universo construído de aventuras maravilhosas. Um pomar não cuidado, assim, que já existia na casa quando eles foram morar. Ao lado, tinha uma chácara e atrás tinha um pomar, então uma corda pendurada entre duas árvores e nós nos balançávamos ali, podia imaginar as aventuras, que a gente... Caramanchão e plantação disso, plantação daquilo. Eu tinha um primo, já falecido, que gostava de brincar com a gente e fazia teatrinho de sombras. Ele próprio construía, punha uma vela na frente, contava as histórias, fazia tudo. Então são aventuras de quem não tinha tostões, não é? E como nós não vivíamos em contato com outras (crianças) então...”

Sobre bairros onde moravam judeus: “Na escola, a gente tinha amizades, mas, elas só vigoravam na escola porque a gente não era do bairro e várias (crianças) também não eram do bairro. A escola do Cambuci abrangia gente do Cambuci, da Moóca, do meu lado ninguém, só



nós, o nosso lado realmente não tinha judeus, mas, era o Cambuci que tinha uma comunidade e a escola era embaixo da sinagoga. E até o Ipiranga, que não tinha escola, ia até São Caetano, então abrangia aquele lado da cidade, aquele lado e não o meu lado, o meu lado não tinha judeus.”

Hana “tenta levantar uma hipótese” do porquê a sua família não se estabeleceu no Bom Retiro: “(...) tenho a impressão de que também não gostariam de ter morado lá, todo mundo mete o nariz na vida do outro, ou é uma sensação de que se mete o nariz, não posso dizer que é verdadeira, mas, enfim, é uma proximidade muito maior... O meu pai, eu sei que, quando chegou junto com meu tio, ele na última hora foi agregado ao meu tio, quando eles chegaram, em algum momento ou mais do que um momento, moraram em pensões da rua Asdrúbal do Nascimento. É perto do Largo São Francisco, no comecinho da 23 de Maio. Antigamente, não tinha essa aparência porque tinha casas ali, eles moravam em pensão.”

“Então, eles já não estavam no Bom Retiro. Eu tenho a impressão que uma boa parte dos conhecidos deles, nunca ouvi falar de pessoas que apareciam nas fotos que, na (minha) infância, eram os contrerrâneos, que eu ainda me lembro de terem vindo na minha casa, eu não me lembro que nenhum deles morou no Bom Retiro. Devem ter ido para a Vila Mariana e outros lugares e outros bairros, mas não Bom Retiro. Talvez eles não tivessem um vínculo imediato de cidade, diretamente com gente... que se tivesse gente, contrerrâneos que morassem no Bom Retiro... E não esquecendo que meu pai chegou com vinte anos, que é que ele sabia? Quem é que ele procurou? Ele tinha o apoio do cunhado, um ao outro, não é?”

“E mais uns dois ou três amigos que aparecem em fotos, tenho até uma que está aí fora, está aí em cima do piano, depois te mostro. Então essas pessoas não tinham a ver com o Bom Retiro. No Bom Retiro, eles, provavelmente, iam buscar mercadoria para vender, talvez, o Bom Retiro os assustasse, eu não sei. Simplesmente, eles não foram, nenhum deles foi. Depois, o meu tio e o meu pai, quando penso que conseguiram juntar algum dinheiro compraram uma casa, lamentavelmente não puderam manter, na Rua José Maria Lisboa. Imagina se eu tivesse morando na José Maria Lisboa, aqui nos Jardins, não é?”

“Então moraram lá e depois quando não conseguiram, acho que... Eles abriram uma alfaiataria que não deve ter dado certo na Rua Vergueiro, então quando tiveram que se desfazer da casa, meu pai conseguiu alugar lá na Martiniano de Carvalho, onde eu morei a vida toda. Meu tio, acho que, morou em algum lugar na Consolação e depois ainda piorou o padrão e ele foi





morar em quarto de pensão com todos os móveis que possuía empilhados. Essa é a lembrança de eu ter ido alguma vez ali, na rua Condessa de São Joaquim. É mais ou menos perto...”

Sobre a família do tio: “O meu tio quando veio para o Brasil, veio para poder trazer a esposa e o filho que já tinha lá. Depois teve mais um filho e depois, meio por acaso, uma filha já temporã deles. Minha mãe contava que, quando a minha prima tinha um pouquinho menos de um ano de diferença em relação a mim, no dia em que ela nasceu, teve que dar o meu carrinho para ela, eles não tinham nada! E também nem o dinheiro para o carrinho, então foi o carrinho de uma para a outra. Minha primeira boneca, eu me lembro de ter ganho aos cinco anos, a primeira boneca, a segunda eu ganhei aos seis anos. Como eu ganhei a segunda aos seis, a segunda eu tive que dar para minha prima que não tinha nenhuma. Era a situação. Agora porque não foram para o Bom Retiro, não sei, não tenho base. Não teria nem como dizer alguma coisa mais concreta, mas havia judeus em outra partes.”

“Um primo do meu pai foi morar lá na Penha, eu sempre soube deles na Penha. A Penha é um bairro que já tinha mais gente. Mas, quem acabou conhecendo mais um, aqui ou ali, ou encontrou uma moradia adequada, aqui ou ali, e foi morar em outro bairro.”

### Síntese dos relatos

As histórias de vida dos pais das entrevistadas mostram que, quanto ao item escolha da cidade de imigração, dos oito casais, quatro foram inicialmente para outras cidades e outros quatro se fixaram diretamente em São Paulo. Entre aqueles que foram para outras cidades, tem-se a seguinte escolha, um foi para Recife, um para Salvador, um para São João del Rey, Estado de Minas Gerais, e um para Piracicaba, interior do Estado de São Paulo. Na maior parte dos casos, tanto a escolha da vinda para São Paulo, quanto a da emigração para as referidas cidades ocorreu em razão do imigrante já ter algum parente na localidade.

Entre aqueles quatro imigrantes que se fixaram em diversas cidades, tem-se uma diversidade grande de histórias. Assim, os pais que haviam se estabelecido, inicialmente em Recife, migraram com os filhos para São Paulo, em 1934; dos pais que haviam imigrado para Salvador, a mãe, quando fica viúva, se mudou para São Paulo, para estar perto dos filhos, no início da década de 80. Os pais que haviam optado por São João del Rey, migraram com os



filhos para o Rio de Janeiro, onde ficaram por quatro anos, tendo retornado para São João del Rey. Alguns anos após a *alyá* de dois dos seus filhos, quando já estavam com bastante idade, esse casal decidiu emigrar para Israel, em 1965. Apenas uma filha desse casal, Rosa, permaneceu em São Paulo, para onde havia se mudado desde o seu casamento, em 1943. Quanto aos pais que tinham ido para Piracicaba, ficaram pouco tempo nessa cidade, seguiram para Paraguaçu Paulista e, posteriormente, para Presidente Prudente – onde moraram por aproximadamente vinte anos – e, finalmente, mudaram-se em caráter definitivo para São Paulo.

Considerando-se os seis pais e uma mãe imigrantes, que, diretamente ou não, vieram para São Paulo, tem-se a seleção dos seguintes bairros, isto é, em algum momento, esses imigrantes residiram em alguns desses bairros ou avenidas: Pinheiros, Jardins, Bom Retiro, Cambuci, Vila Mariana, Brigadeiro Luiz Antônio, Bela Vista e Higienópolis. Observe-se agora o número de referências que são feitas por bairro, tem-se que: Pinheiros, uma vez; Jardins, quatro vezes; Bom Retiro, duas vezes; Cambuci, uma vez; Vila Mariana, uma vez; Bela Vista, uma vez; Higienópolis, uma vez.

Como esses bairros poderiam ser classificados? Considerando-se a origem étnica dos seus moradores e o seu poder aquisitivo, a partir das histórias de vida coletadas, tem-se que, nos bairros de maior poder aquisitivo, tais como, Pinheiros e Jardins – “onde (neste último) residia gente de nível melhor” –, as filhas referem-se a vizinhos “brasileiros”, o que significa, provavelmente, pessoas portadoras da cultura luso-brasileira e descendentes de italianos, de sírios-libaneses, judeus de língua alemã, e alguns poucos judeus provenientes da Europa Oriental. O bairro de Higienópolis que também pode ser inserido nessa categoria, apareceu muito tarde no cenário dos deslocamentos entre os bairros, em uma época em que as filhas, muito envolvidas com os seus afazeres, observaram muito pouco do que viram à sua volta e, assim, praticamente, não há relatos sobre este bairro.

Nos bairros habitados por moradores de menor poder aquisitivo, tem-se o Bom Retiro, onde se concentravam em maior número os judeus da Europa Oriental, e descendentes de italianos, imigrantes lituanos e poloneses. Na Bela Vista, moravam os descendentes de italianos, poucos judeus, e negros pobres. No bairro do Cambuci, a maioria dos vizinhos era *goyim*, isto é, não judeus, provavelmente “brasileiros”, e descendentes de italianos. No bairro de Vila Mariana “tinha judeus”, não havendo referências a outros grupos de moradores, o que pode ser indicativo de que a família se relacionava apenas dentro do grupo étnico.





Quanto às demais cidades, tem-se que, em todas habitavam algumas famílias judias, assim Edna se refere a cerca de seis famílias judias em Presidente Prudente, Rosa a onze famílias judias em São João del Rey, Annie comenta sobre duas famílias judias vizinhas, que moravam no mesmo edifício, e no fato de ter feito o antigo curso primário em uma escola judaica, o que indicaria a presença de uma coletividade judaica; e Célia migrou de Recife com cinco anos de idade, não tendo recordações sobre isso.

Considerando-se que os Jardins são referidos quatro vezes, seguido de duas pelo Bom Retiro, e uma vez cada bairro, é possível levantar a seguinte indagação, esse dado seria um indicativo de ascensão social das famílias imigrantes? Provavelmente sim, uma vez que nenhum dos imigrantes se estabeleceu diretamente nos Jardins, todos eles passaram por outros bairros e, até mesmo, por outras cidades (brasileiras) antes, tendo os Jardins se configurado como a etapa final de sua trajetória no que diz respeito a moradia e, certamente a ascensão social.

Quanto ao item ocupação dos pais, tem-se que, dos oito homens imigrantes, pais das entrevistadas, sete começaram a trabalhar aqui no Brasil como mascates, e apenas um como guia turístico, pois “sabia várias línguas”, ou em qualquer outro “negócio”, segundo Clara, a sua filha. Dos sete que trabalharam como mascates, seis vendiam cortes de tecidos e um era mascate-artesão, isto é, ele batia de porta em porta, recolhendo relógios para consertar. O passo seguinte dos entrevistados apresentou uma diversidade maior, dos oito homens imigrantes, três abriram lojas, um abriu uma oficina de conserto de relógios, um deu início a uma alfaiataria, um começou uma firma de exportação e importação, um foi trabalhar em um açougue, e um permaneceu mascate. Dos três que abriram lojas, um tinha uma loja de tecidos, um tinha uma de roupas e tecidos e de “tudo um pouco”, um possuía um armarinho de roupas, de linhas, de *corbeille* para cemitérios. Essa diversidade de produtos vendidos nas duas últimas lojas deve-se ao fato de que, provavelmente, essas duas lojas se localizavam, respectivamente, no interior do Estado de Minas Gerais e de São Paulo, enquanto que a primeira loja em Recife. Vale a pena assinalar que, no caso do imigrante de Minas Gerais, é a sua mulher quem trabalha na loja, pois ele prosseguiu trabalhando como mascate. O imigrante do Estado de São Paulo, quando se mudou para outra cidade, no mesmo Estado, substituiu o tipo de loja por outra, isto é, abriu uma loja de móveis.

Os imigrantes prosseguiram na luta pela melhoria das suas condições de vida e, assim, tem-se que, dos oito homens, cinco tinham lojas, um passou a trabalhar com o mercado de capitais,



um se tornou fornecedor de ternos prontos, aviamentos e peles, um permaneceu trabalhando como mascate. Observa-se houve um crescimento do número de proprietários de lojas em comparação com o momento anterior.

Dos cinco imigrantes que tinham lojas, tem-se que, alguns mudaram a sua posição no ramo, um mudou-se para São Paulo, tendo se tornado o comprador da loja que manteve em sociedade com os irmãos, um prosseguiu com a loja em São João del Rey, um mudou-se de Presidente Prudente para São Paulo, tendo continuado por algum tempo a sua ligação com a loja, em seguida, abriu uma fábrica de estofados que não deu certo e, por fim, foi trabalhar na loja de uma família conhecida; um, que tinha uma oficina de conserto de relógios, ampliou os negócios, passando também a vender jóias populares; e, finalmente, um passou a ser sócio do açougue onde trabalhava, depois, sócio de uma fábrica de bonés, o que também não deu certo e, em seguida, proprietário de um bazar, trabalhando com a esposa e, por fim, abriu uma oficina de confecção de roupas de crianças, cortando o tecido e costurando, enquanto a esposa trabalhava como representante comercial, isto é, ia nas lojas, com o mostruário da oficina, para conseguir encomendas.

Quanto à ocupação das mães das entrevistadas, das oito mulheres imigrantes, tem-se que quatro trabalhavam e quatro não trabalhavam. As quatro que trabalhavam, se ocupavam da seguinte forma, uma cuidava da loja que tinha junto com o marido, uma era representante comercial da oficina de confecção que tinha com o marido, ocupando-se da parte de vendas, uma trabalhou no mercado de capitais junto com o marido e, mais tarde, abriu, somente por algum tempo, uma pequena loja de presentes com uma amiga e, finalmente, uma fazia serviços eventuais de costura, consertos, em casa, ajudando o marido que trabalhava como fornecedor de ternos. É interessante observar que o trabalho das quatro mulheres estava, em grande parte, relacionado de uma certa forma com as atividades dos maridos. Das oito mulheres, apenas uma trabalhou, assim que chegou, numa fábrica de bolsas. Essa é aquela que, mais tarde tornou-se representante de vendas.





## 10. Comparação dos dados

### Pais, trabalho e moradia na Cidade de Nova York e em São Paulo

Ao se comparar as informações das filhas, estabelecidas na cidade de Nova York, com as informações das filhas, residentes na cidade de São Paulo, sobre os seus pais quanto aos itens trabalho e moradia, observa-se várias diferenças. Em primeiro lugar, a maioria dos pais imigrantes do primeiro grupo se dirigiu diretamente para a cidade de Nova York, havendo apenas a migração temporária de uma família para Cincinnati, retornando depois para Nova York, enquanto que os pais imigrantes do segundo grupo se fixaram, inicialmente, em cinco cidades diferentes, uma das quais São Paulo, que recebeu de imediato a metade dos imigrantes. Em seguida, observa-se a migração interna, por diferentes razões, dos imigrantes que haviam se fixado inicialmente em outras cidades com exceção de São Paulo. Dessa forma, dois casais mudaram-se para São Paulo, um casal migrou, por um certo tempo, para o Rio de Janeiro, tendo retornado para São João del Rey e uma viúva mudou-se de Salvador para São Paulo, vindo ao encontro dos filhos que já estavam aqui estabelecidos. Entre esses quatro casais, houve, até mesmo, a emigração de um casal para Israel.

O segundo ponto a ser considerado diz respeito à moradia. A princípio, há algo em comum entre os dois grupos de imigrantes, no sentido de procurar alugar um quarto na casa de uma família também judia ou até mesmo uma cama, ou ainda um quarto em uma pensão, logo após a chegada ao país. Entretanto, a diferença tornou-se rapidamente muito grande. No caso dos imigrantes na cidade de Nova York, a maior parte residiu em bairros de trabalhadores e, mesmo, quando conseguiram mudar-se para um outro bairro, tratou-se apenas de um bairro “um pouco melhor”, no dizer das próprias entrevistadas. As duas exceções referem-se à família que mudou-se para Long Island, um bairro de classe média, e à família que viveu em Far Rockway, um bairro de trabalhadores de colarinho branco. No caso dos imigrantes residentes na cidade de São Paulo, observa-se uma diferenciação muito grande entre o primeiro bairro onde moraram e o último, no sentido de que neste moram pessoas de um poder aquisitivo muito maior, o que significa, que houve, provavelmente uma ascensão social mais rápida dos imigrantes estabelecidos no Brasil do que dos imigrantes nos Estados Unidos.



Certamente que tudo isso tem a ver com o processo de urbanização brasileira, que expressa a grande desigualdade social existente no país. Assim, um mesmo bairro pode conter moradias, muitas vezes, esparsas na época, de classe média, média baixa, lado a lado, com cortiços e favelas. De forma diferente, na cidade de Nova York, a grande concentração de trabalhadores levou a uma densidade demográfica muito elevada, prédios de cinco andares, um vizinho ao outro, em que moravam muitas famílias, de modo que, o estilo de vida dos seus moradores era muito semelhante entre si. Assim, compreende-se quando uma das imigrantes, quando criança, pensava que “todos eram pobres”.

Um outro ponto a ser considerado diz respeito à composição étnica da população das duas cidades. A cidade de Nova York apresentava, na época, e ainda apresenta nos dias de hoje, uma grande variedade étnica, expressa em bairros em que predominam grandes concentrações homogêneas de um único grupo. Os imigrantes judeus concentraram-se em grande número no Lower East Side, em parte do Brooklyn, do Bronx, do Harlem e em Washington Heights, lugares onde se distribuíram os pais das entrevistadas, mesmo aqueles que, posteriormente, mudaram-se para Long Island e Far Rockway. Essa homogeneidade étnica levou a uma das filhas dos imigrantes a afirmar que pensava que “todos eram judeus”, e ao mudar-se para Long Island, essa mesma entrevistada compreendeu, então, que havia vivido em um “casulo judaico”.

Na cidade de São Paulo não havia uma diversidade étnica tão grande e, nem também uma concentração etnicamente homogênea de um único grupo. Mesmo o bairro do Bom Retiro, que abrigou de início muitos imigrantes judeus, não foi o único a recebê-los e nem sequer os judeus constituíram o único grupo étnico presente no bairro. Além desses, as filhas dos imigrantes estabelecidos no Bom Retiro, referem-se aos italianos e seus descendentes, aos lituanos e poloneses e “brasileiros”, isto é, os portadores da cultura luso-brasileira ou, em alguns casos, os não judeus. Os imigrantes judeus estabeleceram-se também no Cambuci, na Bela Vista, na Vila Mariana, em Pinheiros e nos Jardins, onde se distribuíram os pais das entrevistadas durante um certo período de tempo. Dessa forma, a ausência de homogeneidade étnica levou os imigrantes judeus e suas filhas a contatos, desde o início, com outros grupos étnicos.

Quanto à questão do trabalho a diferença entre a colocação dos imigrantes em ambos os países é muito grande. Na cidade de Nova York, a maior parte dos imigrantes, homens e mulheres, começou a vida como operários na indústria de confecção. Na cidade de São Paulo e nas demais referidas, todos os homens imigrantes começaram a trabalhar como mascates. Quanto





às mulheres imigrantes que vieram para São Paulo e para outras cidades brasileiras, pode-se afirmar que grande parte não trabalhou, tendo permanecido como donas de casa, e aquelas que trabalharam o fizeram em atividades ligadas ao trabalho dos maridos.

Na cidade de Nova York, poucos imigrantes deixaram de ser operários e, quando o fizeram, tornaram-se empregados dos correios, de agência de seguros, gerente de restaurante e, apenas um tornou-se proprietário, juntando o trabalho da mulher e dos filhos, de uma oficina de confecção e, mais tarde, de uma pequena loja de roupas prontas. A maioria das mulheres permaneceu nas fábricas e oficinas ou costurando em casa, com apenas duas exceções, uma se tornou guarda-livros e a outra, corretora da bolsa.

Na cidade de São Paulo e nas outras já referidas, onde os oito homens imigrantes se estabeleceram, apenas um permaneceu trabalhando como mascate. A maior parte desses imigrantes passaram a lojistas e proprietários de oficina de confecção e de estofados. Certamente que essa diferenciação tão grande entre os dois países no que se refere à ocupação profissional, deve-se a diferentes momentos da industrialização. Nos Estados Unidos, a industrialização é muito mais antiga, e os judeus da Europa Oriental imigraram em massa para trabalhar na indústria de confecção, localizada na Cidade de Nova York. No Brasil, a indústria estava se iniciando e havia a necessidade daquele que fizesse o papel de intermediário, ou seja de comerciante. É esse espaço que o judeu imigrante vai ocupar e, mais tarde, também aquele de proprietário de oficinas de confecção.



## 11. O encontro da Europa Oriental Judaica com as Américas

Como ocorreu o encontro da Europa Oriental Judaica com as Américas? Quais foram as manifestações desse encontro de diferentes culturas? De um modo geral, o imigrante ao deixar o seu país, leva consigo uma carga cultural que, de um lado, permite-lhe conservar os laços com a sua localidade de origem e, do outro, essa mesma carga cultural leva à recriação de aspectos da cultura do imigrante, possibilitando a sua integração na sociedade receptora.

Como se manifesta o Judaísmo da Europa Oriental nos Estados Unidos, especificamente na cidade de Nova York, e no Brasil, focalizando a cidade de São Paulo, em termos da sua prática religiosa, dos seus valores e estilo de vida?

Essa abordagem do processo de imigração como um todo contínuo permite ver a migração como um processo integrado e não mais dividido em partes estanques. Um indicativo dessa perspectiva foi a presença e persistência da rede de relações sociais e a existência de associações que uniam as Américas à Europa Oriental Judaica. Somente com o Holocausto é que ocorrerá a ruptura dessa ligação, quando “tudo de onde eles vieram se foi.”

## 12. Na Cidade de Nova York

As lembranças que as filhas conservam das vilas e das cidades da Europa Oriental foram construídas a partir dos relatos que ouviram ao longo de sua convivência com os seus pais. São histórias narradas pelos imigrantes ao longo do seu processo de adaptação no Brasil e nos Estados Unidos. As filhas ao relatar as histórias vividas por seus pais o fazem com os olhos de hoje, isto é, a partir da sua inserção atual na sociedade. Vários fatores entram, dessa forma, na construção das memórias sobre os *shtetln* e sobre as cidades de população judaica da Europa Oriental.

**Roberta**





A mãe de Roberta chegou nos Estados Unidos, em 1905, aos 10 anos de idade, procedente de Nowy Sacz, Polônia. Apesar da mãe de Roberta ter chegado aos Estados Unidos, já com essa idade, ela contou “muito pouco” sobre a vida em Nowy Sacz. Segundo Roberta, “Era uma coisa para, principalmente, se esquecer. Mas, eu sei que eles eram muito pobres. Ela falou de mulheres que trabalhavam, trazendo produtos para o mercado enquanto os homens estudavam. Era uma família extremamente pobre e as coisas não melhoraram tanto, quando eles aqui chegaram”.

Essa recusa da mãe de Roberta em relatar as suas lembranças da infância em Nowy Sacz pode ter a ver com o fato de ter imigrado ainda criança e de ter frequentado escola assim que chegou, “ela falava sem nenhum sotaque”. A socialização do imigrante ainda criança, leva-nos a repensar a sua classificação enquanto primeira geração. O melhor critério seria, talvez, considerá-lo enquanto uma geração intermediária, entre a primeira e a segunda geração.

O pai de Roberta nasceu em Londres, em 1900 e imigrou com família para os Estados Unidos, em 1914. Os seus pais vieram da pequena vila de Trzebos, na Polônia.

Roberta recorda-se dos avós maternos na Cidade de New York, “A minha avó faleceu em 1932, quando eles já tinham se mudado do South Bronx para o East Bronx. Outra vez uma vizinhança muito, muito judia, de baixa renda, muito judia. O meu avô costumava ir a um daqueles *shtiebel*, era como uma loja de frente para a rua, um *shul*. Eu me lembro das ruas e de todas as pessoas com quem ele se relacionava. Lembre-se a cidade não era Hassídica, assim eles não tinham *peyes*. Mas, eles eram todos muito, muito *frum*, a vida girando em volta do *shul*, velas, esse tipo de coisa. A minha mãe falava como a casa cheirava bem na sexta-feira à noite. Ela sabia que era *Shabbos* por causa do cheiro do *challah* sendo assado. Eu penso que eles não tinham contato algum com americanos, com pessoas assimiladas. Assim, eles viveram essa vida tão isolada, que eles trouxeram da Europa para a América”.

Roberta compara a vida dos seus pais e a dela com a dos outros judeus: “A grande diferença entre a minha vida e a de outras pessoas, eu penso, é que os meus pais eram muito, muito ansiosos para se livrar de tudo isso, para se assimilarem, assim eles nunca falavam Iídiche em casa, embora eles entendessem Iídiche perfeitamente. Quando a minha mãe falava com o pai dela, ela sempre falava em Iídiche. Um Iídiche perfeito, assim também o meu pai. Nós nunca



observamos feriado (judaico) algum. No início, a minha mãe observava o *kashruth*, mas, em algum momento, ela parou de seguir os preceitos (relativos à alimentação judaica)”.

À recusa do uso do Ídiche em casa e da prática da religião, soma-se uma outra diferença em relação aos outros judeus conhecidos da família: “Nós tínhamos na nossa casa uma boa biblioteca, o que não era usual entre as pessoas que eu conhecia, os contemporâneos do meu pai. A biblioteca era bem interessante, eles tinham livros sobre os judeus em Inglês, como Spinoza e Ludwig Lewisohn, que era um autor judeu daquele tempo, e Stefan Zweig. Além disso, Bernard Shaw, Jane Austen, Shakespeare, Josephus’s War, Freud. Eles leram todos esses livros. Assim, eles leram todos esses livros”.

Olhando para trás, para a sua vida com os seus pais, diz Roberta: “Dessa forma, a minha vida como uma judia da primeira geração foi uma espécie de meio do caminho, uma terra de ninguém. Na realidade, nós não éramos assimilados. Eles se consideravam americanos. Mas, na realidade, nós não éramos. Nós nunca celebramos *Thanksgiving* (o Dia de Ação de Graças). Nós nunca celebramos o 4 de Julho, especialmente. Nós nunca estivemos interessados nos presidentes<sup>1</sup>. Meu pai nunca se tornou um cidadão. A história é que ele ficou muito indignado com a possibilidade de ter que ficar numa fila e esperar. De um certo modo, foi uma postura socialista, mas, não socialista por atividade. Ele era completamente apolítico em relação ao que ele fez. Ele tentou muito se assimilar”.

A luta do pai de Roberta para se assimilar à sociedade norte-americana foi tão grande que ele impediu a filha de frequentar qualquer organização judaica: “Quando criança, eu queria muito ir no *Talmud Torah* porque todos da vizinhança iam. Nós morávamos em Crotona Park East (no Bronx), que era um pouquinho melhor do que a vizinhança anterior, judaica e de baixa renda. A atual vizinhança era também toda judia e todos iam. Havia um *shul* na outra quadra e todos iam para o *Talmud Torah*. Então eu também queria ir. Meu pai não deixava porque ele não queria que eu pegasse as maneiras dos judeus. Eu não deveria gesticular com as minhas mãos. Ele se preocupava muito com isso. Mas, certamente, eu tenho um sentimento completamente diferente sobre isso agora do que eu tinha então. Porque eu sei que eles cresceram aqui, numa

<sup>1</sup> O *Thanksgiving*, o 4 de Julho, e os aniversários dos presidentes Lincoln e Washington, comemorados em um único dia, fazem parte do conjunto de práticas e crenças que formam a religião civil norte-americana (Gamoran, Adam. “Civil Religion in American Schools”. In: *Sociological analysis*, 51:3, 1990).





época em que os Estados Unidos eram anti-semita e eu penso que isso deve ter afetado eles de alguma forma. Isso deve ter sido em 1935, 1937”.

Roberta descreve a atmosfera anti-semita daquela época: “O Padre Coughlin fazia discursos, ele era um padre católico que pregrava um terrível anti-semitismo no rádio. Os camisas negras, a Liga Germânica (the German Bund) era ativa em New York e panfletos anti-semitas eram colocados por baixo da nossa porta, leiteratura anti-semita distribuida por baixo da porta. Eu lembro de ter visto isso.”

Quando o pai de Roberta trabalhava como representante comercial, a viagem para outros Estados era dificultada pelo anti-semitismo. “Ele tinha um problema quando ele costumava viajar para eles porque o seu nome era Greenfield, o que soava muito judeu. Ele não conseguia hotéis no Arizona, eu acho, ou em Nevada. Então, o seu patrão, que não era judeu, telefonava e fazia a reserva para ele. O nome do meu pai era Irving Greenfield e, soava tão judeu e, era judeu. Eles adivinhavam que ele era judeu e não o queriam no hotel. A família toda era Greenfield ou Greenfeld e eu imagino que, na Europa, deve ter sido Grunfeld.”

“Naquele tempo – prossegue Roberta - eles estavam tentando fazer de conta que não eram judeus. Por outro lado, a minha avó faleceu em 1932 e o meu avô se casou novamente em uma família cujos filhos eram um pouco mais judeus, tinham interesses e um comportamento mais judeu do que a minha família. Assim, nós continuávamos ainda um pouquinho imersos nesse mundo, mas, eu era uma *outsider* nele. Minha família era *outsider* nele. Nós nunca fomos ao *schul*, e por outro lado, nós nunca participamos de coisa alguma judaica secular porque nós estávamos nos assimilando. Assim, eles não queriam pertencer ao *Workmen's Circle* ou a qualquer outra coisa que tivesse a ver com a vida judaica secular. Então, eu sempre senti uma falta, na realidade, uma falta de algum tipo de raízes porque nós não éramos tão assimilados quanto nós pensávamos ser”.

## Jane

Foi de “Dasak, uma pequena cidade, na Ucrania, perto de Kiev”, que veio a mãe da Jane, em 1922, com 9 anos de idade. Ela contava que o seu pai havia sido “um bem sucedido dono de moinho (...) e de como as empregadas tomavam conta dela quando ela era pequena”.



Infelizmente, o comunismo não acabou com os pogroms, como a família esperava e, num deles, “ela quase foi morta”.

“Eles realmente pensavam que quando o Czar fosse derrubado, as coisas ficariam melhor sob o governo comunista e por isso eles ficaram na Rússia. Eles somente vieram em 1922 porque eles pensavam que as coisas iriam melhorar. Assim, eles eram mesmo judeus muito seculares.”

A saída deles da Rússia parece uma história de “mistério”, diz Jane. “Eles levaram um ano para chegarem aqui e minha mãe contou como eles escaparam, viajando de cavalo e de carroça. Eles tiveram que subornar pessoas e minha avó estava grávida da minha tia Ruthie, quando eles partiram e chegaram em Bucareste, na Romênia. Minha tia Ruthie sempre disse que ela era romena porque ela nasceu na Romênia, no caminho, você sabe. Minha mãe contou-me sobre as coisas que aconteceram, como eles tiveram que atravessar um rio e seus sapatos ficaram rotos e as pontas dos seus dedos ficaram congeladas. Então, ela teve problemas com uma perna, ela foi para o hospital em Bucareste e eles disseram ao meu avô que a perna teria que ser amputada. Mas ele disse, não, eu prefiro vê-la morta. Mas de algum modo ela sobreviveu, a perna sobreviveu e ela não teve mais problemas. A minha tia Gertie, que eu lembro de criança, eles costumavam chamá-la Gietel, sofreu de algum tipo de cegueira provocada pela neve no caminho da Rússia para Bucareste, então, eles costumavam chamá-la de a cega, mas ela ficou boa e eles chegaram neste país. E eles era muito pobres, mas, eles tinham alguns parentes aqui. Por fim, todos vieram.” Sobre o pai de Jane, a única informação é que ele teria vindo da Polônia.

Jane supõe que os avós maternos “eram sionistas” porque “quando criança, eu não tinha conhecimento do ser judeu como uma religião. Mas, eu me lembro de que quando o Estado de Israel foi fundado, eu lembro que eu corri ao redor de uma bandeira, assim, eu penso que eles eram sionistas”. Em um outro momento da entrevista, após ter explicado que o “mundo todo era judeu, falava iídiche e fazia coisas judaicas no sentido cultural”, ela acrescenta que, “O meu avô lia o *Freiheit*, que era o jornal comunista iídiche. Eu quero dizer que ele não lia o *Forvest* ou *Der Tag*, ou qualquer outro”.

Para Jane, a sua mãe foi uma pessoa “excepcional”. Como já foi dito, os seus pais se divorciaram muito cedo e o seu pai “desapareceu” de sua vida. A admiração pela sua mãe transparece na entrevista: “A minha mãe contou-me bastante sobre a sua vida. Ela era uma





escritora, ela escreveu sobre as suas experiências no pogrom, onde ela ficou retida em algum lugar e quase que alguém a agarra e que os seus pais ficam sem ela. Ela não tinha conseguido fugir com eles, ela havia ficado retida, mas, por alguma razão, ela sobreviveu. Eu não me lembro bem como foi, mas, eu tenho a história que ela escreveu. Ela mesma escreveu a esse respeito e, no seu funeral, nós distribuimos uma cópia para os presentes. Ela faleceu há um ano e meio atrás. Ela foi uma escritora. Na realidade, ela obteve o seu doutorado em sociologia quando ela estava com 65 anos de idade. Minha mãe foi uma pessoa excepcional.”

Antes do seu doutorado, a mãe da Jane já havia obtido o mestrado em inglês e havia ensinado literatura inglesa por algum tempo. Para Jane a ida da sua mãe à escola significava tanto “razões de estudo quanto por ser um outro meio de ganhar a vida.” Ela “tinha duas irmãs, uma ainda está viva, a irmã do meio, que tem quase 80 anos e a irmã mais nova faleceu aos 55 anos de idade, há 25 anos atrás. Eu sou muito ligada às minhas tias”. E ela foi “a única a ir para uma faculdade e se formar e, mais tarde em sua vida, ela fez pós-graduação e obteve o seu título quando já estava nos seus 60 anos.”

“Ela foi mesmo uma lutadora e eu penso que ela fez de mim também uma lutadora, apesar, do meu interesse no judaísmo ter mudado. Eu me tornei muito mais interessada no judaísmo de uma perspectiva religiosa porque eu estava fora daquele casulo, daquele meio onde o mundo todo era judeu e falava iídiche e fazia coisas judaicas do ponto de vista cultural”.

A respeito do relacionamento da mãe com a religião, Jane disse: “Os meus pais nunca pertenceram a sinagoga alguma, talvez por alguns poucos anos, mas, na realidade, eles nunca se envolveram com isso. Meu pai mesmo detestava seu judeu. Na verdade, meu padrasto. Mas, ele me adotou. Ele não era uma pessoa agradável”.

Jane já tinha dito que a família do avô era sionista. Assim, ela confirma essa posição ao contar que a sua “mãe vivia frequentemente em Israel. Porque a minha irmã mais nova, a minha única irmã, que é muito mais nova do que eu, nascida do segundo casamento da minha mãe, nunca viveu dentro daquele casulo (judaico, de fala iídiche). Ela não tinha a mínima idéia do que foi. Ela morou em Israel durante 13 anos e a minha mãe viveu lá por uns tempos. Ela (a mãe)



tinha um apartamento lá, mas, ela nunca aprendeu hebraico, ela nunca foi para o Ulpan.<sup>2</sup> Mas, ela falava iídiche com todo o mundo lá e isso pareceu funcionar para ela”.

## Bea

Os pais de Bea “vieram ambos de um pequeno *shtetl* na Ucrânia, chamado Horchiv (...). Eu acho que é Gorochiv em ucraniano”. Tudo indica que ela se refere à pequena cidade de Gorokhov, na Ucrânia. O pai “veio primeiro para a América, antes da I Guerra Mundial estourar, para escapar do serviço militar obrigatório (...), a minha mãe veio depois da guerra (com um filho pequeno, o irmão mais velho da Bea), provavelmente, em 1920”. Embora os seus pais tenham imigrado adultos, já casados, as informações sobre a vida em Gorokhov são escassas: “Meu pai era, na realidade, um aluno do meu avô materno. Ele não tinha um ofício”<sup>3</sup>. Bea afirma que, “ele sempre gostou de escrever e eu tenho algumas das histórias que ele escreveu. Mas, infelizmente, elas estão em iídiche e eu não leio iídiche, assim, eu apenas as tenho. Talvez, algum dia, alguém as leia e as traduza”.

A filósofa Hannah Arendt explica a razão do ódio violento das populações da Polônia e da Romênia contra os judeus, pelo papel de intermediário exercido por estes entre os grandes proprietários de terra e as classes sem propriedade (Arendt, 1979: 28, 29). No entanto, esse padrão de atitude nem sempre se verificou. É o que mostra a narrativa de Bea: “o meu marido também nasceu na América de pais europeus, que vieram de Lemberg (Lvov, na Galícia polonesa) e a minha sogra era de uma família de Cracóvia ou de uma pequena vila, lá perto. De fato, eu fui visitar o primo do meu marido, o filho da irmã da minha sogra, que durante a guerra de algum modo conseguiu escapar de ser enviado para os campos de concentração. Parece que a minha sogra partiu, deixando duas irmãs e elas casaram-se, ambas, com poloneses não-judeus, policiais, e por isso elas conseguiram sobreviver. Mas, eu penso que, um dos maridos foi morto e que eles tinham um filho mentalmente doente e que teve de ser institucionalizado. O outro eu visitei quando eu fui para Cracóvia, acho que ele é jornalista”.

<sup>2</sup> Programa intensivo para o ensino do idioma hebraico.

<sup>3</sup> A dedicação ao estudo, quer sagrado, quer secular, é o objetivo fundamental do homem. “O sábio – diz o Talmude – tem precedência sobre o rei”. In: Rosten, 1972: 327).





Bea mostra como a ligação dela com o YIVO passa pela sua origem: “Eu sou voluntária aqui duas vezes por semana, às terças e quintas, à tarde. Eu escolhi esta organização porque quando eu quis descobrir mais sobre o *shtetl* dos meus pais, eu vim até o YIVO e consegui algumas informações e fiz, então, uma viagem ao *shtetl* dos meus pais a partir das informações que consegui aqui no YIVO. Eu senti que devia alguma coisa para eles e eu pensei que essa é uma boa organização. Por isso que eu escolhi esse lugar”.

A ligação dos pais com o local de origem aparece na criação de *Landsmanschaften*, associações de imigrantes procedentes do mesmo lugar. As *Landsmanschaften* se tornaram a forma mais popular de organização dos imigrantes da Europa Oriental nos Estados Unidos, no final do século XIX e nos primeiros anos do século XX, da qual participavam milhares de pessoas. Somente a cidade de Nova York contava com cerca de 3.000 *Landsmanschaften* no final da década de 1930. Conforme os seus objetivos, elas se organizavam em sociedades de ajuda mútua, em congregações religiosas e em lojas fraternas. Elas refletiam uma variedade de orientações religiosas e políticas e proporcionavam aos seus membros benefícios materiais, servindo também como local de interação social formal e informal. (Cf. Soyer, 1997: 1,2).

Apesar de não ser esse o seu objetivo, as *Landsmanschaften* funcionaram também como uma instituição que facilitava a adaptação do imigrante à nova sociedade através da incorporação de elementos do Novo Mundo às práticas do Velho Mundo. A narrativa de Bea mostra a junção desses dois aspectos da vida do imigrante. “Havia uma *Landsmanschaft* muito ativa aqui e meus pais eram ambos ativos nela e eles estavam sempre falando do velho país e sempre encontrando os velhos amigos, *landsman*, eles se encontravam regularmente. Eles tinham mesmo uma organização. Eu sempre ouvia histórias de como tudo era maravilhoso no velho país, exceto que se era muito maravilhoso porque eles quiseram sair de lá. Mas, a fruta era melhor, os morangos, você sabe, tudo era melhor. E eles também costumavam participar de uma porção de atividades sociais, teatro, encontros, palestras. Eles tinham uma sociedade beneficente. Era mesmo muito bom, aqui na Cidade de Nova York”.

A *Landsmanschaft* se constituiu num ponto de apoio ao imigrante, fornecendo aos seus membros benefícios, tais como, cuidados médicos, empréstimos e enterros, enfim o apoio material e emocional necessário à sua adaptação. É o que se depreende das palavras de Bea: “As



*Landsmanshaften* providenciavam todos os tipos de ajuda. Elas providenciavam atendimento médico porque eles tinham um doutor contratado para cuidar de todas as necessidades médicas, assim, se alguém ficasse doente, nós íamos ao Dr. Grossman e ele vinha e cuidava da gente. O Dr. Grossman salvou a minha vida e a do meu irmão porque ele teve uma apendicite. Ele veio e diagnosticou imediatamente e tudo isso fazia parte dos benefícios da *landsmanshaft*. Eles tinham também uma associação que emprestava dinheiro sem juros, e se as pessoas precisavam de dinheiro, elas recebiam um empréstimo e elas pagavam de volta assim que elas pudessem. Elas eram organizações maravilhosas, maravilhosas”.

“Esse doutor, eu penso que ele era um imigrante da Rússia ou da Polônia e, quando ele veio para esse país, ele trabalhou numa fábrica e estudou à noite para se tornar médico e ele se tornou um doutor. Quando uma criança nascia, você tinha que lhe dar algum nome. O meu nome veio de alguém chamado *Boscha*, assim minha mãe disse Bessie, mas, ele disse, *oh, não, você tem que escolher um nome melhor* e ele chamou-me Beatrice, e quando a minha tia teve filhos, ele escolheu os nomes de todos eles. Um dos meus primos foi chamado Efrem, de *Froyim*, ele deu-lhe o nome de Efrem, o outro ele chamou Gabriel”.

Por trás dessa questão do nome aparece, além da tradição entre os judeus Ashkenazim das crianças receberem o nome de parentes já falecidos, o problema da americanização. Diz Bea: “Eu diminui o meu nome para Bea. Eu não gosto do diminutivo Beattie, como os meus amigos costumavam me chamar quando criança, eu nunca gostei desse nome. Mas, quando a minha mãe e o meu pai tinham uma loja de confecções, eles a chamaram de *Betty's Dress*, eles deram o meu nome. Mas, naquele tempo, eu tinha uma prima que se achava muito americanizada e ela influenciou os meus pais para darem à loja o nome de Betty”.

A respeito da prática religiosa dos seus pais: “Meus pais não eram religiosos, mas, a minha mãe observava o *Kashruth* e também todos os feriados. Quando era *Pessach*, todas as coisas eram *Pesadick* (*Kosher* para *Pessach*). Eu ia para a escola de manhã e vinha para o almoço e todas as coisas eram diferentes, o cheiro era de *Pessach*. A minha mãe e o meu pai tinham que manter a loja aberta aos sábados porque era o dia mais movimentado, era quando as pessoas vinham para comprar roupas e a minha mãe e o meu pai diziam em iídiche, *Parnusse*, é permitido”.



“O meu pai era socialista, ele ia na sinagoga duas vezes por ano, para *Rosh Hashanah* e *Yom Kippur*. A sinagoga em que ele ia era muito grande e tinha um *chazan* muito caro, ele não ia nessa parte, ele ia na parte de baixo, descendo as escadas, ele ia para o *Beth Midrash*, a casa de estudos. Lá, eles não tinham um *chazan* muito caro e nós não tínhamos bastante dinheiro. Mas, além disso, o meu pai não gostava do *show* (do espetáculo). Ele não gostava de coisa alguma que fosse ostentação, qualquer coisa que fosse superficial, assim, nós íamos na parte de baixo. Eu gostava muito de ir na sinagoga e sentar-me perto dele quando ele e os outros homens estavam *davening* (rezando). O meu pai usava um *tallis* grande e bonito que o cobria. Eu adorava tudo isso, a música e o canto, e sentar-me perto dele já era maravilhoso. Eu não acho que o meu irmão ia. Mas eu adorava sentar-me perto do meu pai”.

As atividades culturais: “A minha mãe ficava na loja a maior parte do tempo. O meu pai me levava para os museus de arte, de história natural, e ele me levava para todos esses lugares. E no verão, nós costumávamos ir aos concertos do *Goldman Band* no *Central Park* e no verão, nos domingos, quando estava devagar na loja, os meus pais fechavam a loja e nós íamos para o *Central Park*. Isso era quando o parque era seguro de noite e naquele tempo era maravilhoso. Os concertos do *Goldman Band* eram muito bons”.

As lembranças de Bea, ao falar de seus pais, seguem um ir e vir do Velho Mundo para “a América” e vice-versa, movimento semelhante ao encontrado na fala das outras entrevistadas. Esse movimento da memória decorre do procedimento de pesquisa empregado, no qual o entrevistado narra ou dialoga com o pesquisador, relatando as suas lembranças conforme as associações que elabora livremente.

## Jo

O pai de Jo nasceu em Odessa, na Rússia, tendo imigrado para os Estados Unidos em 1903, “um pouco mais velho” do que a mãe, nascida em Slonim, “uma cidade não muito longe de Grodno, uma cidade que às vezes pertencia à Rússia e outras vezes à Polónia”, e que chegou em 1902 com 20 ou 21 anos de idade. A respeito da família paterna, conta Jo que a sua avó morreu de parto e, assim, o seu pai nunca viu a verdadeira mãe. O avô casou-se novamente e o pai foi



criado pela madrasta, juntamente, com seus irmãos biológicos e com os irmãos por parte do segundo casamento.

“O meu avô era guarda-florestal em Odessa, cortava e cuidava das árvores da floresta. O meu pai, contudo, e eu estou bem certa que as minhas histórias são muito diferentes daquelas que você já ouviu, era um jovem rapaz muito rebelde. Ele foi trabalhar em uma fábrica com quase 9 anos de idade e se tornou um anarquista. Ele se tornou tão envolvido com todo o movimento anarquista que deixou a Rússia, trocou de nome e foi para a Inglaterra. Eu acho que ele fugiu da Rússia, escondido. E eu imagino que ele não tivesse muita ligação com a sua família. Ele manteve contato apenas com uma irmã. Ele era um rebelde e o movimento anarquista significou mais para ele do que qualquer outra coisa. Um tipo de pessoa muito diferente, eu suponho”.

Dessa forma, o pai de Jo não emigrou da Rússia diretamente para os Estados Unidos. “Ele foi para o East End de Londres, onde se envolveu com o movimento anarquista da cidade. Naquele tempo, o movimento anarquista era constituído de muitos italianos e muitos judeus. Uma das coisas mais interessantes sobre o meu pai é que ele nunca ouviu uma palavra em iídiche em Odessa. Eles falavam russo lá. E como ele não foi para o *cheder* porque ele se recusou, ele sabia apenas um pouquinho de hebraico. Ele aprendeu o seu iídiche de um homem chamado Rudolph Rocker, que foi muito famoso no movimento anarquista. Rocker era um cristão da Alemanha, que falava iídiche fluentemente. O meu pai ficou um número de anos no movimento anarquista, na Inglaterra, até que ele veio para a América”.

A mãe de Jo, por outro lado, “veio de um mundo muito diferente. O seu pai era um professor, que viajava bastante. Você sabe, mesmo não sendo uma cidade muito boa, era uma cidade grande. Contudo, a fim de ganhar o sustento, os judeus tinham que ir de um lugar para o outro. Ele ficava um longo tempo fora de casa. A mãe teve um número de filhos que não sobreviveram. Entre aqueles que sobreviveram, havia uma irmã 16 anos mais velha, e um irmão que era um ano mais novo do que ela. E eles eram uma família muito, muito próxima”.

Jo não tem muita certeza se a mãe trabalhou em Slonim, “pode ser que ela tenha feito algum *designing*. Você sabe Slonim não era uma cidade muito pequena. Eu acho que ela teve alguns trabalhos lá, além de trabalhar em casa com a mãe. Eu não sei que tipo de trabalho ela fazia lá, só sei que ela passava um bom tempo com a sua família”.





“A família em Slonim era bastante grande e a minha mãe saiu de lá em 1902. Quando ela veio para a América, ela deixou a irmã, irmão, sobrinhas e sobrinho. Eu penso que, refletindo agora em todas as coisas que a minha mãe me contou, na realidade em duas, eu penso que ela tinha uma curiosidade intelectual que ela não poderia satisfazer lá como judia e, também, ela se rebelou contra qualquer tipo de vida religiosa. Ela era uma socialista e ela veio para cá em 1902. O meu pai veio em 1903 e eles se encontraram aqui”.

Jo se recorda de algumas “histórias maravilhosas” que mostram o envolvimento da sua mãe com a família em Slonim. “Na minha casa havia sempre uma fonte de atrito. Nós tínhamos uma caixa na minha casa chamada de caixa de Slonim, todas as roupas, todo o material que nós tivéssemos naquela caixa ia para Slonim e nós tínhamos fome, nós não estávamos morrendo de fome, mas, nós não tínhamos dinheiro algum. O meu pai não estava trabalhando e ele não podia nunca entender como ela podia guardar para Slonim quando nós tínhamos tão pouco aqui, quando nós não tínhamos o dinheiro suficiente para mandar o pacote para Slonim. Mas, ela estava sempre mandando um pacote para Slonim”.

A mãe teve também um papel ativo na emigração da família de Slonim. Conta Jo que “em 1920, sua irmã e parte da família foram para a Palestina e um sobrinho ficou. O seu nome era Meishe e, Meishe escreveu para ela e disse que queria ir para a América. Ela respondeu que enviaria o dinheiro, mas que não tinha conseguido todo o necessário e que, assim, ela mandaria metade, o que lhe permitiria ir de Slonim para Buenos Aires. Ele então que esperasse em Buenos Aires que ela lhe enviaria o restante do dinheiro”.

Todavia, os planos traçados não se realizaram completamente. “Ele foi para Buenos Aires. Encontrou uma moça e decidiu casar-se e também decidiu tornar-se protético e assim, ele permaneceu em Buenos Aires, dessa forma, eu tenho toda uma família em Buenos Aires. Assim, alguns foram para a Palestina, o sobrinho para Buenos Aires e os que permaneceram foram assassinados por Hitler. Hitler tomou conta dos que ficaram”.

A ligação dos imigrantes com as cidades e vilas da Europa Oriental manteve-se através de ajuda prestada aos membros da família que haviam permanecido, ou ainda, através do apoio financeiro para a emigração. Como já foi assinalado, os imigrantes formaram *landsmanshaften*, buscando preservar a língua, a religião, a memória da paisagem do Velho Mundo e o seu senso



de afinidade com aqueles que vieram da mesma localidade, ao mesmo tempo, em que proporcionavam ajuda mútua e a possibilidade de adaptação à nova sociedade (Cf. Soyer, 1997).

Além disso, muitos imigrantes trouxeram consigo o seu comprometimento com o socialismo. De início, formaram *landsmanshaften* de caráter político, especialmente, aquelas que compreendiam em seus quadros revolucionários da Rússia, e que tinham como objetivo ajudar os movimentos revolucionários das suas regiões. Logo, porém, elas se voltaram para as necessidades imediatas dos seus membros à medida em que eles começaram a se fixar na nova sociedade. A mais antiga e maior dessas irmandades foi o Workmen's Circle - *Arbeter Ring*, em iídiche.

Originalmente fundado como uma sociedade de ajuda mútua em 1892 e reorganizada como uma ordem nacional em 1900, a organização contava, em 1917, com cerca de 25.000 membros em Nova York, distribuídos em 240 grupos, sendo que, no mínimo 143 destes eram *landsmanshaften*. Os fundadores do Workmen's Circle escolheram, contudo, estabelecer como critério de filiação à instituição as linhas de classe e a orientação política mais do que a origem geográfica (Cf. Soyer, 1997: 66).

Os seus membros permaneceram concentrados na Cidade de Nova York, onde a organização providenciava assistência material para os sócios, participava do movimento dos trabalhadores, criava projetos culturais e abria escolas para crianças com instrução em língua iídiche de história judaica e de socialismo. Em 1925, atingiu o seu ponto máximo, compreendendo cerca de 85.000 membros, tendo então diminuído o seu número de sócios. A instituição ainda atua até hoje (Soyer, 1995: 1274).

Entre os imigrantes pertencentes ao Workmen's Circle, estavam os pais de Jo. Conta Jo que, "O meu pai tinha ainda as suas atividades anarquistas e elas ocorriam no Lower Manhattan. Ele era muito ativo em um jornal chamado *Frei Arbeiter Stimme*, a voz do trabalhador livre, um jornal anarquista, cujo escritório era em Union Square. Ele me *shlepped* (arrastava) lá um número de vezes quando eu era criança. E eles eram ativos no Workmen's Circle (*Arbeiter Ring*), cujo prédio era naquele tempo na East Broadway, no Lower East Side. Muitas manifestações e reuniões políticas eram na área do Lower East Side. Eu não lembro dos meus pais indo para qualquer atividade política ou reunião em Washington Heights – onde





morávamos. Não era parte da nossa comunidade. Nossa comunidade era para morar, dormir lá, ir para a escola lá e ter amigos. As atividades políticas dos meus pais eram no Workmen's Circle, não em Washington Heights. Nós tomávamos o metrô e 20 minutos não era uma grande coisa. A passagem custava 5 centavos, o que era um bocado de dinheiro, se você não tivesse”.

“Eu costumava ir com os meus pais para as reuniões do Workmen's Circle porque naquele tempo não havia *baby sitters*. Eu nunca ouvi essa palavra quando eu era uma garota pequena. Nós íamos encontrar a família ou íamos para a reunião do Workmen's Circle e eu sentava lá e suponho que assimilei alguma coisa. E o meu pai levava-me para o Frei Arbeiter Stimme, para os escritórios. Todas aquelas pessoas velhas, bem, eles não eram tão velhos assim, estavam ficando velhos e falavam em todas as línguas, em iídiche e russo e assim por diante”.

Jo porém não considera as atividades realizadas no Workmen's Circle como sendo verdadeiramente políticas. “Havia atividade política na minha casa. Eu lembro de forma bem clara e eu sinto muito que os meus pais não estão mais aqui para responder às minhas perguntas porque agora eu tenho dúvidas. Mas, eu me lembro muito bem que o meu pai era muito ativo em grupos anarquistas que estavam ocupados com a libertação de prisioneiros políticos. Eu me lembro bem que nós tínhamos uma mesa na sala e nós sempre tínhamos pessoas chegando para jantar conosco. E nós tínhamos sempre a mesma coisa porque era barato – *borscht*, pão preto e chá com pequenos cubos de açúcar e arenques, você sabe, tudo comida russa. Eu me recordo dos meus pais falando em iídiche e de vez em quando dizendo em iídiche, *scha*, a criança está aqui. Não vamos falar sobre isso agora”.

“Eu sei que o meu pai conheceu Alexander Berkman e Emma Goldman porque ele era muito ativo. Não lembro de jamais tê-los visto. Eu imagino se um dos dois esteve na minha casa. Porque ela estava no país. Eu penso que me recordo dos meus pais falando sobre isso. Lembro da minha mãe e do meu pai mandando-me para a cama, muitas e muitas vezes. Você sabe, eu não tenho que ver isso ou ouvir aquilo. Eu sempre soube que o meu pai esteve envolvido com alguma coisa ilegal” - e Jo dá risada.

Tudo indica que os vários grupos de imigrantes judeus organizaram *shules* (escolas) e acampamentos para as crianças. Jo refere-se ao *shule* secular. “O *Arbeite Shule*, *Sholem Aleichim*, aqueles era de esquerda e de direita, naqueles dias. O Workmen's Circle era de



esquerda, socialista, então havia o Sholem Aleichem que era mais intelectual. E o acampamento *Arbeite Ring*, esses eram todos judeus seculares de esquerda, alguns eram comunistas, alguns eram socialistas, alguns eram bundistas e eles tinham as suas escolas. Eu não ia porque nós não tínhamos dinheiro, os meus pais não podiam me mandar. Assim, eu não ia. Mas Shirley e eu temos muitos amigos que foram para os *shules* e eles aprenderam iídiche”. As crianças costumavam frequentar o *shule* após as aulas da escola pública.

Para as crianças muito pobres como, o caso de Jo, o *shule* não era acessível. “Eu posso ainda ouvir a voz da minha mãe, implorando, tentando obter uma bolsa para mim. Mas, o *Arbeiter Ring* não dava. Eu nunca vou perdô-los por isso. Muitos foram aprender a ler e a escrever em iídiche e todos eles eram judeus seculares. E muito políticos, muito à esquerda do centro”.

Como o judaísmo secular trazido pelos imigrantes desenvolveu-se na própria casa do imigrante, na sua família? Conta Jo que, “certamente que eu cresci em uma casa muito secular. Interessantemente secular. Não que não houvesse coisa alguma. Havia bastante, mas era estritamente secular. O meu pai nunca negou que ele fosse judeu, mas, ele estava sempre preocupado que a minha mãe, de algum modo, me fizesse religiosa, quer fosse no judaísmo ou em alguma outra coisa. Eu me recordo que uma vez havia uma igreja do outro lado da rua onde eu morava, e eles tinham uma festa numa tarde e todas as crianças foram lá para brincar no auditório. Não havia assentos, apenas um auditório e no palco eles tinham uma cruz grande e o meu pai, quando soube que eu tinha ido lá brincar, foi me buscar e ficou furioso com a minha mãe. Como você pode levá-la? Como você pode deixá-la ir? Ela vai ver a cruz. E a minha mãe, lembro da conversa em Iídiche, disse, nada vai acontecer. Ela está apenas brincando com os seus amigos, jogando bola. Ela não vai se tornar um membro da igreja. Mas, ele era um dogmático sobre o anarquismo assim como os comunistas eram sobre as suas crenças. Ele era um fanático. Nenhuma dúvida sobre isso”.

“Quando eu era pequena, eu fui dizer para ele que eu queria ir para o *shul* (sinagoga) para *Simchat Torah*, ele respondeu, por que? Você vai pelo doce e pelas maçãs? E eu disse, eu não sei porque eu vou, todos os meus amigos vão. Então, ele falou *ok*, isso é uma boa razão e ele me deixou ir. Quando eu perguntei se ele permitia que eu usasse uma *mezzuza* bem pequena no meu





pescoço, ele respondeu, de forma nenhuma, você não deve identificar a você mesma como judia. As pessoas não têm que olhar para você e saber quem você é, simplesmente, olhando. Ele era mesmo muito inflexível sobre isso”.

“Por outro lado, a minha mãe que nunca foi ao *shul* e não tinha coisa alguma a ver com *shul*, estava sempre cantando canções em iídiche, música iídiche. Todo o feriado era uma agitação, a minha mãe fazia uma festa com muito pouco dinheiro. Ela sempre preparava comidas tradicionais, pratos. Contava-me a história de cada feriado. Assim eu tinha um *background* iídiche muito rico, quando estava crescendo. Eu não posso perdoá-la por nunca ter permitido que eu falasse em iídiche. Ela queria muito que eu aprendesse a falar inglês (...). Era uma casa secular e contudo em cada feriado, *Simchat Torah*, *Purim*, *Pessach*, *Yom Kippur*, cada feriado tinha uma história, ela contava-me a história e me explicava do que se tratava. Assim, ela me fez ficar muito orgulhosa de ser judia. E, então, certamente, ambos iam para o *Workmen's Circle* onde as reuniões eram sempre em iídiche. Havia também muitas questões sobre a adaptação da vida judaica na América, as chegadas e assim por diante. Assim, eu tive uma criação muito judia e a maioria dos meus amigos era judeu. Nós todos vivíamos em uma comunidade”.

Existiria um “ethos de ser judeu” como Jo coloca? “Mas por mais luta que fosse – diz Jo referindo-se à luta pela sobrevivência -, e eu tenho pensado muito sobre isso, agora que sou mãe e avó, é que, eu tive tanto porque todo o ethos de ser judeu e a batalha por educação eram tão importante, mais importante para a minha mãe do que para o meu pai – por ser anarquista, segundo Jo, ele estava ocupado em “refazer o mundo” - que eu tinha aulas de dança, lições de música, lições de locução e eu ia para o ballet, para a ópera, o teatro. A minha mãe *shlepped me* (me arrastava) para todo o lugar (...). Ela me levava para todo o lugar com pouquíssimo dinheiro. (...) Assim, por um lado, éramos muito pobres, era uma luta e, por outro lado, eu era muito rica, crescendo muito rica – sempre a ênfase em aprender, e ler, estudar. Isso é o que muitos judeus tiveram como experiência de vida. A minha mãe nunca parou de me puxar, puxar, puxar. Aprender, estudar e crescer, ir para museus”.

O pai de Jo “nunca disse, trabalhe, trabalhe, estude, estude, se forme, se forme. Eu nunca ouvi o meu pai dizer isso para mim. Ele nunca disse se forme ou eu estou orgulhoso de você porque você se formou. Isso nunca viria do lugar de onde ele veio. Ele teria mais orgulho se eu



lhe contasse que conduzi um piquete ou que joguei uma bomba em um prédio, ele ficaria muito feliz. Educação não era... eu penso que ele tinha orgulho de mim, mas, ele estava completamente envolvido em refazer o mundo. É interessante”, Jo reflete com senso de humor.

“Eu lembro que, quando eu era uma garotinha, eu tive que escrever uma redação sobre um pintor e eu escolhi Rembrandt. Eu não sabia coisa alguma sobre Rembrandt. Eu ouvi o nome. A minha mãe que tinha que trabalhar dia e noite, parou de trabalhar e nós fomos no museu e olhamos todas as pinturas e tomamos notas sobre Rembrandt e o seu trabalho e, então, voltamos para casa e eu escrevi a redação. Eu lembro disso tão bem. Ela me fazia ir toda a semana para a biblioteca e retirar livros. Ela era mesmo uma mãe que incentivava muito”.

Os livros ocupavam um lugar especial na casa de Jo. “O meu pai deu os seus livros em iídiche e em russo para o Workmen’s Circle, ele sabia que não ia mais viver tanto. Ele já estava com 97 anos e nós decidimos dar os livros. Mas, ele lia, ele era um ávido leitor e o interessante é que ele foi para o Weinrich Center na Columbia (University) para estudar iídiche formalmente com a idade de 87 anos. Ele aprendeu iídiche por ele mesmo quando ele veio para a América. Ele aprendeu a falar iídiche na Inglaterra, mas, ele não sabia ler e nem escrever. Quando ele veio para a América, ele aprendeu por conta própria. Eu tenho todos os seus livros. Ele lia o *Frei Arbeiter Stimme* em iídiche e ele falava um iídiche intelectual. Se você falasse com ele, você pensaria que ele era bem-educado, mas, ele não tinha tido uma educação formal. Quando ele estava com 86 ou 87 anos e ele parou de trabalhar, ele foi para o Weinrich Center na Columbia, para estudar iídiche formalmente. Ele lia tudo, ele lia constantemente. Ele lia 2 ou 3 livros por semana. Ele lia e lia tudo o que lhe caísse nas mãos. Então, a sua vista começou a falhar quando ele tinha 90 ou 91 anos de idade”.

“A minha mãe, também, (lia muito) quando ela morreu ela estava relendo o livro de William Shirer, *Berlin Diaries*. Ela estava relendo-o. Ele (o pai) lia 2 ou 3 jornais por dia, inclusive o *Times*. Nós tínhamos muitos jornais em Nova York, naquele tempo. A minha mãe lia um jornal em iídiche e um em inglês quase todo o dia. Ela não tinha muito tempo de ler, ela tinha que trabalhar. Mas, quando ela podia, ela lia boa literatura”.

“Eu tenho uma história maravilhosa sobre leitura, uma memória muito terna para mim. Minha mãe sempre tinha que trabalhar e sentava-se na máquina, a antiga máquina de costura





com pedal e ela não tinha tempo para deixar a máquina porque se ela deixasse a máquina, ela não teria trabalho algum feito e se ela não tivesse algum trabalho pronto, ela não teria dinheiro algum. Assim, ela ia comigo, filha única, ela não me permitia ir sozinha na biblioteca e atravessar aqueles grandes cruzamentos. Ela me levava para a biblioteca e nós retirávamos digamos 4 livros e eu levava os livros e um dicionário. E sentava perto da máquina dela e lia os livros em voz alta e ela escutava a minha leitura e cada vez que havia uma palavra que ela não sabia porque o inglês não era a sua primeira língua, eu tinha que olhar no dicionário e ela dizia para mim, você é a minha professora e você tem que me ensinar. Ela me fez tomar aulas de locução, assim eu falava claramente, falava corretamente, eu usava (as lições) quando lia. Tudo o que li, todos os clássicos, eu li em voz alta para a minha mãe, durante toda a minha infância: *Little Women*, *Treasure Island*, *Black Beauty*, *Little Men*. Essa história me dá lágrimas nos olhos. Isso foi muito importante para mim. Muitos pais europeus nem sequer pensaram em fazer o mesmo”.

“Minha mãe era uma professora nata, eu lembro que ela pegava uma caixa de sapatos e colocava os seus carretéis de linha, vermelho, azul, verde e eu os enfileirava e assim foi que aprendi as cores. Essa é a senhorita vermelho, senhorita verde, etc. Os carretéis eram as minhas crianças na sala de aula. Foi assim que ela me ensinou as cores. Ela não tinha tempo e eles não tinham livros coloridos como existem agora. Eu aprendi isso dos *shmatas* (trapos) do chão. Foi assim que aprendi aritmética, com alfinetes, em iídiche. Assim eu aprendi como contar, desse modo. Quando eu penso agora nas mulheres que têm que trabalhar e não têm tempo, eu tive sorte que ela trabalhava em casa. Essas histórias são exatamente como aconteceram – os alfinetes, as cores, as linhas”.

“Meu pai fez para mim, eu lembro, uma vez, ele fez uma caixa com pequenos buracos e as crianças brincavam com bolinhas de gude e eu tinha isso em casa e nós pegávamos, digamos 2 bolinhas de gude azuis, 2 bolinhas alaranjadas, eu aprendia a minha matemática e as minhas cores daquele modo. Tantas histórias. São tantas as histórias que você não pode mesmo lembrar de todas.”



## Gladys

Gladys conta a história dos seus pais. “Meus pais vieram da Polônia, de uma pequena cidade chamada Wlocawek, em polonês. Eu não sei o nome em iídiche. Eu sempre vejo escrito em polonês. Eles vieram para cá no início de 1920, talvez em 1921 ou 1922. Eles ainda não estavam casados, mas, eles já se conheciam na Polônia. Segundo o costume americano, eu penso que você poderia dizer que, eles eram noivos. E eles se conheceram lá e o meu pai veio primeiro, um ano antes, com os seus amigos. Ele veio ilegalmente porque ele não queria se alistar no exército polonês.”

“Essa foi a principal razão, ele saiu porque ele não queria ir para o exército polonês, por isso é que ele saiu ilegalmente. Ele, um primo e um amigo próximo. O pai do amigo tinha uma chata que transportava carvão-de-pedra. Eles moravam perto do Rio Vistula, Wlocawek era à margem do Vistula, eles costumavam chamá-lo de Visel, em iídiche. Então, eles se esconderam sob o carvão e dessa forma eles conseguiram sair. Eles foram para o que era então a cidade livre de Danzig e de lá eles puderam vir para este país.”

Quando o pai de Gladys deixou a Polônia, “ele tinha 20 e poucos anos. Lá ele trabalhava em uma mercearia. Ele gostava daquele tipo de trabalho e disse que ganhava bem. Ele costumava comprar tecido para as irmãs fazerem vestidos.”

Gladys pensa sobre o fato do pai ter escolhido imigrar para os Estados Unidos: “Ele nunca me falou especificamente, mas a sensação que eu tinha é que esse era o país que as pessoas queriam vir. A irmã dele foi para o que era então a Palestina porque ela era sionista e assim ela e o marido decidiram ir para a Palestina e trabalhar num *kibbutz*. Mas, a maioria das pessoas queria vir para este país. Aqui era o país para vir, eu suponho.”

Gladys comenta sobre o anti-semitismo na Polônia, relatado por seu pai, a partir da sua experiência como imigrante recém-chegado nos Estados Unidos: “há uma história, que mostra como o meu pai estava feliz em ter vindo para este país. Ele estava no metrô, lendo um jornal em iídiche, talvez o *Forvest*, e ele pensou que todo o mundo fosse olhar para ele e fazer comentários. Um homem sentado em público, lendo um jornal em iídiche, mas, ele disse, ninguém ligou. Ninguém olhou para ele e ninguém se incomodou com o que ele estava lendo. Ele sentiu-se tão bem que ninguém se incomodava com o que ele lia. Ele estava lendo em iídiche. Isso fez com





que ele se sentisse de um certo modo bem vindo neste país. Na Polônia, ele não podia sentar e ler um jornal em iídiche sem que alguém fizesse algum tipo de comentário anti-semita.”

“Assim, ele veio e a minha mãe chegou um ano depois. Eles se casaram, na realidade, em Ellis Island (porto de entrada da Cidade de Nova York) porque eles (os inspetores) não a liberavam. Ela tinha que vir com um parente ou com um marido. E ela sempre disse que a sua lua de mel tinha sido no metrô de Ellis Island para o Bronx, onde o meu pai morava com alguns amigos. Dessa forma, eles chegaram neste país.”

“O meu pai me contou muito sobre a sua família, na Polônia. Eu tenho fotos da pequena cidade, fotos dos meus avós. Os meus avós do lado do meu pai eram muito religiosos. O meu pai era um entre 9 filhos, mas, eles eram uma família muito próxima, os seus irmãos e irmãs, assim, ele me contou muito sobre eles, os meus avós. Eu ainda tenho as cartas que os meus avós escreviam para o meu pai. Elas são em iídiche e mesmo sabendo ler em iídiche bastante bem, é quase impossível para mim ler a sua grafia. E o *background* do meu pai era, bem, eles não eram nem uma família rica e, nem eles eram pobres. O meu avô era um comerciante de lenha. Ele pegava a madeira na floresta e a vendia. O meu avô morreu em 1928, eu penso que, foi de câncer no pulmão e então, a minha avó escrevia em iídiche para o meu pai.”

“A minha mãe falou muito pouco sobre a sua família. Eu penso que ela ficou orfã com a idade de 13 anos. Ela era a mais nova de 13 irmãos. E quando ela nasceu, ela já era tia porque as suas irmãs mais velhas já tinham filhos, sendo a mais nova de 13 irmãos. Mas, ela contou muito pouco sobre a sua família. Ela disse que a sua irmã mais velha queria casá-la com um homem mais velho que já tinha filhos, e ela recusou. Então ela conseguiu um trabalho com a idade de 13 anos. Ela se tornou governanta. Ela trabalhou para uma família judia muito rica. Ela ficou amiga deles e, então, ela encontrou o meu pai. Mas, ela contava muito pouco sobre a sua família.”

Com poucas exceções, Gladys perdeu toda a família paterna e materna durante o Holocausto. “A minha avó (paterna) e todo o resto da família, todos morreram no Holocausto. Toda a família do meu pai e toda a família da minha mãe. Porque nenhum dos irmãos do meu pai e nem as suas irmãs vieram para este país. Somente alguns primos vieram. Uma das irmãs do meu pai foi para o que então era a Palestina e ela e o meu pai se corresponderam. Ela teve um filho que, agora, vive no Canadá, e, às vezes, nós entramos em contato um com o outro. Na



verdade, tenho somente um primo em primeiro grau porque todos foram mortos no Holocausto. Todas as minhas tias e tios, todos os meus primos, e a minha avó, e toda a família da minha mãe, menos duas sobrinhas, todos foram mortos no Holocausto.”

“E foi sempre muito difícil para os meus pais depois do Holocausto porque houve uma ruptura completa, tudo de onde eles vieram, se foi. Principalmente, a minha mãe nunca se recuperou. O que os ajudou foi quando eles foram para Israel para ver a família que havia lá – a irmã do meu pai e primos. Esta é quase toda a história da Polônia que eles me contaram.”

“Finalmente, eu vi a minha tia quando eu fui para Israel. O meu pai tinha primos que viviam em Israel e ele era muito próximo deles, assim, nós ficamos em contato com o lado israelense da família. Eu tenho um primo, talvez, da minha idade e ele me escrevia cartas em iídiche e eu ainda tenho uma dessas cartas que ele me escreveu. Essa foi a vida do meu pai.”

Dentro da perspectiva da totalidade do fenômeno migratório, no sentido de que as pessoas migram com a sua carga cultural e que no país receptor essa carga é reelaborada, Gladys descreve as alterações que a família paterna vai sofrendo do ponto de vista religioso e político, ainda em Wlocawek e, em seguida, na cidade de Nova York. “O meu avô era Hassídico, muito religioso, e os filhos, nenhum dos irmãos e irmãs do meu pai se tornaram religiosos. O meu pai e o seu irmão mais velho tornaram-se muito ativos no *Bund*, o movimento socialista judeu, especialmente o meu tio. Os amigos do meu pai eram muito ativos no *Bund*.”

“Quando eles vieram para este país, eles continuaram sendo socialistas, com exceção do meu pai, todos os seus amigos permaneceram socialistas. Mas o meu pai se tornou mais de esquerda, em direção ao Partido Comunista. Isso causou um bocado de conflitos entre ele e os seus amigos. Ele também conhecia e eu conheci a família Alter muito bem. As famílias Erlich e Alter estavam neste país e quando eles foram mortos na União Soviética, eu penso que o meu pai começou a pensar que talvez as coisas não fossem tão boas lá. Mas foi um tempo muito difícil para ele.”

“Quando ele veio aqui com vários amigos, você sabe, os *landsman* (conterrâneos) ficavam bastante próximos uns dos outros, você sabe, da pequena cidade de onde eles vieram, permaneciam bastante perto uns dos outros mesmo porque muitos deles não tinham famílias. Muitos deles perderam as suas famílias na Europa e eles se tornaram amigos extremamente





próximos, eram quase como uma família, mas, quando o meu pai se tornou esquerdista em direção ao Partido Comunista por um número de anos houve uma ruptura e isso foi muito difícil, especialmente para a minha mãe porque ela não era política. Ela apenas queria os seus amigos. Mas, então, à medida que eles foram ficando mais velhos, eles começaram a ver que a amizade era mais importante do que a política.”

“Um pouco depois que eles mataram Erlich e Alter, e o meu pai conhecia Alter, ele era um amigo da família. Eles se conheciam da Europa, quando eles ainda estavam lá. Alguém da família Alter, que era ativo no *Bund* aqui, Mike? Duvin Alter? Era um amigo muito próximo do meu pai, assim quando Erlich e Alter foram mortos na União Soviética, a minha mãe ficou furiosa, perguntou para o meu pai, como ele poderia ser um Comunista. Você sabe, eles eram inocentes. Ele ficou somente um pouquinho mais e então por fim, deixou.”

“Mas, eu penso que ele permaneceu muito de esquerda. O Partido costumava deixá-lo louco. Assim que ele saiu do Partido, eles passaram a vir na nossa casa porque eles o queriam de volta. E ele não queria falar com eles e, quando eles vinham, ele me pedia para dizer para eles que, ele não estava em casa e ele se escondia no banheiro porque ele não queria falar com eles. A maioria dessas pessoas era judia.”

Além da participação em *landsmanshaften*, em associações de cunho socialista, no Partido Comunista e no *Bund* os imigrantes judeus tiveram ativa participação nos sindicatos. O pai de Gladys foi um desses “intelectuais-trabalhadores”, como ela o descreve. “ele ajudou todos os sindicatos e ele tinha orgulho disso. Quando ele veio para este país, o principal sindicato chamava-se *AF of L, the American Federation of Labor*. Existiam muitos sindicatos antes disso, o que significava que existiam muitos ramos, se você fosse um trabalhador na indústria de sapato, você pertencia ao sindicato local de trabalhadores da indústria de sapato, um trabalhador de uma fábrica de automóveis pertencia ao sindicato do ramo dos automóveis. Então, eles começaram a organizar alguns dos trabalhadores.”

“Você sabe, é uma história complicada, mas, então eles começaram a formar o que eles chamaram de *CIO, Congress of Industrial Organizations*. Em uma frase, a filosofia deles era que cada um tem que estar junto com o outro, se você é um trabalhador na indústria de calçados ou um trabalhador na indústria automobilística, você deve pertencer ao mesmo sindicato porque se



você entrar em greve, cada um apoia o outro. Esse era o *CIO* e foi com ele que o meu pai se envolveu.”

“Agora o *AF of L* e o *CIO* se uniram. Eu não lembro quando isso aconteceu. Mas há ainda sindicatos à parte, como o de professores que têm os seus próprios sindicatos, mas, na maior parte dos casos, estão todos juntos. Embora os sindicatos estejam agora muito mais fracos do que eles costumavam ser. O meu pai era muito orgulhoso do seu envolvimento nos sindicatos. Ele gostava disso. Esse foi o seu *background*.”

Havia da parte de alguns imigrantes, a preocupação em preservar a língua e a cultura iídiche entre os seus filhos. Conta Gladys: “Eu cresci como filha única, muito de esquerda. Eu fui para um iídiche *shule*. Iídiche foi a minha primeira língua e, quando eu tinha 16 anos de idade, quando eu estava no segundo grau, eu comecei a pensar por mim mesma, eu comecei a ficar contra todo o comunismo e a União Soviética. Eu comecei a ler e a discutir com o meu pai, você sabe, eu não acredito no que você está falando. Ele ficava muito transtornado, mas, por fim ele aceitou, isso foi por volta de 1944, eu nasci em 1928.”

“E, então, eu fui para uma escola judaica (*shule*), mantida por comunistas. Nós íamos muito lá. Nós íamos todo o dia depois da escola (pública) por talvez duas horas. Iídiche foi a minha primeira língua. Os meus pais falavam iídiche comigo, eu falava iídiche com eles. Você sabe, uma vez que você começa a brincar na rua, você brinca muito na rua em Nova York, e assim eu peguei inglês de todas as crianças e, quando eu fui para a escola, eu não tive problemas com o inglês. Mas eu ainda falo iídiche bem, eu gosto de ler em iídiche, eu amo a língua.”

Sobre o judaísmo em casa, diz Gladys “nós éramos muito seculares. A minha mãe era secular também. Ela, eu penso, tinha bem mais sentimento de judaísmo. Por exemplo, nós não tínhamos uma casa *kosher*, mas, ela nunca comia porco e ela não queria ter carne de porco em casa. Isso estava tão internalizado nela que, ela não comia nem presunto, nem porco, e nem trazia para a nossa casa coisas como essas. Quando ela ia para um restaurante, ela também não comia porco. Era, apenas, o seu modo de ser.”

“Eles liam muito literatura iídiche. Havia sempre livros de Sholem Aleichem, Peretz, em casa. Certamente, ler era muito importante para eles, de qualquer modo. Quando eu fiz cinco anos de idade, o meu pai me deu um cartão de biblioteca, você sabe, da seção de crianças. Eles





estavam sempre me puxando para ler, em geral, eles me levavam para peças, concertos. Isso era sempre importante em casa. (...) Na verdade, eu tenho que agradecer aos meus pais de muitos modos, no mínimo, no grupo de amigos dos meus pais, o que eu chamo de intelectuais-trabalhadores, todos eles puxaram os seus filhos para que eles tivessem uma educação.”

A mãe de Gladys convenceu-a de que ela deveria ir para a faculdade. “Eu sabia que eu queria ir para a faculdade. Meus pais sempre disseram que, você tem que ir para a faculdade ou, então, terminará trabalhando em uma fábrica ou trabalhando como uma secretária. Eu não queria ser uma secretária porque eu não era uma boa datilógrafa. Minha mãe me levou para onde ela trabalhava, na fábrica, e perguntou se era aquilo o que eu queria fazer. E eu disse, não. Então, ela falou, bem, você vai ter que ir para a faculdade e, em Nova York, há muitas faculdades de graça.”

“Naquele tempo, quando eu fui para a faculdade, a cidade tinha faculdades maravilhosas – referência à City University of New York, CUNY, universidade pública -, você tinha que passar nos exames, você tinha que ter as notas. Agora, qualquer um pode ir. Quando eu fui era muito difícil conseguir. Você tinha que fazer os *Regents exams* no segundo grau, assim, vamos dizer você fez dois anos de francês ou quatro anos de matemática e eles pegavam os resultados daqueles exames mais as notas que o seu professor lhe havia dado. Eu tive sorte, eu consegui entrar, de outro modo, os meus pais não teriam condições de arcar com os meus estudos. Eu fui para o Hunter College. Naqueles dias, era só para moças. Eu tive muita sorte, eu acho que consegui uma boa educação.”

### Shirley

O pai de Shirley “emigrou de Praga, um subúrbio de Varsóvia. Ele veio com 10 irmãos e não estou muito certa quanto ao ano. Eu acho que foi em 1911 ou 1910. Minha mãe veio de Grodno que, naquele tempo, era próximo da fronteira da Polônia com a Rússia e que mudou de mãos várias vezes. Minha mãe era uma orfã. Ela perdeu a sua mãe e o seu pai muito cedo, seu pai quando ela tinha 6 anos de idade. Ela teve uma infância muito difícil. Eles a atiravam de parente para parente. Ela era muito corajosa e ousada, ela fugiu de casa quando ela tinha 10 anos de idade e foi parar na casa de um primo. Ela foi viver na casa de um parente rico, mas, porque



ela era uma orfã, ele ensinava hebraico para os seus filhos e ela não tinha permissão de participar. Ela ansiava por ter acesso a educação.”

“Ela teve uma infância muito, muito difícil e, quando ela tinha treze anos, eles conseguiram juntar um pouco de dinheiro e fizeram-na passar por filha de uma mulher que vinha para a América com seus dois filhos. A mulher foi muito boa (durante a viagem) no barco e cuidou mesmo dela. Ela tinha treze anos de idade. Ela chegou em Castle Garden (porto da Cidade de Nova York, anterior a Ellis Island), eu penso que, em 1912 ou 1911. Em Castle Garden, um irmão mais velho que não a tinha visto durante anos, veio para buscá-la, mas, ela não o reconheceu e, como ela não tinha documentos, eles (os inspetores) não deram permissão para ela sair com ele. Uma semana se passou. Ela nunca mais o viu. Uma semana mais tarde, uma irmã veio de Filadélfia e a buscou. É toda uma história.”

“Ela foi morar com sua irmã em Filadélfia. Eles queriam que ela fosse para a escola e ela foi inscrita no primeiro ano, mas, ela se sentiu muito infeliz porque ela era alta e com treze anos de idade e, assim, no dia seguinte, ela se recusou a ir para a escola. Ela foi para as fábricas, ela deveria ter cerca de catorze anos de idade e ela não estava se dando bem com a sua irmã. Quando ela estava com dezesseis anos, ela veio para Nova York, onde ela tinha um primo.”

“Meu pai veio para cá com dez irmãos e uma porção de primos e todos eles viveram no mesmo apartamento, no Harlem, e quando eles conseguiram juntar o dinheiro suficiente, eles mandaram buscar os seus pais, que aqui chegaram mais tarde.”

Os pais de Shirley se casaram quando a mãe dela estava com dezenove anos de idade. O pai era operário na indústria de chapéus e sendo a indústria de vestimentas, chapéus, indumentária em geral, uma indústria sazonal, quando ele não tinha serviço, ele trabalhava como pintor de parede. “Nós éramos muito pobres – conta Shirley -. As inclinações políticas do meu pai eram para a esquerda e o meu tio era de ultra-esquerda. O espírito da nossa casa era sempre a favor do necessitado. Isso era muito claro na minha família. Você estava sempre tentando ajudar os necessitados, as pessoas que não tinham sido bem-sucedidas, o operário, o homem pobre. Esse era o sistema de valor na nossa casa. Eles eram muito comprometidos com a igualdade entre as pessoas. Eu lembro disso na minha família.”





“Duas coisas permaneceram na minha mente de criança. Uma foi a respeito de Joe Louis, um lutador negro,<sup>4</sup> quando eu fui para a escola, estavam todos transtornados porque um afro-americano tinha ganho e, os meus pais estavam muito felizes com isso, o que me impressionou muito. A outra coisa foi com as Testemunhas de Jeová, que tinham muitos membros negros. Eles vieram até nós, naquele tempo, estávamos vivendo em Cleveland e não havia lugares onde essas pessoas negras pudessem se hospedar, os hotéis não os aceitavam, naquela época, porque eles eram negros. Alguém nos telefonou e perguntou se nós tínhamos um lugar para essas pessoas, elas ficariam por dois dias. Os meus pais, então, disseram sim e colocaram cobertores no chão da sala para que eles pudessem dormir e ir para o congresso deles. Eu fiquei muito impressionada com isso.”

“Eles moravam em uma casa, cujo proprietário ficou muito zangado de ter pessoas negras morando lá. Eles se arriscaram. Assim foi, e eles fizeram piquetes. Quando as pessoas não podiam pagar o aluguel, elas eram despejadas. Eu lembro de que uma ou duas vezes, o meu pai ajudou a colocar a mobília de volta no apartamento.”

“Nós não éramos religiosos e eu devo dizer que o meu pai gozava das pessoas que eram religiosas e achava tudo isso um bocado de *non sense*. Diferente da maior parte dos judeus, o meu avô paterno era um ateu, o que não era usual vindo ele de onde veio. Eu nunca ouvi que alguém tivesse um avô ateu. Isso não era mesmo comum. Eu nunca conheci os meus avós. Eles morreram antes. Eu venho da classe trabalhadora.”

“Minha mãe compartilhava dos mesmos sentimentos do meu pai. Nem meu pai e nem minha mãe eram ativistas. Uma vez, minha mãe me contou que ela participou de um piquete. Eles não eram na verdade ativistas. Mas eles simpatizavam com o movimento de esquerda e com as pessoas pobres.”

“Eu não tenho certeza se o meu pai pertenceu a algum sindicato. Eu acho que eles podem ter sido sindicalizados por algum tempo, mas, eu não acho que tivesse sido na verdade um bom sindicato, um sindicato de trabalhadores. Ele não pertencia a partido algum de esquerda. Lembro que uma vez ele me levou para a parada do *May Day*, quando eu tinha mais ou menos 10 anos.

---

<sup>4</sup> Joe Louis foi o mais famoso pugilista da sua época, tendo sido campeão na categoria de peso-pesado de 1937 a 1949.



Ele não era alguém realmente ativo que fizesse o que nós chamamos o trabalho de Jimmy Higgins. Mas as suas simpatias eram com a esquerda.”

Shirley conta da mudança de Cleveland para o East Bronx, em Nova York, passando pelas diferenças de escola, de *shule* e, principalmente, pela diversidade da densidade demográfica judaica. “Eu tenho que lhe contar, vindo para Nova York foi uma experiência maravilhosa para mim porque, naquele tempo, o sistema escolar de Nova York era provavelmente um dos melhores do país e havia música e arte no programa, o que eu nunca tinha experimentado em Cleveland. (O sistema escolar em) Cleveland era muito rígido, eu não ia bem na escola e não gostava da escola.”

“Em Cleveland, os meus pais me enviaram para o *shule* mantido pelo esquerdista IWO (International Worker’s Order), quando eu tinha sete anos de idade, porque os meus irmãos não queriam ir e eu amava ir. Eu era a estrela lá porque os meninos estavam sempre agitados e eu era uma garotinha quieta e eu recebia bastante atenção o que foi realmente um antídoto para a escola pública que eu tanto não gostava. Eu me sentia tão estranha na escola pública, em Cleveland, que ir para o *shule* era uma espécie de contra-cultura e eu gostava muito de ir. Assim eu ia para o *shule* lá e quando eu vim para Nova York, eu continuei indo para o *shule* mantido pelo IWO.”<sup>5</sup>

“Em Cleveland, eu não posso dizer que tenha aprendido muito iídiche no *shule*. Mas foi o começo. Nós cantávamos algumas canções em iídiche. Eu aprendi um pouquinho. E quando eu vim para Nova York, quando eu estava com onze ou doze anos, eu fui para o East Bronx para o *shule*. E eu mesma fui para o segundo grau, o segundo grau iídiche, que era nas *co-ops* na Allerton Avenue.<sup>6</sup> Eu nunca conclui. Eu deixei um ano antes da conclusão. Fiquei parada com os meus estudos de iídiche até que, há quinze ou dezessete anos atrás, eu resolvi voltar e estou estudando iídiche agora”. Shirley frequenta as aulas de iídiche do Workmen’s Circle.

Em casa, a família de Shirley falava “um pouquinho de iídiche. Eu ouvia em casa, mas, meu pai, isso é interessante, ele queria se tornar um *Yankee*, um americano. Ele era um daqueles. Eu lembro de ter comprado para ele alguma coisa em iídiche e ele disse, ‘por que você comprou isso para mim em iídiche, porque não um disco de ópera ou alguma outra coisa como essa?’ Ele não

<sup>5</sup> O International Worker’s Order (IWO) foi fundado em 1930 por comunistas e seus aliados egressos do Workmen’s Circle.





era ligado ao iídichismo. Eu penso que a minha mãe tinha sentimentos diferentes sobre isso. Ela gostava muito quando eu ia para o *shule*. Isso significava muito para ela, valorizava a sua vida.”

Comparando o East Bronx com Cleveland, diz Shirley, “do ponto de vista judaico, o East Bronx tinha mais vida cultural. Mesmo o *shule* tinha festas e todos os tipos de atividades culturais, com crianças cantando e representando pequenas peças. Assim era muito mais rico do que em Cleveland. Para mim foi como renascer. Eu voltei para casa com o boletim e o meu pai me chamou de lado e perguntou se eu estava colando – Shirley ri -. Eu disse, não Pa, tudo aqui é tão fácil, eles dão nota A por tudo. Ele não poderia imaginar um boletim como esse porque em Cleveland eu estava mesmo sofrendo. Eu estava tensa com tudo.”

Essa diferença deve-se, segundo Shirley, ao fato de que “as professoras em Cleveland eram na sua maioria irlandesas católicas e muito rígidas e aqui (em Nova York) havia algumas professoras judias. A professora de arte e a de música eram judias. Assim era uma atmosfera diferente. As crianças da classe também. Havia umas poucas crianças judias em Cleveland, mas, muito mais aqui. Assim, toda a sensação era diferente.”

## Ellie

O local de nascimento dos pais de Ellie apresenta peculiaridades que os diferencia da maioria dos pais das entrevistadas, apresentando, todavia, similaridades com a situação dos pais de Roberta. O pai de Ellie nasceu nos Estados Unidos. Conta Ellie que “os seus pais (avós paternos) vieram da Lituânia, ambos. A minha mãe era da Polônia e ela chegou aqui com três anos de idade, com a sua irmã, irmão, mãe e pai. Ela veio de Varsóvia, Polônia. Os pais do meu pai vieram da capital da Lituânia, naquele tempo, Vilna”.

A mãe de Ellie está dentro da categoria chamada imigrante “intermediário”, pelo fato de ter sido socializada nos Estados Unidos, tendo imigrado com menos idade ainda do que a mãe de Roberta, que aqui chegou com dez anos de idade. A inserção de ambas se dará, pois, de forma semelhante. O fato do pai de Ellie ter nascido nos Estados Unidos tem um grande significado, assim como, o pai de Roberta ter nascido na Inglaterra – país intermediário na trajetória de migração da sua família - e ter vindo para os Estados Unidos com catorze anos de idade. Todos

---

<sup>o</sup> *Co-ops*, prédios administrados por uma representação de moradores, semelhante ao sistema de condomínio no



eles falavam inglês sem sotaque e, procuravam não aparentar a sua origem imigrante e judia, especialmente, no caso das mães de ambas as entrevistadas e do pai de Roberta.

Diz Ellie que, “O pai da minha mãe era um alfaiate e a sua mãe costurava em casa. Ele trabalhava para alguém em uma alfaiataria. E trazia a costura de mão para ela fazer em casa. Os pais do meu pai, minha avó não trabalhava e o meu avô era também um alfaiate, que trabalhava para alguém. Os pais do meu pai casaram-se na Lituânia e então vieram para cá e tiveram metade dos seus filhos aqui. Eles eram jovens e decidiram que partiriam porque o meu avô não tinha mais tanto trabalho. O homem, para quem ele trabalhava, desistiu da oficina e outras pessoas da família também estavam vindo para os Estados Unidos, assim, meu avô também veio para cá. Ele chegou aqui em 1895 e os pais da minha mãe em 1904”.

No relato de Ellie sobre a família do seu pai, as posições políticas assumidas pelos seus membros aparecem misturadas com o papel de cada um dentro da família. “Meu pai tinha um irmão e duas irmãs e meu avô era alfaiate e todos eles moravam juntos e meu avô não era uma pessoa ambiciosa. Ele era visto pela família dessa forma. Ele era muito bondoso, muito generoso, não tinha interesse algum em ganhar um monte de dinheiro. Ele era socialista. Ele costumava conversar muito comigo sobre Eugene V. Debs, que era o seu herói.<sup>7</sup> E o meu pai era muito parecido com o meu avô e ele era o único membro da família que era politicamente de esquerda. Os outros filhos, seus irmãos, todos eles estavam interessados em ganhar dinheiro, principalmente o seu irmão mais velho, um comerciante, dono de lojas de cigarros em Manhattan, muitas lojas, e que investia no mercado de ações. Na maioria das vezes, ele gozava do meu pai, que trabalhava para o Governo e lia o *Daily Worker*, o jornal de esquerda. O meu pai não era politicamente engajado, mas, me encorajava e a sua família ficava atrapalhada com isso.”

“Assim, essa família era o irmão mais velho do meu pai, suas 2 irmãs, as 2 crianças e os pais do meu pai. Eles moravam na mesma casa. E era uma casa estranha porque havia o meu avô com uma foto de Eugene V. Debs e de Franklin D. Roosevelt<sup>8</sup> na sua cômoda e meu tio falando com todo o mundo no telefone para comprar ações – o que iria salvar todo o mundo. Era mesmo

---

Brasil, com algumas peculiaridades próprias.

<sup>7</sup> Eugene V. Debs, 1855-1926, foi um importante e ativo socialista americano (Webster's New Biographical Dictionary, 1988: 268).

<sup>8</sup> Franklin D. Roosevelt, 1882-1945, foi Presidente dos Estados Unidos de 1933 a 1945 (Webster's New Biographical Dictionary, 1988: 862).





uma casa muito estranha e era lá que eu ia todo o domingo com o meu pai. Ele era muito, muito devotado à sua família.”

Do outro lado da família, havia a mãe de Ellie que buscava desvencilhar-se de tudo o que pudesse relacioná-la com a sua origem imigrante e judia. “Eu acho que a minha mãe estava determinada a ser uma americana e a não parecer uma imigrante, a não ter sotaque algum. Ela tinha orgulho dela mesma, do fato de que ela não tinha sotaque algum, de que ela se vestia bem e de que ela trabalhava na indústria de confecção. Assim o que ela usava era extremamente importante para ela, a sua aparência, como ela pronunciava as palavras, e ela não se ligava com coisa alguma judaica, qualquer coisa que fosse. Nós morávamos em uma casa isenta de qualquer forma de cultura judaica, religião judaica, qualquer coisa judaica.”

“Assim, eu tinha o meu pai, de um lado, que era socialista, que acreditava que a religião era o ópio do povo, e minha mãe que pensava que, qualquer coisa que tivesse alguma aparência judaica, marcava a pessoa como imigrante. E, eu lembro que, quando o meu pai morreu, há mais de trinta anos atrás, vinte e sete anos, o meu marido, o meu primeiro marido, que era assistente social, nós tentamos ajudá-la. Minha mãe estava aposentada, e nós estávamos tentando informá-la a respeito de algum programa da comunidade para a terceira idade e, ela rejeitou todos eles porque todas as pessoas falavam com sotaque ou elas usavam vestidos de andar em casa, um vestido de andar em casa era para ela um símbolo de uma imigrante.”

“Eram programas maravilhosos, alguns deles tinham música, grupos de discussão e viagens, mas, ela não queria estar associada com eles de modo algum, com coisa alguma como essa. E os seus amigos, seu grupo de amigos, eram todas pessoas que ela considerava americanas e eles eram todos como ela era, não se relacionavam de modo algum com qualquer coisa que fosse judaica. Eles eram judeus, muitos deles haviam nascido aqui.”

“Meu pai nasceu aqui. Essa era a sua única vantagem – Ellie ri -. E também a sua família não era religiosa. Meu avô, como socialista, também não era religioso. Havia alguma conotação judaica na família quando a minha avó, de vez em quando, cozinhava algum tipo de comida judaica. Mas, não na minha casa. Meus pais comiam porco, nós comíamos *bacon*. Nós nunca compramos em um açougueiro *kosher*.”



“E o interessante é que, nós vivíamos do outro lado da rua, defronte da sinagoga, e eu lembro de crianças, durante os grandes feriados, tendo que andar bem vestidas. Eu nunca tive que andar arrumada. Quando eu me tornei um pouco mais velha e os meninos fizeram *Bar-Mitzvá*, essa foi a primeira vez que eu entrei numa sinagoga. Eu fui numa igreja muito mais vezes do que numa sinagoga porque eu tinha amigos que me convidavam para festas. Nós vivíamos no Brooklyn, onde além de judeus, existiam italianos e irlandeses”.

“Eu me recordo que, eu tinha treze anos de idade, quando eu fui numa sinagoga. Foi muito, muito estranho porque a única coisa, quer dizer, eu não entendi coisa alguma do que estava acontecendo e, eles davam um saquinho de balas para cada um e era para você jogar as balas no menino, que estava fazendo *Bar-Mitzvá*. Eu não entendi, eu pensei, acho que significa que é para você ter uma vida doce ou algo assim. Mas, eu lembro que, os meninos estavam mesmo querendo jogar a bala com força para bater no menino, especialmente aqueles que não gostavam dele – Ellie ri -. Mas, você está conversando com uma pessoa que tem muito, muito pouca ligação com a vida judaica.”

Ellie não foi para um *shule* como uma grande parte das entrevistadas. “Quando eu tinha doze anos, eu me filiei a um grupo político de jovens, chamado *American Youth for Democracy* (AYD), que era um rebento do Partido Comunista e, naquele tempo, incentivava muitas experiências inter-raciais. Naquela época não havia muitas experiências inter-raciais porque eu freqüentava o grupo da minha vizinhança, mas tinha outros jovens de diferentes grupos. Eu lembro que nós tínhamos 2 meninos negros, alguns italianos, não muitos, mas alguns, e na sua maior parte, os meninos eram judeus. Eu era muito ativa. Quando eu fui para o segundo grau, eu fui para o segundo grau no Brooklyn, eu era muito ativa, e naquele tempo Henry Wallace estava concorrendo pelo *Progressive Party* (para Presidente) e a maioria dos grupos de esquerda estava apoiando-o, inclusive Paul Robeson, etc. Eu participava muito e estava muito envolvida. Eu fui expulsa do segundo grau por causa da atividade em 1947. Eu estava então com dezesseis ou dezessete anos.”

“O motivo da minha expulsão foi que eles queriam fazer de mim um exemplo. Eu era a dirigente do AYD. Nós tínhamos um grupo de cerca de 15 pessoas e nós levávamos panfletos para o segundo grau todos os dias. Nós tínhamos um mimeógrafo, você sabe, isso foi naqueles





dias antes do xerox e, naquele tempo, a revista *The Nation* estava proibida nas bibliotecas das escolas públicas porque tinha publicado um artigo sobre o fato da Igreja Católica possuir um bocado de propriedade (...) e outras questões envolvendo a separação da Igreja do Estado (...). E *The Nation* tinha artigos sobre isso, por essa razão é que a revista foi retirada da biblioteca. E nós protestamos contra isso. Também, naquela época, eles retiraram diversos livros – Howard Fast, que escreveu *Freedom Rode*, um romance sobre a Guerra Civil – eles retiraram esse e diversos outros. Nós protestamos pois isso atingia a nossa liberdade de discurso.”

“Além disso, era o início da era McCarthy e doze, eu penso que foram doze professores do sistema escolar da Cidade de Nova York foram despedidos porque eles se recusaram a assinar um juramento de lealdade. Foi o começo do período McCarthy. (...). E Lou Joffe era o professor de Estudos Sociais no segundo grau que eu estudava, o Erasmus, ele foi despedido e nós ficamos do seu lado. Assim havia um bocado de atividades acontecendo naquele tempo, e eles me expulsaram por estar distribuindo panfletos. (...). Nós não tínhamos feito coisa alguma ilegal para eles me expulsarem. Foi muito difícil para a minha mãe porque ela se sentiu terrivelmente embaraçada com a minha expulsão e também preocupada diante da possibilidade de que eu não pudesse terminar o segundo grau. Meu pai ficou de um certo modo divertido com a situação e, eu pensei, excitado com o meu envolvimento em atividades políticas, eu estava fazendo coisas que ele gostaria de ter feito, mas não fez.”

“Houve todo o tipo de reuniões de protesto e Howard Fast veio e falou em minha defesa. Foi um tempo muito ativo politicamente porque as pessoas vieram e ficaram do meu lado. Eu fiquei fora da escola por muito tempo.” Depois das pressões de alguns advogados, que pertenciam a um grupo de esquerda, junto ao diretor, este retrocedeu e Ellie conseguiu voltar para o segundo grau e concluir o curso.

O fato do pai de Ellie não pertencer a partido de esquerda algum não o livrou de aborrecimentos durante o período McCarthy. “Eu lembro que um ou dois anos depois que eu acabei o segundo grau, eu estava trabalhando em um acampamento no norte do Estado de Nova York e foi durante o período de McCarthy, da House Un-American Activities Committee (HUAC), e havia um sujeito que estava no nosso grupo, que delatou algumas pessoas, ele disse o meu nome e meu nome apareceu no jornal com alguns dados sobre o meu pai. Meu pai



trabalhava para o governo e isso foi muito, muito assustador para mim porque eu lembro que eu estava no acampamento, meus pais, meu pai não quis me contar o que tinha acontecido, mas o meu nome estava no jornal e o diretor do campo tinha o jornal e chamou-me. Eu pensei, eu não vou perder o emprego porque era um acampamento muito progressista, mas, ele disse, 'eu acho melhor você ir para casa porque o problema não diz respeito a você e a sua vida, mas, ao seu pai'. Eles tinham um bocado de informações."

"Foi publicado no *New York Times* e no *New York Daily News*. Aquele sujeito jovem do meu grupo do AYD disse que havia um grupo de pessoas jovens e que ele foi colocado lá pelo FBI, ele disse os nossos nomes e descreveu diversas pessoas de quem ele tinha dado os nomes e, no meu caso, eles disseram que o meu pai tinha uma tal influência sobre mim que nós íamos ver filmes russos no *Stanley Theater* – Ellie ri -. Meu pai e eu fomos ao cinema, nós vimos o *Stone Flower*, eu lembro, isso estava no jornal, mas eles sabiam que nós tínhamos ido e isso era muito, muito assustador. Que pessoas comuns, um funcionário do correio e alguém trabalhando com crianças fossem uma tal ameaça que tivessem que ser seguidas, isso foi uma experiência assustadora".

"O meu pai depois de ter recebido a visita do FBI, foi procurar a associação dos trabalhadores do correio. Os trabalhadores do Governo Federal não têm permissão de se sindicalizarem, mas eles tinham uma associação beneficente e ele foi procurá-los porque ele sentia que tendo trabalhado no correio por tantos anos, ele temia que pudesse ser despedido e que pudesse perder os seus direitos de aposentadoria. E eles lhe asseguraram que estava tudo bem, que eles ficariam do seu lado. Eu lembro que meu pai trabalhava em um correio no Brooklyn e todos os funcionários do correio e os carteiros assinaram uma petição em seu favor e isso foi muito importante para meu pai. Eu fiquei muito feliz por ele. E eles arriscaram os seus pescoços porque eles não sabiam o que iria acontecer. O emprego do meu pai estava assegurado".

## Martha

Martha conta a história dos seus pais antes de deixarem a Europa Oriental. "Meu pai veio de um *shtetl* muito pequeno, na Rússia, que não consta nem do mapa. A casa em que eles moravam não tinha piso de madeira. Eles eram muito pobres. Então, eles se mudaram para um cidadezinha





maior, Polotsk. Ele, certamente, teve educação religiosa e se tornou um aprendiz de um encardenedor (de livros). Seu pai quis emigrar para Nova York, mas a sua mãe não concordou e eles se divorciaram. Assim, eles permaneceram em Polotsk e o pai foi para Union City, em Nova Jersey. No Velho Mundo, ele era um *melamed*, um professor. Ela casou-se novamente com um homem mais velho que já tinha filhos. E o meu pai não ficou muito contente”.

“Quando ele tinha dezoito anos, ele nasceu em 1892, ele veio para a América por conta própria. Ele caminhou pela Europa até que chegou em Rotterdam, e em um porão de um navio ele foi para Union City, onde o seu pai morava. Ele descobriu que o seu pai tinha se casado novamente com um mulher que já tinha filhos, ele não se sentiu bem lá e mudou-se para Nova York, onde ele viveu a vida típica de um pensionista, dividindo um sofá na sala de alguém com um outro homem que se tornou seu amigo”.

“Ele teve vários empregos, foi inclusive relojoeiro, como eu me recordo da história, e ele encontrou a minha mãe e eles se casaram. Minha mãe tinha vinte e seis anos. Durante a sua vida de casados, eles viveram no Bronx, onde eles se sentiam bem, onde eles conheciam pessoas, um bocado de escritores morando na mesma área. Meus pais sempre tinham que morar a uma curta distância de algum parque. Era muito importante para eles estar perto de um parque – Martha ri - Isso era uma coisa muito séria. Todas as vezes em que eles se mudavam, tinha que ser perto de um parque. Um pouco de verde tinha que ter. Meus pais eram simpatizantes da Revolução Bolchevista, mas logo eles desistiram diante das perseguições quando eles começaram a matar pessoas”.

“Minha mãe nasceu nos arredores de Varsóvia e, como o meu pai, veio para a América antes da I Guerra Mundial, com dezenove ou vinte anos de idade. Também se estabeleceu em Nova York e aqui chegou antes da sua própria família. Ela veio ao encontro dos seus avós, que tinham aqui o que nós chamamos de uma loja de retalhos, eles vendiam restos de tecidos, *shmatas*. Depois, a mãe e o pai vieram para a América com as outras crianças, quatro mais. Eles a mandaram primeiro, eu não sei porquê”.

“Ela era a mais velha e aqui chegando, ela foi trabalhar como costureira, fazendo o corpo do vestido, na indústria de confecção. Eles (os pais) eram ambos socialistas e iídichistas. Em casa, nós falávamos iídiche até que eu fui para a escola elementar e eles acharam que iriam aprender



inglês comigo. Quando eles conversavam entre si ou com os seus amigos, eles o faziam em iídiche, e quando eles se dirigiam a mim, era em inglês, e, assim o meu pai dizia, foi que ele aprendeu inglês”.

“Ele lia 5 jornais diferentes em iídiche e ele se tornou muito anti-comunista e não lia o *Morning Freiheit*, o jornal comunista em língua iídiche. Ele conversava em iídiche sobre problemas iídiches, problemas da classe trabalhadora e quando o cinema passou a ser sonoro, eles tiveram longas discussões filosóficas se iria ser em alto nível. E os filmes iídiches, Molly Picon, ela não pertencia à arte elevada”.

“Ele me mandou para um *shule*. O movimento iídichista se dividiu em pequenos grupos, sionistas e assim por diante. Eu fui para um dos grupos menores, os *Yidish Socialist Camps*, era chamado *Nyvel* e era anti-Stalin. Era socialista e era fortemente iídichista”.

“Em Nova York, não tínhamos aulas no *shule* todos os dias. Na Argentina, eu sei que eles tinham aula das nove às cinco horas, mas, não era desse jeito aqui. Eu aprendia literatura iídiche e judaica. Quando eu fui para o antigo ginásio, nós estávamos lendo Sholem Asch e Sholem Aleichem, Peretz e Bialik, o famoso poeta”.

“Eu posso ler e escrever em iídiche. O fato de estudar no *shule*, conduziu-me ao sionismo. Uma grande parte do nosso grupo de meninos e meninas se tornou interessado em sionismo e eu pertenci ao grupo de sionistas de esquerda antes de casar”.

“Sobre a minha mãe... o assunto não era uma terrível questão. Minha mãe, uma vez, cortou o seu cabelo, foi um grande acontecimento e quando ela fumou um cigarro, foi um grande acontecimento. Havia conversa sobre amor livre, mas somente conversa. Eu não sei de pessoa alguma que tenha praticado amor livre no círculo de meus pais – Martha ri -. Mas, havia conversa e, como eu digo, a maior revolta é que ela fumou um cigarro e, foi o fim disso. Um cigarro. E todas as mulheres, elas começaram a cortar o seu cabelo, a maioria delas usava o cabelo preso em coque. Eu tenho uma foto dela desse jeito onde ela estava usando um chapéu grande e com uma roupa típica de 1920, mas, esse é o único retrato que eu tenho dela desse jeito. Depois disso era cabelo bem curto, blusas”.

“Minha mãe e suas amigas gostavam muito de ir ao cinema. Elas adoravam filmes. Sobre a amizade de duas mulheres, elas eram mulheres casadas, eu sei, eu li o livro porque minha mãe o





leu com a sua amiga, assim... havia um monte de conversa sobre uma porção de assuntos, sobre Emma Goldman. Emma Goldman era uma mulher ativa em prol do movimento pelo amor livre e praticante também, e também anarquista. Eu costumava ouvir sobre isso, sobre Emma Goldman. Era conversa, muita conversa”.

“Eu nasci em 1920, então eu penso, eu fui privada de toda essa discussão quando eu tinha oito anos e mesmo bem antes. Eles eram muito curiosos, muito interessados em inglês e em livros. Como eu disse antes, ela trabalhava em fábrica, ela era ativa, fazia greve, voltava para o trabalho e, como ela era uma costureira especializada em corpo de vestido, o trabalho era sazonal. Ela não trabalhava com regularidade. Contudo, quando ela voltava para o trabalho, sempre que ela trabalhava, ela sempre representava os trabalhadores diante do patrão”.

“Ela não era a única a fazer isso. Deve ter havido outras mulheres que faziam a mesma coisa – Martha ri -. O seu nome não vai ficar na História. E o dinheiro que ela ganhava, eu descobri mais tarde, depois que ela morreu, que ela tinha a sua própria conta no banco, o que deve ter sido fora do comum para mulheres, naqueles dias. Mas, ela trabalhava muito pesado e conseguiu ganhar o sustento. Mas, mesmo assim, era uma vida muito difícil. Não era como hoje que se vai no super-mercado. Nós íamos de loja em loja e eu costumava ir com a minha mãe e nós morávamos no alto de uma ladeira. Nós íamos para uma loja atrás de café e... nós tínhamos que levar tudo isso para casa”.

Martha conta da preocupação dos seus pais com a sua educação: “Eu tinha aulas de piano. Eu sabia que ia para a faculdade, mas não havia dinheiro para pagar faculdade. Então, eu fui para o Hunter College, o que era comum para as meninas que eu conhecia no segundo grau. Ir para a faculdade não era nem sequer considerado um tema de discussão. Nós já sabíamos que sim. Quase todos as amigas que tive quando menina foram para o Hunter College. Naqueles dias, para você fazer faculdade fora, somente se os seus pais fossem muito ricos”.

“Isso era um assunto muito sério porque eu lembro ter ouvido o meu pai conversando de forma agitada com a minha mãe, ‘como que você não viu que ela tem um cartão da biblioteca e porque você não foi registrá-la na biblioteca?’ A biblioteca ficava longe da minha casa, isso foi em 1928 – quando Martha tinha oito anos de idade -. Havia uma fila saindo da porta da biblioteca. Havia uma sala de leitura maravilhosa. Ler, educação era muito importante”.



“Minha família era anti-religiosa. Eles se rebelaram. Meu pai e minha mãe, eles mesmo jantavam em *Yom Kippur* com amigos. Eles eram seculares do começo ao fim e eram muito orgulhosos disso. Eles não tinham educação (formal) além daquela que eles tiveram para imigrantes”.

Martha compara as condições dos seus pais no que se refere à educação, na Europa Oriental, antes da emigração com o que eles conseguiram adquirir nos Estados Unidos. “Ninguém esperava que a minha mãe tivesse uma educação (formal, pelo fato de ser mulher). Eu acho que ela não teve educação alguma. Ela pegava aqui e ali por conta própria. Não era como os meninos que iam ao *cheder*. De alguma forma, notícias se espalharam pela Rússia por causa do Iluminismo e uma porção de coisas foram traduzidas do russo ou do alemão para o iídiche. Meu pai não foi além do *cheder*, mas, ele sabia que havia um escritor como Heine ou Tolstoy porque eles eram traduzidos em iídiche. Eles realmente educaram a si próprios e por meio dos jornais. Mesmo neste país, o jornal em iídiche era como uma universidade para a classe trabalhadora judaica. Eles se educaram a si próprios. Meu pai era extremamente bem informado e ele lia em inglês e em iídiche. Ele lia o *New York Times* de capa a capa e falava com um sotaque russo muito acentuado, mas o seu vocabulário era excelente, melhor do que o meu e eu sou americana. Minha mãe não era tão bem informada, mas ela costumava ler romances em inglês, como eu lhe contei, e ela veio de Varsóvia e o seu iídiche era mais leve, não tinha aquele “R” forte como os russos. O inglês dela não tinha um sotaque tão forte, era mais melodioso, eu diria”.

“Eles pertenciam a uma geração que acreditava em educação e não havia tal coisa como a filha não ter acesso à educação. Ela tinha que casar, mas, ela tinha que ter uma educação e um emprego até ela se casar. E, mais tarde, ela poderia trabalhar. Porque pessoa alguma iria dizer para ela, você não pode trabalhar. Isso era o que tinha de ser feito no meu círculo. Eu não posso falar por todo o mundo, eu posso somente falar por um pequeno grupo. Eu tenho a impressão de que era mais do que um pequeno grupo”.

“Eu quero lhe dizer que, minha mãe não era a única que tinha filhos e trabalhava em uma oficina. A geração da minha mãe teve famílias muito pequenas. Havia muitas famílias que tinham somente um único filho. Três filhos era um bocado. Quando eu perguntei para minha mãe por que eu não tenho um irmão ou uma irmã, ela disse, ‘você quer lições de piano, você quer ir





para o acampamento? Você quer ir para o *shule*. Tudo isso custa dinheiro'. Eles já tinham esclarecimentos sobre o controle de natalidade. Era econômico. Emma Goldman já tinha feito propaganda e eles já sabiam da Margaret Sanger. Ela era uma grande advogada do controle da natalidade. Ela não era judia. Havia muitas mulheres judias que tinham se incorporado ao movimento de controle da natalidade. Se eu não estou enganada, Emma Goldman também".

"Essa primeira geração, recebeu todas as informações através do jornal em língua iídiche. Mesmo na Polônia, o YIVO (Institute for Jewish Research) era responsável por todo o tipo de publicações para informar ao povo como viver de forma saudável. O *Bund* apoiou todos os esportes de organizações atléticas. Meu pai era um grande fã de futebol e eu costumava acompanhá-lo em todos os jogos. Eu lembro o nome de um time de futebol, o Rokoah. Eles já eram muito esclarecidos. Costumava haver um grande debate: sua cabeça ou o seu corpo. Entre os judeus dos tempos antigos quando eles entraram em contato com os gregos, o povo helênico, os gregos acreditavam no corpo e assim por diante. Assim era sempre... eles costumavam conversar sempre sobre os rapazes da *Yeshiva* que pareciam tão pálidos e nada atléticos. Assim, esses judeus, os judeus iídichistas eram modernos. Eles não eram somente iídichistas, eles eram modernos. E eles absorviam todas essas idéias modernas. Assim, sobre atletismo, não havia dúvida de que o seu corpo era tão importante quanto a sua mente. Ambos eram importantes".

"Eu penso que isso influenciou as mulheres. Eu estou falando não porque eu tenha feito alguma pesquisa ou alguma outra coisa. Eu posso julgar pela minha mãe e suas amigas que eram como ela. Na geração dos meus pais não havia famílias numerosas e essa era a razão".

### **Marianna**

Marianna conta a história dos seus pais: "Meus pais vieram de Nordeste da Polônia, de Plotsk Guberniya (Província), de uma pequena cidade chamada Rypin. O pai do meu pai, meu avô, era um homem bem de vida, de um certo modo, era um rabino. Ele tinha uma pequena sala no alto de uma loja, onde ele encontrava com outros homens para estudar o *Talmud* e a *Torah*. Ele era um homem muito respeitado na cidadezinha e eles não eram pobres. Eles não viviam uma vida de gueto".



“Meu pai e minha mãe foram ambos educados na Polônia. Meu pai era o mais novo de treze filhos e eu acredito que, o primeiro da sua família a vir para a América do Norte foi o seu irmão mais velho, que foi para o Canadá. Eu penso que o meu pai veio para este país em 1910 ou 1911, quando ele era muito jovem. Ele se estabeleceu aqui e viveu na East 7<sup>th</sup>. Street e, então, mandou buscar a minha mãe e eles se casaram alguns anos mais tarde. Eles moravam aqui na cidade (Manhattan) e, depois, eles compraram uma casa pequena em Far Rockaway (em Queens), onde meu irmão, irmã e eu nascemos e onde nós vivemos até que meus pais morreram. Então, nós vendemos a casa e minha irmã e eu nos mudamos para Nova York (Manhattan). Nós éramos ainda bem jovens. Meu irmão já tinha se casado naquele tempo e, portanto, já tinha tomado o seu rumo”.

Sobre a opção do pai em imigrar para os Estados Unidos: “Eu perguntei muitas vezes para o meu pai porque ele não tinha ido para Israel. Ele acreditava que, para ele, a América era o lugar para viver, você pode ser um bom judeu onde quer que você vá, você não precisa ir para Israel (Palestina, naquele tempo) ou para qualquer outro lugar. Mas, ele amava a América porque ele estava aqui, ele amava a América. No dia 4 de julho, ele costumava ir para o pátio e acendia fogos de artifício, no dia da bandeira, ele costumava pendurar uma bandeira grande do alto do pátio. Ele participava de todo o feriado americano, ele estava tão a par da política do país que votar era muito importante para ele”.

“Minha mãe costumava sentar-se e imaginar quem estava se candidatando para cada posição, prefeitos, governadores, vereadores, qualquer posição, não importava, qualquer que fosse. Ele amava a América, ele realmente queria fazer parte dela. Ele falava inglês muito bem. Ele foi para a escola, assim como a minha mãe. Eles liam um bocado, além dos jornais em iídiche, nós tínhamos todos os jornais em inglês. Nós tínhamos todos os maravilhosos discos de óperas”.

“Eles foram para a escola noturna para aprender inglês, provavelmente, depois de eu ter nascido. Ambos liam e escreviam em inglês. O inglês do meu pai era bastante bom. Em casa, eles falavam em iídiche. Nós respondíamos em inglês. Se eles não quisessem que nós soubessemos o que eles estavam dizendo, eles falavam em polonês ou em russo porque eles





sabiam ambas as línguas. Meu pai, certamente, sabia hebraico, assim nós tínhamos um bocado de línguas em casa”.

“Eu tenho uma caixa grande cheia de cartas e de postais que meu pai escreveu para a minha mãe, quando ele estava aqui e ela ainda estava lá. Alguns deles... meu pai costumava conseguir esses maravilhosos postais de lindas senhoras e as cores dos postais são tão intensas como se eles tivessem acabado de ser impressos esta manhã. Também a minha mãe escrevia para o meu pai. Eles escreviam nesses pequenos cartões postais. Eles escreveram todo um romance nesses pequenos postais. Essas cartas, eles tinham escrito um para o outro, eu tenho mexido nesta caixa centenas de vezes, mas, infelizmente, está tudo escrito em iídiche e eu não posso ler porque eu não consigo ler a letra do meu pai. Assim, eu o que estou fazendo agora é aprender o alfabeto escrito”.

“Eu quero ler essas cartas porque poder ser tudo muito pessoal. Mas conhecendo o meu pai, ele deve ter escrito um bocado sobre como era a vida na América para contar para todas as pessoas. Devem ter coisas lá em que ele descreve a sua vida na América. Ele tinha um emprego na estação de trem, vendendo jornais e eu tenho uma pequena carta escrita para ele pelo patrão, em inglês, dizendo que nós estamos felizes em lhe oferecer o emprego e, assim por diante, por doze dolares por semana”.

“Eu acho que o meu pai chegou em 1910. Minha mãe deve ter vindo dois anos mais tarde e eles se casaram logo que ela chegou e, então, eles mandaram vir a irmã mais nova dela para viver com eles. (...) Eu lembro ter perguntado à minha mãe como era a Polônia naquela época. Porque não era uma pequena cidade, onde eles comiam galinha uma vez por semana. Eles eram pessoas importantes, e eu perguntei como era viver lá como judeu porque no fim da rua havia uma igreja grande e dessa forma a cidade tinha sido construída. Não era uma cidade judaica. Ela disse que para os judeus era muito difícil viver lá pois os poloneses odiavam os judeus. Eles eram muito anti-semitas e os judeus apenas tentavam permanecer juntos mesmo, embora, eles não estivessem vivendo em um gueto como se sabe. Era um tipo de gueto feito por você próprio porque era um modo dos judeus se protegerem dos poloneses que não gostavam dos judeus”.

Marianna não tem tanta certeza se, quando os seus pais chegaram, eles se estabeleceram no Lower East Side. “Eu tenho alguns postais que mostram que o meu pai morava no East 7<sup>th</sup>.



Street, que é aqui perto (refere-se à parte de baixo de Manhattan), eles não tinham um telefone, assim eles escreviam um para o outro. Ela morava em algum lugar na parte de cima de Manhattan. Talvez na rua cento e pouco, isso antes de casarem. Assim, eles moravam em Manhattan”.

“Eu não sei quando eles compraram a casa em Far Rockaway, antes de eu nascer, estou certa, antes do meu irmão nascer e ele é bem mais velho do que eu. Naquele tempo, a casa era isolada. Eu não tenho certeza se ambos os nossos vizinhos estavam lá, naquela época, porque eles sempre disseram que, quando eles compraram a casa havia mais terreno ou, talvez, eles tivessem o terreno ao lado porque eles criavam galinhas – Marianna ri -, eu não tenho certeza. Eu sei que uma vez o meu pai veio para casa com um recibo e ele disse, ‘é isso, eu acabei de pagar o empréstimo da casa’ e ele pegou, então, uma caixa com os recibos de todo o dinheiro que ele tinha pago e foi para o quintal, juntou um bocado de folhas e nós fizemos uma grande fogueira, colocamos batatas e comemos no quintal – Marianna ri”.

“Nós não crescemos, na verdade, na Cidade de Nova York, muito embora fosse na ilha. Naquele tempo, Far Rockaway tinha uma grande população judia. Nós vivíamos o tipo de vida que, alguém, vivendo na Europa, teria em uma família ortodoxa porque era uma família extensa morando todos perto da gente. Todos os irmãos e irmãs do meu pai e as famílias das três irmãs da minha mãe moravam no lugar. Nós estávamos sempre juntos, todos os primos, toda a família, para os feriados e as férias, nós estávamos sempre na casa uns dos outros no verão”.

“Nós tínhamos amigos, minha irmã e eu, mas, a coisa mais importante era o *Shabbat*, nós aguardávamos o *Shabbat*, nós íamos passear juntas. Nós nos reuníamos no quintal, a maior parte dos sobrinhos e sobrinhas do meu pai cantavam, com vozes muito bonitas. Eles eram quase da mesma idade do meu pai porque ele era o mais jovem da família. Todos eles costumavam vir para a nossa casa. Nós nos divertíamos muito cantando e estando juntos”.

“Nós não éramos ricos, nós não estávamos tão bem de vida, mas, nós tínhamos um jardim grande na parte de trás da casa, onde nós comíamos e, nós crescemos um pouquinho sozinhas porque a minha irmã e eu não queríamos fazer o que as outras crianças faziam. Nós nunca andamos de bicicleta ou de patins. Nós íamos muito para a praia. Nós tivemos uma infância maravilhosa, protegida e amada. Então, o meu irmão casou-se, ele é mais velho do que nós. E





ele foi embora da casa. Ele é um pouco mais assimilado na cultura americana do que nós éramos, nós vivíamos num pequeno casulo. Depois que nós vendemos a casa, nós fomos tocar a nossa vida”.

De todas as entrevistadas, Marianna foi a única que não teve condições de ir para a faculdade de forma sistemática. “Eu estava sempre interessada em música e foi muito difícil para mim porque eu não pude ir para a faculdade quando eu terminei o segundo grau, meu pai ficou muito doente e eu tive que ir trabalhar. Minha irmã era mais nova, assim ela não teve que fazer isso. Eu já estava com dezessete ou dezoito anos e tive que fazer um curso comercial para aprender como datilografar e fui trabalhar porque eu tinha que ajudar a família. Meu irmão já tinha tomado o rumo com a sua mulher. Assim, eu não tive a oportunidade de fazer o que eu queria, mas, tudo bem. Quando nós nos mudamos para a cidade (Manhattan), eu trabalhei como secretária e estudei música, canto, e eu segui o meu caminho, meu sonho. Eu fiz isso, apesar de todos os meus tios terem ficado muito aborrecidos comigo e com a minha irmã. Eles achavam que nós devíamos parar com todo aquele *non sense* de estudar espanhol (a minha irmã) e de estudar música (eu mesma). Nós deveríamos nos tornar guarda-livros, fazer bastante dinheiro e encontrar um marido rico. Mas, nenhuma de nós queria isso”.

“Meu pai, meus pais não eram pessoas materialistas. Ele era um agente de seguros, ele não era um homem de negócios. Ele andava nas cidadezinhas dos arredores, recolhendo cinquenta centavos das apólices. Mas ele era um homem muito bondoso e atencioso, um homem que não era de modo nenhum materialista. Ele estava sempre lá. Nós sempre tínhamos pessoas que vinham de trem apenas para falar com o meu pai, para pedir o seu conselho. Assim, nós crescemos em um lar muito forte, amoroso e protetor e nós fomos tão protegidas do mundo exterior que, quando nós nos mudamos para a cidade, nós éramos tão ingênuas que nós não sabíamos como era o mundo fora da nossa casa. Mas, nós tentamos conservar aquilo que nos foi ensinado e nós ainda procuramos manter (os ensinamentos dos nossos pais)”.

“Nós crescemos em uma família tão maravilhosa, amorosa, acolhedora, com primos, tias e tios. Nós tínhamos uma casa pequena, uma casa de dois quartos. Quando o meu irmão estava em casa, ele dormia na varanda. As duas irmãs da minha mãe, em um certo momento, o marido da sua irmã mais velha que trabalhava no ramo de casacos e, como sempre havia a temporada da



baixa-estação, quando não havia trabalho, e eles não tinham dinheiro algum e nós tínhamos essa pequena casa, mas, não havia problema, toda a família, nós éramos em cinco e eles eram em cinco. Certamente que, vocês têm que ficar aqui até que a temporada da baixa-estação termine”.

“Toda a noite, eles pegavam os colchões da nossa cama e os colocavam no chão da sala de jantar e nós tínhamos, a minha irmã e eu, que dormir juntas na nossa cama sem a parte de cima do colchão. Tudo bem, não era problema. A outra família dormia na sala de jantar e nós dormíamos nessas camas sem a parte de cima dos colchões e era maravilhoso. Nós colocávamos metade da nossa mobília na varanda da frente. Ninguém se incomodava com isso. E quando ele voltava para o trabalho, eles se mudavam de volta para o Brooklyn e nós colocávamos a nossa casa em ordem novamente. E isso aconteceu mais de uma vez, assim havia sempre esse sentimento de que a família era bem próxima e tão acolhedora”.

“Quando os meus pais vieram para este país, eles foram viver no Lower East Side, e depois eles se mudaram para Rockaway, onde eu cresci. Em Rockaway, a minha amiga mais querida, que morava vizinha da minha casa, era italiana e minha mãe tinha uma amiga muito boa que morava do outro lado da rua e que era holandesa. E as pessoas vizinhas do outro lado da nossa casa eram católicos irlandeses. Nós éramos uma comunidade muito unida. Meu pai era o *shamas* da sinagoga. Era uma vida religiosa muito rica. Eu fui para o *cheder* quando eu era pequena, eu tinha a minha pequena *Torah* quando eu conclui o curso. Eu aprendi hebraico, não iídiche, mas, eu não me lembro de coisa alguma. Nós tivemos uma vida muito rica”.

“Nós tínhamos uma linda cerejeira e o meu pai construiu no quintal uma espécie de cabana, que nós usávamos como *succah* no feriado. Nós tínhamos uvas e cerejas e meu pai fazia vinho. Em *Pessach*, era um ritual e ele costumava encher garrafas com o vinho que ele tinha feito e minha mãe fazia um pequeno prato com *Matzoh* e nós levávamos para os nossos vizinhos. Nós levávamos comida de *Pessach* para o vizinho da casa ao lado, seu Kelly. Em *Rosh Hashanah*, nós fazíamos a mesma coisa. Nós levávamos vinho e bolo de mel para todos os vizinhos”.

“Em *Pessach* era engraçado porque caía ao mesmo tempo que a Páscoa e os Kellys não estavam a par de que nós não podíamos comer *Chumash* e, naquele tempo, a loja *Woolworth*, a cinco e dez centavos o item, tinha ovos gigantes de chocolate de Páscoa e se você fosse lá, eles escreviam o nome da criança no doce e, em cada *Pessach*, eles nos davam esses enormes ovos de





chocolate com nossos nomes neles. Minha mãe dizia, você não pode dizer não. Nós dizíamos muito obrigada e nós íamos até o porão da casa e guardávamos os chocolates até o fim do *Pessach*. Essa família era católica irlandesa. Eles sabiam que nós estávamos tendo um feriado, mas, eles não sabiam o que era”.

Também *Hanukah* e Natal aconteciam na mesma época e eles tinham uma imensa árvore de Natal e eles convidavam meu pai para me levar para ver a árvore de Natal. Eu tinha talvez quatro ou cinco anos e para mim era como estar no céu. A primeira árvore que eu vi estava cheia de coisas prateadas e douradas penduradas. Eu estava tão encantada! Eu pensei que essa era a coisa mais gloriosa que eu tinha visto. E, certamente, eles deram para mim e para minha irmã presentes. Meu pai deu para eles um presente de *Hanukah*. Foi realmente muito bonito. Nós não tínhamos divisões”.

“Eu lembro que contei essa história para uma amiga minha e ela ficou horrorizada. Ela disse, o seu pai não deve ter sido um bom judeu indo para uma casa cristã para ver uma árvore de Natal. Eu disse, pelo contrário, ele era muito bom judeu, justamente, porque ele sabia o significado do valor espiritual do que ele fazia, o que o levava a admirar o feriado de alguma outra pessoa. Meu pai nos ensinou que você tem mesmo que apreciar e dar atenção às crenças das outras pessoas. Você vê o que acontece quando as pessoas não seguem (esse procedimento). Há guerra. Todas essas memórias que têm sempre estado comigo, eu nunca me senti diferente pelo fato de ser judia e eu não tinha árvore de Natal, nem tinha roupas novas para a Páscoa, ou usava verde no dia de St. Patrick. Eu não me sentia de fora. Estava certo. Eu tenho o meu (feriado), eles têm os deles e eu posso apreciar o que cada um tem porque isso não tem importância”.

Muito embora Marianna tenha se referido ao fato de ter vivido quase que em um “gueto”, em um “casulo”, arrodada da família extensa - tios e primos dos dois lados da família - chama a atenção o fato de que os seus pais mantiveram relações de amizade com vizinhos não judeus, o que não aconteceu com a mesma intensidade no caso das outras entrevistadas.

A mãe de Marianna não trabalhava fora de casa. “Minha mãe estava sempre em casa. Ela não era uma escrava da casa, embora, de um certo modo ela fosse. Ela esfregava (limpava) todos os alimentos antes de cozinhá-los. Mas, ela era uma mulher muito linda, ela gostava muito de



roupas bonitas, sempre usava vestidinhos bonitos e tinha sempre o seu cabelo feito e as unhas também. Usava belas jóias e brincos, que eu ainda uso. Ela era muito próxima da sua irmã, que morava na cidadezinha próxima, elas eram muito próximas uma da outra. Ela tinha uma amiga, essa senhora holandesa, que costumava vir em casa, sentava-se e trocava receitas com ela. Ela costumava ir um bocado no cinema. Naqueles dias, quando você ia ao cinema, eles davam *tickets* que você usava para conseguir pratos e outras coisas, ou para ganhar alguma outra coisa. Ela amava a praia. Nós costumávamos ir todo o verão à praia e fazíamos pic-nics na praia. Ela não trabalhava, mas ela tinha coisas para fazer, visitar sua tia, ir do outro lado da rua, fazer compras. Quando nós crianças voltávamos da escola e ela não estava em casa, havia sempre um bilhete dizendo onde ela se encontrava”.

“Naqueles dias, a porta de trás da casa tinha apenas uma chave bem simples e, quando você saía, você trancava a porta e colocava a chave debaixo do capacho – Marianna ri -. Assim, quem chegava em casa primeiro, abria a porta e se havia um bilhete pendurado no fio da luz da cozinha, você sabia que ela tinha ido fazer alguma coisa. Ela era uma cozinheira fantástica e uma boa dona-de-casa. Ela estava sempre ocupada com a família. Nós éramos muito voltados para a família”.

“Meus pais iam para a sinagoga da vizinhança e eles eram também membros do círculo da família Brody porque meu pai tinha tantos irmãos e irmãs, que nós fomos incorporados ao círculo familiar. Eles iam para reuniões o tempo todo, *landsmanshaft*, da sua pequena cidade. Foi aí que começou o meu amor pelo teatro Iídiche. Quando eu era bem pequena, eu não posso me lembrar, meus pés não tocavam sequer o chão, meu pai costumava me levar para a cidade para o teatro Iídiche porque eles tinham apresentações beneficentes para angariar dinheiro para a organização deles e eu sempre me acostumei a ir com eles para o teatro iídiche”.

“Todo o verão nós tínhamos umas férias maravilhosas no interior, e eles levavam minha irmã e eu para a Estátua da Liberdade, para o Aquarium e para museus. Nós não ficávamos presos em casa. Minha mãe amava seu jardim, meus pais costumavam cuidar do jardim um bocado, e eles faziam vinho juntos. Eles lavavam as janelas juntos. Eles faziam tudo juntos, passeavam no calçadão”.





## Síntese dos relatos

### Na cidade de Nova York

A partir das informações sobre a cidade de origem dos imigrantes, tem-se desde aqueles imigrantes que vieram de cidades grandes, tais como Varsóvia, Vilna, Odessa, até aqueles que eram originários de pequenas cidades e vilas da Europa Oriental. Poder-se ia supor que o fato do indivíduo ter sido originário de uma cidade grande poderia de uma certa forma influenciar a sua inserção na sociedade norte-americana e, de modo específico, no mercado de trabalho. Entretanto, parece que ocorreu uma tendência da sociedade receptora de nivelar, de homogeneizar as pessoas a partir da sua entrada no mercado de trabalho e a partir das forças internas à própria sociedade norte-americana tais como, o processo de americanização, isto é, a imposição das normas e valores dominantes, e o anti-semitismo.

Pela própria escolha da técnica empregada na seleção das entrevistadas, a da bola de neve, o grupo assim constituído apresenta uma certa semelhança entre si. Na Europa Oriental, a respeito de condições de vida, as filhas contaram as histórias que ouviram dos seus pais, histórias de pobreza, de orfandade e rejeição, de anti-semitismo, de pogrons. Em termos de ocupação, elas descreveram uma variedade de ocupações dos pais imigrantes e avós, quer imigrantes ou não, que incluíam alfaiate, lenhador, vendedor em loja, professor ambulante, operário, artesão, estudante dos textos sagrados. Em termos de religião, falaram que muitos avós tinham sido bastante religiosos, e outros tinham sido seculares, anti-religiosos, ateus e, em alguns casos, socialistas.

A respeito da posição política, há uma variedade grande de posições de pais e avós, desde aqueles eram socialistas, comunistas, anarquistas, sionistas, Bundistas e aqueles que, atingidos pelos ideais do iluminismo judaico da busca pela cidadania e direitos políticos, lutaram pelo acesso à educação da mente e o fortalecimento do corpo, em contraposição aos ideais religiosos de dedicação exclusiva ao estudo dos textos sagrados.<sup>9</sup>

Nos Estados Unidos, na cidade de Nova York, essas posições foram fortalecidas, reformuladas, alteradas. Assim, tem-se aqueles imigrantes que combinaram a sua posição

<sup>9</sup> O iluminismo judaico ou Haskala, em hebraico, surgiu em Berlim, na então capital da Prússia, no século XVIII. O movimento pregava a completa emancipação dos judeus como cidadãos livres em relação ao Estado, sem a intermediação da organização comunitária judaica, a kehilla. Propunha também a secularização do ensino, valorizando a realização pessoal. A Haskala alcançou a Europa Oriental, onde quer que existissem trilhos de trem (Dawidowicz, 1967).



judaico-secular, anti-religiosa, com a postura socialista em termos teóricos apenas, demonstrando uma ansiedade muito grande para se assimilarem à sociedade norte-americana; os que na Europa Oriental tinham sido comunistas e passaram a sionistas; os que persistiram na postura anarquista, tendo ativa participação política em grupos anarquistas, lutando pela libertação de prisioneiros políticos, mantendo mesmo contatos com Emma Goldman, expoente do movimento anarquista da época; aqueles que tiveram ativa participação em *landsmanshaften*, associações formadas a partir do local de origem do imigrante; aqueles que pertenceram a sinagogas; os que pertenceram ao Workmen's Circle, organização socialista judaica; os que participaram da redação de jornais anarquistas e de esquerda; aqueles que participaram ativamente de sindicatos de trabalhadores; os que se manifestaram a favor dos "necessitados" e dos negros; os que simpatizaram com a revolução bolchevista, filiando-se ou não ao partido comunista, e dentre eles, aqueles que afastaram-se do partido comunista após as perseguições e assassinatos de amigos e de dissidentes políticos na União Soviética.

Na maior parte dos casos estudados, os imigrantes podem ser vistos como "intelectuais-trabalhadores", no dizer de uma das filhas entrevistada. Além da preocupação que expressaram em "refazer o mundo", tiveram todo um anseio em preservarem a língua, a literatura e a cultura iídiche. Como iídichistas, preocuparam-se com a transmissão do iídiche para os seus filhos, colocando-os em *shules* de esquerda, escolas judaicas freqüentadas depois da escola pública, onde as filhas aprenderam, língua e literatura iídiche e história do socialismo.

A vida dos imigrantes, porém, não se restringia unicamente ao seu universo de membros de uma parte do grupo étnico judaico. Além de lerem jornais em iídiche, publicados na cidade, os pais liam muito jornais em inglês, e livros – havia sempre livros em casa –, iam ao cinema e ao teatro, aos museus e, é claro, às reuniões políticas, sempre levando as filhas. Havia uma preocupação muito grande com o estudo e a formação dos filhos, conforme o relato das entrevistadas. Nesse ponto, parece que não houve uma diferença quanto à educação proporcionada aos filhos, homens e mulheres. Os pais cuidavam dos cartões da biblioteca das filhas, levando-as sempre à biblioteca para retirarem livros. As filhas foram incentivadas a irem para a faculdade, o que, quase todas, realmente fizeram. Nessa época, essa atitude foi facilitada





pela fato da universidade pública ser gratuita. Posteriormente, aquelas que fizeram pós-graduação, puderam pagar o curso, pois já estavam trabalhando.

Entre uma grande parte das mães imigrantes, para as quais o mundo judaico da Europa Oriental havia se tornado demasiado estreito para as suas aspirações, houve um interesse grande em participar dos novos costumes no que diz respeito à mulher. Assim, as filhas se referiram ao novo corte de cabelo, ao uso do cigarro, às conversas sobre amor livre, controle da natalidade e sobre Emma Goldman. Ao que parece, segundo as entrevistadas, muitas mães já conheciam o controle da natalidade, pois tiveram apenas uma filha, para poderem lhes proporcionar uma melhor educação.

A pressão e o incentivo que as filhas apontaram, na maior parte dos casos estudados, para que estudassem e lessem, levou uma delas a se referir ao “ethos de ser judeu”, como compreendendo esse incentivo obrigatório e permanente à educação. Existiria esse “ethos de ser judeu”?

Na cidade de Nova York, os imigrantes permaneceram ligados à localidade de origem, seja através das *landsmanshaften*, a que pertenciam, seja através do envio de pacotes e cartas para os parentes que haviam ficado, seja pelo fato de pertencerem a movimentos políticos de caráter amplo, como os movimentos socialistas, comunistas e anarquistas. A ruptura com as suas famílias, parentes, amigos e correligionários, que haviam permanecido na Europa Oriental, só vai ocorrer com o Holocausto, quando “tudo de onde eles vieram se foi”.

### 13. Na Cidade de São Paulo

#### Célia

Conta Célia: “Bom, o que eu sei, o pouco do que eu sei da vida deles é que o meu pai imigrou para Recife, nem ele sabia dizer porque, acho que era porque o navio iria para Recife e ele saiu, ele vinha da Bessarábia. Ele saiu tendo uns catorze anos. Ele já tinha um irmão que já tinha ido antes dele e ele foi depois. O irmão dele já estava em Recife e depois foram trazendo os outros irmãos”.



Célia tenta calcular a data de chegada do pai e recuperar as antigas lembranças: “Estou tentando fazer conta para saber o ano em que ele deve ter vindo porque eu sou de 20. Eles devem ter casado por volta de 18 porque eu tinha uma irmã mais velha. Então eu acredito que ele deve ter chegado lá mais ou menos 1910, 1911, deve ser por aí. E a minha mãe veio também da Lituânia, também chegou mocinha em Recife. Eles trouxeram até os pais dele”.

As lembranças de Célia a respeito dos avós paternos são muito escassas, talvez pelo fato de ter saído de Recife ainda criança, aos cinco anos de idade. Ela conta que o pai e os tios “trouxeram até os pais deles. A mãe e o pai e eles viveram até ficarem bem velhos. Os pais dele ainda. E mal falavam português, apesar de todos os anos que ficaram morando em Recife”.

A respeito da mãe, diz Célia: “E a minha mãe veio da Lituânia, também chegou mocinha em Recife, tanto que se conheceram em Recife, não tinham ligação nenhuma anterior e casaram em Recife. Aí eles se estabeleceram lá com uma loja, a minha mãe chegou, casaram”.

Aprendendo a ler, em casa, com a mãe: “Bom, chegamos em São Paulo, fomos morar em uma casa bem pequena, numa vila e naturalmente minha mãe me ensinou a ler e escrever, ela que falava um português mais errado do mundo. Eu sentava, eu acho que não tinha nem seis anos ou seis anos já. Eu sentava, ela pegava um papel, que era o papel onde vinha embrulhado o pão, que era meio transparente, punha em cima do jornal, e eu fazia as letras e tinha que dizer as letras e eu aprendi a ler e a escrever. Quando eu entrei no grupo escolar, eu já sabia ler e escrever. E depois estudamos aqui em grupo escolar porque não existia naquela época história do colégio particular”.

A maioria dos contatos de Célia e dos seus irmãos era com não-judeus: “Nós não frequentávamos nenhum tipo de congregação, de círculo de judeus, nada. Nós nos criamos em colégios não-judaicos, só com amigos de não-judeus. A minha mãe, o meu pai, a minha mãe não, porque a minha mãe era o tipo da pessoa que sempre foi dona de casa, sempre fazendo almoço aos domingos, muito cordata e muito passiva e o meu pai sempre foi anti-social, sempre. Não me lembro nunca deles terem recebido gente em casa. Não tinha isso, só quando vinha família de Recife, que se hospedava lá. Mas do contrário, nunca receberam gente em casa. Eles viviam os dois, só. E nós então, tínhamos as amizades, que eram as amizades da nossa idade, dos





vizinhos, da escola, que era uma escola pública, então nunca tivemos nenhum contato com o meio judaico”.

Contatos com judeus e a postura do pai em relação à preservação da identidade judaica: “Nós, por exemplo, íamos às festas no templo ali do *Beit-El*, lá na Martinho Prado, travessa da Augusta, lá em baixo. Era lá que a gente frequentava, mas se ía lá nas festas e pronto. De vez em quando tinha um convite de um meio-parente para uma visita, mas não havia nenhuma, nenhuma ligação social forte dos meus pais de jeito nenhum, nunca. Mas, ele fazia questão absoluta de sempre reprisar que era judeu e que nós nunca poderíamos nos casar com um não-judeu. Isso aí ele tinha como a finalidade maior. Ele não procurou nos entrosar mas ele exigia – Célia ri -, entende? Não é tão fácil (achar judeu). Era até cômico, viu?”

Célia conta da resistência do pai em relação ao seu desejo de estudar e trabalhar: “Aí apresentou-se um pequeno drama porque eu queria fazer faculdade. Bom, aí foi um grande drama porque nem pensar, aí eu fui fazer o curso de secretária. Minha mãe não dizia nada, coitada. Ela até era uma alma tão boa, a gente não saía, não ía às festas, nada porque você não tinha contato, então nós íamos nas festas que as meninas *goyim* nossa vizinhas e amigas iam. Então quando a gente ía, ela acobertava isso tudo. A gente frequentava festa de *goy* só. E depois, quando eu achei que queria fazer faculdade, ela não tinha nada, ela era realmente uma pessoa que não tomava... Era ele que decidia. Ele achava que era bobagem, primeiro porque a função da mulher é achar um marido e casar ponto. Agora fazer faculdade para fazer o quê? Não tem o que fazer, precisa estudar tanto? Quanto mais você estuda, ele dizia para mim, menos possibilidade de achar um marido, vai ficar dona sabidona – Célia ri -, ele falava. Então eu fiz o curso de secretariado.”

“Minha irmã que só pensava em se enfeitar e namorar, estava pouco ligando, se fizesse secretariado ou se fazia não-sei-o-quê – Célia ri. Ela estava interessada em outras coisas. Meu irmão, onde, você sabe, o judeu põe todas as esperanças, era um rapaz bonito, mas folgado que não estava nem aí. Ele militava no Paulistano, ele nadava, ele não sei o quê, de estudar, nada! E a única que estudava era eu, coitada, só que não tinha chance. Mas, tudo bem, fiz secretariado com muita insistência.”



“Eles achavam que, você vai fazer alguma coisa para te servir em casa. Secretariado, *nu*? Você vai fazer o que com secretariado? E aí eu estudei inglês. Consegui a duras penas, então, estudar inglês, estudar francês e tal. E aí a minha irmã casou-se muito nova com dezoito anos. Apareceu um judeu, sim. Era um rapaz que veio de Recife e era meio-parente, mas não por sangue, por afinidade, sei lá, sobrinho de não sei de quem... e esse cara apareceu e os dois começaram a namorar e casaram e ela tinha dezoito anos. Aí fiquei só eu lá. Aí o tempo foi passando, eu arranjei um trabalho para grande desgosto dele. E eu já não tinha dezoito anos, nem dezenove, nem vinte. Aí eu já tinha vinte e seis anos e ele se arrancava os cabelos – Célia ri muito -. Essa solteirona aqui, o que que pretende e, bom, até que chegou o dia que eu conheci, o que foi o meu marido” – Célia ri.

Célia afirmou que “nunca sentiu alguma coisa de anti-semitismo declarado,” no entanto, “Quem sentiu mais isso foi o meu irmão, que ele militava no Clube Paulistano, na Rua Colombia, continuação da Augusta. É um clube, hoje, nem sei se eles aceitam judeus, acho que nem deixam entrar. Eles dão uma desculpa qualquer e judeu para entrar lá precisa ter muita influência e sempre foi assim, é um clube de nomes tradicionais bem brasileiros e lá eu sei que o meu irmão... Pois é, lá ele sentia que havia um anti-semitismo latente, não que alguém ia chegar para ele e dizer, você é judeu? Mas havia um anti-semitismo latente, então, quando ele falou isso, eu disse, olha meu, você fez a escolha para que é que você precisa ir nesse clube. Isso há uns 50 anos atrás, ele era garotão, mas lá era o quente, era a história e ele militava lá em natação, então você não pagava nada, mas você tinha que competir pelo clube, então ele ficou algum tempo lá no Paulistano e depois, como ele era um aluno péssimo, aí o meu pai resolveu, disse para ele, escuta você vai para Recife e você vai trabalhar na loja, você não quer estudar, tudo bem, então vá para lá e ele foi.”

Quando o pai ficou viúvo e já estava cansado de morar sozinho, ele mudou-se para a casa de Célia. A velhice aproximou-o da religião: “Aí foi uma época, não foi má, ele era uma pessoa que não incomodava, cuidava das coisas dele, ele ia ao banco, ele fazia as coisas dele, ele ia rezar todo o dia no *Beit-Hino*, que é aqui na Padre João Manoel, que depois de velho ele ficou religioso. Achei uma coisa maravilhosa porque ele tinha uma ocupação, ele ia toda a manhã rezar lá e no *shabbat*, então, ele ia lá e lá ele comia, encontrava as pessoas, tinha umas rezas de sábado





de manhã, ele ficava lá a manhã inteira porque tinha um *Bar-Mitzvá*, tinha não-sei-o-que, era uma ocupação fantástica, sabe?”

### Amélia

Opole localiza-se a 82 Km. a sudoeste de Czestochowa, na Polônia. O relato de Amélia sobre a vida dos seus pais em Opole, na Polônia, é bastante elucidativo sobre a vida dos judeus dessa localidade: pobreza e anti-semitismo constituíam o binômio que marcava os moradores de Opole.

“Em primeiro lugar ele foi o primeiro imigrante da vilazinha dele, era... chamava-se Opole, na Polônia, uma vila bem pequeninha, perto de Lublin e ele veio com um amigo, aliás ele se casou com a minha mãe e ela ficou lá e 4 dias depois do casamento ele veio aqui com esse amigo. É uma vila pequeninha e Lublin é perto de Varsóvia. Ele veio junto com esse amigo em 1925, veio para cá. (...) e acho que, um ano depois, a minha mãe veio para cá.”

O pai de Amélia “apesar de não poder estudar porque não podia estudar na Polônia, não na cidade onde ele morava, mas ele era uma pessoa muito culta. Ele contava da cidadezinha, tenho até foto, era mesmo uma aldeia. Tenho umas fotos de lá, era uma aldeia, a vida era muito difícil tanto é que tiveram que sair de lá porque eles não tinham oportunidade, nem de estudar, nem de trabalhar. Eu me lembro que a minha mãe contava que, quando ela chegou aqui no Brasil, ela andava na calçada (e quando) ela via alguém vindo, ela descia da calçada com medo de ser empurrada porque na Polônia, onde ela morava, sempre foi assim, não? Os judeus tinham medo, era muito anti-semitismo e se um judeu andava numa calçada e vinha vindo um polonês, ele tinha que descer porque senão ele era... uma vida muito difícil”.

Para Amélia, “a maioria veio pra cá porque não tinha oportunidade, oportunidade de trabalhar. O meu avô, o pai dele, tinha uma venda pequeninha, um tipo de uma mercearia pequeninha. Olha, as oportunidades eram muito poucas de trabalhar, era gente que carregava coisas para os poloneses, era gente que tinha um pequeno pedaço de terra, então tinha uma vaquinha, alguma coisa, mas trabalhar, trabalhar vamos dizer de poder se desenvolver alguma coisa nesse *shtetl* nunca teve. Eu acho que você deve ter assistido *Violinista no telhado*, olha é exatamente aquilo, sem oportunidades e muito anti-semitismo. O polonês era muito, muito anti-



semita Então, lembro de minha mãe contar de meus primos que iam para Varsóvia, iam com amigos, então um tinha um par de sapato, então um saía o outro ficava no quarto, quando o outro voltava, se trocava... não sei se era o mesmo número de sapato e sonhando sempre com uma vida melhor”.

Sobre a família da mãe e o seu terrível desaparecimento: “A minha mãe também ela tinha... ficaram três irmãos dela lá, a sobrinha recém-casada com o nenê. Ela deu um duro danado, ela trouxe pra cá o sobrinho que casou logo e acabou não ajudando a família que podia ter trazido para cá. Ela lutou muito, muito, mas, não tinha o dinheiro suficiente pra trazer a família para cá e essa irmã dela era viúva, com a filha e o sobrinho. A vida toda ela sempre chorou essa família toda, tanto ela quanto o meu pai essa família toda que ela perdeu e o meu avô por parte dela”.

A vida dos judeus em Opole: “Eles viviam assim de... olha nem sei te dizer, eram coisinhas... os judeus nesse *shtetl*, era tão difícil a vida deles que, até hoje, a gente não consegue entender nem como eles sobreviviam porque era um negocinho pequenininho, era uma lojinha, era um armazém, era um bazarzinho. Outras oportunidades não existiam e muito menos para o pessoal jovem tanto é que, os que puderam vieram embora, os que não puderam, morreram”.

Amélia explica as razões da vinda dos pais: “O negócio era só sobrevivência, não era vontade de sair porque se despediram da família, minha mãe sempre dizia, quando se despediu da família, ela dizia (um termo em iídiche) que, era como uma despedida em vida, era como se despedisse para nunca mais ver porque não sabiam se iam se ver mais. De fato eles nunca mais se viram, mas só vieram para cá por causa da sobrevivência porque lá não tinha oportunidade nenhuma de trabalhar, de fazer alguma coisa”.

A pobreza não impedia que o pai de Amélia fosse uma pessoa que gostasse de ler: “Dentro dessa pobreza toda porque era pobreza, meu pai, apesar de não ter podido estudar, era uma pessoa muito culta, procurou ler, me introduziu para todos os escritores russos, Dostoievsky, Tolstoi. Ele lia muito para mim, e dentro da literatura judaica também lia muito, conheci todo Sholem Aleichem, Sholem Ash, Peretz, enfim tudo isso”.

Os pais de Amélia recebiam os imigrantes de Opole, tão logo eles chegavam, além disso, a sua casa constituía o ponto de encontro dos *landslayt*, dos conterrâneos. “Tinha muitas reuniões na minha casa, onde o pessoal se encontrava pra discutir livros e discutir literatura, discutir





situações políticas. Enfim eu passei a minha infância dentro de um ambiente muito bom. As pessoas não tinham condições mas eram muito alegres e uma vida muito alegre, tinha aquelas vitrolinhas pequenas que virava assim, então sempre apareciam os amigos em casa com discos, tocava os discos e todo o mundo dançava. Não tinha o luxo de hoje. Lembro a minha mãe punha na mesa arenque com tomate, e um bolo – Amélia ri - e estava feita a festa e todos sentiam muita a falta de família, então se procuravam muito, não? Estávamos sempre juntos, estávamos sempre juntos e se procurando, morei assim no Bom Retiro até os sete anos de idade”.

Quando por dificuldades financeiras, a família se mudou para o Cambuci, Amélia entrou em contato com crianças não-judias e com a religião católica no grupo escolar. “(No Bom Retiro), eu cresci num ambiente bem mais judaico, mas cresci também no Cambuci. Era muito engraçado, porque eu ia nos velórios, eu ia nas igrejas lá com as crianças aprender a rezar, sabia todas as rezas – Amélia ri -. Todas, (com) os vizinhos, sim, por causa eu tinha as minhas amiguinhas da escola, então, eu aprendia tanta reza que uma professora me perguntou se eu não queria fazer a primeira comunhão, depois, ela se assustou e ela voltou atrás porque eu sabia mais as rezas do que as meninas *goyim*, aprendi mais, adorava – Amélia ri -. Sabe que, nesse ponto, vamos dizer que eu sentia falta da religião na minha casa porque não tinha religião, tinha vamos dizer, jantar de Rosh Hashanah, jantar de Pessach que minha mãe fazia, a família era pequeninha porque infelizmente era isso. Então, ver o Natal e ver a Igreja que é muito mais bonita, para uma criança, do que uma sinagoga, não é verdade? E todo aquele ritual, e tudo, eu achava, quando eu ia para escola, eu ia escondido dos meus pais, eu ia com a menininha lá para escola, eu passava pela igreja também, eu fazia as minhas rezinhas e tudo” – Amélia ri.

“Depois eu me lembro que a professora de comunhão, eu ia assistir junto com as meninas, ela me perguntou, ‘mas você não quer mudar de religião?’ Depois, ela mesmo se assustou, porque eu também levei tamanho susto, aí eu parei, não frequentei mais. (Tinha aula de religião no grupo escolar e a professora era do próprio grupo). Mas era uma das coisas que eu me sentia mal, na hora de religião, eu saía da classe, era muito desagradável e saía eu e uma menina protestante. Porque era obrigatório a religião. (E naquele tempo no Cambuci) Tinha poucos (judeus), aí tinha... até hoje encontro elas, de vez em quando, na Hebraica, tinha umas três,



quatro famílias com quem eu me dava, mas me dava junto com as meninas *goyim* porque éramos em três, quatro meninas iídiche.”

Para a mãe de Amélia, o Bom Retiro e, mais ainda, o Cambuci, representou um retrocesso em termos de posição da mulher, se comparada com aquela que ela detinha em Varsóvia. “Minha mãe era uma mulher muito bonita, vistosa, e apesar de ela ser duma vilazinha, mas ela ia para Varsóvia, a capital da Polônia, então ela estava acostumada já naquela época. Imagina ela veio para cá, acho que em 26, e acostumada que uma mulher saía sozinha na rua, se arrumava saía na rua, então, quando ela veio para cá isso era muito normal para ela, ela sair sozinha. Depois que eu nasci, isso ela me contava, ela ficou muito doente e tinha um médico que era na cidade, na rua João Bricola, me lembro até hoje Dr. Braga. Então, naquela época, ela se arrumava, punha o chapéu, luvas, saía toda bonita e ela era mal falada pelos *goyim*, como que uma mulher toma um bonde sozinha, e vai para cidade sozinha. É, nossa, durante anos, aqui o pessoal era muito provinciano, mas muito provinciano.”

“Quando nós mudamos para o Cambuci, eu devia ter uns seis anos, sete, olha, mas eram tão provincianas, a minha mãe naquela época também se arrumava, já não com chapéu tudo, mas ela tomava o bonde, ela vinha para o Bom Retiro encontrar as amigas. Olhavam pra ela, te digo, como se fosse uma prostituta. Como uma mulher sai sozinha de casa? Elas não saíam de casa e quando a minha mãe conversava com elas, elas falavam assim, ‘D.Sara o meu marido é tão bom, ele não me bate.’ É isso. (Essas mulheres) eram de origem brasileira, filhos de italianas, filhos de italianos, filhos de brasileiros, vamos dizer, de segunda geração, mas, eram gente muito provinciana. O pessoal mais grã-fino, vamos dizer, mais rico, que viajava pra Europa, tal, tinha outro conhecimento, mas, o brasileiro aqui era demais, mesmo aqui na cidade de São Paulo. O europeu se portava de uma maneira diferente como na Europa de sair sozinha, de uma mulher ler, escrever, saber as coisas, mas o pessoal que não era assim de uma classe alta mesmo, era muito provinciano, era uma província mesmo São Paulo.”

A lembrança da casa do Cambuci está associada com o início da guerra: “Naquela época eu me lembro bem uma cena que sempre ficou gravada, morávamos num sobrado, era uma escada bem alta, meu pai chegando com um jornal na mão, gritando para minha mãe que tinha estourado a guerra, isso eu lembro e minha mãe chorando. Isso foi assim, minha mãe não conseguiu trazer





ninguém, perdeu toda a família, tanto a minha mãe quanto o meu pai, não sobrou ninguém... a guerra”.

A volta para o Bom Retiro e as terríveis notícias: “Aliás, depois da gente ter se mudado novamente para o Bom Retiro, a gente não sabia o que estava se passando porque tinha a guerra, mas, ninguém sabia o que estava se passando. Então, depois, começaram a chegar as notícias de campo de concentração, mas, isso demorou para chegar, essas notícias não foram vindo logo, foram notícias que demoraram bastante para chegar. Então a gente se encontrava, vira e mexe, quando chegava uma notícia, ia todo o mundo pra sinagoga, concentração, todos que tinham morrido, então vieram aquelas notícias horrorosas”.

“Então cresci, muita tristeza nisso tudo, de repente todos se viram sem ninguém, e nossa família tão pequeninha, só nós, eu sou filha única, então não tinha mais ninguém. Fui no Grupo Escolar, na Rua Milton Prado, para se encontrar, para ouvir, para saber, para pedir... notícias. Infelizmente, não sobrou da parte de meus pais ninguém, nem irmão, nem irmã, nem sobrinha, nem sobrinhos. Da cidade deles eu acho que sobrou, mas sobrou muito pouco, uma das pessoas que veio para cá, que mora ainda no Bom Retiro, ela era loura, tipo muito polonês e ela conseguiu se salvar e quando ela chegou ela contou de que jeito tinham arrastado todos para o campo”.

O pai de Amélia era socialista e não era religioso: “Então eu sei que as dificuldades eram muito grandes, o meu pai foi um autodidata, uma pessoa que sempre procurou estudar, que... Muito socialista, achando que o socialismo ia salvar os judeus. Já não era religioso, já não frequentava a sinagoga, o que era muito difícil, liberal e muito culto, sabia o que falava. Depois de muitos anos eu me lembro da grande decepção dele, quando Stalin matou, mandou matar, eu não me lembro quantos... foram as primeiras notícias que vieram para cá. A decepção do meu pai foi uma coisa louca porque a esperança dele é que o socialismo, o comunismo que com isso todos seriam iguais, então os judeus não iriam sofrer aquilo que sempre sofreram. Porque a maioria veio para cá porque não tinha oportunidade, oportunidade de trabalhar”.

Sobre a atuação do pai na *landsmanschaft* formada por imigrantes da sua pequena cidade: “Ele foi muito ativo sempre, no tempo da guerra, fizeram até... você entende alguma coisa



iídiche? *Opole Farain*<sup>10</sup> que seria um agrupamento que, quando começou a guerra, então eles se reuniram, os que vieram para cá de Opole e fizeram uma agremiação onde eles começaram a juntar dinheiro, pensando que, quando terminasse a guerra, eles teriam para quem mandar o dinheiro. Mas, infelizmente, a maioria morreu da cidade deles. Ajudaram os poucos que ficaram, ajudaram essa moça que lhe falei, para vir para cá, outros foram para Israel, então, os pouquinhos que sobraram foram ajudados por esse *Opole Farain*, onde o meu pai foi presidente. E com isso eles ajudaram essas poucas pessoas que sobraram e, infelizmente, da nossa família não sobrou ninguém”.

Amélia fala da chegada do último navio trazendo imigrantes de Opole: “Me lembro quando veio o último navio da colonia, veio um grupo para cá, antes da guerra, quando o último navio que chegou, chegou gente da... foi quase... começando 39, o último navio que deixaram sair. Então tem família que conheço até hoje, famílias inteiras que chegaram de pais com filhas, teve uma família que chegou acho que com seis filhos também da mesma cidade dos meus pais... que os conheço aqui, que estão bem, médicos e engenheiros, enfim que se fizeram, mas teve esse último navio que chegou”.

Refere-se novamente à notícia da eclosão da Guerra: “Foi muito triste tudo porque eu me lembro essa cena do meu pai acenando, eu não entendia eu era pequenininha, acenando para minha mãe que tinha estourado a guerra, foi uma cena que sempre me vem na frente porque a minha mãe começou a chorar tanto e eu fiquei olhando assim e não entendia o grau, o que estava acontecendo. Eu tinha mais ou menos uns sete anos e eu não entendia o que estava acontecendo, porque eles estavam chorando tanto, eu me lembro o meu pai acenando com o jornal assim pra ela que a guerra tinha estourado e foi aquele silencio e quando vieram as notícias vieram notícias muito tristes”. Halbwachs, ao se referir à formação da memória coletiva, afirmou que muitas vezes a criança vê uma cena, um conflito, alguma manifestação de rua e a sua compreensão do que viu, a fixação da sua lembrança estará associada às atitudes dos pais ou de outros adultos quando do acontecimento (Halbwachs, 1950: 63-64).

Os judeus no Bom Retiro: “Agora os judeus tinham uma vida... A gente se dava muito, naquela época não havia assaltos, então na casa dos meus pais nunca se fechava a porta nem com

---

<sup>10</sup> A associação formada pelos imigrantes de Opole.





chave nem com nada, tinha uma cordinha, cada um abria a porta e já entrava direto para casa dos meus pais. Os meus pais também alugaram... eles já estavam melhorzinhos de vida, nós moramos na Ribeiro de Lima, onde te falei que vinham... mas tinha uma sala da frente, então eles alugavam um quarto, então sempre alugavam um quarto também para imigrantes, não exatamente da cidade deles, de outras, mas sempre tinha gente morando em casa. E a gente... nas noites bonitas, todo o mundo punha cadeiras fora, sentava, conversava”.

As associações judaicas do Bom Retiro: “Tinha o Macabi já naquela época, o Macabi era em frente, era na rua Ribeiro de Lima, era em frente da minha casa, onde eu comecei a fazer ginástica, acho que foi daí que eu comecei a gostar tanto que eu faço até hoje. Fazia ginástica, tinha os bailes do Macabi, então os meus pais iam com os amigos, frequentavam, dançavam, se encontravam”.

“Tinha depois a Casa do Povo, que era dos socialistas, que era onde os meus pais frequentavam. Me lembro de ouvir conferências do Jorge Amado, de outros escritores, então era uma vida cultural muito bonita, sempre havia conferências, eu ia junto com os meus pais... O meu pai gostava de me levar e eu acho que me valeu muito na vida, pra despertar muito a curiosidade pelas coisas, por literatura, pela cultura em geral e eu gostava muito de frequentar a Casa do Povo. E o meu pai já tinha vindo com as idéias socialistas dele de lá, quando ele chegou de lá, ele já tinha essas idéias socialistas, e foi onde ele se encaixou”.

Além do Macabi, “teve depois o Circulo Israelita, que era mais feito para juventude, para se encontrar pra casar mesmo, as mães iam juntas, ficavam sentadas lá naquelas cadeiras, os rapazes tiravam para dançar, se dançava, se conheciam, casavam. Depois teve a AMI, que já era dos mais grã-finos”.

A ausência de religião do pai e a sua fé no socialismo: “Nunca foi religioso, nunca. Ele só chegou a ir em sinagogas em casamentos, porque nunca frequentou sinagogas, nem ele nem minha mãe. E ele sabia, ele, olhe, ele falava as coisas não falava por falar, ele entendia muito bem do que falava, me ensinou muito as coisas e não acreditava em nada mesmo”.

“Ele acreditava no homem, ele... Vamos dizer que ele tinha muita esperança que o homem fosse diferente daquilo que era. Ele decepcionou-se muito com políticas e com tudo isso como a gente acaba se decepcionando. Mas ele tinha uma utopia muito grande que o homem ia ser



sabe... que ia haver uma paz no mundo todo, uma língua só, como é que é o nome da língua? Esperanto e até comecei a aprender, a esperança dele era tanta que até comecei a aprender Esperanto – Amélia ri -. Infelizmente, as coisas se tornaram bem diferentes, não?”

O pai e as notícias sobre o socialismo na Rússia: “Você sabe que, depois ele morreu e agora, agora, ele não ia viver tanto tempo. Quando caiu o muro de Berlim, eu sozinha ficava perguntando para mim mesma, meu Deus, como é que meu pai encararia isso, meu Deus, acho que seria o fim do mundo para ele ver todo esse desmoronamento de socialismo, desse mundo que ele imaginava tão bonito, não? Foi muito sofrido, olhe, quantos anos eu era pequeninha, mocinha, sei lá, quando foi o negócio dos médicos que Stalin mandou matar, ele não queria acreditar. Eu me lembro, quando veio a notícia, ele não queria acreditar que era possível porque ninguém sabia, não? Que os judeus eram maltratados na Rússia. As notícias chegaram muito depois, quando chegou essa primeira notícia para ele foi o fim do mundo, ele ficou doente, ele não conseguia acreditar numa coisa dessas”.

As aspirações dos imigrantes em relação aos filhos: “Todos os filhos, a maioria, as moças tinham que aprender piano, mesmo gostando ou não, eu mesmo tive que aprender piano. Eu não gostava, o meu marido... tocava e os rapazes aprendiam violino. Sabe que era o maior orgulho desses imigrantes poder por um filho numa escola, poder dar conhecimento para esse filho, por tudo aquilo que eles tinham sofrido de não poder nem aprender porque muitos vieram, eu lembro minha mãe, ela escrevia, lia e muitas vinham na casa dela para ela escrever cartas. Meu pai e minha mãe nesse ponto já eram cultos por eles mesmos, autodidatas, mas eram. Mas vinham amigas, vizinhas antes da guerra, isso eu me lembro, elas falavam que queriam e elas escreviam cartas para Europa, para os parentes delas. Quando chegavam as cartas, minha mãe lia as cartas para elas”.

“Imagina você sair da tua terra, da tua família, para um país estranho sem dinheiro, sem língua e você ter que se aguentar e viver e passar por tantas experiências, deve ter sido... Eles foram heróis e conseguir educar filhos e... mas, era o maior orgulho mesmo. Eu me lembro, quando eu me formei na escola nossa, meu pai e minha mãe convidaram todos os amigos... e que aliás com tudo, tudo foram momentos de muita alegria para esses imigrantes de então. Eles faziam todos os filhos aprender música e inglês e ir para a escola. E foram filhos, gente muito





esforçada, alunos do Caetano de Campos, de ginásio do Estado, naquela época era considerado dos melhores, foram os que entraram na Politécnica, na Escola de Medicina, foi uma leva de gente maravilhosa e que deu muito de si”.

O uso da língua iídiche: “Agora na casa dos meus pais se falava iídiche. Eu falava iídiche correntemente, infelizmente, não tenho com quem falar, estou esquecendo não de entender mas de falar, estou esquecendo porque eu não falo iídiche assim fluentemente, todos os dias, quando? Uns vinte e tantos anos, eu falava, em casa, iídiche com os meus pais. Eu lia, eu sei ler ainda, aprendi a ler, a escrever e quando bem pequeninha o meu pai me fazia até escrever carta para os meus avós na Polônia, ainda escrevia, eu era pequeninha e ele me ensinou a escrever e eu escrevia carta para eles”.

Do Bom Retiro, a família se mudou para a Vila Mariana, onde Amélia passou a freqüentar um grupo juvenil sionista: “Aí mudei para Vila Mariana, onde eu morei até casar e foi onde eu conheci os Karabtechvsky e toda essa turma, onde nós formamos o nosso *snif*, que era de sionismo. Então, vinha professor dar aula pra gente. Tinha, tinha judeus em Vila Mariana. Aí você vê então como eu digo que aí se junta tudo, então tinha uma família com quem os meus pais se davam muito bem, que eram ex-inquilinos dos meus pais no Bom Retiro, casaram e foram morar nessa sala que eu falei que os meus pais sempre deixavam, aí eles mudaram pra Vila Mariana, tinham loja, tal e era essa família... e na época, eu me lembro, que eles começaram a falar em formar o *snif*”.

Sobre as outras etnias que habitavam o Bom Retiro e o anti-semitismo: “A vida no Bom Retiro era uma vida muito judaica, era... Naquela época, tinha, praticamente, tinha só judeus, muito judeus, tinha italianos, e o que veio muito, vieram muitos lituanos. E eles moravam nos porões, quando eles bebiam, eles pensavam que estavam na Lituânia, eles queriam bater nos judeus porque eles pensavam que, eles estavam lá ainda, eles xingavam e quando chegava *Rosh Hashanah*, *Yom Kippur*, eles saiam, eles queriam puxar as barbas dos judeus religiosos porque eles não sabiam que estavam no Brasil. Esses lituanos, esses poloneses cristãos bebiam muito. Engraçado que eles iam procurar morar no Bom Retiro e ao mesmo tempo de tão anti-semitas, eles também moravam no Bom Retiro perto dos judeus”.



O anti-semitismo, as crianças não-júdiás e um padre no Bom Retiro: “Agora quando chegava na Semana Santa, no dia de matar Judas, eu morria de medo, porque os *goyms*, os meninhos *goyms*, eles queriam matar mesmo porque todos os judeus tinham matado Jesus. Tinha até um padre, naquela época, na Rua Tenente Pena, que ele subia lá no púlpito falando que todos os judeus eram culpados de matar Jesus e aí esses judeus barbudos na rua, muitas vezes a criançada jogava pedra, puxava pela barba”.

O anti-semitismo na época de Vargas, quando judeus foram confundidos com alemães: “No tempo do Getúlio Vargas, ele tinha o Felinto Miller, que era lá da polícia, né. Sabia-se que ele era um grande anti-semita. O Getúlio por pouco, pouco não ficou ao lado do Eixo, ele foi pouco, pouco, não? Então os judeus... aliás um episódio muito interessante. Meus pais tinham amigos que moravam no bairro do Belém e quase todo o domingo ou eles iam para casa desses amigos, era um grupo grande, tal dos Opole, ou eles iam para lá ou esses amigos vinham na casa dos meus pais. Num domingo nós fomos lá e a gente passava o dia todo lá, um grupo de amigos e nós, crianças, fomos todos para casa desse amigo em Belém”.

“Eles moravam bem longe do ponto do bonde e foi no tempo da guerra, isso que era proibido falar alemão, japonês, aí quando o Brasil entrou na guerra. Saimos lá da casa, sei lá, devia ser umas nove, dez horas da noite, e os homens, meu pai com os outros amigos iam na frente falando iídiche, nós crianças e as mães andando atrás. De repente, aparece uns investigadores e dão voz de prisão para todos esses homens, dizendo que eles estavam falando alemão e que eles eram espiões”.

“Chamaram um carro de presos que, naquele tempo, era grande enfiaram todos os homens dentro desse carro e eu me lembro que o meu pai ainda contou que tinha bêbado nesse carro. Eles foram todos urinados e levaram eles todos aí perto da estação Sorocabana, era o DOPS. Todos para lá, minha mãe chorando, todas as mulheres se descabelando, e eles não queriam ouvir falar nada, eles disseram que eles estavam falando em alemão e que eles eram espiões e aí eles ficaram presos a noite toda. Me lembro depois, não me lembro direito quem conseguiu por eles para fora, foi logo comunicado para outros judeus o que estava acontecendo, foram na delegacia, até explicar, eu sei que eles passaram a noite na prisão”.





“No dia seguinte saíram da prisão, bom isso foi motivo de muito riso, mais tarde, entre eles mesmo lembrando o que tinha acontecido, mas, na hora foi uma tragédia muito grande, porque por falar em iídiche ser confundido com alemão. E escuta para os japoneses e para os alemães foi uma época muito ruim mesmo porque eles eram perseguidos, como sempre a politicagem, mudando de lado, então as coisas vão mudando”.

A formalização da associação dos imigrantes provenientes de Opole ocorreu em função do vínculo com os parentes que tinham ficado em Opole e em decorrência da guerra. Antes disso, porém, as pessoas procedentes dessa vila se reuniam em caráter informal, como relatou Amélia, ao se referir às discussões literárias e políticas, e às reuniões festivas que ocorreram na sua casa.

Nos Estados Unidos há muitos dados disponíveis sobre as *landsmanshaften* e várias pesquisas publicadas sobre o assunto. No Brasil, contudo, os dados a respeito desse tipo de associação são bastante escassos. Nenhum levantamento foi ainda realizado, não há trabalho algum publicado sobre o assunto. A referência mais antiga que conseguimos obter consta do jornal “A Coluna”, publicação em Português da comunidade judaica do Rio de Janeiro. No exemplar de 2 de fevereiro de 1917, na p.40 e 41, sob o título “Balanço Annual do Comité de Socorros aos Israelitas Víctimas da Guerra”, há uma relação de entidades que contribuíram. Além de três sinagogas citadas, estão arroladas cinco *landsmanshaften*.<sup>11</sup>

Em 1977, em Israel, é publicado, o *Memorial Book* de Opole, para o qual Amélia contribuiu financeiramente e que contém uma foto dos seus pais, falecidos na Cidade de São Paulo nos anos 60. O *Izker Buch Opole Lubelski* foi escrito pelas “Organizações dos Oriundos de Opole em Israel e através do Mundo”, em Iídiche. Ele contém algumas informações referentes à *Opole Farain* situada em São Paulo<sup>12</sup>. O prefácio traz o seu objetivo principal:

O destino cruel que afetou o povo judeu na Polónia não poupou os nossos queridos de Opole. Nós, os sobreviventes da cidadezinha, sobreviventes das câmaras de gás e das piras, assumimos a responsabilidade e o dever de cumprir a promessa às vítimas do Holocausto nas noites escuras de temor e nos catres ante o temor dos dias por vir e nas horas terríveis de sua morte: não perdoar, não esquecer.

Com temor sagrado propomo-nos a cumprir a missão de publicar um livro sobre o nascimento, desenvolvimento e extermínio trágico da comunidade em Opole. Fizemos de tudo para coletar o material necessário para um livro de memória, que seja uma espécie de espelho em

<sup>11</sup> Exemplares do jornal “A Coluna” cedidos pelo Prof. Dr. Nachman Falbel, da Universidade de São Paulo.

<sup>12</sup> Tradução do iídiche da Profa. Dra. Nancy Rozenchan, da Universidade de São Paulo.





que se reflitam a vida comunitária, religiosa, cultural e política de nossa cidadezinha e o seu martirologio durante a Segunda Guerra Mundial.

A parte escrita pelos membros da *Landsmanshaft* de Opole no Brasil (São Paulo) contém algumas informações sobre a sua criação:

Os imigrantes de Opole que chegaram ao Brasil durante o período entre a Primeira e Segunda Guerras Mundiais consideraram importante fundar uma organização própria com conselho, para auxílio mútuo, criar trabalho para ajudar a dar os primeiros passos no novo país. Mas, ao mesmo tempo, não esquecer os pais, irmãs, irmãos e parentes que permaneceram no velho país, cuidar de suas necessidades e lhes proporcionar ajuda fraterna. No geral, podemos nos dar por satisfeitos pelo cumprimento destas duas tarefas importantes.

Após a destruição, quando soubemos da grande desgraça que ocorreu com o nosso povo, incluindo a Opole judaica, nossa primeira tarefa foi: ajudar os sobreviventes conterrâneos, tanto os que retornaram à Polônia destruída, como aqueles que ainda se encontravam em solo alemão, e, antes de todos, aqueles concidadãos que imigraram para Israel.

Mas, relatemos inicialmente alguns detalhes de nossa atividade: No livro de protocolo da sociedade está registrada a data de reunião de criação, que ocorreu em 26 de setembro de 1945, com a participação de 33 conterrâneos (...). Na reunião ocorrida em 17 de outubro de 1945 foi decidido enviar cartas aos judeus sobreviventes, cujos nomes encontramos nas listas publicadas e coletar dinheiro em festas de conterrâneos para as necessidades das famílias na Polônia, Alemanha e Israel. Foi também escolhido um comitê feminino.

Em uma reunião posterior foram enviados a Lodj três pacotes de mantimentos para os nossos conterrâneos (sobreviventes) (...). Mais tarde enviamos novamente pacotes para a Polônia. Foi também decidido enviar uma delegação para saudar a sobrevivente do inferno hitlerista, Reizl Korman, que havia chegado ao Brasil e se estabelecido em Santos. Reizl foi convidada para um encontro com os conterrâneos em São Paulo. Em palavras tocantes ela informou sobre a morte dos judeus de Opole. As maiores matanças ocorreram de 15 a 23 de maio de 1942. Os últimos judeus foram mortos em novembro do mesmo ano. Seu relato emocionou a todos. Porém, foi para nós também uma certa satisfação e orgulho que uma mulher de Opole havia pertencido aos partisanos e se vingado dos assassinos alemães pelo sangue judaico derramado (p.381).

Logo depois da Guerra, os *memorial books* tornaram-se o maior objetivo cultural das *Landsmanschaften*, as sociedades de ajuda mútua, dos judeus imigrantes das pequenas cidades da Europa Oriental vivendo nos Estados Unidos, em Israel, na Argentina e em outros lugares. Antes da Guerra, como já foi visto, as *Landsmanschaften* tinham sido o laço principal dos imigrantes com a comunidade deixada para trás. As *Landsmanschaften* coletavam dinheiro e enviavam representantes para distribuir o auxílio às pessoas destituídas das pequenas cidades. Depois da Guerra, as *Landsmanschaften* continuaram ainda envolvidas com o trabalho de auxílio, providenciando fundos para a emigração e para o assentamento dos sobreviventes e para o novo





Estado de Israel (Kugelmass e Boyarin: 1983). Esse foi o caso da Opole Farain, a associação a que o pai de Amélia pertencia.

Embora a Opole Farain de São Paulo não tenha contribuído para a confecção da história de Opole relatada no *Memorial Book*, esse fato não diminui a importância desse tipo de literatura como fonte de informações sobre a vida dos judeus nas pequenas cidades da Europa Oriental. Apesar da realidade retratada apresentar-se distorcida pelo Holocausto, a voz coletiva dos seus autores tende a atenuar essa distorção, fornecendo detalhes ricos do cotidiano dessas localidades (Kugelmass e Boyarin: 1983).

Muito embora, os *Memorial Books* tivessem começado a ser escritos logo depois da guerra, veiculando dessa forma informações sobre a vida nas cidadezinhas e a sua posterior destruição, o silêncio dos sobreviventes dos campos de concentração predominou até recentemente. A pressão para levar uma vida normal, para trabalhar buscando esquecer e sobreviver e, ao mesmo tempo, tentar formar uma nova família não impediu o sentimento de culpa partilhado por muitos dos sobreviventes, que não conseguiam justificar para eles próprios o fato de terem sobrevivido ao assassinato de suas famílias. Esse silêncio foi então eleito como uma condição necessária para a manutenção da comunicação com o ambiente social, como bem observou Pollak (1986).

## Annie

A história dos avós e pais de Annie é uma história de perda e de sobrevivência. Ela recorda a vida dos pais e avós antes do Holocausto: “Os meus pais são de origem polonesa, os dois. O que eles contam é que eles tinham uma vida muito simples. O meu pai ... o meu avô tinha uma oficina de relógio, um ofício que ele aprendeu e eles eram muito unidos e a vida judaica era muito intensa. O meu pai estudava em escola religiosa. A família dele era pequena, não tinha uma família grande. Agora, já a minha mãe tinha uma família muito grande. Ela era a caçula de uma família de nove filhos e somente ela que sobreviveu. E era uma família, e eles viviam da pecuária e já alguns irmãos, que já eram mais velhos, isso é o que ela conta já moravam em outras cidades, já tinham outros trabalhos mais diferenciados. Não sei exatamente o que, mas, eles já tinham outros ofícios que não só a pecuária, coisas menores. Mas, tinham uma vida...assim ... muito unidos, inclusive ela já tinha sobrinhos. Só que infelizmente...”



Prossegue falando da família materna: “Ela tinha uma família grande porque além dos irmãos, da família, dos filhos, a mãe e o pai, cada um tinha muitos irmãos. Ela tinha muitos tios. Eram pessoas também religiosas. E ela conta muito das festas, das comemorações, das festas judaicas, como é que ela sempre ajudava, que ela era a caçula e todos vinham de todas as cidades e se reuniam lá. Ficava tudo muito em torno dessa família da família da minha mãe. Era uma cidade muito pequena. Eu acho que é Dialozit, se não me engano e a do meu pai é Kiaus-kiaus ou vice-versa. Eram cidades bem pequenas na Polônia”.<sup>13</sup>

Annie se refere ao sofrimento dos pais: “Na verdade, o que acontece é que, quando a guerra estourou, os dois foram aprisionados em campo de concentração. Eu evitei por muito tempo conversar com eles sobre a família. Eu percebia que era muito triste. Agora de uns anos para cá, a minha mãe tem contado mais coisas, interessante isso. Nos últimos tempos, não sei se é por que houve essa manifestação em relação ao Spielberg, essa movimentação e, o pessoal tem trazido à tona esse assunto de sobrevivente, então acho que até ela tem feito mais, contado mais caso e da vida. Meu pai sobreviveu ao Holocausto graças ao ofício que ele tinha por ser (relojoeiro) e ele que tinha que consertar todos os relógios que eram confiscados. Ele ganhava uma refeição por dia por ele fazer alguma coisa de útil. E isso até o fim da guerra, ele foi prisioneiro”.

A separação da família é vista da perspectiva da sobrevivente, em um relato em que a dor pela perda da família aparece misturada com o sentimento de culpa por ter resistido e com a justificativa da própria sobrevivência. “A minha mãe teve uma vida muito dura. Ela era muito jovem. Ela tinha quinze anos e ela, é como ela diz, eu acho que alguém tinha que sobrar para contar a história porque senão não ia sobrar ninguém de uma família tão grande. E o que ela conta é que quando começou a guerra e invadiram a casa dela para levá-los, eles se despediram de uma forma que eles não esperavam que ia durar tanto tempo, nunca imaginavam que ia demorar tanto. Eles achavam que aquilo ia durar uma semana. Era uma situação muito passageira quando, na verdade, nunca mais se viram. Tanto que recomendações na hora que estavam se separando, onde que tem alguma coisa, guardei tal coisa na casa de tal tia, como se, quando voltassem para reunir as coisas de novo, se caso fosse bombardeado alguma coisa, mas, eles não acreditavam. Isso aliás eu fiquei sabendo há pouco tempo, a minha mãe contou isso, que eles não

<sup>13</sup> Os nomes das cidadezinhas estão de acordo com a pronúncia da entrevistada, que não sabe a grafia correta.





esperavam que fosse demorar o que demorou e a minha mãe ficou em Auschwitz todo o tempo. O meu pai não. Estava em outro campo”.

O encontro dos seus pais depois da guerra, procurando a família e tentando sobreviver: “Depois eles se encontraram. Ela conhecia o meu pai de vista de uma viagem que ela fez porque as cidades eram muito próximas. Mas, não tinham tido nada, nem amigos não eram, eram conhecidos. Existia um lugar em que as pessoas iam buscar comida. Eles tinham direito a bonus, tickets, tipo ticket-refeição e eles tinham direito a isso diariamente. E ela ia. E numa dessas vezes ela encontrou com ele. Encontrou mais um sobrevivente que seria um primo dela e isso na Alemanha. Mas, inclusive, e isso era uma coisa interessante, quando você encontrava alguém, principalmente, uma mulher e um homem, normalmente, eles se juntavam para formar família porque já se conheciam e um se apegava ao outro como se fosse uma tábua de salvação. Mas, a minha mãe conta que esse primo não era de primeiro grau, era de segundo, portanto, podia casar porque não tinha problema”.

“E aí, disse que um dia ela saiu, disse que ia andar por aí, ver se encontrava alguém porque acho que era mais ou menos assim e nessa saída ela encontrou o meu pai. Talvez por ali mesmo, não me lembro direitinho isso. Ela ficou no hospital muito tempo porque ela estava osso e pele. Ela ficou todo o tempo na guerra. Na Alemanha ela começou a procurar as pessoas e aí ela ficou sabendo que não tinha sobrevivido ninguém. Esse primo já tinha procurado as pessoas, mas sem chance. Não havia sobreviventes”.

O casamento dos pais e a procura de um país para imigrar: “Eles se conheceram na Alemanha e aí casaram e foram, estavam tentando imigrar para algum lugar porque, naquela ocasião, você podia procurar os parentes e de acordo com a localização deles, você talvez pudesse ir em direção a eles. Você procurava quem sobreviveu para poder se unir a algum porque ficou sozinho no mundo então, no caso, a princípio, eles queriam ir para Israel. Aí Israel estava fechado, completamente fechado porque foi uma imigração em massa então... imigração provisória, aí não conseguiram mais”.

Como decidiram pelo Brasil: “E aí descobriram, o meu pai se lembrou que falavam em casa que ele tinha duas tias no Brasil que vieram muito antes da guerra. Vieram depois da Primeira porque já ficaram assustados, já naquela época, e então tomaram as providências e



vieram. Aí conseguiram descobrir o endereço. Sabe, eles tinham uma sistemática lá, da mesma forma como aqueles que estavam em outros países para procurar, porque saía listagens. Eu não sei exatamente como era a dinâmica da coisa mas eu sei que as pessoas tinham acesso às listagens das pessoas sobreviventes para então ver de que forma ajudar a vir para um ou outro país e aí se definiram. Eles poderiam ir para os Estados Unidos, não foram. Aí optaram pelo Brasil porque tinham essas duas tias. Em Salvador porque as tias moravam em Salvador”.

Na época dessa decisão, os seus pais já estavam em Paris: “Essa busca já foi em Paris porque eles fizeram um trânsito em Paris durante três anos. Foram para lá porque estavam próximo, era o lugar mais perto e aí foram para Paris porque para eles não tinha... qualquer lugar era lugar novo, não tinha... E Paris era muito perto de onde eles estavam e daí foram para Paris e cada um arrumou um trabalho. Meu pai, relojoeiro e a minha mãe foi trabalhar numa fábrica de casacos, *manteaux*. E ela fazia acabamento, bainha, barra do *manteaux*, da manga, acabamento, tudo o que era à mão, ela costurava o forro e ganhava um pouquinho de dinheiro”.

“Aí, minha mãe engravidou, eu nasci, que eu nasci em Paris e, um ano depois, eles conseguiram localizar a família no Brasil e daí vieram de navio, em condições sub-humanas. Vieram no porão do navio, uma viagem absurda. Imagine de Paris, não sei quantos dias, eu mesma não sei quantos dias foram. Aí essa viagem. Finalmente chegaram no Rio, pararam um pouco, parece que passaram um dia e depois foram para Salvador. Foram de navio, trocaram de navio”.

A sobrevivência é explicada de modo “místico” como se tivesse sido uma “benção”. Annie recorda a *Mitzvá* que a família da sua mãe praticava. O relato mostra também o relacionamento entre as pessoas do *shtetl*. “É a minha mãe lembra muito, ela era menina, ela era a caçula. Então tinha uma senhora muito pobre nos arredores de onde moravam e toda a sexta-feira, todo o *Shabbat*, no caso seria a minha avó, a mãe da minha mãe, preparava aquele *Shabbat* todo, já preparava o *cholent*, deixava fazendo, não acendia o fogo. Todas essas coisas eram realmente feitas ao pé da letra e com muito mais dificuldades que hoje, mas se fazia. E toda a sexta-feira, à tarde, a mãe da minha mãe, a minha avó preparava uma cesta tipo Chapeuzinho Vermelho, uma cesta com frutas e *challah* e mais alguma coisa, dependendo do que ela cozinhava e a minha mãe é que tinha que levar para essa senhora, para o *Shabbat*. Porque essa senhora mal sobrevivia,





sobrevivia de doações. Todo o *Shabbat* era religioso e a minha mãe ia todo o *Shabbat*, chovesse, caísse neve e era sistemático”.

“E a minha mãe conta que quando ela chegava lá... Ela estava sempre acamada, doente, ela quase que não se mexia e então a minha mãe conta que, quando ia visitar, ela era menina, então tinha louça suja, ela lavava, ela varria a casa para a velhinha, pelo menos para deixar a casa em ordem para o *Shabbat*, trocava uma toalha. Minha mãe sempre arrumava a casinha e a velha mal conseguia falar e a velha agradecia e era tudo muito... Ela nem sabia quem eram as pessoas que iam lá ajudar, era uma coisa, não sabia que fulana ia lá. Ela não sabia quem estava indo lá. Ela sabia que iam umas pessoas ajudar e toda a vez que ela saía, ela agradecia, falava em iídiche, a minha mãe entendia e... ela falava obrigado e *Shabbat Shalom*, alguma coisa assim e ia embora. Não era *Shabbat Shalom*, era *a gut Shabes*. *Shabbat Schalom* é hebraico, ninguém falava hebraico. *A gut Shabes* e ia embora”.

“Aí quando foi umas das últimas vezes que a minha mãe foi porque logo a Guerra estourou, então, a minha mãe conta que ela não falou a mesma coisa. Ela não falou exatamente as mesmas palavras. Não falou *a dank*, obrigado, nem *a gut Shabes*, mas, chamou ela perto dela e deu um beijo e falou: *Que você tenha longos anos*. Foi a última vez que a minha mãe foi lá. É *langue yurn* que se fala em iídiche, então a minha mãe diz que logo depois a Guerra estourou, a minha mãe nunca mais foi lá, nem sabe o que aconteceu, então a minha mãe acha que é como se fosse uma luz, que a velha (queria dar) uma benção para ela e ela sobreviveu à Guerra”.

“É uma história assim um pouco mística, mas, que ela deve acreditar. Ela acreditou que, quando ela estava no campo, ela sempre lembrava o que essa velha falou, as últimas palavras que ela ouviu que você tenha longos anos. Como se fosse uma benção, realmente. Então, achei uma coisa realmente muito forte. Bom e tem milhões de histórias sobre a guerra, sobre tudo o que ela passou, as privações e sofrimentos, mas não importa, o que importa é que ela sobreviveu”.

Sobre o pai no campo de concentração: “O meu pai ficou em outro campo. Ele no começo teve trabalhos forçados, mas, depois ele se identificou como relojoeiro e foi realmente o que salvou a vida dele. Talvez até tivesse morrido. É uma interrogação, nunca se sabe. Ele era jovem também. Salvou porque são os milagres e aí, tem inclusive histórias fantásticas, algumas pessoas queriam... Era relojoeiro então... e ele era uma pessoa muito bonita disse que teve.... se



apaixonou por ele só que ele não foi na onda porque ele achavava que...se... O que acontecia... as mulheres prometiam mundos e fundos para ele que, se ficasse com ela, que íam salvá-lo, que íam tirá-lo dali porque vinham as mulheres trazer comida, o pessoal que limpava, eram alemães. Não me lembro (o nome do campo). E ele nunca se deixou seduzir. Porque para ele, alemães eram inimigos e por outro lado ele era uma pessoa que sabia o que queria. Sabia que ele era judeu e que estava ali, todo o povo sofrendo nas mãos dos alemães, que ele não ia nunca se deitar com uma alemã”.

“Ele foi muito seduzido, mas, e depois realmente, alguma coisa também é aquela história. Eu acho que cada um tem o seu destino. Eu acredito nisso. O destino dele também era sobreviver porque alguns amigos, amigos? Pessoas que estavam como ele lá acabaram caindo nas mãos das alemães e acabaram sendo fuzilados porque descobriram. E estavam levando comida para eles, levando alguma coisa a mais do que era de direito, do que eles achavam que eles tinham direito e acabaram sendo mortos. Então é uma proteção divina, não tenha dúvida, porque a princípio você é tentado a ser seduzido porque íam te dar um pouco mais de comida, sei lá, mais um casaco para o frio e ele não foi”.

Sobre a mãe no campo de concentração: “Uma menina, quinze anos! Todos os anos, dezessete, dezoito, dezenove, vinte, já uma mulher, quer dizer, ela floresceu lá dentro. E ela era uma menina muito bonita. Todo o mundo sabe que existia essa coisa de sedução dos soldados. Era uma coisa, elas fizeram um pacto entre elas, que se por acaso viessem seduzí-las, elas preferiam a morte. Então o grupo delas, acho que eram seis ou sete que faziam todos os trabalhos forçados juntas, sempre o mesmo grupo, então esse era um pacto que elas fizeram porque o campo era... em volta tinha aquelas cercas eletrificadas. Então o pacto era esse: se eles vierem nós vamos correr até a cerca e a gente morre, mas não... Quer dizer, é a mesma história do meu pai, foi o inverso. Mas, elas não aceitaram, quer dizer, talvez até um pouco pior porque a mulher era forçada. Elas eram forçadas, sei lá eu, elas eram amarradas, mas, é a mesma coisa”.

“Minha mãe fala que foi realmente um milagre, que não foram seduzidas, nem foram... talvez pela força de trabalho que elas eram, realmente trabalhavam muito e trabalhos absurdos, abrir buracos, fechar buracos, coisas assim...(difícil) para acreditar, coisas assim inúteis, carregar trilhos de trem, fazer as construções, como a gente viu no filme de Spielberg, um pouco pior,





porque eles fizeram um retrato, mas a realidade foi bem pior, mas tudo bem. Hiii, tudo bem, sobreviveram como eu já falei”.

Em Salvador, Annie recorda a religiosidade do pai e o respeito que o cercava: “Mas o que eu me lembro bem, uma vida bonita e respeitada, inclusive o meu pai era chefe da sinagoga de Salvador, ele que cuidou por muito tempo. Ele fazia até casamento, fazia *Bar-Mitzvá*. Não era rabino, mas tinha uma formação religiosa muito grande, ele era muito respeitado, muito, muito mesmo”.

Annie e o aprendizado da língua iídiche: “Fui filha única até os cinco anos de idade e quando, na época, havia uma escola judaica em Salvador, então ela (a mãe) fez com dificuldade, mas, fez questão que estudasse em escola judaica, tanto que o iídiche que eu tenho, que eu aprendi, foi na escola que eu aprendi. Os meus pais falavam iídiche em casa, infelizmente, a gente faz umas burrices na vida, eu tive a oportunidade de aprender, mas, ao invés de responder em iídiche eu sempre respondia em português”.

Usando o iídiche em Israel: “Então, eu não tenho fluência para falar, mas eu sou capaz de falar, tanto que, quando vou para Israel, eu, esse primo que sobreviveu da minha mãe que foi para Israel e quando a gente se encontra, eu não falo bem hebraico, falo com ele iídiche, então iídiche realmente é sempre útil para alguma coisa e entendo bem, consigo manter um diálogo tranquilo. No começo fica difícil mas depois... As palavras vão chegando, mas, aprendi então foi em escola iídiche, que eu eduquei. Havia só o primário na época”.

Os amigos da escola e as associações juvenis judaicas: “A infância em uma cidade pequena (em Salvador), quer dizer nós éramos, éramos todos amigos na escola (judaica), éramos cinco moças e cinco rapazes na classe e tinha *Dror. Hashomer* acho que não tinha não. Pode ser que tentaram (criar), mas que eu me lembre assim, (só) do *Dror*. E tinha depois o Grêmio da Juventude Israelita... secretária... me lembro que eu trabalhei um pouco e tinha muitos amigos”.

As razões, segundo Annie, para a proximidade entre os judeus de Salvador: “E havia uma convivência judaica mais do que hoje, mais do que muito tempo depois, porque o que acontecia, as pessoas eram mais ou menos todas do mesmo nível, tinha já um pouco de pessoas mais ricas, tinha muita gente simples. E, então, se unia em torno de uma coisa comum, não tinha tantas oportunidades como tem hoje e todo mundo se reunia no centro, onde eu morava e a escola era



lá, tudo era lá, a sinagoga, e não havia outras oportunidades, então existia um núcleo, existia uma vida judaica e uma juventude...”

### Clara

Clara fala sobre a imigração dos seus pais para São Paulo: “Minha mãe devia ter, dois ou no máximo quatro anos quando ela veio pra cá (São Paulo). A família dela era originária da Rússia e eles se mudaram para Bukovina. Ficaram um tempo lá. É... na carteira de identidade da minha mãe, está escrito que ela nasceu em dezenove, mas ela disse que não tem certeza, ela acha que ela está registrada mais velha, porque disse que naquela época tinha muita confusão com... registros, e ela inclusive duvida da data de aniversário dela, porque... a dela está dia vinte e cinco de maio, não, vinte e cinco de junho, da minha tia está vinte e cinco de setembro e do meu outro tio, que é... quer dizer, os três filhos, está quinze de setembro, então as datas estão muito parecidas, então ela acha que é tudo inventado. O que ela sabe, é que ela nasceu em *Shavuott*. Esse é o registro que a família tem. Agora a gente não sabe se foi em dezenove mesmo. Por esta conta ela tem setenta e oito, vai fazer setenta e oito anos. Eles vieram pra cá, você quer saber porque vieram?

“A história é muito engraçada até, mas o fato é esse: quando eles estavam na Bukovina, apareceu um tio do Brasil lá, (...) acho que foi procurar mulher para casar. Ele falou que o Brasil era uma maravilha, e o irmão da minha mãe que era adolescente na época, achou super legal e foi atrás do tio. E daí, veio para cá, praticamente não mandava notícias, minha avó ficou desesperada e para completar a história, ele mandou uma foto dele com umas roupas dependuradas nas costas. Aí a minha avó se desesperou. E aí... fez a família vir para o Brasil, atrás do meu tio para saber o que estava acontecendo com ele. Porque era aquela coisa do valor da família se veio estudar, como é que ele estava assim?” – Clara ri.

“Aqueles roupas significavam um horror, era inaceitável. Que ele devia estar morrendo de fome, não era nada disso, na verdade, no Brasil, na época fazer isso, dava um monte de grana. Mas... aliás ele era um cara que nunca gostou de estudar. E ele era super vagal mesmo – Clara ri. Um gastão, esse tipo de coisa. E aí a família toda veio para o Brasil por causa do meu tio, quer





dizer, não tinha nada a ver com querer emigrar, nada disso. E... o que acabou sendo até legal, porque depois estourou a Segunda Guerra, tal, e teria entrando pelo cano”.

“(Sobre) a família do meu pai, o que eu sei é o seguinte: o meu pai deveria estar agora com, acho que, uns oitenta e oito anos mais ou menos. A data de nascimento dele? Até porque ele morreu e eu era pequena, então... tenho assim, se for procurar em algum documento, mas não de cabeça, e... eles moravam na Alemanha. Ele... eu sei que ... (em) Barmein, uma pequena cidade da Alemanha Oriental, mas, eles se mudaram para Kenens, e moravam lá em Kenens,<sup>14</sup> daí, quando a barra começou a ficar pesada, em 34, 35 por aí, meu pai saiu de lá, via Dinamarca, e foi para Palestina. E morou lá durante vários anos, ele e um irmão. O outro irmão que era mais velho e mais ligado aos pais, ficou com os pais. E a menor, a minha tia que era criança menor, ficou também. E eles foram deportados para Polônia. Porque o meu avô, na verdade, era da Polônia. Foram deportados, morreram no campo de concentração, e a minha tia na verdade se salvou, porque tinha um dia que ela tinha que voltar para o gueto, e o trem não passou, passou do horário de voltar para o gueto, aí ela não entrou no gueto, por causa disso ela não foi deportada. E... ela foi acolhida por essas instituições que... acolhiam crianças e mandaram ela para a Palestina”.

“Ela ( a tia) era, eu não sei exatamente quantos anos, mas ela era menorzinha. Meu pai saiu da Alemanha devia ter dezessete anos e a minha tia era bem menor. (...) Eu não sei se (ela) foi direto (para a Palestina), eu sei que eram essas organizações que recolhiam crianças, e (ela) acabou indo nesses navios, estilo êxodos. E ficou lá. Ficou um tempo na Inglaterra, eu sei que ficou um tempo na Inglaterra, é isso. Aí esses três irmãos ficaram um bom tempo na Palestina. Meu pai achou que as condições de vida eram péssimas porque era aquele tempo que tinha inflação de gente chegando, se avolumando. E veio para o Brasil... mais ou menos em 48, depois da guerra, mas ele ficou sete anos em Israel. O irmão dele continua em Israel até hoje e a minha tia foi morar na Inglaterra, onde ela ficou dez anos, e depois ela foi morar em Nova York”.

“O que eu sei (sobre a vida da família paterna na Alemanha), eu lembro que eles me contaram, é que eu não sei o que o meu avô fazia que não tem a ver com a profissão, mas com o jeito dele ser, que é assim... quando eles tinham grana, gastavam um montão, depois ficavam

<sup>14</sup> Os nomes das cidades da Alemanha foram escritos de acordo com a fala da entrevistada.



sem nada, depois ganhava de novo, então eles sempre viviam oscilando, na questão financeira. Isso... as fotos eles indo para escola super bem vestidos, lembro da minha tia contando que tinha vergonha de chegar de carro na escola, porque meu avô estava uma época aí com um carro todo chique, aí ela ficava envergonhada, mas eu não sei qual é que era o ramo. Da família da minha mãe, eu sei que tinha um tio rico, que tinha uma madeireira, na Bukovina, e eles trabalhavam pra esse tio e viviam bem, tinham posses, naquela época na Bukovina. E eu sei que quando saíram da Rússia para a Bukovina, eles perderam bastante, porque estava na época da Revolução Russa e... tinha que se virar para sair, tinha que esconder coisas. Mas, eu por exemplo, a minha mãe ainda tem uns garfos e facas, poucos, de prata, que meus avós tinham na Rússia, eles tinham bens na Rússia. Mas, aí teve que ir deixando as coisas, e eu sei que viviam bem na Bukovina”.

“Eu queria saber (de que parte da Rússia eles saíram), eu estava até pensando em ligar para a minha tia no Rio, porque eu só sei a parte da Bukovina. E que a minha tia que é irmã da minha mãe, estudou lá na Bukovina, tanto é que eu já vi livro dela escrito em gótico. Ela declama Goethe. É, tudo isso, quer dizer (com) o aprendizado que ela teve lá. (A Bukovina)... É Romênia, agora, é muito perto da Hungria, é Império Austro-Hungaro... É do lado da Hungria. Mas, aí acho que a gente tem que pensar em termos de Império Austro-Hungaro. É, porque até as receitas, tem umas que parecem húngaras, outras que parecem de Viena, que a minha família faz. E o alemão é a língua do Império Austro-Húngaro”.

Sobre a língua falada pela família materna: “Então, eu não conheci meus avós. Mas a minha prima de primeiro grau disse que achou uma carta do irmão da minha mãe escrito em romeno. E isso para mim foi uma revelação, a irmã da minha mãe, que é essa que escreve em gótico, eu sempre só vi ela falando alemão. Eu não sabia dessa história do romeno. (Em casa) Minha mãe já, só fala... português porque veio pequena. E fala iídiche, mas fala mal iídiche. Fala iídiche de brasileira, agora a minha tia... (que é mais velha) que pegou a Primeira Guerra, que lembra da Primeira Guerra, ela fala bem alemão e fala bem iídiche”.

“Minha mãe disse que meu pai falava algumas coisas em iídiche, porque... deve ser aquela coisa, eu suponho, pelo menos de tudo que eu verifiquei até hoje, historicamente, quem falava alemão, quem nasceu na Alemanha e sabia iídiche, quem era polonês, mas devia disfarçar, porque não pegava bem. Aí veio pro Brasil – Clara ri -, e aí em casa assumiu e falava algumas





palavras em iídiche de onde notava-se claramente que sabia. Eu acho que a grande maioria sabia, mas dizia que não sabia – Clara ri”.

Sobre a chegada dos pais: “Eu lembro, a minha mãe, fala sempre que o meu pai, a primeira coisa que ele fez aqui, quando ele chegou no Brasil, foi procurar o rabino, da CIP (Congregação Israelita Paulista), que era a sinagoga dos alemães, e... se bem que o meu pai era assim... não queria nada com nada com a religião. Mas, naquele tempo, acho que era uma coisa de buscar a identidade mesmo. Porque...aliás, isso... os alemães sempre foram meio *goy* no que diz respeito a religião – Clara ri -. E a religiosa da minha casa era a minha mãe, a minha mãe que começou a fazer, a ir na sinagoga...”

“Então eu sei que ele procurou o rabino e a associação lá que eu não me lembro o nome que era de imigrantes para tentar se enturmar... e aí o meu pai logo se vinculou com a CIP, inclusive dando dinheiro pra ajudar a construir, essas coisas todas. Casou na CIP, fizeram tudo lá”. Clara conta que a mãe era religiosa: “A minha mãe tem um lugar vitalício lá, na CIP. É... (meu pai) comprou este lugar para ela quando eles fizeram dez anos de casados, os dois eles compraram. E eu já fui um pouco em outras sinagogas assim dar uma olhada, mas eu acho super estranho porque eu já estou acostumada com a CIP, parece que as outras são outra religião – Clara ri -. Não sinto que é o meu lugar”.

“A minha escola era na Avenida Paulista. Se chamava... esqueci, Jardim Escola São Paulo. Era uma escola particular. E aí eu acho que tem um outro dado interessante, era uma escola da moda na época, que era uma escola montessoriana, mas tinha um número muito grande, acho que a maioria que... estudava lá, era filho de judeu, tanto é que por causa disso, fizeram um curso de alemão optativo lá. De tanta criança que tinha, que estava interessada em aprender alemão”.

“Eu fiz um ano de alemão lá. No... acho que no... quarto ano primário, por aí. Mas aí tem um outro detalhe porque o meu pai, embora não tenha passado a guerra na Alemanha, ele saiu antes, mas ele ficou realmente traumatizado com isso, muito traumatizado. Então, se estourava fogos de artifício, ele se apavorava, e... lembro que ele tinha, ele não queria que os filhos falassem alemão. Só que eu não sabia disso porque quando eu vim saber disso... meu pai já tinha falecido. Então quando eu pedi para fazer alemão, que eu estava no quarto ano primário, minha



mae me pôs. Ela não falou: ‘Você não vai aprender porque seu pai não quis’, não é? Então, só mais tarde que eu fiquei sabendo disso. E eu não falo alemão, porque eu estudei esse ano, mudei de escola e... nunca mais tive oportunidade”.

Ainda sobre “o trauma do pai”. “Em 64, quando começou a ter a crise lá da revolução, meu pai já queria vender tudo, quer dizer, entrou pro... perseguição de quem viveu coisa de guerra. Queria vender tudo, se desfazer, e a minha mãe que segurou ele, mas ele ainda vendeu um terreno que a minha mãe até hoje não perdoa – Clara ri -. Mas, quer dizer, a vivência é uma outra mesmo”.

“Depois eu fui para o Dante e... na minha classe eu lembro que no ginásio... era uma classe de quarenta alunas ou trinta, não sei... mas tinha acho que quatro judias. E... eu fazia curso de religião na CIP. Então, assim o meu vínculo com o judaísmo, era através da CIP e do clube, da Hebraica. Mas, na CIP eu ia duas vezes por semana. Eu fiz fadinha lá... fiz um monte de coisa. Mas, assim, quer dizer, o tempo todo, eu... andei pelos dois mundos e até hoje em dia se eu ficar só num lugar de judeus, eu me sinto esquisita. Para mim o normal é transitar nos dois mundos” – Clara ri.

## Rosa

Rosa fala da vida dos pais na Europa Oriental: “Meus pais vieram da Polônia, meu pai era natural de Varsóvia, que já era uma cidade grande na ocasião e a minha mãe era de uma cidade muita pequena, mesmo um *shtetl* com todas as características que a gente conhece através de literatura, filmes, etc. A cidade da minha mãe chamava Nova Miastro<sup>15</sup>, era perto de Varsóvia, mas era um *shtetl* mesmo, com todas aquelas características dos judeus na época, em que os homens praticamente não trabalhavam, os muito religiosos, eles ficavam muito na sinagoga, estudando e... se dedicando mais aos estudos da *Torah*, do que propriamente ao trabalho para o sustento da família. E a minha avó é que tinha uma pequena mercearia, junto da casa dela e ela praticamente é que trabalhava e sustentava a família. Eles eram em cinco irmãos, isso naturalmente tudo contado pelos meus pais, e... a vida lá era muito difícil, havia muito anti-semitismo, havia muita dificuldade de os judeus entrarem para uma escola e estudar”.

<sup>15</sup> Grafia de acordo com o som ouvido.





“E... as famílias judaicas principalmente não faziam muita questão que as mulheres estudassem, o meu pai ainda fez o ginásio na Europa. A minha mãe praticamente aprendeu a ler e escrever em casa, também só o iídiche. Ela não sabia, ela falava muito pouco polonês, e ler e escrever polonês, praticamente nada. Meu pai sim. Mas, a minha mãe era uma mulher muito inteligente, ela foi assim... um pouco auto-didata, ela nunca se conformou com o sistema de vida implantado naquela época”.

“Ela se revoltava muito pelo fato de que a mãe precisava trabalhar muito, é mercearia, era um, era um trabalho pesado, ela puxava os sacos de batata, ia buscar ovos nas vilas, enfim, era um trabalho pesado para mulher, e a minha mãe se revoltava muito com aquilo de que o pai saía de manhã, ia para a sinagoga, ia para o *cheder* como eles chamavam, e lá eles ficavam estudando, dando aula para crianças e... só ficava em função da religião, mas nunca pegava no batente. E isso era uma revolta muito grande da minha mãe que ela sempre passou, essa revolta para nós. Que realmente ela achava que a mulher precisava participar, precisava trabalhar”.

“E... então, ela achava, mas ela achava que afinal, o homem também devia participar, quer dizer, eu não sei se isso era... era uma coisa muito comum, mas em muitas famílias as coisas aconteciam, nesses termos. Depois ela casou, e... recém-casada ela... ela realmente tinha muita revolta contra a vida na Europa, as dificuldades todas, o anti-semitismo, e naquela época começou-se a falar muito em... novas, em... mundos novos. E... o objetivo muito era a América Latina, Argentina, os Estados Unidos, enfim todo mundo queria sair da Europa, principalmente os jovens. Foi inclusive quando começaram as primeiras imigrações pra Israel, ela estava ainda muito em dúvida se ia, porque ela fazia parte daquele grupo... de, de jovens que já eram sionistas e que já tinham por objetivo uma pátria em Israel”.

“Mas as coisas não aconteceram exatamente como ela planejou. No fim ela casou-se, meu pai já tinha um irmão aqui no Brasil, que já tinha vindo há alguns anos antes, e para eles foi mais fácil vir para o Brasil porque era a única família que eles tinham porque, da parte da mamãe, não havia nenhuma família fora da Polônia; e do papai havia este irmão que estava em Minas, em São João del Rey. Então meu pai veio da Europa, recém-casado para São João del Rey, mas veio sozinho primeiro, como os primeiros imigrantes, era uma coisa muito comum o marido vir primeiro se instalar, procurar um meio de vida e depois trazer a família”.



“E... meu pai veio, ficou aqui, quase um ano sozinho, depois já conseguiu dinheiro para poder mandar passagem para minha mãe vir para o Brasil. Meu pai chegou aqui em 1923, com trinta e um anos de idade e a minha mãe chegou em 1924, com vinte e um anos de idade, e eu nasci em 1925. Quando ele veio para o Brasil, aí ele conta, ele foi trabalhar como mascate em São João del Rey que, na época, era uma cidade bem pequena, mas de um povo muito, muito bom, e... ele foi muito bem recebido pelos brasileiros aqui. Isso deu a ele um calor humano muito grande”.

“É da família do meu pai (na Polônia), eu não sei muita coisa. Eu sei que... ele foi um menino que perdeu a mãe muito cedo, e foi criado por uma tia, e ele tem um único primo hoje vivo que está em Israel. E... da família do meu pai, o meu pai não era uma pessoa de gostar de contar muito, de falar muito, isso eu tinha mais informações do lado da minha mãe, do lado do meu pai, pouca coisa”.

Sobre as grandes datas judaicas em São João del Rey: “Olha, cada um na sua casa, isso às vezes eu me pergunto até hoje: “Meu Deus, eram tantas famílias, eu não me lembro, *Rosh Hashanah*, *Pessach*, eu nunca me lembro que a coletividade tivesse se juntado para fazer uma comemoração. Cada um fazia na sua casa. Uns, completamente deixavam passar em branco, mas na minha casa sempre houve; papai sentava no *Pessach* com a gente e fazia o *Seder*, eu até fico emocionada de lembrar. Meu pai, como ele sempre ia ao Rio para fazer as compras para a loja, então ele trazia as coisas todo ano, ele ia antes do *Pessach* para trazer *Matzos*, para trazer o vinho *Kasher*, para trazer... a... o *Matzemei*, e as coisas, as frutas secas, que isso em Minas não havia. Ele trazia do Rio de Janeiro a São João, naquele tempo, acho que eram... oito, nove horas de trem. Não havia estradas de rodagem, era tudo de trem, até não havia nenhuma... uma ligação direta São João del Rey - Rio de Janeiro. Ia-se até Barbacena que era um entroncamento rodoviário, e de lá se tomava outro trem até o Rio de Janeiro. E o papai trazia, trazia todas as coisas, e ele sentava e contava aí, (...) assim contando para nós o que era o *Seder* ou como é que tinha sido a fuga do Egito, então... e ele explicava para gente porque que a gente comemorava o *Seder*, e era muito gostoso. A gente ficava, sabe? porque afinal nós estávamos numa cidade muito religiosa, São João del Rey até hoje é uma cidade de cultura católica, muito”.





Após o antigo curso primário, a única alternativa na cidade de São João del Rey era o ensino religioso: “O único colégio que tinha tanto para meninas como para rapazes, quer dizer, além do curso primário, que era um curso primário municipal, como as escolas municipais aqui, mas de muito bom nível. Então o outro colégio, se você queria continuar além da escola primária, era um colégio de freiras que era aonde a gente fazia o curso normal, e um colégio de padres, aliás, frei, freis Franciscanos, que era o colégio aonde os meninos faziam o ginásio. Então tanto eu, como meu irmão e minha irmã, freqüentávamos um colégio de... católicos, cem por cento. Então, quando nós fomos fazer inscrição, que meus pais falavam que nós não éramos católicos, as irmãs disseram que sentiam muito, mas que eu teria que freqüentar as aulas de catecismo e teria que ir à igreja quando fosse necessário, quando todo o colégio fosse. Era uma... uma obrigatoriedade, era um critério da escola. Assim, como as nossas escolas judaicas agora quando vêm crianças não judias, mas são obrigadas a fazer o hebraico”.

Rosa compara a sua experiência na escola católica com as escolas judaicas do Bom Retiro: “É... aqui nas escolas judaicas, a matéria hebraico, é uma matéria obrigatória, faz parte do currículo, então se for uma criança não judia e... não precisa estudar religião, porque praticamente as escolas também não dão religião, mas o hebraico como língua, é matéria obrigatória. Então, é muito engraçado, aqui no Bom Retiro mesmo, agora não porque já tem muitas, muitas escolas coreanas, mas as crianças coreanas que começaram a frequentar o Renascença, por exemplo, eram obrigadas a fazer hebraico, e as crianças também do bairro que quisessem frequentar, porque era considerada uma escola muito boa, precisavam, precisam até hoje fazer o hebraico. Assim, naquele tempo lá você precisava estudar catecismo”.

Rosa conta das aulas de catecismo: “Olha, foi uma experiência acho que muito gratificante. Eu acho que como, como... lição de vida, como.... como é que eu diria... as, as freiras tinham uma, uma concepção de vida, muito rígida em termos do que é certo, do que é errado, do que... o bom e o mal, entende? E eu acho que para uma formação de personalidade, que a personalidade nasce com a gente, mas para uma formação de... foi muito interessante. Tem coisas até hoje que... eu acho que eu devo a formação dos anos que eu passei numa escola de freiras. Não me arrependo por ter freqüentado uma escola de freiras, não mesmo. E nem por isso deixei de ser



menos judia, e não sou uma ortodoxa, evidente, mas aqui na minha casa todas as festas e todas as comemorações e tudo mais, a gente respeita muito”.

Rosa fala da boa convivência com as colegas não judias: “Muito boa, muito boa. Até hoje a gente se... a gente tem... se, se comunica, quando nós fizemos cinquenta anos de formatura foi uma experiência assim... muito, muito emocionante, porque eu ia a São João del Rey muitas vezes, mas eu nunca tive depois da formatura oportunidade de encontrar todas as colegas, pelo menos as que ainda estavam. E a gente ainda se manda cartão de Natal, e cartões de fim de ano, até hoje”.

Rosa comenta a posição dos seus pais frente aos seus estudos em uma escola católica: “Eles procuravam, eles procuravam... minimizar o problema, enfocando sempre que aquela não era a minha religião, que aquilo era uma coisa provisória que eu estava passando porque eu queria estudar. Mas eles sempre procuravam deixar bem claro que aquilo não era a minha religião, que a minha... então enfocavam sempre o judaísmo, e que um dia eu viria para uma cidade maior, onde eu teria mais contato com jovens e judeus, e procuraria então manter naturalmente toda a minha... as minhas raízes”.

Sobre as missas e as aulas de catecismo: “Por exemplo, a missa de todos os domingos que era obrigatória, eu não precisava ir, eu ia por exemplo, quando havia um evento escolar, e dentro desse evento também sempre começava com uma missa. E então nessas eu ia, agora, por exemplo, todos os domingos obrigatoriamente o pessoal, todo mundo da cidade ia para a missa, isso não e as meninas sabiam que não. Eu me relacionava muito bem com elas. Agora as aulas de catecismo, eu... eu era obrigada a assistir e inclusive a fazer as provinhas, etc. Mas eu... nunca, não me afetou, não. Eu soube desde, ou talvez por orientação dos meus pais, eu dividia direitinho, que aquilo era, era em função como se fosse mais uma matéria escolar, como se fosse português, como se fosse ciências, enfim, era uma matéria dentro do currículo escolar...”

“Eu nunca senti nenhum preconceito anti-judeu, apesar de ter morado tantos anos no interior, e de ser uma... um elemento diferente numa coletividade, por exemplo, no meu colégio, havia uma menina que era... umas duas meninas aliás, que eram... protestantes. Hoje se chama evangélicos, mas o resto eram todas, todas, católicas praticantes, eu nunca senti preconceito. Então, eu não sei se é uma exceção, porque talvez muita gente tem... eu nunca senti preconceito





pelo fato de ter sido judia em nenhuma oportunidade. Eu não sei se foi... uma exceção, se é uma dádiva de Deus, de eu nunca ter sentido isso, porque quando a minha mãe contava das histórias da Europa, o anti-semitismo que ela sentia nas pequenas cidades, o que eles sofriam, eu... isso me chocava muito. E eu sempre ficava com receio de que algum dia eu viesse a sofrer do mesmo preconceito, graças a Deus, eu nunca sofri”.

“E nós, nós... nos educamos lá, estudamos lá (em São João del Rey), até o limite aonde havia o que estudar. Eu fiz curso normal, meus irmãos fizeram... o ginásio, naquela tempo não havia ainda o colegial, era só o ginásio, em seguida, se você queria prestar faculdade. Mas não havia faculdade ainda em São João del Rey, hoje existem várias lá, mas naquele tempo não. Então eu terminei o curso normal, meu irmão terminou o ginásio, minha irmã terminou o ginásio, mas a minha mãe achava que aquilo era muito pouco, para os filhos dela”.

Rosa e os irmãos deixaram São João del Rey para dar prosseguimentos aos seus estudos: “Então, a minha irmã foi estudar em Belo Horizonte e eu vim pra São Paulo, e só aí que eu vim para São Paulo. O objetivo era para continuar a estudar, e realmente eu vim para cá e comecei a fazer um curso de... naquele tempo como é que a gente chamava? Contabilidade, que era o que dava assim... muita oportunidade das moças de trabalhar em seguida”.

O Holocausto e a família da mãe da Regina: “Infelizmente, da família da minha mãe, todos, todos morreram na Guerra. Todos. Depois da guerra, a minha mãe não conseguiu ter notícias de mais ninguém, ninguém, ninguém. Ela soube por conhecidos, depois, com aquelas pesquisas todas que se fizeram... a única que ela ainda soube foi da mãe que faleceu antes de ir para um campo de concentração. Agora dos irmãos, ela nunca conseguiu obter nenhuma notícia. Isso era muito doído pra minha mãe. Isso era uma mágoa que ela tinha muito grande, talvez por isso, quando os meus irmãos já estavam em Israel há alguns anos meus pais resolveram mudar para lá”.

“Então meus pais mudaram-se para Israel, hã... faz... bom, já faz dez anos que a minha mãe faleceu, meu pai faz vinte anos que faleceu, eles moraram ainda uns dez anos em Israel. Eles vieram, já foram direto para a cidade, ficaram alguns meses naquelas instituições da Ulpan, e depois foram, moraram em Tel-Aviv, os anos todos. Está fazendo vinte e seis anos... faz uns vinte e oito anos que eles foram para Israel. Eu não posso precisar muito bem o ano...”



Regina calcula em que anos os pais foram para Israel: “Eu vou te dizer já. Em 66, eu fui pela primeira vez para Israel, eles mudaram para Israel em 65. Faz então... trinta e três anos. Mas, o meu pai já faleceu há vinte e um anos e a minha mãe há onze. Então ainda moraram em Israel uns dez, onze anos”.

A ligação de Regina com o Estado de Israel é muito grande: “porque eu tenho toda a minha família lá. A minha família. Meu irmão mora lá, já casado com dois filhos também casados. A minha irmã, a mesma coisa, também com um casal de filhos casados, com netos. Meu irmão, também já com netos. Os meus pais moraram lá, eu fui pra Israel só catorze vezes – Regina ri -. Porque enquanto meus pais estavam lá, até que meu pai faleceu, eu fui duas vezes, depois que meu pai faleceu, eu ia todo ano ficar um mês com a minha mãe. Então era assim, como se eu sentisse uma obrigação de todo ano eu ia depois do *Pessach*, e ficava um mês com a minha mãe. Depois que ela faleceu, eu fui mais duas vezes só. Uma vez para o casamento de um sobrinho e outra vez nós fomos fazer uma excursão que incluía Israel. Então essa é a minha relação”.

Os pais e o aprendizado do hebraico: “Muito pouco, muito pouco. Era muito difícil para minha mãe, essa era a parte única difícil para ela em Israel. Ela não conseguiu assimilar bem a língua, meu pai também não. E mais eles falavam iídiche com as pessoas, mais da faixa etária deles. E falavam em português com o pessoal, com os filhos, falavam português”.

Regina informa a idade dos pais na época da emigração para Israel: “É, minha mãe... faleceu com oitenta e dois anos, então ela tinha uns setenta. Ela viveu depois do meu pai dez anos, ela tinha exatamente sessenta anos quando foi pra Israel. E meu pai já tinha setenta”.

## Edna

Edna conta a história da origem e da vinda dos seus pais para o Brasil: “Meu pai, é... veio da Romênia, em 1919, veio com catorze anos, o pai já tinha morrido, veio com a mãe e quatro irmãos. Eram todos em cinco. Uma irmã mais velha. Ele era o caçula. O papai era o caçula, é. E... eles vieram para São Paulo, de São Paulo também estiveram em Piracicaba, meu pai fundou um *Shil*, uma sinagoga lá em Piracicaba...”

“É, e depois ele voltou para São Paulo conheceu a minha mãe que veio de Pinsk, da Lituania, com vinte e dois anos, em 1933. Se casaram, aí eu nasci aqui em São Paulo. Nasci em





1935, 22 de abril de 1935, aqui em São Paulo. Fui morar, fomos morar depois em Paraguaçu Paulista, aqui no interior da São Paulo, aí nasceu o meu irmão e de lá, nós fomos para Presidente Prudente. E em Presidente, moravam dois irmãos da minha mãe. Então, a família se reuniu lá em Presidente Prudente”.

Edna recorda o que ouviu a mãe contar sobre a cidade de Pinsk: “Lembro que ela contou que o meu pai é... meu, meu avô morreu cedo na guerra. Não sei que guerra que era, morreu cedo e ela tinha mais duas irmãzinhas, e pequenininhas, menores do que ela e estavam passando necessidade até, necessidade até dizer chega, e que as duas morreram do lado de dela, que ela que cuidava das duas ali e ela não sabia que elas estavam mortas, então isso aí que ela contava. E mamãe contava também de que eles passaram necessidade a ponto de não ter sapato. Não tinham sapato, uma vez ganhavam um sapato menor do que o pé, e usaram aquele sapato, o sapato fez... Então isso aí que eu me lembro. Tem um senhor aí que ele tem acho que 92 anos, era da mesma cidade dela e ele fala que lembra do meu tio, da minha mãe... ele falava deles assim que moravam perto, que se viam e tudo. Mas eu não me lembro mais coisas não.”

“Minha mãe falava que a cidade dela pegou fogo e eles fugiram para o rio... Pinsk pegou fogo. É na Lituânia, pegou fogo. E o que meu pai dizia? Da Bessarábia. É... eles gostavam muito, tanto meu pai quanto a minha mãe, muita comida com batata... comida de batata, batata era em tudo. E... o tio, esse que está ali (Edna aponta uma fotografia) veio primeiro do lado da minha mãe. Mamãe veio com vinte e dois anos. Depois, veio o tio Benjamim, e depois veio mamãe com a mãe dela, com a minha avó para cá”.

“Meus dois tios já estavam aqui, e o meu pai. Papai falava da vida difícil que eles tiveram lá, um tio parece até que furou um olho para não fazer o exército... O outro arrumou um problema no dedo também para não fazer o exército, aí resolveram vir para cá, para o Brasil. Meu pai nasceu em 1905 e morreu com setenta e nove em 1985. Veio com catorze anos em 1919.”

Edna, e as lembranças escolares, em Paraguaçu e em Presidente Prudente, cidades do interior de São Paulo: “Em Paraguaçu eu fui alfabetizada por uma senhora. Depois, fomos morar em Presidente Prudente, aí falaram para minha mãe que tinha umas famílias judias lá. Então falaram para minha mãe que a melhor escola, era uma escola de madres. E... que era muito boa e não sei



o quê. E resolveram me colocar inclusive porque minha mãe era doente. (...) Foi uma época muito triste da minha vida, essa época aí no colégio”.

“Fiquei semi-interna, voltava para casa para dormir. Então era assim: se eu usasse saia lá em baixo, bem comprida, eu ganhava um santinho... que mais? Ah, não podia conversar com menino porque era pecado. Então eu comecei a ficar muito triste nesse lugar aí, nessa escola, as mães eram alemãs inclusive, era um ambiente muito ruim porque inclusive minha mãe havia dito assim, que eu não precisava rezar, que eu era judia e que ela já tinha falado com as mães e que eu não ia rezar. Então, todas as crianças, quando entrava uma mãe, as crianças ajoelhavam e rezavam, eu ficava sentadinha porque mamãe havia dito que para falar com Deus não precisava ajoelhar. Então essa mãe saía, todo mundo ajoelhava e eu sentadinha, aí entrava outra professora porque eram umas cinco, seis aulas diferentes por professoras diferentes, mães diferentes, então agora você imagine uma criança... Devia ter uns sete, oito anos...”

“Eu não me sentia bem, quer dizer, eu me sentia, como é que se diz? Eu acho que foi até uma espécie de formação de personalidade, quer dizer, eu sou diferente das outras pessoas. Que eu tenho que ser, (...) eu vivia um ambiente maior, um ambiente... católico. Então, eu sou diferente dessas outras pessoas, eu não posso me ajoelhar, por quê? Porque não adianta nada, me ajoelhar que isso não vai resolver. Bem diferente, um ambiente diferente. Aí meu pai começou a me ver tristezinha, aborrecida, e foi lá, me tirou de lá, me passou para o grupo, grupo escolar”.

“Ah, que vida boa! – Edna ri -. Parece que eu nasci nesse grupo escolar. Então aí foi bom, aí lá, depois, eu fiz é... o ginásio, entrei no ginásio do Estado que era muito difícil naquela época para entrar no ginásio. Vieram me dar os parabéns quando eu tinha dez anos, eu fiquei assim, ‘por que estão me dando parabéns?’ Era porque eu tinha entrado no ginásio do Estado. E depois eu fiz também o científico e fiz o normal, no mesmo tempo, me formei e comecei a trabalhar como professora substituta (...).”

Edna descreve a comemoração das grandes datas religiosas em Presidente Prudente: “Ah, meu pai fazia, épocas assim de *Pessach*, de todas essas épocas assim, ele fazia o pessoal todo vir a minha casa, ele cantava, cantava muito bem, bonito, nossa! Tinha uma voz muito bonita, minha mãe também. Então tudo era na minha casa. É, era na minha casa sim. Meu pai gostava muito disso”.





Os pais de Edna procuraram passar para os filhos um pouco de cultura judaica: “A mamãe, mamãe começou a ensinar um pouquinho de iídiche ali, a minha avó falava em iídiche, eu e meu irmão pedimos para que falasse em português – Edna ri -, em vez de aproveitar, que seria o bom, não é? Então, assim, a mamãe falava um pouquinho. E essas festas aí de, essas reuniões aí, importantes que papai fazia, que era comum. Então é isso aí, mas de educação judaica não tive nenhuma assim não. Do que se falava no almoço, que se perguntava, que se orientava, que não podia casar com um *goy*, que não podia isso, que não podia aquilo (...). Veja, meu pai fundou o *shil* lá em ... Piracicaba. Um tio dele fundou o *shil* aqui da Rua da Graça (Bom Retiro), aquela da esquina”.

“É, é... Schneider, como é que é o primeiro nome dele? Acho que é, como que é? Não sei o primeiro nome de Schneider, fundou o *shil* lá. Um primo da minha mãe foi Ministro da Agricultura da Golda Meir por dois governos. Ele esteve aqui uma época no Brasil. Então um pessoal assim de... tradição nessas coisas”.

Quando o pai de Edna morou em Piracicaba, antes de casar-se com a sua mãe, “ele e mais uns amigos criaram uma sinagoga, em Piracicaba (...) Tem um documento dele aí, eu nem sei qual é porque não entendo iídiche, hebraico, tem que procurar aí, um documento em que está registrado que eles fundaram, tudo aí”.

A recusa dos pais de Edna em aceitarem o seu namorado *goy* e a mudança para São Paulo, em 1957: “Isso foi muito difícil, foi muito difícil, foi muito doído. Foi muito difícil, inclusive foi meu primeiro namorado, um rapaz muito bom, então isso foi realmente, foi um negócio assim, uma marca muito profunda na minha vida”. Edna estava com 21 anos de idade. A outra razão para a vinda da família foi porque o irmão de Edna “já estava na época de fazer faculdade”.

A relação de Edna com o Judaísmo: “E eu nunca estava, mas nunca estive muito ligada não. Você está entendendo? Nunca fui... Não. Eu sempre freqüentei a sociedade (judaica), sempre fui a sinagoga, tudo. Mas não era de... Não, não muito... ligada. Ligada, vamos dizer assim... não é? Não, não muito ligada não”.

Edna relata uma experiência em que não se sentiu muito confortável enquanto judia: “Eu passei uma, uma situação assim, eu já era professora aqui em São Paulo, e vou dizer assim, e alguém estava falando sobre judia, tal. E a pessoa que estava falando sabia que eu era judia e a



outra professora não sabia que eu era judia, aí ela virou assim para mim: ‘Mas você não é judia, não é?’ Aí já senti o ambiente, não é? Achei ruim. Aí também tem outra história de... eu trabalhava no Departamento Municipal de Ensino, então, aí chegou um rapaz que tinha sido Secretário da Educação lá em... no Acre, não sei, num território aí, num... num lugar. E, um dia ele meteu o pau nos judeus, eu estava trabalhando batendo na máquina, escuto isso aí, tal. Não falo nada. Senti o problema, a integração no meio. Aí eu... tudo bem, e... nós fomos nos tornando amigos, amigos, amigos e turma tudo assim e ele precisou de uma ajuda e quem é que deu a ajuda a ele? Foi a judia aqui”- Edna ri-.

“Não falei nada (que era judia), mas depois com o tempo ele deve ter descoberto porque o pessoal lá sabia. Inclusive me pediu em casamento está bom? Ah, não queria nada com ele, ele era um rapaz muito bom e tudo assim, mas não tinha nada. Mas você vê como é que é? Como a gente sente na, a gente sente esse tipo de... Machuca a gente, não é?”

Edna fala da ida a sinagogas com o pai: “Na CIP... festas... de casamento, ou aí na *Bessarabian Ferband*.” Nesta última, “mulher sentava de um lado, homem do outro, as mulheres muito bem vestidas...” A frequência era só nas grandes datas, *Yom Kippur*, *Pessach*. A mãe de Edna fazia o *Shabbat*: “Você está vendo as velas aí? Ela acendia as velas toda sexta-feira. Ir a sinagoga era muito raro. Meu pai e minhas amizades também (iam raramente). Ninguém era de ir... que eu saiba, ninguém era de ir na sinagoga que não fosse nas grandes datas”. Apesar de ter fundado uma sinagoga em Piracicaba o pai de Edna não ia nem na sexta e nem no sábado à sinagoga.

Os sobrinhos de Edna, filhos do seu irmão são “tudo homem. Todos (moram) em Londrina. Tenho pouco contato (com eles).” A sua cunhada não é judia. “Não, ele não casou com moça judia, não, ele não casou, ele casou com moça *goy*.” O casamento do irmão foi aceito pelos pais de Edna, que haviam, anteriormente rejeitado o seu namorado não judeu: “Não já... antes era né, porque... mas depois quando eles me viram, acho que passaram a aceitar isso também, meu irmão... tenho a impressão que já... meu irmão que casou com trinta e quatro anos, mais ou menos, minha mãe já estava, por outras razões, minha mãe já estava mais, com relação há algumas coisas, minha mãe já estava mais concordando.”





Chegando em São Paulo de Presidente Prudente, a família foi morar na Alameda Casa Branca e freqüentavam “o pessoal lá, o Ferband. Acho que era na Três Rios. Eu ia também... nesse Bessarábia Ferband. Um calor danado, aquelas reuniões, nossa! A gente ia, (em *Yom Kippur*) fazia o jejum, sempre fizemos jejum, e de uns anos pra cá, não tenho feito por causa de saúde. Mas (aos) treze anos, eu já fazia, meu irmão também, nós sempre fizemos jejum em Presidente Prudente que era um calor danado, a gente fazia isso. A gente fazia.”

Sobre o Bar Mitzvá do seu irmão: “Ele veio para cá (São Paulo), ele estudou, acho que é isso, não lembro mais. Ele estudou, e depois fizeram uma festa lá em Presidente Prudente. É, o Bar-Mitzvá, a gente, fizemos uma festa grande lá tem fotografia, não sei onde é que estão, precisaria procurar, tem. Fizemos uma festa para ele.”

Edna acompanhava os seus pais a um Centro Espírita, que costumavam freqüentar, em Presidente Prudente: “Foi em Presidente Prudente, meus pais freqüentavam o centro espírita lá, e lá eu vi pela primeira vez, acho que com oito anos uma senhora chegou carregada por quatro homens desgrehada, tudo. E se debatendo, um horror. Aí, ela entrou na saleta, os médiuns ficaram tomados, vários médiuns, tinha o seu, seu Virgílio e ele foi falando com os espíritos tudo. Dizendo a respeito disso, e ela sai de lá sozinha, sem ninguém segurá-la, arrumando o cabelo, tudo. Eu fiquei assim, não é? Foi minha primeira visão disso. Meu pai, ele sempre foi a favor disso, ele tinha muito conhecimento nisso também, aceitava essa parte espiritual, mundo espiritual e... agora você quer saber a razão, por que eu fui parar nessa parte, nessas leituras e tudo?”

Após a sua iniciação em Presidente Prudente, o envolvimento de Edna com o espiritismo aumentou, em São Paulo. Além de ter se tornado médium, ela também psicografa. Freqüenta a Federação Espírita e um Centro Espírita. Para Edna não há dificuldades em ser judia e, ao mesmo tempo, ir a um centro espírita: “Kardec diz lá que não existe diferença de religião, que você pode freqüentar e continuar judia (...) inclusive ele elogiou, tem um livro dele eu não sei se é... qual o livro dele, *O que é espiritismo?* deve ser esse livro aí, falando bem dos judeus e tudo, porque vem gente de tudo quanto é... religião, você é levado a esse tipo de coisa. O espiritismo é uma ciência e... tem uma hora lá que ele fala, é ciência, filosofia, e... tem uma hora que esse



pessoal fala que é religião, que considera, mas Kardec não considera religião, lá no livro ele fala, 'Ciência e filosofia'".

A relação do espiritismo com o judaísmo, segunddo Edna: "Eu vou há vinte e um anos. Vai para vinte e dois anos. Ah, eles (meus pais) já freqüentavam (em Presidente Prudente). Eles iam comigo no Centro aqui (em São Paulo), eles vinham, participavam disso. O espiritismo vem do judaísmo. É, o Moisés disse que era um grande médium, que recebeu os dez mandamentos e tudo. Ah... todos aí eram médiuns, vem da nossa, vem da nossa religião. (No espiritismo) Não tem nada de santo, de ritual, não tem nada dessas coisas. Não tem ritual nenhum. Tem também Deus, eles falam em Jesus Cristo. Só tem Deus e Jesus."

### Helena

Helena fala da origem dos seus pais: "Meu pai veio de uma cidade grande que é Lodz, era cidade, maior cidade industrial da Polônia e trabalhava na fábrica de um tio, a fábrica era dessas carnes em conserva tipo *vursht*, essas coisas. Parece-me que era pessoa, nos termos deles, abonada ou pelo menos tinha um nível de vida melhor, o meu pai era operário, pelo o que eu entendi. Inclusive o meu irmão tem ainda um cartão de associado ao sindicato dos empregados, o sindicato era um sindicato judeu, tem escrita em iídiche de um lado e escrito em polonês do outro, o nome do sindicato dos empregados em fábricas de *vursht*, essas coisas assim."

"Ele veio para o Brasil, ele ficou órfão muito jovem, muito criança com cinco anos, quatro anos, ele tinha uma madrasta que, pelo o que ele conta, xingava muito em iídiche tem um termo hã... (...) é, praguejava, o termo que significa, praguejar. E o meu pai tinha horror... então nunca na nossa casa se falou um palavrão ou uma palavra mais pesada, que ele tinha horror. Mas ele, na realidade, ele saiu da Polônia para fugir do serviço militar. Então, veio com 21 anos, 20 anos, qualquer coisa nesse, desse gênero em 1928, se eu não me engano". O pai de Helena chegou primeiro em Recife e, depois, foi para São Paulo.

"Minha mãe, ao contrário, vem de uma família, pelo o que a gente sabe, também pobre de uma cidade mais perto de Varsóvia. Minha mãe sempre teve, tinha um (tino) comercial e contava que desde os cinco anos que ajudava a mãe dela, a minha avó, que tinha no mercado, ou na feira, uma banca. E ela subia desde os cinco anos no banco dessa banquinha, dessa banca pra ajudar a vender. Então ela já tinha um espírito comercial."





Ela vendia, naturalmente, miudezas, isso até eu posso perguntar para minha tia, mas pelo o que eu sei, vendia miudezas: linha, elástico, essas coisas de bazar. A minha avó, a mãe de minha mãe, era chamada de *tshainik* e *tshainik*, ela fazia chá. Então, eu não estou sabendo agora, (...) mas essa recapitulação, eu preciso confirmar direito. Se ela também fazia o chá para vender lá nessa feira, não sei ela já tinha esse nome, *tshainik*, antes por algum outro motivo. Preciso perguntar pra minha tia... *Tshainik*, quer... *tshainik*, hã... é... como é que chama o bule de chá? Hã... chaleira. *Tshainik*, hã... que é coisa ligada a chaleira.

“E... eu tenho uma tia que tem nove... que ainda vive... e tem noventa e um anos, a mãe de minha prima (...), é. Ela está aí, ela levou um tombo em janeiro, foi operada, quebrou o fêmur, depois não ficou boa a prótese, fez de novo. Mas lucidíssima, maravilhosa. E... minha mãe, sempre teve este espírito independente, naturalmente com um mundaréu de filhos, parecendo aqui os nossos nordestinos...”

“Tudo na Polônia, em Riky, a cidade era Riky. Aliás, tem um livro que foi editado em Paris, que um amigo delas, depois foi o terceiro marido da minha tia, ele editou os depoimentos escritos das pessoas de Riky. Eu não sei se você sabe, Ethel, que muitas cidades da Polônia, fizeram, muitas fizeram esse tipo de livro, você já ouviu falar? Então, está aqui na minha casa esse livro de Riky e minha mãe tem um depoimento, tem uma história, um artigo também. E minha mãe contava, como eu estava dizendo, que sempre teve um espírito comercial, de comerciante. Com catorze anos, quinze anos mais ou menos, ela alugou, também pelo o que eu entendo agora, eu não sei se uma porta tipo garagem ou um corredor largo e fez uma pequena loja, fechou com cortina atrás e ela e essa minha tia Ana, viva ainda... irmã dela. Viviam atrás, dormiam atrás. Imagine, naquela época, claro que era uma cidade do tamanho de um ovo, mas elas já, elas já tinham o espírito de não morar em toda aquela bagunça, de não morar naquela bagunça com tanto filho, com...”

Helena esclarece quem são as crianças: “...eram assim: Feigue, a... Helena, Ana, quatro irmãs...sete ou oito filhos, ela, a minha avó tinha, também, não sei direito, não me lembro bem. E ela foi então morar nessa lojinha que ela abriu e ia sempre para Varsóvia, fazer compras, cidade grande; verdade que ela tinha tios lá em Varsóvia. Grandes comerciantes, mas eles (a família da mãe) eram pobres e ela era respeitadíssima... hã... chamava Panie Mikovisca – provavelmente,



senhorita em polonês - A família dela era Mikovisc, ela como mulher chamava Mikovisca, em polonês terminação concorda com o número e... gênero, número eu não sei, mas gênero com certeza, é Mikovisc e Mikovisca.”

“É, eu acho que sim, Panie Mikovisca é senhorita. Pani é senhor, é isso mesmo, (...) qualquer coisa assim. Só sei que a minha mãe falava: ‘Panie Mikovisca, Panie Mikovisca’, e ela ia nos grandes, e davam-lhe crédito, primeiro porque ela tinha os tios que eram comerciantes, mas depois foram dando pelo seu próprio valor.”

O que a mãe de Helena vendia: “Eu acho que também este tipo de bazar: linhas, agulhas. E você veja que interessante, Ethel, a irmã mais velha dela, a Helena da qual eu tenho o nome, faleceu aos vinte e nove anos de tuberculose galopante. Lá, tudo lá. Já estava casada e tinha três filhos, a menina menor com dois anos, dois rapazes e uma menina. Em seguida, faleceu o pai (o avô da Helena) com cinquenta e tantos anos, cinquenta e três, cinquenta e quatro anos, não aguentou... o pai da minha mãe.”

“Então o pai dessa que faleceu não aguentou a dor, porque que ela era uma moça muito inteligente, uma moça muito culta, que lia muito essa Helena. E... o pai faleceu com cinquenta e três, cinquenta e quatro anos, não aguentou a dor, então minha mãe, tomou a iniciativa de ... tinha prima aqui no Brasil, e já uma irmã, que também já tinha vindo para o Brasil.”

“Já tinha uma irmã que tinha vindo, a Fani. A Fani, a Ana, minha mãe e a Helena. Eram quatro irmãs e, se não me engano, três irmãos, quase que seis... Então já tinha... uma irmã e tinha primas. Essa irmã tinha vindo também antes por causa das primas. Ela (a mãe de Helena) vendeu tudo, parece-me, depois ela me contava com ar muito assim, meio... assim meio safadinho, fazendo umas... que ela ficou devendo em Varsóvia dinheiro e que ela vendeu tudo, ainda fez os túmulos, porque na religião judaica, não se pode deixar sem pedra, um, um falecido. Ela fez os túmulos dos dois, comprou a passagem da minha avó, oi!”

“E ela, ela comprou a passagem da minha avó. Fez os túmulos... da irmã e do pai... da irmã e do pai, comprou passagem para minha avó, para essa minha tia Ana que vive ainda, para ela e para as três crianças, filhas da irmã. O cunhado que era vivo, tá? Aquele que ficou viúvo, era um sem-vergonha, dizia que só tinha dinheiro para a passagem dele, ele pagou também quase que certeza a passagem dele, mas das crianças não, a minha mãe que pagou. Disse que a minha mãe





ainda levou uns restos de bijuterias, de coisa que tinha no bazar dela, e ainda vendeu no navio, para tudo aquilo de terceira classe, porque que classe que eles vieram? Terceira classe.”

Helena conta que os seus pais se posicionavam contra a religião: “(...) Eram anti-religião, tinham brigado uma vez, ela contava que o pai dela tinha rasgado um livro que ela pegava na biblioteca, já na cidadezinha dela, tinha um clube dos jovens mais pra frentex, naturalmente, mas hã... não querendo ser muito radical não, mas... anti, anti-religioso. E se revoltavam contra, diz mais é... esquerdista, mais socialista, e ela pegava livros da biblioteca, naturalmente, os clássicos da época e ela... um dia o pai dela rasgou o livro e ela ficou com vergonha, nunca mais foi para a biblioteca. Porque rasgou, ela não podia devolver, tinha vergonha, o pai rasgou o livro, Isaac era um homem ótimo e não sei o quê, você vê.”

Helena supõe que os livros que a mãe lia eram escritos iídiche: “Eu tenho a impressão que eram em iídiche. Eu tenho a impressão, porque a minha mãe lia, sabia ler, escrever, em polonês, porque... Ela sabia, mas ela não fez mais do que o primário, digamos. E mesmo assim porque ela tomava aulas com o professor por iniciativa dela porque não foi em escola formal... Lá em Riky, quando menina, quando mocinha, ela tomava aulas particulares... de... alfabetização, de leitura, de... em polones porque ela sabia o iídiche. As letras hebraicas ela sabia, mesmo porque eles aprendiam a rezar. Essas coisas aí. Então sabiam, as letras é... hebraicas que são usadas para o iídiche. Mas, ela foi tomar aulas particulares com o professor da cidade e naquela época ela começou a ler. Eu tenho impressão que, também, é uma outra informação que eu posso pegar da minha tia Ana, mas eu tenho a impressão que era em iídiche, eram traduções para o iídiche, e você sabe que... todos os clássicos são traduzidos para o iídiche, Tolstoy, Dostoyevsky, sei lá, todos os grandes escritores e os franceses Zola, todos eles foram, eram traduzidos para o iídiche.”

O pai de Helena e os conflitos anti-semitas em Lodz: “Meu pai contava, que uma vez teve uma briga com os anti-semitas, lá na cidade de Lodz, ele era forte, rapazes fortes, grandes com os anti-semitas, que foram provocá-los no ponto de ônibus ou de... sei lá se bonde. Lodz é grande, é uma cidade mais industrial. Mais industrializada da Polônia.”

Os imigrantes e a escolarização dos filhos: “(...) sempre eu acho que isso é coisa de imigrante, não só de judeu, que fazem os filhos estudarem porque querem progredir. Eu digo que



não só de judeus, porque como eu lecionei muito tempo, eu... lecionei mais de vinte anos num colégio estadual, num bairro japonês, que é a Liberdade. Então você via os filhos de imigrantes, Ethel, se sobressaindo, os japoneses, mais tarde, depois eu lecionei, mais de vinte anos, os japoneses já da segunda geração, de terceira, não de pais imigrantes, os filhos eram excelentes alunos, já os netos, os nissei, sansei. Não sei se o primeiro é sansei, depois nissei, o primeiro é nissei, o sansei já ficaram a mesma porcaria que os brasileiros – Helena ri -, a mesma coisa. E ultimamente, alguns anos atrás quando vieram os imigrantes chineses e das outras regiões da Ásia, você via mesmo sem saber o português, como eles se sobressaiam. Então, é coisa não só de imigrante judeu, que os filhos querem há... melhorar. Aliás, na minha dissertação do mestrado, eu... escrevi a preocupação dos pais em que os filhos estudassem, não sei se você lembra, tantas escolas judaicas que se formaram, quantas em 1937, já isso. Em 37, eu tinha seis anos, é, eu sou de 31.”

“Fui para uma escola já nessa época, caríssima, particular, chamado Colégio Starford, que ficava a algumas quadras de onde meus pais... Uma escola... privada, Starford. Era uma escola de meninas ricas, tinha a filha eu me lembro dessa menina, particularmente, há... não sei se era do Consul do Japão, ou qualquer coisa da colônia japonesa, que usava uma mala nas costas, agora que o pessoal usa muito mochila, mas em 1937, 36 não tinha disso. E... queria muito e meus pais me compraram uma dura, acho que é por isso que eu tenho esta postura assim – Helena mostra as costas retas e ri -. Toda a vida eu tive uma postura de ombros levantados. Que eu tenho uma postura ereta. E... então era um colégio de meninas ricas, era só um colégio de meninas, feminino.”

“(O colégio) Ficava na esquina da Alameda Nothman com a Alameda Cleveland, Colégio Starford era um casarão e era dirigido por três irmãs, Dona Blandina, Dona não sei o que lá, três irmãs, também se não me engano solteironas. Era um colégio rígido. E uma vez, eu estava no primeiro ano primário e a gente tinha que usar um uniforme que tinha um chapéu de rafi, é uma cor, assim, cor castanha. E eu esqueci do tal chapéu, minha mãe me levava para a escola, porque tinha que atravessar a José Paulino, a Silva Pinto, que tinha que atravessar o trânsito daquela época, e a diretora me perguntou: ‘Você vem sozinha?’ E eu muito sabichona, menti, disse que sim. Não tinha, não sabia o porquê desta pergunta e ela me mandou voltar sozinha a pé porque eu





não tinha levado o chapéu. Minha mãe ficou com muita raiva, porque me fez atravessar as ruas e eu naturalmente não contei, porque eu disse que ia sozinha e era mentira.”

“E... isso depois a gente contando essas coisas que a gente faz. Minha mãe me tirou da escola e me pôs no grupo escolar Prudente de Moraes, que era, ficava atrás do Jardim da Luz também, há algumas quadras de onde eu morava. Eu fiz todo, eu não me lembro se este ano eu já estava no segundo ano, eu já estava no segundo ano do primário. Eu fiz toda a minha instrução, tanto primário, tanto no ginásio, faculdade, universidade, tudo em escola do governo. Toda a vida. Os meus irmãos, o meu irmão já foi para escola pública, Grupo Escolar Prudente de Moraes e minha irmã também. Todos nós fizemos escolas publica, sempre. Eu minto se foi sempre, mas é... porque depois que eu terminei o quarto ano escolar, naquela época, eu fiz um ano de preparatório ao ginásio, porque o ingresso ao antigo colégio estadual, era tão difícil quanto entrar agora para a USP.”

“Era um exame de admissão ao ginásio, mas em 1941, 42, digamos... um exame tão difícil pelo menos naquelas proporções... e fazer o exame de admissão. Naquela escola preparatória para o exame de admissão, eu conheci outros alunos, judeus todos, era de um professor judeu, Schraider, o irmão era médico, foi ele que tinha começado este cursinho, Jack Schraider. Era muito rígido, mas também nos moldes da época era muito bom, bastante bom. Eu entrei, meu irmão entrou e minha irmã entrou também na escola pública, no ginásio, anos mais tarde, claro. Hã... depois que eu entrei no ginásio, na época eu fiquei doente. (...) Eu abandonei a escola mais ou menos por um ano, mas como eu tinha entrado, eu não quero me vangloriar aqui, mas hã... lá era separado meninos de manhã e meninas à tarde... e era muito rígida a escola, colégio estadual no Parque Dom Pedro II. Eu entrei no ginásio, no colégio estadual, em terceiro lugar do colégio, primeiro das meninas e a classificação na escola, naquela época, número um das notas, hã... pelas notas.(...) Mas, enfim terminei o ginásio, fiz o colegial, no terceiro colegial, fiz o cursinho para a faculdade com Getúlio, que era um italiano bravo pra danar... entrei na USP, fiz toda a faculdade.”

“Fiz Matemática, Matemática, que sempre foi a minha paixão. E... uma coisa interessante sobre os imigrantes é que meu pai, quando eu tinha dezoito anos, dezenove, eu já era mais velha, não porque eu tinha perdido um ano de escolaridade, ele achava que eu não devia fazer a



faculdade. Meu pai que sempre foi pra frentex. Ele achava que eu devia procurar um noivo, namorar porque nessa época eu já frequentava o Centro Cultural Progresso, que é o *Yuguend Clube*. Naturalmente, (este) dissolveu com o tempo e, formou-se um outro clube de esquerda, chamado Centro Cultural Progresso. Com treze anos, com treze anos e meio (eu ia), meus pais já frequentavam, tinham aqueles saraus, aquelas reuniões culturais que eles faziam, e eu comecei a frequentar a convite de uma outra, filho de um outro imigrante Friedman, que também é citado na minha... na minha dissertação. A filha, a Sara Friedman, era declamadora e o irmão dela, o Carlos Friedman, me convidou para participar, porque sabia que os meus pais eram de esquerda e, eu comecei a participar desse clube. Meus irmãos também fizeram (parte do clube)."

"Quando o meu irmão foi reprovado no ginásio, ele começou a se tornar relapso, com o outro primo ia nadar no clube, naquela época, no Tietê, foi no Floresta, e... ele começou a relaxar. Meu pai disse: 'Vai trabalhar!' Ele era muito rígido. Foi trabalhar com o meu pai, que na época já tinha uma oficina de costura, de roupas de crianças (...)."

"Meu pai dizia que não precisa estudar, minha mãe 'O quê!? Se a Helena, a Heleninha... quer estudar, como?' Porque meu pai não queria, ele era um pouco seguro, nunca faltou nada, ao contrário, mas ele nunca pagou escola para mim, vai ter que pagar cursinho, mas minha mãe falou, está falado, aí eu fui fazer cursinho. E eu fui estudar no cursinho de manhã e à noite eu fazia o terceiro colegial no Roosevelt, ainda no Roosevelt, lá em baixo no Parque Dom Pedro II que tinha uma espécie de filial. Foi onde eu dei aula, lá na rua São Joaquim, lá na Liberdade. Mas eu fiz sempre no Parque Dom Pedro II, o terceiro colegial."

"Uma vez tive uma briga muito séria com um colega no terceiro colegial noturno, com um rapaz, com quem eu me dava bem até, que disse qualquer coisa de judia, de judeu (...). Não me lembro a respeito do que havia sido, (...) só sei que falou qualquer coisa de judeu e eu me queimeei. Eu tive um colega nessa época no colegial, o rapaz faleceu (...), era um que veio foi da guerra. Acho que inverteu o nome dele (...) ele escondia que era judeu. É, e eu fiquei sabendo, depois, que ele era judeu, mas ele escondia. Não sei se foi o medo da guerra, porque ele veio depois da guerra, parece-me que sim, esteve escondido, qualquer coisa, durante a guerra, esse escondia que era judeu."





“Tinha mais uns colegas judeus no colégio, no ginásio, na minha sala de aula, já nessa segunda etapa depois que eu voltei, eu tinha duas colegas judias, só. A Núcia Fraiguer e a Débora Raibtimor, são as duas meninas judias, entre trinta e tantos alunos. Tinha um rapaz mais velho que me dava carona, já ele tinha também uma coincidência, uma fábrica de bonés, já faleceu também.... colegas, um que (hoje) é professor lá na Biologia.”

“Eu acho que tive excelentes professores, claro que havia professores porcarais. Ah, eu tive um professor anti-semita, desgraçado, professor de Geografia, professor Muniz, ele só tinha um dente aqui embaixo. Professor Muniz dizia declaradamente na classe: ‘Eu odeio, eu detesto judeu, eu só gosto das judias’”.

Helena conta onde aprendeu Iídiche: “Essa é outra história. Eu fiz sempre escola pública, portanto... não judaica. Quando eu tinha 11 anos mais ou menos, uma amiga minha arrumou uma professora de iídiche e queria que eu fizesse com ela o curso de iídiche. A gente estudou sempre em escola pública, então nós fomos alunas da professora Iona Levin, cujo irmão foi presidente da Federação Israelita e a mãe e o pai foram professores de escola judaica. E a mãe vinha já na minha casa, na Rua da Graça dar aula de iídiche, nós tínhamos aula de iídiche, história judaica, literatura iídiche. O meu pai era um homem que toda a noite sentava com a gente na sala de visita, numa poltrona de canto, e lia para a gente Sholem Aleichem, ele tinha conhecimento de Bereshis (Gênese), de Mênделе, um dos clássicos judeus. Meu pai recebia revistas culturais dos Estados Unidos, agora com o tempo, depois que ele faleceu, o negócio.... nada, todas aquelas revistas culturais que vinham dos Estados Unidos.”

Ainda sobre a atitude inicial do pai contra a ida de Helena para a faculdade: “É, mas depois minha mãe falou ‘como, se Helena quer estudar, tudo bem’, aí eu fiz o cursinho, entrei na faculdade, claro que terminei, fiz os quatro anos, eram quatro anos, mas era um curso que inclusive, sábados nós tínhamos aula. Porque ele achava que eu devia casar, ele queria que eu tivesse uma vida... eu era de esquerda, eu tinha grupos muito grandes no Centro Cultura e Progresso, com toda a turma da UEE (...), o pessoal de esquerda das outras faculdades, nós tínhamos um contato muito grande. Eu já era universitária, mas tudo através do Centro Cultura e Progresso.”



Helena frequentava o Centro com a idade de dezessete anos, em 1948, ou talvez, até mesmo antes dessa idade. “O Centro Cultura e Progresso ficava na José Paulino, 92... olha que engraçado... a gente subia por uma escadinha, tinha dois salões que essa escadinha separava e a gente tinha domingueiras dançantes, tinha palestras... (...) Então, justamente, a gente convidava todos estes grandes intelectuais brasileiros, Jorge Amado, Di Cavalcanti, Inesita Barroso, que agora está na Cultura, quando ela começou ela veio cantar lá. Gente de projeção, de esquerda, naturalmente, que vinham fazer palestra, cantar, a gente tinha um intenso intercâmbio.”

“Foi... naquela época, havia outros clubes, ou centros é... sionistas. Houve uma época que eu frequentei também, o Centro Hebreu Brasileiro, que era na Rua Prates, perto, virando a esquina de José Paulino. E que eu frequentei; também de jovens, mas aí, a gente aprendeu a (...) músicas hebraicas... mas eu sempre fui de esquerda. Sempre há... estive ligada principalmente depois que eu entrei na faculdade (...) eu fui de esquerda (...) Meus pais também eram. Eles também eram de esquerda, mas eu senti muito pouco, há... não, não muito disciplinada, porque eu telefonava às nove horas da noite, mãe, eu não venho jantar, ela falou: ‘Muito obrigada.’ – Helena ri-. ‘Obrigada por você estar avisando nove horas da noite que não vinha jantar’”.

Helena avalia o papel dos seus pais: “E eu acho que meus pais souberam me educar. Dentro das limitações deles, que eles nunca foram milionários, não. Deixaram alguns bens, mas não como muitos dos judeus da época, contemporâneos dos meus pais, que fizeram riquezas, não. Eles não, não fizeram essa fortuna, mas saíram-se bem, na vida... comercial, na vida social, eles se saíram bem sim. E eu acho que educaram muito bem os filhos.”

Helena e a falta de religiosidade dos pais: “Então o seguinte, eu não tive uma educação religiosa. Meus pais, eu acho que nem nos grandes feriados judaicos, iam à sinagoga. Eu realmente não tive educação religiosa nenhuma. (...) Eu nunca acendi vela na minha casa, porque eu não acreditava, não acredito. (...) não me arrependo não; de não ter tido educação religiosa, agora quando é *Yom Kippur*, eu vou à sinagoga, eu faço jantar de *Yom Kippur* na minha casa, para reunir toda a família, mas como símbolo da... raça, pode se chamar de raça? Não é raça. Da nossa coletividade, da nossa... sei lá como pode se chamar. Não é raça.”

Os pais de Helena puderam mantê-la enquanto ela estudava. “Meus pais me sustentavam e... eu tive, eu dava alguma aula, mas muito esporadicamente. (...) Era meu (o dinheiro que





ganhava), mas não dava para me sustentar, para me sustentar. Eu tinha mesada, eu tinha o dinheiro que eu precisava. Para comprar um calçado, minha mãe ia comigo comprar. Precisava de uma roupa, não eram de dar muito. Não sei o porquê, mas a minha mãe era uma mulher muito sofisticada, tinha que ser do melhor. É engraçado este tipo de mentalidade, minha mãe era muito... também o esnobe não fica bem, não é, não é... esnobe em iídiche quer dizer outra coisa... esnobe quer dizer... era é...tipo sofisticada.”

Sobre a mãe, fala com admiração: “(...) tinha que ter tudo do melhor. Ela tinha uma roupa como eu te disse, ela lavava de noite, de manhã ela punha limpinha, passadinha, arrumada. Era um tipo de pessoa muito especial, minha tia até hoje fala demais da minha mãe, minha mãe era mesmo um tipo muito especial. Já o meu pai era mais calmo, mais pacato, minha mãe era toda agitada. (...). Mas enfim, eu tive muita sorte de ter nascido dentro de um família que me deu... meu irmão não estudou na época do colégio, que o meu pai fez ele trabalhar. E eu sempre pus a culpa no meu pai, achei que devia obrigá-lo a estudar, eu sempre... Ele está muito bem, saiu bem, mas eu achava que devia ter estudado. Porque eu e minha irmã estudamos, fizemos faculdade, fizemos curso superior.”

## Hana

Hana fala da origem dos seus pais: “Meus pais vieram da Bessarábia. Na ocasião que vieram, a Bessarábia pertencia à Romênia, depois pertenceu à Rússia e hoje pertence à Ucrânia. Meu pai chegou para o Brasil em 1926 para acompanhar um cunhado que vinha em busca de serviço pois como estudante de estudos religiosos nunca tinha trabalhado. Não havia naquele momento, naquele país, mais forma de sustento suficiente para todos. No último momento, meu pai foi empurrado para viajar junto para escapar ao serviço militar obrigatório, que teria sido muito penoso, muito sofrido. Então, ele veio para o Brasil, nessas circunstâncias, com vinte anos de idade.”

“A minha mãe chegou já a chamado do pai dela e foi pela família numerosa que tinha, ele veio primeiro e foi trazendo aos poucos os filhos. Ela já chegou em 1934, praticamente, tendo concluído o segundo grau em uma escola profissionalizante de costura. Os dois eram da mesma



cidade Khotyn. Era uma cidade que exportou muita gente para o Brasil naquela década de 20, década de 30. Naturalmente, o fato de vários já terem se situado aqui, arrumado trabalho, conseguido alguma coisa, havia até uma sociedade de fraternidade dos habitantes de Khotyn aqui em São Paulo. Naturalmente, um ajudava o outro e procuravam realmente os contatos dentro dessa fraternidade, os conhecidos, não exatamente de Khotyn, da Bessarábia toda, mais da própria cidade de onde eles provinham, então uma quantidade grande veio parar aqui no Brasil.”

A imigração dos pais para o Brasil: “A família da minha mãe foi vindo para o Rio de Janeiro porque naturalmente um irmão do avô já havia chegado antes. O avô e a avó eram primos, portanto, dos dois lados havia gente que pudesse abrigar quando cada um foi chegando. Então, cada filho foi ficando na casa de alguém até que a família pode se juntar novamente.”

“Meu pai veio para São Paulo, segundo eu me lembro dele ter contado, ele estava destinado, tinha passagem pra ele e o cunhado chegarem até o Uruguai. Eles não tinham entrada para o Brasil, mas, por outro lado, eles tinham aqui em São Paulo conhecidos. Então, provavelmente, os únicos dois ternos que eles deviam ter, eles vestiram um em cima do outro, desceram em Santos e nunca mais voltaram ao navio. Do meu pai, dos livros que eu sei, ele trouxe consigo um livro de gramática hebraica, uma *Hagadah de Pessach* e uma Bíblia, isto é o que ele trouxe carregando consigo. Se ele deixou outros objetos mais interessantes na sua bagagem, eu não sei. Mas foi assim que ele veio para São Paulo porque aqui tinha conhecidos.”

“Os primeiros anos que o meu pai esteve aqui, ele teve que juntar o dinheiro para poder sobreviver e enviar dinheiro para a mãe que, naquela ocasião, logo ficou viúva, e também para amparar as irmãs, que deveriam ser casadas e que ficaram lá. Eu me lembro ter visto algum documento em criança de remessa de dinheiro para casar as três irmãs. Em algum momento, ele trouxe a mãe dele de lá, depois trouxe a irmã mais nova dele, uma mulher muito bonita, essa eu tenho fotografias. A mãe depois não gostou muito daqui, voltou para lá e a irmã também voltou para lá. A mãe depois decidiu vir novamente, veio sozinha sem falar uma palavra de português, ela até o fim da vida dela não falou mais do que duas palavras de português. Ela desembarcou, tomou o trem em Santos e chegou em São Paulo, na lojinha que o meu pai tinha, alfaitaria que ele tinha naquela ocasião.”





Sobre o casamento dos pais: “Então, penso eu que, depois que ele estava um pouco mais aliviado de enviar dinheiro, desde 1926 até 36, que ele foi ajudando dessa forma a família, ele foi em busca de alguma esposa. E como era comum, naquela época, se perguntava aonde, com quem casar, as apresentações podiam ser em bailes, mas também desse jeito e disseram para ele procurar a família do meu avô materno que ali havia uma porção de filhas. E não sabiam dizer se tinham casado ou não. Então, ele foi ao Rio de Janeiro procurar essa família, onde havia uma porção de filhas e três naquele momento já estavam casadas e ele casou com a quarta. E, logo em seguida, vieram morar aqui em São Paulo.”

Ainda sobre os livros que o pai trouxe consigo: “Tinha mais um livro de outras rezas e nós guardamos esses livros com muito carinho até hoje. Estão todos os quatro livros comigo. Não, ele não era absolutamente religioso, ele cumpria os preceitos básicos, tanto que eu não vi nunca livros das rezas do Ano Novo e do *Yom Kippur*, mas só esses porque talvez foi o que ele pode carregar consigo. Nunca perguntei porque tinha só esses, não outros, sei que ele contava que desceu do navio, enfiou os dois ternos e nunca mais voltou para o navio.”

“E começaram a trabalhar (como *klienteltschik*), o cunhado dele casado com a irmã dele, nessa altura, já era casado e tinha um menino de cinco anos. (...) Comiam pão com banana, que era a comida que se comia porque era barato comer em 1926, comia-se pão com banana, às vezes, pão com mortadela. Portanto, não era seguindo preceitos religiosos, nada disso, eram rapazes. O cunhado era um homem muito mais culto do ponto de vista judaico, o meu pai não chegou a uma cultura maior porque trabalhou desde cedo ajudando na loja de cereais do pai dele. Isso na Bessarábia.”

O que o pai contava de Khotyn: “Ele não falava tanto, fazia alguma referencia, às vezes, à loja dos cereais, ele carregava os sacos de cereais. O pai tinha provavelmente uma venda, um armazém. A mãe era uma mulher do interior, quer dizer, menor do que a cidadezinha, um lugar mesmo do interior. E tem uma coisa que eu fui aprender muito depois, eu não entendia exatamente que ele nasceu no período russo. Então, portanto, os pais dele também eram do período russo e, eles falavam muitas vezes sobre alguém que falava *goysch*, a língua dos *goyim*. Eu só fui, depois, num artigo há poucos anos atrás descobrir que a língua dos *goyim* era ucraniano, não russo. Então, no campo, no interior, de onde provinha a minha avó, que sabia



tanto um pouco de russo quanto um tanto de ucraniano, lá no interior, se falava as duas porque os camponeses falavam ucraniano. Tinha as várias categorias, russo era uma língua de pessoas muito mais sofisticadas, língua de cultura, e ucraniano era a língua dos camponeses analfabetos.”

“Em algum lugar, eu também li que ucraniano só foi considerada uma língua separada no século XX. Eu não posso te confirmar em que data, de que forma, era considerado talvez um dialeto do russo, mas, era a língua do camponês, do ignorante, era tal língua chamada dos *goym*, *goim*, quer dizer não era apenas um cristão, era o conceito dizer que o cidadão era um bronco, analfabeto.<sup>16</sup> Essa minha avó que vinha do interior, ela sabia falar ucraniano também. Então, quando alguém passava na rua por acaso, em São Paulo, ela sabia que o fulano falava *goysch*, ele é um *goym*, *goysch* a língua dos *goym*, quer dizer dos camponeses, essa a idéia, não está se referindo apenas a um cristão. Então, tem um pouco dessas experiências do interior da Rússia.”

“O hábito era, a minha avó teve uma porção de filhos, não devem ter sobrevivido todos e quando nascia dava-se para ser amamentado por uma mulher do, por uma mulher, eu não chamaria ama de leite, que seria muito sofisticado, mas uma camponesa amamentava. E, quando a criança desmamava, era devolvida para a cidade. Então, a mulher tinha um monte de filhos, mas, não necessariamente amamentava a todos, entregava para uma camponesa amamentar. Então são vivências, acho que não muito comuns do interior mesmo da Rússia.”

“Minha mãe sempre contou muito mais da... eu chamo Rússia porque quando o meu pai nasceu era Rússia, era Império Russo, tanto que falam russo melhor do que romeno. Quando a minha mãe nasceu que ainda ouviu falar russo, a minha avó, a mãe da minha mãe era uma pessoa mais culta sabia também alemão, e sabia escrever bem russo. Mas, se falou iídiche em casa e russo também. Quando a minha mãe foi à escola que teve que falar romeno, ela entendia o que explicavam, mas, não sabia se exprimir no que... na língua dali.”

“Minha mãe contava muito mais da cidade porque ela frequentou muito mais escola. Meu pai deve ter ido à escola, até uns dez, doze anos, imagino, porque ficou logo ajudando no negócio e não havia quem cuidasse do estudo dele. Ele era inteligente mas não tão estudioso, ele ia no *cheder*, que era a escola de aprender a Bíblia, que provavelmente ninguém gostava porque

<sup>16</sup> A publicação da primeira obra literária, em 1798, marcou a transformação do ucraniano em língua escrita. Até então, era considerada a língua dos camponeses e dos aldeões (Subtelny, 1994: 229-230).





era chato, apanhavam na escola, e a escola comum, quando, uma vez, que mostrou as notas não era aquelas coisas.”

“A minha mãe foi em escola profissional e minha mãe gostava, ela entre as irmãs era a que mais gostava de estudar. Então, ela era super caprichosa e ela guardou os cadernos dela onde ela aprendeu corte e costura, com todos os desenhos, os bordados. Ela contava que tinha que saber... estudou francês também na escola e que em geografia tinha que saber apontar os lugares no mapa, pedagogia da época, de costas – Hana ri - eh, pedagogia da época. Mas, sabia um pouquinho de francês. Então, tudo que ela tinha estudado, realmente, ela tinha guardado como uma preciosidade. Ela não teve tanta chance de estudar iídiche ou hebraico, ela já era a quarta da família, a primeira tinha estado doente, tinha tido paralisia infantil, então houve muitas despesas, cirurgias, levar para Viena, para cirurgia, e tratamentos. Quando chegou na vez dela já não havia dinheiro para ter professores particulares de iídiche para as moças, como era hábito e que as mais velhas tiveram. Então, nessa parte, ela já ficou faltando um pouquinho.”

“O meu pai nasceu em 1905 e a minha mãe nasceu na carteira em 1916 e, na realidade, ela nasceu em 1914. Essa discrepância porque na hora de vir ao Brasil, provavelmente, pagava-se menos se a pessoa fosse menor de idade. Então, fez-se o documento dela com dois anos a menos para que pudesse pagar menos na passagem porque já não havia mais condições de estar trazendo todas as pessoas da família. E ela chegou em 1934 para o Rio de Janeiro. Não sei dizer em que mês, mas, ela ainda foi estudar. Foi para escola para alfabetização de adultos, que era meio ridículo, mas, enfim ajudava para aprender português. Ela sabia romeno da escola, mas, ela em pouco tempo deixa de falar romeno porque se confunde com português e não era a língua que se falava em casa. Em casa se falava iídiche e um pouquinho de russo.”

“O que ela apreciou muito foram as músicas de carnaval. Então ela cantava algumas músicas de carnaval e eu aprendi as músicas da década de 30, graças um pouco... ‘o pirata da perna de pau’, e aquela da ‘catalunha’, eu não sei se é a mesma porque deve ter sido a música que todo o mundo sabia cantar. O meu pai foi apreciador de cinema, foi o fã maior de cinema aqui em São Paulo. Todo o domingo parece que todos eles, os amigos da mesma cidade, o que se fazia era ir passear no Jardim da Luz, não sei aonde, mas eu sei que tem fotografias dele sempre,



assim, bem enfeitados de chapéu, coletes, num desses jardins públicos e iam no cinema. Essa era a diversão deles.”

“O meu pai falou muito menos (sobre Khotyn), a minha mãe falava mais. Ela falava de colegas da escola. Na escola ela estudava com não-judeus, mas, tinha uma outra moça judia na escola, principalmente, na escola profissional. (Das escolas) de antes não me lembro que ela citasse, ela citava a profissional. Tem fotos de cada ano dessas turmas e os uniformes pretos com as golinhas bordadas, cada ano a golinha era diferente. Ela tinha uma amiga judia e que ela dizia ser amiga daquela família, ou ser recebido na cada daquela família era *Yikhes*, *Yikhes*. *Yikhes* é gente mais bacana que... gente de linhagem, de famílias mais sofisticadas, então, a grande amiga dela era alguém de mais *Yikhes*. Isso contava muito entre os judeus, quem tinha *Yikhes*, é uma palavra hebraica mas eu estou pronunciando como se fala ela em iídiche, era algo que era muito importante como um critério social antigamente. Então ela era amiga daquela que o pai era cego e tinha um relógio para cegos e a filha sabia ler, são as coisas que ela contava. A filha sabia ler iídiche melhor do que a minha mãe, tanto que a minha mãe se espantava com isso, se não me engano dizia também que essa amiga ou outra estudava violino, mas, dizia que não tinha ouvido para isso.”

“Cada casa, imagino que, cada casa deveria ter uma vaca atrás da casa para fornecer leite para a família e tinha um *goyim*, uma pessoa da cidade, um simples que vinha recolher todo o dia a vaca para levá-la pastar perto do rio. Havia um rio na cidade e no sábado era o próprio *goyim* que tinha que se encarregar da vaca porque no sábado eles não podiam cuidar da vaca. Eles mantinham os preceitos, obviamente, só comiam *Kasher*, mas, não me parece nunca que poderiam ser chamados de fanáticos mas sim de tradicionais. Toda a sexta-feira tinha que cair a cozinha porque se tinha o forno de lenha na cozinha ou no aposento eh... As dificuldades de vida eram não tão conhecidas como hoje, eram outros tipos de dificuldades. Os filhos da casa da minha mãe, portanto, os irmãos dela, todos foram na escola no momento certo. Um estudou mais outro estudou menos, mas, todos estudaram e havia primos do interior, onde não havia escola. Então, havia na casa deles, moravam três primos, três crianças do interior que ficavam ali para poder estudar e mais um primo desses três primos também ficava ali porque era o jeito desses todos estudarem. Portanto, era uma casa com dez crianças, em que a avó fazia o pão toda a sexta-





feira, onde se acordava de madrugada, um lavava a cabeça do outro, imagine-se que era tudo com tinas, não é? Cada um tinha a função, quem lavava a cabeça de quem, para que não houvesse piolhos, se isso também interessa – Hana ri -, se usava também querosene e se gritava quando entrava querosene no ouvido” – Hana ri.

“As crianças voltavam à noite andando com a lanterna pela rua, principalmente, no inverno longo e quem estudava o dia todo tinha que... tinham que ir para a casa dos avós, tinham que ajudar na casa dos avós que já eram mais velhos. O filho que era escolhido para ir na casa dos avós, não gostava muito porque escapava dessa folia de uma porção de crianças que comiam juntos, que dividiam, às vezes a comida de dois estava em um prato só porque era assim, a mãe dava comida para dois ao mesmo tempo de um prato só.”

O avô materno: “Ele também era negociante de cereais e viajava muito. Provavelmente, ia fazer compras de cereais no interior, transferir, vender, provavelmente por aí, exatamente como funcionava eu não sei. Era uma cidade de grande população judaica, tinha o padre da cidade também, tinha os cristãos eu não saberia te dizer se eram ortodoxos ou católicos, mas provável que fossem ortodoxos, porque (ela, a mãe) falava da mulher do padre. Portanto, era de se imaginar que eram ortodoxos, a igreja ortodoxa russa. Havia o *Mikve*, o banho ritual. Mas, não me lembro que se falasse de sinagoga, não havia talvez uma frequência tão grande. Naturalmente, tinha os preparativos para as festas, limpar a casa, assim como eu disse, que toda a sexta-feira fazia o pão, se caíava a cozinha por causa da fuligem e, também, não sei se na casa deles ou dos avós para deixar o assoalho limpo, trazia areia e se raspava o assoalho com areia. Então, a limpeza era algo e as passadeiras brancas para se entrar na casa, havia um cuidado muito grande, mas, as casas deviam ser muito pequenas. Eram dois, três filhos em cada cama porque, como eu disse, se tinha dez ali naquela casa não era fácil. A minha avó só veio a comer pão que ela não havia feito ou seja comprado pronto no navio que a trouxe para o Brasil. Até aquela época não havia comido pão que não tivesse sido feito em casa.”

Sobre a avó paterna: “Ela não gostou, voltou para a Europa e depois ela veio novamente para cá. Ainda... depois... as 3 filhas que ficaram lá, quer dizer as três irmãs do meu pai, as três, uma já era casada, duas casaram depois e as que casaram depois, inclusive a que estive no Brasil, desapareceram com marido e filhos na guerra, não sabemos se em mãos de russos. A que



sobreviveu, era aquela que tinha situação econômica melhor, então foi considerada inimiga quando em 1941, ela não morava mais em Khotyn, ela morava em alguma cidade próxima. Quando foi retomado pelos russos, com o regime comunista, eles eram considerados inimigos e então foram deportados para a Sibéria, onde ficaram até 1956.”

“Em 1956, tiveram o direito de voltar para aquela região próxima de onde eles tinham vivido, não sei te dizer se na mesma cidadezinha ou em outra. Começar de novo, recomeçar a sua vida e só bem mais tarde em 1972 é que foram para Israel, já eram aposentados na Rússia, recebiam pensão e, naturalmente, deixaram de receber pensão. Mas, em Israel, passaram a receber pensão do Governo de Israel.”

O desaparecimento das duas tias: “Eu não diria os nazistas, eu não sei, não posso te dizer se foram... foram os próprios russos porque foram os russos que mataram muitos judeus, tanto as outras duas que morreram, eu não acredito que tenha sido nas mãos dos nazistas, deve ter sido nas mãos dos russos. Eu não saberia precisar porque aquela parte naquele momento não era mais Romênia, já era Rússia, em 1941 era Rússia. Hoje depois da divisão da Rússia, ela faz parte da Ucrânia, pensei que seria Moldávia e tive informação que era Ucrânia.”

Mais sobre Khotyn: “Eu sei que o fotógrafo da cidade era judeu porque nessas fotos antigas tinha o carimbo, o nome de uma dessas famílias que também veio para cá. Todas as funções eram de judeus. Chegou até o ponto que eu depois encontrei em Israel para comprar, saiu há uns vinte e três anos atrás, mais ou menos, vinte e quatro anos atrás um livro da cidade de Khotyn, meus pais não foram contatados para... Então, eu não cheguei a ler o livro, eu tenho o livro mas não cheguei a ler. Um tio meu que leu, naquela ocasião, ele disse que o meu avô constava ali na lista das pessoas da cidade por causa do apelido dele. Tem o levantamento da população, tem fotografias de Khotyn, se você quiser eu tento ver onde está o livro e te mostro as fotos.”

Hana fala dos primeiros anos de Brasil: “Não, eu não creio (que tivesse sido difícil). Eram pessoas modestas, cada um estava indo viver na casa de um dos parentes, tios. Mas, era uma vida, eu não diria difícil. Provavelmente, não havia excesso de dinheiro ou, com certeza, não havia excesso de dinheiro, mas, isso não quer dizer que se vivesse mal porque havia praia, havia uma possibilidade de ir à escola, havia amizades. Eu sei mais pela minha tia de contar que ia aos bailes no Rio de Janeiro, e minha mãe ficou relativamente pouco tempo solteira no Brasil, dois





anos apenas e ela era bastante nova. Então, não havia sobras mas eu não diria que foi uma adaptação difícil porque havia uma família grande, havia tios e primos. Domingo, ía-se na casa de um, na casa de outro e visitava-se um, visitava-se outro e havia um envolvimento de família tão grande que eu não me lembro que reclamasse de agruras. Agora, o meu pai teve a vida de um rapaz que ficou só, junto com o cunhado e amigos e nunca mais voltou a ter a casa paterna, como a minha mãe voltou a ter uma casa com pai, mãe e irmãos, meu pai jamais voltou, não. Mais tarde, a mãe veio, mas já não foi que ele voltou a ter o carinho de pais da mesma forma e além disso ele tinha que mandar dinheiro para a Europa.”

Hana comenta a questão do trabalho entre as mulheres da família materna, já no Brasil: “Não, (minha mãe) não chegou a trabalhar, só ajudava nas coisas de casa e provavelmente não sabia fazer muita coisa, ela sabia costurar, sabia bordar, e fazer alguns trabalhos manuais com extremo capricho. Ela conta que antes de casar, a mãe disse aprenda a fazer um pão-de-ló e ela disse, mas eu não tenho jeito para ficar batendo isso aí, não era época da bateadeira, não é? Ela achou que não teria como ficar batendo aquilo, não era para a capacidade dela bater um bolo – Hana ri -. Ela conta que, depois de casada, ela pediu ao açougueiro pra cortar a carne com a desculpa de que as facas dela não eram boas.”

Ainda sobre o trabalho feminino: “Eu acho que, circunstancialmente, porque elas foram casando relativamente depressa, então está certo elas poderiam ter trabalhado até então, mas não chegaram a trabalhar enquanto solteiras. Minha mãe nunca trabalhou fora de casa, mas duas das irmãs dela trabalharam fora de casa, depois de casadas e pelo resto da vida até se aposentarem, trabalharam. Uma delas que, mais tarde, viria a ter uma boutique, no começo recebia encomendas de roupa e tinha costureira que fazia e ela ajudava porque, às vezes, as costureiras não davam conta, então, ela e até o marido faziam as bainhas daquelas enormes saias godê, que se usava no finzinho da década de 30, faziam isto para sobrevivência até que chegaram a ter uma loja. A outra, eu sei que trabalhou não sei te dizer exatamente quando ela começou a trabalhar, mas quando teve loja de auto-peças, ela trabalhou até que isso foi fechado. As duas trabalharam depois de casadas com os maridos até se aposentarem. Antes não (eram os pais que as mantinham). É, eu não sei na verdade quanto tempo viveram juntos no Rio de Janeiro porque



cada uma foi chegando e vivendo na casa de alguma tia, até que, pudesse se ajeitar, mas, não trabalharam.”

Hana explicita melhor a questão da linhagem, em iídiche, *Yikhes*: “Eu estava falando da questão de linhagem, é uma coisa que eu sempre ouvia falar e, quando a gente lê os livros, também sabe que isto era um critério social muito importante. Havia certas profissões que eram depreciadas, então, ninguém queria que um filho fosse alfaiate, sapateiro, peleiro, principalmente, peleiro porque eu acho que o cheiro do material também contribuía para que isso fosse visto negativamente. Óbvio que os critérios não têm nada que ver com os atuais, não é? Dizer que alguém era... exercia alguma dessas funções quase de... chamaria de operário, não era bem visto numa certa camada. Então, havia uma tentativa de uma ascensão para uma classe mais alta, economicamente talvez eles não conseguissem chegar aí, mas, tentavam chegar culturalmente.”

“Uma moça solteira para sair para trabalhar, eu penso que, não era aquela coisa mais apreciada na minha família por essa questão de *Yikhes*. Eram todos realmente muito remediados, eu não saberia nem classificar economicamente, mas, nenhuma delas, inclusive as tias da minha mãe, que eram jovens, também não saíam para nenhum tipo de trabalho. Então, se contava de alguém, fulana saiu para trabalhar de costureira numa fábrica. Na Europa, ela já tinha viajado para Chernovitch, que era a cidade maior da região para trabalhar numa fábrica com costura, o que era uma colocação no *Yikhes* numa categoria social mais baixa, então, procurava-se não chegar nisso e procurava-se sempre gente de nível cultural mais elevado para que houvesse uma ascensão.”

Essa questão da linhagem era definida, segundo Hana: “Era pela cultura, sim, uma pessoa sem cultura podia ir trabalhar de operário, e outro ia trabalhar eventualmente de professor. Obviamente, naquela época, não sei dizer se lá naquela região da Romênia se tinha as quotas, não havia escola superior naquela cidade, mas, alguém que quisesse fazer ginásio, escola profissional devia ser mais acessível e havia judeus e não-judeus. Se alguém quisesse fazer estudos mais formais tipo ginásio, ginásio deveria ser algo como o nosso colegial, deveria ter muito mais dificuldades. Então, quando alguém chegava ao ginásio, se dizia, achava-se que era uma grande coisa que tivesse chegado a fazer o ginásio, estou falando do começo do século.





Talvez tenha até um peso daquela cultura russa, que tinha os números clausus, o número de quantos podiam ir para a universidade. Mas, eu tenho a impressão de que, de certa forma, o ginásio também era de uma certa forma uma coisa também muito mais restrita, que não era acessível a todos. Então, a intenção era que, quem pudesse ascender socialmente, deveria ascender.”

“Uma irmã do meu pai, o meu avô acho que não podia ou não quis gastar dinheiro com o estudo de uma moça, em 1920. Então, ela tinha muita raiva por isso que o pai não pagava o estudo, e ela não podia estudar. Ela era uma pessoa que gostou muito disso e ela, eu lembro, se contava que, o professor tinha dito o seu pai tem que pagar não só pra você mas os livros dos outros também. Mas, de todo o modo, ela não estudou, mas, se dava com pessoas que tinham estudado mais do que ela e ela era uma grande leitora. Apesar de não ter frequentado formalmente não sei quantos anos de escola, ela tinha uma formação cultural bastante boa que permitia que ela se desse no meio das pessoas mais grã-finas digamos da cidade.”

“Então isso era, eu sempre ouvi cultuado em todos os lados da família essa questão de *Yikhes* e de estudar. O dinheiro não se falava tanto, tanto que, aqui no Brasil, todos foram enviados a estudar tanto quanto possível, e o que era moda, todos estudaram música, praticamente ninguém concluiu, mas, todos os primos iam estudar música também porque fazia parte. Estudar a cultura judaica, também não estudaram muito, mas, todos aprenderam alguma coisa, naquela ocasião, de cultura judaica e de música e depois escola, obviamente, e até a faculdade. Estudar realmente era a preocupação, não importava que não havia dinheiro, pedia-se desconto na escola, pedia para estudar de graça, ficava devendo, mas, estudar é importante.”

“O irmão da minha mãe foi que teve uma formação, ele era mais novo, já teve uma formação em parte brasileira. Ele deve ter chegado com 15 anos para cá, ainda foi para escola, mas, precisou ajudar o pai. Ele (o irmão da mãe) sim, saía para carregar peças, fazendas, ajudava o pai dele, então diziam que não se sabia nem quando ele frequentou escola, e se formou aqui no Brasil, carregando peças, batendo de porta em porta, falando mal português, ouvindo zombaria porque falava mal português. Mas, obvio que, ele tinha que estudar e ele se formou aqui no Brasil. (Formou-se) Economista, naquela época. Na metade da década de 30, não já foi década



de 40 quando ele se formou, ele se formou em economista no Rio de Janeiro, e trabalhou com isto. (teve) escritório a vida toda.”

“(A cidade de Khotyn) Era uma cidade, como eu disse, sem faculdade, então a possibilidade de ascensão... devia ter um médico judeu na cidade, uns dois médicos judeus. As profissões que as pessoas aspiravam provinham das possibilidades desse lugar. Eu sei que, por exemplo, na minha família, uma quantidade bem considerável de pessoas para aquela época da geração da minha mãe, mesmo que mais novos, seja quem veio para cá, quem ficou na Europa, e que depois foi para Israel, foi estudar contabilidade, que era um meio termo porque chegar a ser *Doctor* de Medicina era alguma coisa inacessível porque não havia na cidade e não havia condições econômicas de chegar a isso e os que ficaram por lá foram, depois, atingidos pela guerra e não puderam fazer isso.”

“Muitos tinham estudado, muitos ainda é relativo, mas um certo número de pessoas havia estudado contabilidade lá ou depois, quem estudou posteriormente em Israel, mas lá também. Então vários... e também eu acredito que esse tio que, aqui no Brasil, foi para esse caminho, é porque esse era um tipo de concepção que havia, talvez, nessa cidade. Talvez pode ser que eu esteja generalizando demais não vou dizer que a cidade toda foi ou não foi alguma coisa, mas, é uma coincidência que diversos membros da família estudaram contabilidade como... talvez tivesse realmente um gosto por isso e porque, sem dúvida, porque era uma forma de sustento a curto prazo e não dependia de ter um capital para começar o negócio.”

“A minha avó (materna) tinha irmã que morava no campo. Foi essa que, os filhos moravam com ela, ela estava com os sobrinhos lá para poderem estudar. Então, essas pessoas estavam mais ligadas à vida do campo, eu não vou dizer que eles fossem agricultores, eles deveriam ser intermediários entre os agricultores e a venda de produtos da terra, ou dos serviços da terra, não agricultores. Eu nunca ouvi falar que nenhum deles tivesse mexido em qualquer coisa da terra. Havia um relacionamento em alguns aspectos interessante e bom com essa população porque, acho que, a minha mãe, em algum momento, foi enviada para ficar na casa de alguém ou se era para ajudar ou por algum motivo. Então, pegava-se um *goym* que ia com a carroça, já ia levando mesmo ou se levava alguma coisa ou tinha trazido alguma coisa, leva a minha criança para tal cidadezinha, lá para o interior, mais longe, um lugar menor para ficar com os tios, com os avós e





assim por diante, para ajudar, não era diversão exatamente. Era para ajudar, as crianças iam ficar muitas vezes com os avós porque os avós já não tinham tanta condição, para não serem deixados sozinhos, algum neto era designado para ficar temporadas com os avós.”

A mãe de Hana se referia mais à vida em Khotyn do que o pai: “Ela falou mais do que o meu pai, o meu pai não estava tanto em casa, o meu pai saía para trabalhar. Às vezes, quando criança, quando se arrumava as fotografias a ponto de hoje me lembrar do nome da colega dela, que aparecia na fotografia, ela falava sempre dessa colega judia que tinha um nível cultural melhor. Às vezes, eu lembro que ela falava da professora, não saberia te dizer o que, mas ela falava da professora da turma ou de alguém da família do padre, eu acho que quando se mexia em fotografias, se falava muito dessas pessoas.”

“Eventualmente, em alguns momentos, eu também não saberia definir quando ou por qualquer motivo, quando se lembrava de alguém da família e como era, habitualmente, *bei ints in grein*, ‘na nossa terra’, eu estou traduzindo não bem ao pé da letra, mas é ‘na nossa terra’ porque depois de quinze, vinte anos ainda continuava sendo ‘a nossa terra’, a terra em que eles tinham nascido não tinha deixado de ser ‘a nossa terra’. Lógico que tinham adotado o Brasil e, em nenhum momento, pensaram em voltar para lá. Nunca ouvi falar, algum deles dizer que gostaria de voltar para lá porque havia, certamente, aquela posição dos *goyim*, dos camponeses ou dos não-judeus, que eles sabiam que não era sempre simpática e a falta de formas de sustento. Não havia sustento suficiente, queriam trabalhar e eu lembro que se dizia *Bei im zolte se gevointe teib, ist ze gevein vie*, ‘na nossa terra queriam trabalhar, mas não tinha onde trabalhar’, então o Brasil nesse aspecto era uma benção.”

O contato de Hana com o catolicismo: “Bem, eu cresci num bairro que não tinha população judaica, entre Bela Vista e Liberdade, na Rua Martiniano de Carvalho, perto de uma igreja, a um quarteirão de uma igreja. Naquela época, a igreja era bastante famosa e tinha um colégio também de meninos, colégio de padres para meninos e a gente via passar os noviços pela rua e os padres. Quase em frente da minha casa, tinha uma casa que era assim, talvez, um pouco mais beata, os padres frequentavam muito aquela casa e depois eu soube que, muito mais tarde, um filho ou um neto, eu não saberia dizer de qual geração, ele foi estudar para padre em Roma mesmo.”



“Então, o que isto tem, por exemplo, de curioso, como toda a rua, a gente não sabia direito, nós crianças não sabíamos direito quando é que havia exatamente uma procissão, até aprender que, na Sexta-feira Santa tinha uma procissão e tinha aquela do Domingo de Páscoa, que era de madrugada e mais uma ou duas talvez no ano, não saberia dizer que outras datas tinha procissões. Mas, nós como crianças tínhamos muita curiosidade e também, assim, uma certa sensação de estranhamento de não participar das procissões, a gente via passar uma porção de gente, a gente via pela rua, seja vizinhos ou que simplesmente passavam em direção à igreja. E a procissão era muito bonita, a turma depois eu sabia que era marianos, não sei o quê, os que passavam com a fita azul, todos os que passavam com a vela.”

“Um pouco mais adiante, em frente à nossa casa, havia um prédio, o primeiro prédio ali de dois andares, em que cada um botava uma colcha, uma toalha bordada na janela. A gente depois só foi ver que isso existia em costumes trazidos da Itália. Era uma família de descendentes de italianos, então a gente abria uma fresta da janela da porta para ficar espiando e também as pessoas ficavam espiando para a gente porque a gente não abria totalmente a janela ou porque não estaria na procissão. Mas, era alheio, havia um sentimento assim seja de um pouco de receio, e por outro lado talvez um pouco de inveja porque as meninas que a gente via pela rua passavam vestidas de anjinho na procissão. Como eu morava a uma quadra era comum, depois as pessoas assim bem postas e todo aquele cerimonial e a banda de música, provavelmente, ou força pública ou polícia que passava depois tocando as músicas ou as músicas fúnebres na sexta-feira à noite e a gente lembra, de madrugada, quando por acaso acordava, era música de carnaval no Domingo da Páscoa.”

“Tocava-se naquela época música bem animada porque era ressurreição de Jesus e depois também em relação à igreja a gente via na quarta-feira, as crianças ou as pessoas indo e voltando da igreja com cinzas na testa porque (era) Quarta-feira de Cinzas. Certamente, naquela época, era muito mais marcado isso, então, a gente via... eram sensações estranhas, eles têm que andar com cinzas, a gente não atinava o que significava, ainda que, eu visse quando eu já conseguia entender no rádio que era um dia que eles deveriam fazer isso e se recuperar de tudo o que houvesse ocorrido. Depois, não sei se você se lembra, a partir da Quarta-feira de Cinzas, tocavam músicas fúnebres no rádio e a gente via as pessoas indo ou, então, aquela impressão de





todo o mundo indo pra a missa ou o horário de saída de missa, todo o mundo arrumado, passando, bonito.”

“Era uma coisa marcante para nós e estranha ao mesmo tempo, era uma rua assim bastante católica, agora era bonito quando a gente via os casamentos, ficava olhando os carrões parando na porta, estacionando dependendo do casamento e as pessoas todas elegantes se encaminhando para a igreja. São vivências de um universo que era nosso e não era nosso. Estou resumindo, mas, eram sensações assim.”

“A nossa casa dava direto para a rua, então um lazer era ficar sentada à janela ver quem passava com a mãe se preocupando que alguém não entrasse, alguém não perturbasse, alguém não tentasse invadir a casa, etc. Eu tinha uma velha avó que não falou português, que ficava sentada à janela e eu sei que, tanto dela quanto, depois de uma tia do Rio de Janeiro, se passava um padre, depois que passava o padre cuspiam atrás, se cuspiam no chão. Era alguma... penso que, era uma forma de exorcisar, de se livrar do espírito, de afastar qualquer influência dessa pessoa e dentro dessa forma de superstição e preconceito que existia, proveniente da Rússia, era cuspir depois que o padre tivesse passado. A minha tia não faz hoje porque não sai na rua lá, no Rio, mas se saísse... eu a vi quando... porque tinha realmente aversão. Certamente, tudo o que tinha sido inculcado na vida porque muitas das perseguições vieram dos *goyim*, quem estava atrás dos *goyim* era o padre, que dizia, que os judeus tinham matado Jesus, etc. Havia ainda que fosse um padre diferente do que existia na Rússia, que era um padre casado, ortodoxo, eles se casavam e, então, não é católico romano, é outra igreja, mas é cristã também. Então, tinha lá o filho do padre ou a filha do padre, que era alfabetizado, era gente com cultura, com mais cultura.”

“Nessa parte também de contato com a religião católica tinha assim... eu estudei no grupo escolar, nós todos estudamos no grupo escolar e me parece, eu não saberia te dizer que tipo de relacionamento os pais tinham com isso, que não diziam que a gente era judeu. Então, na escola, a gente constava como protestante, quer dizer, não acredito também que houvesse qualquer tipo de registro disso, mas, não havia crianças judias na escola. No grupo escolar que nós estávamos não havia crianças judias, então a gente estava ali como protestante.”

“Um dia da semana, provavelmente, no sábado vinha o padre dar aula de catecismo para as crianças do grupo escolar e acho que isso ocorreu em todos os anos e os protestantes saíam da



sala e tinha um pastor em outro lugar, em outra sala, que juntava as crianças protestantes e dava aula também de religião. A gente ficava com essas crianças, então quando perguntavam em que igreja ia, obviamente, a gente nunca disse, eu não me lembro, eu pelo menos que tivesse dito que ia, eventualmente, numa sinagoga.”

“Eu era muito tímida, muito escondida, eu não tinha contato com esse mundo, eu não ouvia, eu não sabia, não eram coisas que se conversasse na minha casa. Então, quando eu ouvia que outras crianças iam na igreja da Nestor Pestana, eu também dizia que era da Nestor Pestana. Eu assistia aquelas aulas, não me lembro de ter assistido demais, mas eu assisti. Eu lembro que, havia as colagens, um tipo de pano adesivo, uma flanela que eles punham com as imagens de Jesus, ficavam contando histórias, eu não me lembro das histórias, mas lembro da pessoa colando isto em cima de uma espécie de uma tela para contar história. Eu me sentia constrangida e provavelmente não abria a boca, não falava, não perguntava nem nada, ficava assistindo aquilo. não me lembro que tivesse que responder também qualquer coisa. Bem isso é um tipo de relacionamento com a religião que a gente tinha.”

“Eu acho que... os vizinhos sabiam que nós éramos judeus, mas, eu não sei o que isso significava em relação a eles, a ligação deles com a Igreja Católica era muito mais intensa do que a gente pode ver hoje. Mas, nunca sentimos nenhuma palavra, ninguém nunca nos chamou judeu ou qualquer outra coisa, não me lembro jamais ninguém da minha casa, na minha rua, ter sido indicado, apontado pelo fato de ser judeu e sabiam que nós éramos judeus. Na... duas casas adiante, no Natal nos mandavam alguma coisa italiana que se fritava também para o Natal, um docinho que eu nem saberia te dizer o que era, nem o nome, mas sabiam então, era o Natal e eles mandavam para nós. Não era uma época de grandes trocas porque ninguém era tão bem aquinhoado para fazer grandes trocas, mas, eu acho que em matéria de relacionamento com religião era isso o que a gente via. A gente via os vizinhos indo fazer primeira comunhão, não me lembro, na infância de ter ido jamais ver qualquer coisa dessa, apenas, pelas crianças que passavam na rua ou que a gente ouvia alguma coisa disso. Não é dizer que a gente não se... não tem uma pequena marca disso porque eu morava perto, razoavelmente perto de uma igreja, então ver padres e ver pessoas indo e as cerimônias organizadas, as procissões é uma coisa presente na nossa vida.”





Hana fala do relacionamento com os poucos vizinhos judeus da rua: “Agora, com relação aos judeus, na minha rua, havia na mesma época, sei lá, uns cento e cinquenta metros, uns cem metros da minha casa, uma família de judeus poloneses e, mais adiante, já teve uma outra família também a uns cento e cinquenta metros na outra direção, de gente mais jovem. Foram relacionamentos eu diria curiosos, nós não tínhamos praticamente relacionamento com essas famílias de judeus ou porque a vida era extremamente difícil ou porque não havia interesse. Penso que, talvez, até de parte a parte ou porque cada um tinha o seu fardo na vida.”

“Minha mãe não trabalhava fora, mas, na família dos judeus que viviam na mesma época, marido e mulher trabalhavam fora e depois eles eram judeus poloneses e, provavelmente, eram bastante estranhos. Naquela, época ainda havia uma distância grande entre judeus de diversos grupos, pelo menos é o que eu senti, judeus poloneses eram diferentes da gente e a sensação que eu recebia é que, não havia assim um interesse em que se tivesse tanta relação, é como se os judeus da Bessarábia estivessem num patamar um pouco mais alto. Não posso dizer que houvesse qualquer elemento concreto em relação a isso, seja no sentimento ou seja que realmente a minha família fosse mais culta ou não, ou era apenas um modo de ver que era comum.”

“Mas, era bastante comum, não havia na década de 50 uma aproximação maior entre judeus de grupos diferentes, principalmente, nesse caso. Não havia... ainda que, mais tarde, a filha lá, penso que ela se formou dentista, estudou no colégio mais ou menos na mesma época que meu irmão. Certamente, a gente sabia que eram judeus, eles sabiam da gente, cumprimentavam, mas, jamais penso que uma família foi até à casa da outra, morando na mesma rua, únicos judeus, seja porque aquelas pessoas fossem, penso que, na concepção da minha família, não posso dizer que, repito, que tivesse qualquer base, estivessem abaixo do nível de *Yikhes* que já falei para você o que é. ‘Estirpe’, e você tem como era vergonhoso para uma moça ter que se casar, que tinham que ficar trazendo e não era o *Yikhes*, não era o *Yikhes* e etc. Isso era muito marcado, hoje os valores são outros, mas, naquela época, a questão de *Yikhes* pelo menos nos judeus que eu conhecia era muito marcado, se não tivesse um *Yikhes*, o cara poderia quase morrer de fome mas se não tivesse *Yikhes*, não passava, não ficava membro da família, se juntar com aquela ou sequer ter amizade com aquela outra. Isso era extremamente marcado. Então, não tínhamos relação com aqueles.”

“Depois a família que veio viver mais tarde, que era mais jovem já, creio que os pais mesmo que tivessem nascido na Europa, foram educados no Brasil, gente mais moderna, já foram morar

num apartamento, as pessoas mais bem vestidas. Certamente, não eram mais *klienteltschik*, talvez já tivessem uma loja, não sei o que realmente tinham, então eram pessoas mais bem postas.”

“Dentro desta questão de formação cultural que entra também com *Yikhes*, na minha casa, era a concepção que tinha que ter uma educação tão primorosa quanto possível e, dentro do universo restrito, que minha mãe vivia muito fechada porque os parentes dela não estavam próximos, porque a vida era difícil, porque não havia dinheiro para circular, porque não havia com quem falar à altura por ali, então minha mãe se empenhou dentro do que ela sabia, o que ela achava que devia ser feito para formação e educação.”

“Nenhum de nós foi para uma escola particular, todos fomos para o grupo escolar com a minha mãe nos alfabetizando antes do grupo do jeito que ela soube. O meu irmão mais velho penou muito para ser alfabetizado porque ela não sabia como fazia, como fazer mas ele foi alfabetizado em português, antes de ir para a escola. Falar, ela falava em iídiche para que a gente aprendesse a falar iídiche. Então, ela nunca aprendeu bem o português porque ela fazia questão de falar o iídiche, para que a gente só falasse e obrigava a responder em iídiche. Quer dizer, às vezes, a gente não respondia em iídiche como é normal (em criança), de pirraça, a gente respondia em português, mas enfim a gente estava ouvindo as coisas em iídiche. Então, ela alfabetizou o meu irmão mais velho do jeito que ela soube e com o livro de adulto, e ela disse que foi extremamente difícil. Depois, quando ela viu que na escola ele teve uma cartilha, quando chegou a minha vez, ela já soube comprar uma cartilha, óbvio que me alfabetizou em dois tempos na cartilha em português, lá provavelmente, provavelmente aos quatro anos de idade – Hana ri -, pois eu entrei com menos de seis anos no primeiro ano, lendo, escrevendo e fazendo contas, pelo menos somar e diminuir com certeza. Eu penso que com uns quatro anos e meio, eu devia estar aprendendo a ler e escrever. E depois o meu outro irmão também.”

“Em algum momento que ela foi à sinagoga, ela ouviu que tinha, ela leu algum cartazinho que tinha um curso de hebraico, então se tem curso de hebraico, acho que era até gratuito porque as crianças não haverão de ir? As crianças eram, no caso, o meu irmão mais velho e eu que tinha, na ocasião, ainda não estava no primeiro ano primário, tinha cinco anos, ainda não estava no primário, mas estava na hora de aprender hebraico também. Ainda mais que é um curso gratuito, só que o curso era de adultos e era meio estranho – Hana ri -, mas eu devo ter ficado ali algum tempo. Mais





tarde, o professor dali foi contratado como professor particular em casa para dar aula particular de hebraico para nós. Não tinha dinheiro para quase nada, mas, para isso (tinha), não deveria ser muito caro e vinha o homem não sei quantas vezes. Então, nós fomos alfabetizados em hebraico, começando na sinagoga e continuando em casa.”

Hana conta sobre a sinagoga que a família freqüentava e a questão da língua: “Aí vem uma outra história, acho que é bastante curiosa. O meu pai não obedecia os padrões normais, talvez, por questões de gênio ou uma soma de fatores. Ele nunca viveu no Bom Retiro, nunca viveu num bairro que tivesse judeus. Óbvio que, tinha certos compromissos religiosos que ele deveria cumprir, principalmente que tinha a minha avó, a mãe dele vivendo junto e ela não era uma pessoa tão culta quanto a mãe da minha mãe. Ela era uma pessoa do *dorf*, quer dizer do campo, da aldeia, do interior mesmo, não era uma cidadezinha, não sei da onde ela era. Mas, sei que ela não era uma pessoa tão culta, ela mal, ela devia saber ler mal, penso que ela deveria ser mais velha que a minha outra avó. E ela sabia também falar o ucraniano, que era a língua do camponês. Segundo eu li em algum lugar, só no século XX, passou a ser chamado de uma língua separada, quer dizer era um dialeto russo, do camponês analfabeto. A minha avó devia ser do campo para saber falar russo e ucraniano e saber distinguir bem, ela devia ser esperta, e distinguia bem uma da outra.”

“Então, em que sinagoga a gente ia? Entre Liberdade e Bela Vista não havia sinagoga, havia na Bela Vista a sinagoga dos judeus chamados os portugueses, ela se chamava Sinagoga do Rito Português, o nome, eu lembro pelo menos que tinha essa palavra, não sei se sinagoga brasileira, mas Sinagoga do Rito Português, ou seja de sefarditas, não sefarditas da Síria, por exemplo, sefarditas, sefarditas mesmo, judeus de Portugal que houvessem ido para outros países, para Turquia, para Grécia, eventualmente para outros lugares. Mas, basicamente era sefardita, originários de Portugal. Essa era a sinagoga que havia mais ou menos perto da minha casa e como era a única que no *Yom Kippur*, a minha avó poderia ir. Por que como ela iria a pé, já era um senhora, para uma outra sinagoga, ao Bom Retiro ou a qualquer outro lugar? Então, foi nessa sinagoga que a gente, foi essa sinagoga que eu freqüentei quando eu freqüentei sinagoga.”

“Talvez daí venha a minha distância de sinagogas porque nós não tínhamos parentes ali, ainda que, às vezes, a minha tia (irmã do meu pai), que também imigrou um pouco depois, ali também aparecesse por causa da mãe dela, quer dizer da minha avó, ela também aparecia ali. Mas, nós não



tinhamos parentes nenhum, aliás quase não tínhamos parentes em São Paulo. Tinha uma prima na Penha, e um primo da minha mãe na Lapa, portanto, a sinagoga não era um lugar que nesse aspecto iria encontrar meus parentes ou meus amigos, não conhecia ninguém, não tinha ninguém, óbvio que acabava brincando com as crianças. Então, nessa sinagoga sefardita, que era gente de Portugal, eventualmente, da Itália, da Grécia, da Turquia, até da Síria, é que a gente ia nas festas, *Rosh Hashanah* e *Yom Kippur* e ficava brincando no pátio com outras crianças.”

“E foi ali que, minha mãe descobriu que havia curso de hebraico, então o professor que nos deu aula era um professor sefardita, que não tinha nenhuma metodologia que só sabia ensinar a ler as rezas e, assim, depois nós tivemos em casa, eu penso que, até uns nove anos de idade, esse professor vindo na minha casa para ensinar a ler as rezas, então, mais ou menos a gente sabia ler as rezas, não mais que isso aos nove anos.”

“Então a educação, estou colocando para você, então o meu irmão contava para a minha mãe que tinha colega que estuda hebraico numa escola. Então, a minha mãe descobriu que era a escola do Cambuci e minha mãe se muniu de coragem e foi até o Cambuci, até descobrir como se chegava no Cambuci, e que tinha uma escola iídiche, foi conversar lá com a professora e descobriu, realmente, uma escola iídiche (...). Era um pessoal muito mais, era um pessoal culto, todo o mundo chegou a posições de diretores de escola, médicos, professores, todos os que estudaram naquela época ali, foram pessoas que... várias pessoas bem colocadas ali. (...). Então, a gente, minha mãe foi lá se informar, ela já não tinha interesse no meu irmão mais velho, a professora, disse que já estava um pouco grande para aquela escola, mas em mim, meu irmão menor, e nós fomos e ficamos alguns anos estudando ali. A gente já era alfabetizado, então não entramos no primeiro ano, só fazíamos a parte de hebraico, se bem que, que tinha a parte de hebraico e português na escola.”

A escola do Cambuci compreendia o curso primário: “Era um curso primário, era muito pequeno, nem uma escola naquela época ainda tinha ginásio, me parece que era só primário, essa era com certeza. Ia só para estudar a parte hebraico todo o dia, mãe levando de bonde e voltando para casa, indo daí a duas horas buscar novamente, bonde, sendo que metade do trajeto era a pé. De manhã ia no grupo, eu já estava no quarto ano, depois quando eu entrei na escola eu chegava, a minha escola era à tarde, eu chegava atrasada na minha aula de hebraico, mas, assim continuei estudando hebraico.”





“Então a preocupação com educação era nem que tivesse que levar e trazer de cada uma dessas escolas e não havia dinheiro sempre, muitas vezes, não havia dinheiro para pagar a mensalidade, estava sempre atrasado com descontos e tudo o mais. Enfim, toda a vez, a gente ganhava um prêmio no fim do ano porque era o melhor aluno. Não eram turmas grandes, eram turmas de oito alunos, dez alunos, uma coisa assim e, paralelamente, a gente demonstrou interesse por piano. Acho que era coisa normal, quando a gente via um piano em alguma casa a gente tamborilava alguma coisa. Não tem que estudar piano porque gosta não-sei-o-quê e assim (a mãe) arrumou uma vizinha que nos ensinasse piano, para te mostrar que a preocupação era não para se mostrar por aí, mas fazia parte da formação de ter que estudar tudo o que fosse possível.”

“Depois, um pouco mais tarde, eu já comecei a estudar inglês. Eu não sei se, mais ou menos aos onze anos, eu me lembro que não tinha nenhuma colega da escola que estudasse inglês, aos onze anos, numa escola particular do bairro. Depois o exame era feito pela Cultura Inglesa. (A escola de inglês ficava) entre Bela Vista e Liberdade, só a escola iídiche que era no Cambuci. (Nós morávamos) entre Bela Vista e Liberdade, a escola iídiche no Cambuci. Era longe sim, em alguns momentos, sim, houve perua. Em algum momento, a gente acabou as classes disponíveis de dia, então a gente estudou um ou dois anos à noite, até que depois foi para o seminário de professores de Hebraico, não todos, foi eu e Nathan para o seminário de professores que funcionava na Rua Prates, na Escola Renascença, à noite. Era um seminário de professores que era da Federação, era gratuito e onde eu devo ter estudado uns quatro anos, cinco anos, hebraico e iídiche. Hebraico, todas elas tinham hebraico e iídiche, só na primeira sinagoga, era só hebraico, que era uma sinagoga sefardita. (...) Naquela época era a grande influência do francês e a gente já estava estudando inglês.”

Ida à biblioteca: “Durante alguns anos, nas férias de verão, meu pai nos levava na biblioteca infantil Monteiro Lobato, aqui perto, para passar a tarde lendo livros. Essa (era) uma grande aventura, que a gente fazia durante um bom tempo, lia e levava pra casa também. Eu lamento que não havia uma orientação na biblioteca, então acabava lendo coisas sem grande importância. Não me lembro que tivesse assim alguma orientação, mas, enfim tinha salas com atividades, mas nós só ficávamos lendo livros.”

Hana e seus irmãos costumavam acompanhar o pai na sua ida ao Lar dos Velhos. “Vila Mariana tinha, naquela época, o Môishev Zkêinim, asilo dos velhos, uma sinagoga ashkenazim,



acho que eles se encontravam mais lá. Eu lembro, na infância, de ter ido no Môishev Zkêinim quando minha avó faleceu. Meu pai ficou rezando, durante um ano, ia rezar no asilo, no Lar dos Velhos, o que é hoje o Lar dos Velhos, que era menor naquela época e nos levava, muitas vezes, no domingo. Nós tocávamos piano para os velhinhos lá, o que a gente sabia tocar, não éramos concertistas, mas não, tem que ir lá para tocar para os velhinhos, não é?”

Sobre a construção do novo prédio da escola do Cambuci: “Eu saberia contar, por exemplo, algo assim, marcou também de certa forma quando a escola do Cambuci era pequena e precisava construir um prédio ao lado e as campanhas que se fizeram para que tivesse um prédio. Bingo que todo mundo foi participar para construir e se construiu um belo prédio da escola, tinha alguns andares, acho que já foi vendido porque não teve mais população ali.”

“Outra lembrança que eu tenho, na festa de *Simchat Torah*, a gente ia em outras sinagogas, talvez as sinagogas sefardim não tivessem o mesmo costume de *Simchat Torah*. Então, eu lembro que a gente ia no Lar dos Velhos para *Simchat Torah* e que davam bandeirinha com uma maçã enfiada, em cima uma vela, a lembrança de eu ter queimado a testa uma vez com aquela vela. E alguma vez, houve no Cambuci, quando a gente era aluno, também houve a festa de *Simchat Torah* e nos fomos ali. Penso que o Lar dos Velhos era mais cômodo porque a condução era mais perto da minha casa e para o Cambuci tinha... nós iam até a rua da Glória. A minha rua, a Martiniano, é paralela à 23 de Maio do lado...”

Hana fala sobre a pressão de ter que ser a primeira da classe: “É sempre tem que ser o primeiro da classe. minha mãe não admitia que não fosse o primeiro. Não, eu não creio que era para se vangloriar e se exibir. É porque se está na escola, é para ser o primeiro. E depois você tem *iídiche kopf*, cabeça judia, como é que não vai ser a primeira? *Goyshe kopf*, cabeça não-judia, não pode ser a primeira, *iídiche kopf* que é a primeira – Hana ri -. Porque essas coisas eram faladas. Porque a minha mãe foi boa aluna, o meu pai não. O meu pai não...”

“Os pais dos meus pais não tinham uma ligação, não eram, a mãe era mais ignorante, mas não acredito que o meu avô fosse. Mas, eles não tinham uma ligação de se preocupar com filhos, que (eles) fossem bem (na escola), então, meu pai não foi um bom aluno. Ele era inteligente, mas não foi um bom aluno porque nunca ninguém se preocupou com ele, que ele fosse bom aluno. Não acredito que a mãe da minha mãe se preocupasse ou, talvez, sim, se preocupava, mas era uma casa





em que todos estudavam. Na casa do meu pai era, a estrutura familiar foi diferente. Quanto eu sei, minha mãe dizia que era conversa para boi dormir. Que minha avó (paterna) teve muitos filhos que morriam na infância, que eram mais velhos que a família da minha mãe, no século passado (século XIX) ainda. E como ela tinha uma formação que se dava, quando nascia ela entregava para uma *goy* criar. Era no campo. Não podia ficar com tantos filhos em casa, não sei se todos, mas ela, algum filho ela entregou para *goy* para amamentar. Ficava um ano, dois, lá.”

A avó paterna não trabalhava fora de casa: “Não, cuidava da família mesmo, não sei se tinha alguma vaca no fundo. Não sei, não ouvi que ela trabalhasse. Mas, que ela dava para uma *goy*, uma camponesa criar junto com os seus, na sujeira, onde fosse, ali. Depois, quando tinha um ou dois anos trazia de volta para casa desmamado e andando. (Isso na) Bessarábia, que hoje é Ucrânia. Essa parte é Ucrânia. Enquanto, ainda voltando para a família do meu pai, meu pai dizia que a minha avó teve treze ou catorze filhos, que não sobreviveram todos. Mas, eu imagino que deve ter sido assim, um atrás do outro, e mal conseguia se recuperar, e sei lá que doenças tiveram, se é que realmente existiram treze ou catorze, não tenho nenhum registro. Irmãos desses que você vê na foto. Depois teve, que viveram foram seis, quatro moças e dois rapazes.”

“Meu pai devia ser um dos... terceiro do fim para o começo. Ele teve um irmão mais velho que fez um casamento que, eu não sei porquê, não foi do gosto da família. Teve uma criança e ele morreu muito jovem. Então houve uma série de... Esse fato, por exemplo, foi uma coisa que incomodou muito. Eu tenho a impressão que, quando meu pai estava na escola, não tinha ninguém olhando para ele ou o que ele estava fazendo ou não fazendo, ou fazendo bagunça na escola ou não. Sorte dele, ele é inteligente e, mais tarde, ele sozinho e esperto foi se virando.”

“Na família da minha outra avó (materna), que era uma mulher muito mais culta, tanto que sabia falar russo e alemão, falar, escrever e ler. A minha outra avó (materna) também teve seis filhos, sendo que a primeira, com cinco ou seis anos de idade, teve paralisia infantil, o que complicou a vida toda porque ela teve que levar essa menina para muitos tratamentos, que eram certamente complicados, naquela época, e a levou até Viena para fazer cirurgias. Se voce pensar que isso foi antes de... Foi em 1910, 1912. Pensar que era cada viagem, sair dali para ir até Viena fazer cirurgias na menina. E o que acabou com os recursos financeiros. Então, eu tenho a impressão



que eles tinham bens, mas com essa que, toda vez, tinha que ter tratamentos, que viveu até os 86 anos de idade, no Brasil.”

“É. E eram seis filhos na casa, em que um puxava o outro para estudar e tinha mais três de uma irmã (irmã da avó), que morava no interior e não tinha escola lá. Então tinha nove, mais um primo desses três, então tinha dez filhos em casa para estudar. Era uma mãe que tinha que cuidar de dez, fazer o pão, fazer comida e a roupa e o que fosse, e tirar leite da vaca, etc. E que tinha dez crianças estudando, não digo que a avó cuidasse dos estudos de cada um, mas era uma casa em que todo mundo sabia que tinha que cumprir sua coisa. Tinha dez para estudar, um puxava o outro, um podia ensinar o outro e etc. Dez crianças estudando, uma não quis estudar muito e realmente foi a única que não fez, não estudou mais que o primário, então mandaram ela ficar na casa dos bisavós para cuidar dos bisavós. E ela detestava ficar ali porque na casa dela era divertido, tinha dez crianças, dez jovens, etc.”

Para Hana a preocupação da sua mãe com os estudos dos filhos originava-se da sua própria experiência com a sua família, ainda na Europa: “Então, vinha disso. A minha mãe, é natural, ela estudou, ela não tirou diploma porque teve que vir para o Brasil. Mas, o desejo de estudo dela era muito grande e desejo de leitura, o que ela sabia fazer, fazia muito bem. Te contei que ela sabia bordar maravilhosamente?”

“Ela estudou na escola profissional que se aprendia corte, costura, etc. Devia ser a escola acessível, não era a mais sofisticada, era um colegial, mas um colegial técnico. Tinha também matérias, geografia, francês, mas, era corte, costura e bordado. E ela fazia um negócio também chamado filé, eu já vi gente fazendo e eu já soube fazer, não sei mais fazer. Na perfeição, corte e costura milimétrico, os cadernos com os desenhos de moldes e os bordados dela eram maravilhosos e ela adorava, ela fazia aquilo podia varar a noite fazendo aquilo. Uma outra irmã dela era uma grande leitora, que lia iídiche com uma grande facilidade e lia porque tiveram professor particular.”

“Quando chegou nos últimos (filhos) já não tinha dinheiro para professor particular de iídiche em casa, lá na Europa, iídiche e hebraico. Ela tinha na casa dela, que para as moças traziam professor particular, em casa, para iídiche e hebraico, além da escola. Não sei se era gratuita a escola ou não era, mas imagina que todo aquele povo ia para a escola, todo aquele povo tinha que





comer e tinha os agregados. E tinha que levar comida para a escola, acho que ficavam praticamente o dia todo na escola, mas a função dos filhos era essa. Ia para a escola estudar e ser bom aluno.”

“A minha mãe só tinha um irmão, esse ia para uma escola diferente, tanto porque era mais novo, ele ia para uma escola chamada *Tarbut*, que chama cultura (em hebraico), era uma rede de escolas (sionista) que existia lá no Leste Europeu, em que a língua básica de estudo era o hebraico. A conceituação básica era uma escola judaica e o judaísmo entrava lá, o que não é o caso da minha mãe, que não foi numa escola judaica, foi na escola que tinha disponível. Tinha um professor em casa e, como eu te disse, (para) as últimas não havia mais recursos, então sabiam menos iídiche e hebraico. As mais velhas sabiam mais iídiche e hebraico porque teve o professor em casa.”

Assim, na casa da Hana a questão dos estudos ocupava um papel prominente: “Era uma preocupação, tem que estudar. Então, quando chegou na minha época de ter que ir para o ginásio, eu acabei o primário, tem que esperar, tem que fazer a admissão. Tem que ir no Caetano de Campos, que era a escola de mulheres mais afamada, era a escola Normal. Eu lá sabia, falavam, falavam, falavam... E acabei não indo porque com toda proteção que tentou arrumar como é que eu entraria ali, além do exame de admissão. Eu acabei fazendo exame de admissão para a Escola de Comércio, meu tio disse que comércio é sempre bom. E aí eu fui para a Álvares Penteado, no Largo São Francisco, uma escola afamada. Do lado da Faculdade de Direito, particular, mas é uma fundação. É, agora ela está na Liberdade.”

“Então ali é uma escola muito boa, muitas meninas iídiche iam estudar lá porque é uma escola que dava uma profissão. Se você acabava o ginásio, que se chamava Curso Comercial Básico, você já podia trabalhar de auxiliar de escritório, com o que tivesse estudado, depois, a maior parte do pessoal ia para Contabilidade, algumas iam para Secretariado. Eu fui para Contabilidade, foi o que eu estudei. Eu sou contadora. Eu fiz Contabilidade, bem eu estudei o que tinha que estudar, ao mesmo tempo, fazia o inglês, como eu te disse, exame de Cambrigde, uma parte dos exames de Cambrigde.”

“Então, estudei isso, fiz Contabilidade, me formei em piano, dei aulas de piano, continuei estudando no seminário dos professores de hebraico. Fiz um pouquinho de estágio em jardim de infância de hebraico, achei que não tinha que ver nada, eu não dava para aquilo, eu não tinha a ver.



Ao mesmo tempo, aos 17 anos, eu entrava no escritório do programa de rádio Mosáico. Eu estava no escritório e era locutora do programa. E trabalhei alguns anos no Mosáico.”

“Nesse meio tempo, acabei o seminário de professores e parei de estudar porque... eu podia ter continuado, mas não que me dissesse que eu tenho que continuar. As moças não estudavam em seguida, naquela época, a faculdade, a maior parte não ia para a faculdade, depois eu tinha uma profissão também. Passou um tempo, o Nathan disse para mim, meu irmão, olha está abrindo um curso de hebraico na faculdade... segunda chamada porque sobraram vagas de hebraico. (O curso era) na USP. Foi logo quando abriu, acabei fazendo segunda chamada e entrei no curso de hebraico. E meu irmão e eu entramos na mesma turma. (...) Somos a primeira turma que se formou em hebraico, entramos em 64 e saímos em 67.”

“É curioso que, na minha época de escola judaica, jamais se estudou uma benção, benção não fazia parte. Eu conhecia benções eventualmente da minha casa, na escola eu não me lembro, pode ser que alguma vez, em algum texto tinha benções, mas benções não faziam parte do nosso universo, muito menos rezas. Então, se você perguntasse para alguém alguma reza, nada, nós éramos absolutamente judeus ateus.”

“Na escola. Em casa também, sei lá, a mãe acendia velas no *Shabat*, a gente não estava nem aí para isso, mas a mãe acendeu velas a vida toda para marcar e não que ela fosse tão religiosa, não. Mas, se você quer que os filhos aprendam, tem que fazer assim como ela fez com o Iídiche, falar o Iídiche para que a gente ouvisse o Iídiche. E certas coisas, mas não era casa *kosher* também, eu sei que a minha mãe não ligava tanto, em algum momento da vida, meu pai quis ser *kosher* e minha mãe disse que não, que não seria *kosher* e que a gente não iria ser *kosher* e todos nós nos rebelamos, nós não vamos comer comida *kosher*. Ou que meu pai quis que no sábado não se acendesse o fogo e minha mãe não aceitou e fez com que nós não aceitássemos também, teve grandes brigas nisso. Então, meu pai tinha separado a comida dele já feita antes, que não esquentava, uma garrafa com chá e nós não. Durante vários anos meu pai quis manter, mas porque quem frequentava a sinagoga... não por criação dele, e minha mãe dizia não e nós também não, então nós não acompanhávamos. Quer dizer, era uma casa judaica que se fazia o *Seder*. A gente não tinha gosto nisso, mas era obrigada a ficar sentado no *Seder* porque não tinha esse negócio de tipo





cara de festa, que vem toda família, nós não tínhamos (família aqui) e nem era habitual. se eu estivesse no Rio de Janeiro, eu teria estado junto com toda família que fazia isso.”

“Em relação aos meus primos, nós temos uma educação judaica quinhentas vezes maior, uma formação judaica quinhentas vezes maior, mas eles tinham uma vivência maior por causa do tamanho da família, coisa que nós não tínhamos e nem a gente tava muito a fim disso. A mãe fazia durante muitos anos *guefilte fish*, sexta-feira, para ter uma cara disso, não porque ela acreditasse tanto, não vinham de famílias (religiosas) As minhas tias não acendem velas, eu nunca ouvi falar que as minhas tias acendessem velas, a minha mãe era a única que acendia velas sexta-feira porque queria ter aquilo presente dentro de casa.”

“Nós eramos de escolas sionistas que eram contrárias a isso (ensino das rezas e bençãos). Hoje não, são sionistas, mas judaísmo não é só isso, tem as bençãos, tem as rezas, as crianças aprendem muito mais isso do que na nossa época com certeza. A minha professora de iídiche tinha sido do partido comunista da Polônia, mas na escola nós não tínhamos nada em relação a isso, era uma escola sionista, essa era a tendência da escola e era marcado e dia da independência a gente aprendeu a cantar o *Hatikva*, tinha bandeira tudo, mas são vivências...”

Hana se recorda de quando ouviu falar do Estado de Israel, ainda uma criança: “Eu aprendi a tocar o *Hatikva* no piano, mas eu não sabia direito nem o que era Israel naquela época. A gente tocava o *Hatikva*, quem estava perto da gente ficava de pé numa posição de respeito, isso digamos que é uma parte folclórica do assunto. Como a gente estudou em escola judaica, ouvia falar de Israel, tinha celebrações, eu me lembro menos de celebrações mais de outros fatores, não sei se você acompanhou, se tinha na sua escola, tinha a caixinha azul do *Keren Kayemet*. Então, Sexta-feira tinha que levar uma moedinha para por na caixinha do *Keren Kayemet*.”

Hana mostra algumas fotografias emolduradas no alto do piano: “(São) as fotografias das minhas tias que morreram na guerra. O que, obviamente, faz pensar o destino de cada um, como é que aconteceu que esse ramo da minha família veio morar em São Paulo, ainda que meu pai só tinha uma irmã aqui e minha mãe não tinha nenhum parente direto aqui em São Paulo e a distância do Rio de Janeiro, antigamente, o trem, era grande, era difícil. Então, foi assim, às custas deles mesmos, que eles, primeiro meu pai quando chegou com vinte anos, naturalmente, sem falar nenhuma



palavra, ele veio parar aqui por acaso porque tinha conhecidos aqui, mas parece que eles tinham visto para o Uruguai e não para cá.”

“É, eram três que se casaram lá, não sei quanto, me lembro ele tinha até registros de remessas, mas eu não tenho mais documentos, então uma preocupação de vir para América, trabalhar feito um condenado, comer pão e banana ou pão e mortadela e com isso se fazer e comprar. Até que, chegou um momento que ele, teve alguma condição de montar a sua própria família, acho que todas as irmãs já deviam estar casadas, de montar a sua própria família e procurar, já não era tão brotinho, ele já tinha trinta e um anos, ou seja durante, dez, onze anos ele esteve trabalhando para a família dele lá. Acho que nem na Bíblia, Jacob trabalhou sete anos para conseguir casar e depois teve que trabalhar mais sete anos, mas foi para casar com a amada, e ele trabalhou onze anos, dez, onze anos para ajudar lá a família até poder casar.”

“Daí foi procurar alguém da sua cidade, disseram como naquela época, procurar alguém conhecido, quem é que dos conterrâneos tinha moças casaduras, então disseram que na família dos meus avós lá, no Rio de Janeiro, eram várias filhas. Então, ele foi para o Rio de Janeiro procurar alguém, até que se arrumavam os endereços e sei lá onde que ele se hospedou e foi procurar. Assim foi feita a proposta para minha mãe, saíram, passearam durante o dia todo e foi assim que resolveram ficar noivos. Não foi nenhum namoro extraordinário, dois meses depois voltou e se casou lá e trouxe minha mãe para São Paulo. Durante muitos anos, minha mãe não voltou a ver ninguém da sua família porque não havia condições econômicas para que eles viessem. E depois voltou essa minha outra avó, a mãe do meu pai voltou e viveu junto, certamente, não era a coisa mais fácil. Depois, os negócios nem sempre davam tão certo e uma família custava dinheiro e como é que foi o destino, minha mãe com muita garra fez com que a gente estudasse o máximo possível porque ela própria gostava de estudo, isso acho que já disse para você.”

“É foi muito forte, muito mais forte que nas irmãs dela. A minha mãe foi a única que teve três filhos, uma irmã dela teve um filho, outra teve dois filhos e outra não pode ter filhos e a outra era paraplégica. Depois, mais tarde, meu tio casou muito depois, esse teve quatro filhos, mas esse já teve uma parte da sua educação completada no Brasil. Mas, isso de trabalhar, de cuidar da família, de se empenhar pelos estudos, isso foi muito mais forte na minha mãe do que nas irmãs dela com menos filhos do que na minha casa.”





“A minha mãe, ela teve um empenho extraordinário em cima dos netos também, ela não se satisfazia de fazer isso com os filhos, e com os filhos de uma faxineira que ficou muitos anos conosco também. Ela, a faxineira, vinha, teve vários filhos, eles não eram crianças tão brilhantes, um ou outro era melhorzinho, ela dizia manda ele aqui eu ajudo ele a fazer lição de casa e com isso vários dos filhos daquela faxineira aprenderam a escrever com uma caligrafia muito bonita. Pelo menos, minha mãe não sabia toda gramática brasileira e podia perguntar se era com dois esses ou cedilha e quando ela chegou ao Brasil o pouco que ela estudou de português, depois mudou a grafia. Então, essas crianças aprenderam a escrever com uma caligrafia maravilhosa e faziam contas porque minha mãe fez todos aprenderem as tabuadas maravilhosamente. Acho que dos seis filhos que ela teve, quatro passaram na mão da minha mãe e esses quatro que passaram na mão da minha mãe, o mais velho depois se formou em faculdade, já depois de casado, e veio trazer o primeiro convite de formatura de faculdade para minha mãe porque sem a minha mãe ele não teria chegado a faculdade. Então, é assim, criança de vizinho vinha fazer em casa a lição, ela ajudava.”

A mãe de Hana não fazia diferença entre a educação destinada à filha e aos filhos: “Não, só que, quando chegou a hora de faculdade, na minha época, não era assim que todas as moças faziam faculdade, ninguém falou para mim vai fazer faculdade. Aliás, ela não falou para os outros, também, vai fazer faculdade. Tinha que se virar, tinha que trabalhar e tudo mais. É lógico que se perguntava, que faculdade vai fazer, mas não era assim, você é obrigada a fazer faculdade, porque nem todos faziam, moças muito menos, tanto que eu não fui fazer faculdade logo depois da contabilidade porque eu trabalhava. Eu trabalhava, então, eu tinha uma profissão, eu tinha uma profissão, eu tinha serviço, eu ganhava, mais tarde eu fui fazer faculdade, mas, naquela época, não era ainda tão comum que fosse, todas as moças fossem fazer faculdade. Das minhas colegas de colégio, ninguém, acho que foi fazer faculdade, algumas não iam fazer nem colegial, nem contabilidade, oito anos já era suficiente pra uma moça judia. Mais tarde, eu fui fazer faculdade, eu posso dizer que, obviamente, eu tive apoio, foi minha mãe que foi ver o resultado do vestibular e telefonou para mim no escritório que, eu tinha passado no vestibular. Depois, eu morava perto da Brigadeiro Luis Antonio e tinha que andar um trecho sete, oito minutos, durante muito tempo minha mãe ia me esperar no ponto de ônibus (na volta da faculdade).”



## Síntese dos relatos

### Na cidade de São Paulo

As informações sobre a cidade de origem dos imigrantes confrontadas com o seu processo de adaptação à sociedade brasileira, especialmente, à cidade de São Paulo, parecem indicar que o fato do imigrante ter vindo de uma cidade grande como Varsóvia ou de um *shtetl* como Opole não influenciou diretamente a sua inserção na sociedade receptora. Mais importante do que o tamanho da cidade de origem, parece ter sido o papel nivelador do mercado de trabalho e o da cultura brasileira, através dos seus valores e costumes.

Como a técnica empregada na seleção das entrevistadas foi a bola de neve, o grupo assim formado apresenta semelhanças entre si, sendo que as maiores diferenças são decorrentes do período de emigração da Europa e de imigração no Brasil, em razão do papel desempenhado pelo Holocausto. Os relatos das entrevistadas sobre a vida dos seus pais na Europa Oriental compreendem desde a falta de informações e de interesse em falar sobre o assunto, até informações bem detalhadas sobre a vida da família nas pequenas cidades, sobre o anti-semitismo e sobre o genocídio nazista e a sobrevivência em campos de concentração.

Em termos da ocupação que os imigrantes desempenharam na sua terra, as filhas apresentaram poucas informações, descrevendo o trabalho dos pais em pequenas lojas e mercearias, e contaram daqueles que foram artífice (consertador de relógios) e operário da indústria de carne. Algumas das descrições permitem supor que alguns imigrantes teriam vindo de áreas um pouco afastadas das cidades, talvez de vilas ou de aldeias, pois há referências a animais como vaca de leite. O que também pode ter sido um indicador de um melhor poder aquisitivo da família. As entrevistadas não se referem às práticas políticas e religiosas dos seus pais e avós antes da emigração.

No Brasil, principalmente, na Cidade de São Paulo, do grupo estudado, apenas alguns pais tiveram uma pequena participação política, freqüentando as reuniões de associações judaico-culturais de esquerda do bairro do Bom Retiro. Outros tiveram uma atuação maior nas *landsmanshaften* a que pertenciam e outros ainda foram atuantes em sinagogas, chegando mesmo a fundar um templo em uma cidade do interior do Estado de São Paulo, como foi o caso de um deles. A maioria, porém, permaneceu afastada tanto das atividades políticas como das religiosas. Um caso





diferenciado ocorreu, foi o de um casal de imigrantes que, apesar de continuarem sendo judeus, passaram também a freqüentar centros espíritas.

O chamado “ethos judaico” de valorização da educação e dos estudos, parece ter sido reproduzido neste país de diferentes formas ou parece ter sido até mesmo inexistente, tendo sucumbido à pressão dos valores dominantes de uma sociedade patriarcal, o que pode indicar que os imigrantes provenientes de uma sociedade também patriarcal viram os seus valores serem reforçados nesta sociedade. De todos os estudos de caso aqui apresentados, poucas filhas afirmaram ter sofrido pressão e incentivo para que estudassem. Há algumas filhas que sofreram uma pressão ao contrário, isto é, os seus pais não quiseram que elas estudassem, com receio de que, ao se tornarem “sabidonas”, poderiam ter diminuídas as suas chances matrimoniais. Outras ainda fizeram curso técnico, tais como contabilidade e secretariado, tendo em vista o mercado de trabalho, muito embora praticamente não tivessem trabalhado, pois casaram-se logo. No entanto, é interessante observar que, apesar da falta de incentivo direto dos seus pais, um grande número de mulheres, entre as entrevistadas, fez faculdade.

A ligação dos imigrantes com a localidade de origem prosseguiu através da troca de cartas com os parentes que haviam permanecido e até mesmo do envio de passagem para aqueles que desejavam emigrar e, ainda, por meio das reuniões das associações a que pertenciam. O Holocausto significou uma ruptura total com o mundo que haviam deixado. Para aqueles imigrantes que vieram depois da guerra, a sua relação com o Holocausto ocorreu de modos, ou sofreram diretamente as suas conseqüências, sendo sobreviventes de campos de concentração, tendo perdido toda a família, ou se refugiaram em outros países pouco antes da Guerra, tendo, somente alguns anos após o seu término, imigrado para o Brasil.



## 14. Comparação dos relatos

### O encontro da Europa Oriental judaica com as Américas

A comparação dos relatos das filhas dos imigrantes, na cidade de Nova York, com os relatos das filhas dos imigrantes, na cidade de São Paulo, sobre as histórias vividas por seus pais na Europa Oriental e nas Américas, no que se refere a aspectos religiosos, políticos, valores e outros elementos da cultura da qual eram portadores, parece indicar que as sociedades receptoras desempenharam um papel muito grande na reelaboração da cultura da Europa Oriental judaica. O outro elemento a ser considerado diz respeito ao volume da corrente imigratória judaica para ambos os países.

No caso dos Estados Unidos, na cidade de New York, o fato dos imigrantes judeus terem ido trabalhar nas fábricas de confecção, o que significou a concentração de trabalhadores, mais a grande densidade demográfica de imigrantes judeus, morando nos mesmos bairros, levaram ao crescimento de uma produção cultural, política, religiosa e associativa muito rica como indicam as histórias de vida dos pais, segundo os relatos das filhas.

Em relação ao Brasil, na cidade de São Paulo, os imigrantes judeus ocuparam uma posição intermediária, a de comerciante, e mais a sua baixa densidade demográfica levaram a uma produção cultural, política, religiosa e associativa, em termos comparativos, muito pobre. Ao mesmo tempo em que essa baixa densidade levou a um contato mais amplo com outros grupos étnicos, o que não ocorreu com a mesma intensidade na cidade de Nova York.

Além disso, a oferta de escolas e de universidade públicas, e de bibliotecas, na cidade de Nova York, foi muito maior do que na cidade de São Paulo. Nesta cidade as bibliotecas eram praticamente inexistentes. Um outro aspecto a ser ainda considerado diz respeito aos valores predominantes em cada sociedade. A sociedade norte-americana constituiu-se de forma muito mais democrática do que a sociedade brasileira, havendo uma grande participação dos imigrantes judeus na produção cultural de massa, nas artes e na literatura e, uma efervescência política muito grande durante a primeira metade desse século, reprimida mais tarde durante o McCarthyismo, e retomada depois na luta pelos direitos civis. As mulheres imigrantes e suas filhas tiveram mais oportunidades de acesso ao trabalho e à educação nos Estados Unidos.





No caso da sociedade brasileira ainda bastante estratificada e desigual, presa à herança de uma mentalidade patriarcal e escravocrata, não obstante, os imigrantes do grupo estudado terem se estabelecido na cidade de São Paulo, o polo dinâmico e industrial do país, as condições de desenvolvimento em termos de acesso à instrução e acesso à produção e consumo de livros, jornais, filmes, etc. foi e ainda é bastante difícil. A reduzida participação das mulheres no mercado de trabalho e a sua dificuldade de acesso à informação ficaram evidenciados nas histórias de vida das imigrantes, segundo as suas filhas. As filhas das imigrantes tiveram, na sua maioria, acesso ao ensino superior, apesar dos valores então dominantes de que mulheres deveriam ser destinadas ao casamento.

A ligação dos imigrantes com as suas localidades de origem aparece nas histórias relatadas por suas filhas. As memórias dos *shtetln* e das cidades contêm tanto referências positivas quanto negativas, tanto para as judias norte-americanas, quanto para as judias brasileiras. Para algumas das entrevistadas ficaram as boas lembranças do relacionamento entre judeus e não-judeus e de “uma terra onde tudo era melhor”; para outras as lembranças são amargas, a pobreza e o anti-semitismo se completam. As *landsmanshaften* aparecem como canais de institucionalização das memórias dos *shtetln*, e das comunidades judaicas das cidades pela manutenção da memória viva, através da forte ligação com as localidades de origem, antes do Holocausto; e, depois, pela exortação ao não esquecimento dos que haviam perecido e da vida que haviam deixado para trás, através dos *Memorial Books*.

O fato dos *shtetln* e das coletividades das cidades terem sido lembrados da perspectiva do Holocausto, tratando-se portanto de recordações mais recentes no tempo, nem sempre significou porém uma aproximação maior com as pequenas cidadezinhas, muito pelo contrário, ao que tudo indica, a dor do Holocausto levou a uma ruptura completa: “Para que conhecer Opole? Se não tenho mais ninguém lá, se todos foram mortos?”

Apesar da perspectiva do Holocausto influenciar o relato sobre o *shtetln*, é possível conhecer algumas das práticas dos seus antigos moradores. Nos Estados Unidos, a existência de instituições que procuram preservar a língua e a cultura iídiche podem ter levado ao crescente interesse pela vida na Europa Oriental antes do genocídio. Assim, algumas poucas entrevistadas procuraram conhecer pessoalmente o *shtetln* e os parentes afastados da família, que ainda vivem na região.



Outras demonstraram um interesse intelectual muito grande, como a frase de uma das entrevistadas expressa: “Agora eu estou em um momento da minha vida em que eu trouxe o que estava para trás para a frente, certamente que de um ponto de vista distante, quase que olhando para trás como uma estudante, mais do que da perspectiva da minha própria família”.

Instituições tais como YIVO, Workmen’s Circle, Jewish Genealogical Society exercem o papel de instrumentos de atualização da memória da vida e da cultura das pequenas cidadedezinhas onde viveram os judeus da Europa Oriental. A isso se acrescenta a grande produção cultural norte-americana sobre o assunto, através de livros de pesquisa e de literatura, publicações de modo geral, existência de museus, atuando como veículos de persistência da memória. O acesso à informação, desse modo, é muito mais amplo do que no Brasil, onde as instituições existentes têm um reduzido alcance, não demonstrando uma preocupação grande com a preservação de origens que desapareceram há mais de meio século atrás. A memória coletiva judaica, nos Estados Unidos, é pois constantemente reatualizada no tempo, enquanto que a memória coletiva judaica, no Brasil, parece ter “parado no tempo”, talvez por falta de recursos e de interesse.

A explicação para atitudes tão diversas estaria no fato da grande diferença numérica da imigração para ambos os países. Mais de 2 milhões de judeus da Europa Oriental se estabeleceram nos Estados Unidos, a maior parte em New York, onde formaram grandes concentrações em decorrência não só da sua quantidade como também das condições sociais que encontraram (Rischin, 1977; Higham, 1993). Essa maior coesão social e a existência de recursos financeiros permitiram a elaboração de uma significativa produção cultural, facilitando assim a organização e persistência da memória coletiva judaica dos *shtetln* da Europa Oriental.

No Brasil, a imigração judaica ocorreu bem mais tarde e em número reduzido. A maioria dos imigrantes se fixou na Cidade de São Paulo, em bairros onde entraram em contato com outras etnias. Apesar de relativamente concentrados por algumas poucas décadas no bairro do Bom Retiro, o seu pequeno número, poucos recursos e as condições sociais que encontraram não lhes possibilitaram a formação de um grupo socialmente coeso, o que de um lado facilitou a sua integração mais rápida na sociedade e cultura luso-brasileira, e do outro, levou a uma produção cultural pouco significativa, de reduzido impacto no próprio grupo e na sociedade envolvente e à transitória institucionalização da memória coletiva judaica dos *shtetln*.





As entrevistadas de ambos os países expressam memórias coletivas baseadas, nos Estados Unidos (na Cidade de New York), na preservação da cultura oriunda das pequenas cidades judias desaparecidas, em uma memória portanto cultuada; e no caso do Brasil, expressam uma memória negada, seja pela falta de conhecimento, pelo desinteresse, ou pelas dores trazidas pelo Holocausto.



## 15. Algumas indagações

Até que pontos as histórias dos imigrantes aqui relatadas, contadas pelas suas filhas, são “típicas” ou representativas dos estudos da migração judaica para os Estados Unidos e para o Brasil? Sob quais aspectos são representativas? O que nas suas experiências individuais de migrantes é significativo para aqueles que se interessam pelo estudo da migração judaica e da migração em geral?

Para responder a essas questões é necessário primeiramente situar as histórias aqui apresentadas dentro do processo migratório de judeus da Europa Oriental para os Estados Unidos e Brasil, o que já foi feito rapidamente no início do trabalho. Como já foi visto o processo de fixação dos imigrantes judeus em ambas as cidades segue dois padrões, na cidade de Nova York, tratou-se de uma imigração em massa para a indústria e, na cidade de São Paulo, de uma imigração em pequena escala, mais recente, voltada para os setores intermediários da sociedade, isto é, os imigrantes judeus nesta última cidade vão se ocupar do comércio, principalmente.

Quando os imigrantes, aqui estudados, chegam nos Estados Unidos já encontram uma comunidade judaica bastante desenvolvida, compreendendo associações de vários tipos e sinagogas, jornais escritos em iídiche e apresentação de peças de teatro faladas no seu idioma. Encontram também sindicatos de trabalhadores, alguns já formados e outros em vias de formação. Os imigrantes, pais das mulheres entrevistadas, irão desempenhar um papel ativo nas associações judaicas, sindicatos e grupos e partidos políticos. A maior parte dos casos estudados dizem respeito a imigrantes “intelectuais-trabalhadores” de esquerda. O que não significa que todos os imigrantes judeus que se dirigiram para os Estados Unidos pudessem ser dessa forma classificados. No entanto, a história do movimento sindical e do movimento socialista e anarquista na cidade de Nova York mostram a forte presença judaica entre os seus participantes.

Quando os imigrantes, aqui tratados, chegam no Brasil, na cidade de São Paulo, encontram uma comunidade judaica em formação, contendo já algumas associações. No entanto, essa comunidade, com exceção do bairro do Bom Retiro, encontra-se de forma esparsa pela cidade, o que dificulta o contato entre os seus membros. Mesmo, assim, alguns dos imigrantes irão ter um papel ativo na formação de algumas associações e naquelas que eles já encontraram formadas. Pelo





reduzido tamanho da esquerda brasileira na época e também pelo seu pequeno número os imigrantes de esquerda vão desempenhar um pequeno papel na esquerda brasileira, ainda um movimento de intelectuais de classe média.

Voltando para a questão colocada inicialmente: o quanto os imigrantes aqui estudados podem ser representativos dos milhões de judeus que foram para os Estados Unidos e dos poucos milhares que foram para o Brasil, pode-se perceber que alguns tinham mais instrução do que outros, alguns foram mais ativos politicamente do que outros, até mesmo mais religiosos, no entanto, as histórias aqui relatadas são típicas da experiência migratória, nem todos os imigrantes agiram da maneira descrita, mas, muitos o fizeram.



## Bibliografia

- .Agosin, Marjorie. **Always from Somewhere Else**, New York: CUNY, 1998.
- .Arendt, Hannah. **The Origins of Totalitarianism**. San Diego: Harcourt Brace & Company, 1996.
- .Baily, Samuel. Cross-Cultural Comparison and the Writing of Migration History: Some Thoughts on How to Study Italians in the New World. In: Yans-McLaughlin, V. (org.) **Immigration Reconsidered**. New York: Oxford University Press, 1990.
- .Balanço Annual do Comitê de Socorros aos Israelitas Víctimas da Guerra. *A Columna*, Rio de Janeiro, 02 de fevereiro de 1917, p.40-41. Jornal editado pela coletividade judaica do Rio de Janeiro.
- .Fausto, Boris. **Historiografia da Imigração para São Paulo**. São Paulo: Sumaré, 1991.
- .Friedman-Kasaba, Kathie. **Memories of Migration: Gender, Ethnicity, and Work in the Lives of Jewish and Italian Women in New York, 1870-1924**. Albany: State University of New York Press, 1996.
- .Febrot, L.I. Cidade Judaica: Gênese. In: Medina, C. (Org.) **Paulicéia Prometida**, São Paulo: CJE/ECA/USP, 1990.
- .Gabaccia, Donna. **From the Other Side: Women, Gender & Immigrant Life in the U.S. 1820-1990**. Bloomington: Indiana University Press, 1994.
- .Glenn, Susan. **Daughters of the Shtetl: Life and Labor in the Immigrant Generation**. Ithaka: Cornell University Press, 1990.
- .Gittleman, S. **From Shtetl to Suburbia, The Family in Jewish Literary Imagination**. Boston: Beacon Press, 1978.
- .Glazier, Ira A (org) **Migration from the Russian Empire**. Lists of Passengers arriving at U.S. Ports. Vol.5, June 1889 – July 1890. Baltimore: Genealogical Publishing Co., Inc., 1998.
- .Ewen, Elizabeth. **Immigrant Women in the Land of Dollars: Life and Culture on the Lower East Side, 1890-1925**. New York: Monthly Review Press, 1985.
- .Halbwachs, M. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.
- .Kirshenblatt-Gimblet, B. The concept and varieties of Narrative Performance in East European Jewish Culture. In: Bauman & Sherzer (org) **Explorations in the Ethnography of Speaking**. London: Cambridge University Press, 1974.
- .Kosminsky, E. Family, Ethnic Group and Social Class in the Study of Eastern European Jewish Immigration to Brazil and to the United States, paper apresentado no congresso da LASA em Chicago, 1998.





- , A segunda geração de mulheres judias no Brasil e nos Estados Unidos. Projeto de pesquisa apresentado à FAPESP em 1997.
- , Judaísmo e Imigração: A História de uma Família. SP. Relatório científico apresentado à FUNDUNESP, mimeo., 1996.
- .Kugelmass, J. e Boyarin, J. **From a Ruined Garden: The Memorial Books of Polish Jewry**. NY: Schocken Books, 1983.
- .Kuznets, S. Immigration of Russian Jews to the United States: Background and Structure, In: **Perspectives in American History**, vol.IX, Harvard University, 1975.
- .Langness e Frank. **Lives: An Anthropological Approach to Biography**. Novato: Chandler & Sharp Publishers, 1981.
- .Lerner, Katia. Fragmentos do Passado: Histórias de Vida de Mulheres Imigrantes Judias. Rio de Janeiro, 1966. 321 p. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- .Lesser, Jeffrey. **O Brasil e a Questão Judaica: Imigração, Diplomacia e Preconceito**. Rio de Janeiro: Imago, 1995.
- .Markowitz, Ruth J. **My Daughter, the Teacher: Jewish Teachers in the New York City Schools**. New Brunswick: Rutgers University Press, 1993.
- .Martins, J. de S. **Florestan: Sociologia e Consciência Social no Brasil**. SP: EDUSP, 1998
- .Mokotoff, G. e Sack, S.A. **Where Once We Walked: A Guide to the Jewish Communities destroyed in the Holocaust**. Teaneck: Avotaynu, 1991.
- .Morawska, Ewa. **Insecure Prosperity: Small-Town Jews in Industrial America, 1890-1940**. Princeton: Princeton University Press, 1996.
- , The Sociology and Historiography of Immigration. In: Yans-McLaughlin, V. (Org.) **Immigration Reconsidered**. New York: Oxford University Press, 1990.
- .Moore, D.D. **At Home in America: Second Generation New York Jews**. New York: Columbia University, 1981.
- .Organizações dos Oriundos de Opole em Israel e através do Mundo. **Izker Buch Opole Lubelski**. Israel: David Shtockfish, 1977.
- .Pollack, Michael. Memória e Identidade Social. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol.5, n.10, 1992.
- , Memória, Esquecimento, Silêncio. In: **Estudos Históricos**, vol.2, n.3, 1989.
- , La Gestion de L'Indicible. In: **Actes de la Recherche en Sciences Sociales**, n.62/63, juin. 1986.



- .Portes, Alejandro (Org.) **The New Second Generation**. New York: Russel Sage Foundation, 1996.
- .Rattner, H. **Tradição e Mudança, a Comunidade Judaica em São Paulo**. SP: Federação Israelita do Estado de São Paulo e Instituto de Relações Humanas do Comitê Judaico Americano, 1970.
- .----- . Economic and Social Mobility of Jews in Brazil. In: Elkin, J.L. e Merckx, G.W. **The Jewish Presence in Latin America**. Boston: Allen & Unwin, 1987.
- .Rischin, M. **The Promised City: New York's Jews, 1870-1914**. Cambridge: Harvard University Press, 1977.
- .Rosten, L. **Treasury of Jewish Quotations**. New York: McGraw-Hill, 1972.
- .Roth, Philip. **The Facts: a novelist's autobiography**. New York: Farrar, Straus, Giroux, 1988.
- .Sakurai, Célia. **Romanceiro da Imigração Japonesa**. São Paulo: Sumaré, 1993.
- .Soyer, D. **Jewish Immigrant Associations and American Identity in New York, 1880-1939**. Cambridge: Harvard, 1997.
- .----- Workmen's Circle. In: Jackson, Kenneth T. (org.) **The Encyclopedia of New York City**. New Haven: Yale; New York: The New York Historical Society, 1995. p. 1274.
- .Subtelny, Orest. **Ukraine: A History**. 2<sup>nd</sup> ed., Toronto: University of Toronto Press, 1994.
- .**The Encyclopedia Judaica**. Jerusalem: Keter Publishingg House Ltd., 1971.
- .Weber, M. **Economia y Sociedad**. 2 ed., México: Fondo de Cultura Economica, 1964, v.I, cap.IV.
- .**Webster's New Biographical Dictionary**. Springfield: Merriam-Webster, 1988.
- .Yans-McLaughlin, V. Metaphors of Self in History: Subjectivity, Oral Narrative and Immigration Studies. In: ----- . (Org.) **Immigration Reconsidered**. New York: Oxford University Press, 1990.
- .Yerushalmi, Y.H. **Zakhor: Jewish History and Jewish Memory**. Seattle: University of Washington Press, 1996.





ANEXOS

1. Carta de 1564 do papa Pio IV sobre a Inquisição, impressa no Vaticano em 1564, no tratado de política internacional, de 1564, no tratado de política internacional, de 1564, no tratado de política internacional, de 1564.

2. Carta de 1564 do papa Pio IV sobre a Inquisição, impressa no Vaticano em 1564, no tratado de política internacional, de 1564, no tratado de política internacional, de 1564.

3. Carta de 1564 do papa Pio IV sobre a Inquisição, impressa no Vaticano em 1564, no tratado de política internacional, de 1564, no tratado de política internacional, de 1564.

4. Carta de 1564 do papa Pio IV sobre a Inquisição, impressa no Vaticano em 1564, no tratado de política internacional, de 1564, no tratado de política internacional, de 1564.

5. Carta de 1564 do papa Pio IV sobre a Inquisição, impressa no Vaticano em 1564, no tratado de política internacional, de 1564, no tratado de política internacional, de 1564.

6. Carta de 1564 do papa Pio IV sobre a Inquisição, impressa no Vaticano em 1564, no tratado de política internacional, de 1564, no tratado de política internacional, de 1564.

7. Carta de 1564 do papa Pio IV sobre a Inquisição, impressa no Vaticano em 1564, no tratado de política internacional, de 1564, no tratado de política internacional, de 1564.

8. Carta de 1564 do papa Pio IV sobre a Inquisição, impressa no Vaticano em 1564, no tratado de política internacional, de 1564, no tratado de política internacional, de 1564.

9. Carta de 1564 do papa Pio IV sobre a Inquisição, impressa no Vaticano em 1564, no tratado de política internacional, de 1564, no tratado de política internacional, de 1564.

10. Carta de 1564 do papa Pio IV sobre a Inquisição, impressa no Vaticano em 1564, no tratado de política internacional, de 1564, no tratado de política internacional, de 1564.

11. Carta de 1564 do papa Pio IV sobre a Inquisição, impressa no Vaticano em 1564, no tratado de política internacional, de 1564, no tratado de política internacional, de 1564.

12. Carta de 1564 do papa Pio IV sobre a Inquisição, impressa no Vaticano em 1564, no tratado de política internacional, de 1564, no tratado de política internacional, de 1564.

13. Carta de 1564 do papa Pio IV sobre a Inquisição, impressa no Vaticano em 1564, no tratado de política internacional, de 1564, no tratado de política internacional, de 1564.

14. Carta de 1564 do papa Pio IV sobre a Inquisição, impressa no Vaticano em 1564, no tratado de política internacional, de 1564, no tratado de política internacional, de 1564.

## Glossário

Ashkenazim- de Ashkenaz, termo hebraico para Alemanha. Diz-se do judeu ou da tradição judaica proveniente da Europa Central e Oriental (Rosten: 1972, 643).

Bar-Mitzvak - ritual através do qual o menino judeu de 13 anos de idade é admitido como membro adulto da comunidade judaica.

Balebatisher - diz-se em iídiche da pessoa caseira, que cuida da família.

Beth Midrash - casa de estudo.

Bund - movimento judaico socialista operário do século XIX, na Europa Oriental.

Challah - pão assado especial para o Shabbat e feriados.

Chazan - cantor em uma sinagoga.

Cheder - escola judaica elementar, particular, para o ensino do hebraico, da Bíblia e dos fundamentos do judaísmo, na Europa Oriental.

Cholent - um cozido de feijão, vegetais e carne que se preparava na véspera e se comia no almoço do Shabbat.

Chumash - os cinco primeiros livros do Antigo Testamento, o Pentateuco.

Dror - organização juvenil sionista.

Frum - diz-se em iídiche daquele que é muito religioso.

Goy e goym - respectivamente singular e plural de não-judeu, gentio.

Hanukah - feriado de oito dias, comemoração da vitória dos judeus macabéus contra os tiranos sírios, em 167 A.C.

Hashomer - organização sionista juvenil.

Hassídico - o movimento hassídico foi fundado por Baal-Shem-Tov no século XVII. Os hassídicos pregavam a fé com simplicidade e alegria e a rejeição do então dominante aprendizado rabínico. As orações deveriam ser espontâneas, pessoais e felizes.

Hatikva - a esperança, hino da Independência de Israel.

Iídiche - língua falada pelos judeus Ashkenazim, basicamente o alemão da Idade Média com algumas palavras eslavas e em hebraico. Caracteres em hebraico.



Keren Kayemet - fundo de reflorestamento do Estado de Israel.

Kosher - regulamentação rabínica a respeito da alimentação seguida pelos judeus religiosos.

Kibbutz - comunidade, usualmente agrícola, organizada sob princípios coletivistas, em Israel.

Klienteltchik - vendedor à prestação, ambulante, mascate.

Landsman - conterrâneo.

Landsmanshaft - associação formada por judeus procedentes da mesma localidade.

Matzoh - pão sem fermento, usado no feriado de Pessach, em memória da fuga dos judeus do Egito, quando eles não tinham condições de esperar pela fermentação do pão.

Mikve (Mikvah), iídiche do hebraico, banho de ritual, de imersão. O banho prescrito pelo ritual que toda a mulher judia religiosa toma, no fim do período menstrual, depois de dar à luz. A mulher recita uma benção enquanto está na água. As comunidades judaicas eram obrigadas a manter, de acordo com a lei rabínica, um mikve comunitário (Rosten, 1972: 669).

Mitzvah – a prática com alegria de uma ação verdadeiramente virtuosa, bondosa e ética (Rosten, 1972: 671).

Parnusse - sustento.

Pessach - feriado, celebração da libertação dos judeus da escravidão no Egito.

Pesadick - Kosher para Pessach.

Peyes - cachos laterais, não cortados, usados pelos judeus hassídicos.

Purim - feriado, comemoração do resgate dos judeus da Pérsia do plano do rei Haman que queria exterminá-los, no século V A C.

Rosh Hashanah - o primeiro dia dos dez dias de penitência. Marca o início de um novo ano no calendário judaico.

Sedar - jantar especial de Pessach que reúne toda a família, uma combinação de banquete e cerimonia religiosa, em que, entre outras coisas próprias para a ocasião, se come Matzos, um pão cozido sem fermento (Rosten, 1972: 673-674).

Sefardim - de Sefarad, Espanha. Judeus originários da Espanha e de Portugal. Atualmente empregado também para designar os judeus orientais.

Shabbos - Sábado em iídiche, conforme a grafia inglesa. A guit Shabes, saudação em iídiche utilizada na véspera do Sábado.



Shames - o funcionário que cuida da sinagoga e dos seus pertences religiosos.

Shavuot - feriado, comemoração da entrega dos Dez Mandamentos por Deus a Moisés.

Shikse - termo em iídiche usado para designar as mulheres não-júdias. No Brasil, passou a ser aplicado também às empregadas domésticas.

Shmatas - em iídiche, trapos.

Shtetl, shtetlech - singular e plural, respectivamente, de cidadezinha.

Shtot, shtet - singular e plural de cidade.

Shtiebel ou shul - se refere a uma pequena sinagoga ou a uma sala onde as pessoas se encontram para as orações.

Shul - sinagoga.

Shule - escola.

Simchat Torah - feriado observado no nono dia de Succoth em homenagem à Torah. Marca a leitura dos últimos capítulos de Deuteronômio e o começo do Gênesis, demonstrando a continuidade do ciclo de leituras.

Snif - grupo juvenil judaico.

Tallis - xale de oração usado pelos judeus, para lembrar a sua ligação e obrigação com Deus.

Ulpan - oficina em hebraico, lugar onde se ensina hebraico para os imigrantes, em Israel.

Yikhes - iídiche do hebraico Yihus, linhagem, ancestral. Prestígio familiar obtido através da virtude, do conhecimento, das boas ações, da caridade. (Rosten, 1972: 696).



População judaica em regiões, cidades e cidadezinhas do leste europeu na virada para o século vinte

A seguinte lista de localidades de origem dos imigrantes está incompleta, algumas vezes, por problemas de grafia não foi possível encontrar a informação correta, outras vezes, a ausência deve-se ao desaparecimento de cidadezinhas inteiras pelo genocídio nazista.

#### **BESSARABIA**

Região situada na costa ocidental do Mar Negro, na Moldava, anteriormente, na União Soviética e antes disso na Romênia.

#### **BUKOVINA**

Região no noroeste da Romênia. Os judeus se estabeleceram ali a partir do século XIII. Durante o século XVII, judeus da Polônia e da Ucrânia entraram em grandes números na região e o influxo aumentou intensamente durante o período austríaco. Em 1890, a Bukovina tinha uma população judaica de aproximadamente 90 mil pessoas. Os judeus trabalhavam basicamente no comércio e na indústria. Sob o governo romeno após a I Guerra Mundial, a situação dos judeus se deteriorou. ([www.motlc.wiesenthal.com](http://www.motlc.wiesenthal.com))

**GOROKHOV, EM IÍDICHE** Horchov, situada a 88 km. A nordeste da cidade de Lvov, na Ucrânia (Mokotoff e Sack, 1991). Beá refere-se a esse "pequeno shtetl" como Horchiv.

#### **GRODNO**

Localiza-se em Belarus. Sua história judaica data do século XIV. Conhecida como um centro de estudo judaico, Grodno hospedou a Imprensa Real, que publicou o primeiro livro hebraico da Lituânia em 1788. Durante o século XIX, a população judaica de Grodno representou cerca de metade do total da cidade. Em 1900, seus 23 mil residentes judeus compunham metade da população da cidade. (Magocsi, 109; EJ v.7, 924)

Os judeus da cidade dedicavam-se principalmente ao comércio, artesanato e operariado industrial. Antes da I Guerra Mundial, uma imensa fábrica de cigarros de propriedade de judeus empregava 1.800 trabalhadores. Ela permanecia fechada nos sábados e dias santificados judaicos; mantinha uma escola para os filhos dos seus empregados. (EJ v.7, 925) Grodno tornou-se um centro do Movimento Trabalhista Socialista Judaico (o Bund), particularmente na indústria de tabaco.

#### **KHOTYN**

Localiza-se na Ucrânia, perto do ângulo noroeste da atual Moldava.

De acordo com o censo de 1937, 13,5% dos 425.627 habitantes da região eram judeus. A região que Khotyn, que abrangia diversos vilarejos das cercanias, era o mais populoso de toda a Bessarábia, província à qual pertencia. A cidade Khotyn





propriamente dita, a maior da região, possuía, segundo o censo de 1897, 9.227 judeus, o que representava uma porcentagem de 51,3% da população; em 1930, este número havia diminuído: eram 5.786 judeus, numa proporção de 37,7% em relação aos habitantes da cidade. Na região, havia cidades em que mais de 90% da população era judaica (Briceni, Edinetti).

Há os que dizem que judeus se estabeleceram ali, um fértil corredor natural de agricultura, comércio e feiras, há mais de dois mil anos; este dado não tem confirmação documentada. Dados mais concretos indicam a entrada de judeus em Khotyn a partir de 1376; o primeiro documento que registra a existência de judeus ali data de 1497. A população judaica passou a crescer a partir do século XVI; ela foi, entretanto, destruída em 1651 no movimento anti-semita conduzido por Chmelnitski.

A cidade, de forte influência turca em sua origem, esteve alternadamente sob domínio russo e romeno; o último domínio romeno estendeu-se pelo período entre guerras (o período das imigrações). Durante a II Guerra Mundial, quase todos os seus habitantes judeus foram dizimados ou deportados.

(In: SHITNOVITZER, Shlomo. *Sefer kehilat Khotin (Bessarabia)* [O livro da comunidade de Khotin (Bessarabia)]. Ed. Organização dos Oriundos de Khotyn (Bessarabia) em Israel. Tel Aviv, 1974).

Quando os pais de Hana emigraram, pertencia à Romênia.

## LODZ

Centro da indústria textil na Polônia e no Império Russo no final do século XIX e início do XX. Era conhecida como a Manchester polonesa. Empreendedores alemães e judeus construíram grandes fiações textéis no final do século XIX. Em 1900, Lodz era a quinta maior cidade judaica no leste europeu, com um total de mais de 100 mil judeus em meio a uma população de 300 mil habitantes. Em 1939, a população judaica de Lodz somente era menor do que a de Varsóvia; eram 250 mil judeus, representando cerca de um terço da população da cidade. (Magocsi, 109)

## NOWY SACZ

Localizada na província de Cracóvia, na Polônia, Nowy Sacz contava com uma população judaica desde 1469. Em 1765, havia 609 judeus na cidade; um século mais tarde, em 1880, havia 5.163 judeus vivendo ali. Por volta de 1910, o número de judeus na cidade havia chegado a 7.990. Antes da irrupção da II Guerra Mundial, mais de 10 mil judeus viviam em Nowy Sacz e outros 5 mil viviam nas cercanias. ([www.motlc.wvicsenthal.com](http://www.motlc.wvicsenthal.com)) Nowy Sacz em polonês e Niesandz em iídiche.

## ODESSA

Grande cidade portuária ucraniana junto ao Mar Negro. Em 1900 contava com 139 mil judeus, a quarta maior concentração de judeus no leste europeu, seguindo Varsóvia, Budapeste e Viena. Eles representavam um terço da população de Odessa. (Magocsi, 109)

De 1880 até a década de 1920, a comunidade judaica de Odessa foi a segunda maior de toda a Rússia (após Varsóvia, então parte da Rússia Czarista). (EJ v.12,





1319-1320). Eles ocupavam-se principalmente do comércio varejista e artesanato. Em 1910, cerca de 56% das pequenas lojas da cidade eram de judeus e estes constituíam 63% dos artesãos da cidade. Os judeus ajudaram a desenvolver a posição de destaque de Odessa no ramo de exportação de grãos através do porto. Por volta de 1900, mais de 80% das companhias que se dedicavam à exportação de grãos eram de propriedade de judeus. Em 1910, 70% dos médicos de Odessa eram judeus e mais de metade de seus advogados também o eram. Cerca de dois terços da população judaica lidava com artesanato e indústria e metade deles, ou um terço de toda a população judaica de Odessa pertencia ao proletariado: operários de indústria, aprendizes em oficinas e operários comuns. (EJ v. 12, 1321)

Do ponto de vista cultural, a comunidade judaica de Odessa era a mais "ocidental" em caráter na Região de Moradia. Sua população era proveniente de todas as regiões da Rússia e a rejeição da tradição era uma ocorrência totalmente comum. O baixo padrão do estudo das leis judaicas na comunidade e a ignorância geral e a apatia dos judeus de Odessa em sua atitude para com o judaísmo foram descritos em contos populares da época. (EJ v. 12, 1322)

Em 1903, quando o pai de Jo emigrou de Odessa, esta pertencia à Rússia.

## OPOLE

Localizada na província de Lublin, Polônia, Opole registrava uma presença judaica desde 1626. Sua população judaica anterior ao holocausto era de cerca de 4 mil pessoas. ([www.motlc.wiesenthal.com](http://www.motlc.wiesenthal.com))

## PINSK

Localizada na atual Belarus, Pinsk era predominantemente judaica no final do século XIX e início do XX. Em 1900, seus 22 mil judeus representavam 75% da população da cidade.

## POLOTSK

De acordo com o censo russo de 1897, a população da cidade era de 20.294 pessoas. Destes, 12.481 eram judeus. Sua população judaica pré-holocausto era de aproximadamente 8 mil pessoas. ([www.motlc.wiesenthal.com](http://www.motlc.wiesenthal.com))

## PRAGA

Um subúrbio de Varsóvia, localizado na margem oposta do Rio Vístula.

## RYPIN

Cidade na província de Budgoszcz no centro-norte da Polônia, pertenceu à Rússia desde 1815 até a I Guerra Mundial. Em 1799 os judeus de Rypin receberam direitos civis e liberdade; a população cresceu atingindo 1.706 pessoas, ou seja,





38% do total, em 1897. Sua população judaica anterior ao holocausto era de 2.500 pessoas.

Quando o pai de Marianna emigrou, em 1910 ou 1911, pertencia à província de Plotsk, na Polônia.

## SLONIM

Localizada na Polônia entre as duas guerras mundiais, Slonim encontra-se agora em Belarus. Em 1900, sua população judaica de 11 mil pessoas representava 78% do total da cidade, a maior porcentagem de judeus em qualquer cidade com ao menos 10 mil habitantes judeus. (Magocsi, 109)

Em 1902, quando a mãe de Jo emigrou, Slonim, às vezes, pertencia à Rússia e, outras vezes, à Polônia".

TRZEBOS, uma pequena vila, na Polônia, situada a 62 km. A noroeste da cidade de Przemyśl (Mokotoff e Sack, 1991).

## VILNA

Por muitos anos um centro de estudo judaico e treinamento religioso na Polônia e Lituânia. A população judaica de 64 mil judeus, em 1900, constituía 41% do total dos habitantes da cidade.

## VARSÓVIA

Em 1781, somente 3.500 judeus viviam em Varsóvia, meros 4,5% de sua população. Através do século XIX, a rápida urbanização do judaísmo polonês pôde ser exemplificada em Varsóvia, onde a população judaica cresceu de 14 mil almas em 1810 para 44 mil em 1856, a 127 mil em 1881, e a 219 mil em 1897, um crescimento de mais de 1.400%. Por volta de 1900, Varsóvia era a maior cidade judaica na Europa, com uma população apenas menor do que Nova York, dentre os principais centros populacionais judaicos. Os 219 mil judeus de Varsóvia representavam cerca de um terço da população total da cidade. (EJ v.7, 735)

## WLOCLAWEK

Localiza-se no centro da Polônia. Os judeus somente puderam se estabelecer ali a partir do início do século XIX; a população judaica cresceu de apenas 208 em 1803 para 6.831 em 1909, quando eles representaram 21% da população total da cidade. Quando irrompeu a II Guerra Mundial, a comunidade judaica de Wloclawek era de cerca de 13.500 pessoas. (EJ v. 16, 597)





